

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Etnografia da duração sobre o processo de envelhecimento e a vivência da
velhice em Inca de Oro, Chile.**

Tese de Doutorado em Antropologia Social

Orientadora: Profa. Dra. Cornelia Eckert

Pamela Francisca Jorquera Álvarez

Porto Alegre 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Etnografia da duração sobre o processo de envelhecimento e a vivência da
velhice em Inca de Oro, Chile.

Pamela Francisca Jorquera Álvarez

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Antropologia Social
para obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Profa. Dra. Cornelia Eckert

Porto Alegre 2017

CIP - Catalogação na Publicação

Jorquera Álvarez, Pamela Francisca
Etnografia da duração sobre o processo de
envelhecimento e a vivência da velhice em Inca de
Oro, Chile / Pamela Francisca Jorquera Álvarez. --
2017.
328 f.

Orientador: Profa. Dra. Cornelia Eckert.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Envelhecimento-Velhice. 2. Duração. 3. Vida
Cotidiana. 4. Memória. 5. Corpo . I. Eckert, Profa.
Dra. Cornelia , orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Etnografia da duração sobre o processo de envelhecimento e a vivência da
velhice em Inca de Oro, Chile.

Pamela Francisca Jorquera Álvarez

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul/UFRGS como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Antropologia
Social.

Banca examinadora

Cornelia Eckert (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Regina Weber
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Paulina Osorio Parraguez
Universidade do Chile

Porto Alegre, 22 de junho de 2017

*Para minha mãe, Dalia Elba.
Para meu pai, Javier Eduardo, meu anjo no céu.
Para meu sobrinho, Cristian Eduardo, meu anjo na terra.*

AGRADECIMENTOS

São inúmeras as pessoas que me acompanharam neste longo processo que finaliza com a conclusão desta Tese. Todas elas fizeram parte dele e me ajudaram durante estes longos quatro anos.

Primeiramente, agradeço enormemente a minha família por aceitar estes anos de distanciamento, especialmente a minha mãe Dalia Elba e a meu pai Javier Eduardo, que infelizmente não conseguiu ver a realização do meu sonho. Esta Tese é para vocês. Aos meus irmãos, Denise, Catherine e Daniel, a meu cunhado Cristián e a meu sobrinho Cristián Eduardo, bebê, esta Tese também é para você. Também agradeço a minha prima María Victoria, pela sua companhia a distância. A minha tia Gladys, por seu carinho incondicional e também, ao meu primo Aión, pelas suas brincadeiras que me fazem sempre rir. Ao meu tio Horacio, o qual também, não conseguiu ver a finalização desta Tese.

Sou imensamente grata a minha orientadora, Prof^a Dra. Cornelia Eckert, a qual desde o primeiro momento, abriu-me as portas da sua casa e também de seu coração. Agradeço todas as orientações e conselhos que recebi dela durante estes anos.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Rio Grande do Sul (PPGAS) e também, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por me oferecer a bolsa com a qual pude estudar.

A todos os professores do PPGAS, pelas suas contribuições comigo tanto na pesquisa quanto nos ensinamentos. Especialmente ao Professor Ruben George Oliven, Sergio Baptista da Silva e as Professoras Ana Luiza Carvalho da Rocha, Ceres Gomez V́ictora e Paula Sandrine Machado. Também, agradeço enormemente as orientações de Rosemeri Nunes Feijó e de Tamires Daiane Souza Melo, com aquela coisa administrativa demais para mim.

Da mesma forma, agradeço ao Departamento de Antropologia da Universidade do Chile e, especialmente aos meus colegas, que me ajudaram e motivaram para a realização deste Doutorado e também, contribuíram na construção da pesquisa, entre os quais: Marcelo Arnold, Eugenio Aspillaga, Dimas Santibáñez, Paulina Osorio, Andrés Gómez, Anahí Urquiza, Héctor Morales e Diego Salazar.

Sou grata aos meus professores de português, com os quais, desde o 2011 me debrucei na língua: a Luana Soares Medrado, Alex Ruiz, Luciana Rodrigues e ao

Professor Martín Elorrieta, do Centro Cultural Brasil-Chile (CCBRACH) da Embaixada do Brasil no Chile. De igual forma agradeço a Camila Rocha de Moraes, pelas suas aulas de francês, as quais, muitas vezes viraram terapia. Obrigada por me oferecer tua amizade.

A equipe de NAVISUAL, com os quais compartilhei momentos frutíferos de reflexão, sinto muito por não ter conseguido participar mais vezes. Aproveito também, para agradecer a minha turma de 2013, colegas que me receberam com carinho e paciência, entre os quais: Tiago Lemões, Eduardo Martinelli, Marcelo da Silva, Norberto Decker, Alessandra Rivero, Elaine Padilha e especialmente, a minha amiga e irmã Paula Bolzan. Obrigada por me escutar nestes quatro anos e por estar comigo no momento mais difícil.

Aos amigos que encontrei no Brasil, entre os quais: Luísa Dantas, Fabiela Bigossi, Segone Cossa. Meus agradecimentos por tudo o que fizeram e continuam fazendo por mim. E também, gostaria de agradecer, em especial as minhas irmãs: Silvia Zelaya, Ana Milena Horta e María Alejandra Sanz, com as quais formamos nossa pequena família aqui em POA, dividindo as aventuras de morar em outro país.

A Juliana Cuzzo e aos seus pais, pelo carinho, pela convivência e pela hospitalidade.

Também, agradeço as minhas irmãs, amigas da vida, que sempre estiveram e estão comigo, tanto nos momentos bons quanto nos ruins: Gloria Zavala, Gabriela Jara e Daniella Vargas. Obrigada por tudo. Paralelamente, gostaria de agradecer a minha amiga Priscilla Olavarría, por ter me mostrado e levado a *Inca de Oro*, lugar no qual, nasceu a ideia da pesquisa deste Doutorado.

Aos meus queridos amigos que estão me esperando no Chile: Verónica Valenzuela, César Mariñez, América Ruiz, Alejandra Sejas, Lucía Olivares. E, aos que estão em Uruguai María Laura Viera e Betty Francia.

Especialmente agradeço a Guilherme Brandão e aos seus pais. Graças a toda a sua generosidade comigo, cheguei no Brasil como rainha. Obrigada pela confiança e carinho. Também a Breno Vieira pelas suas orientações judiciais na hora certa.

Sou grata a Bruno Morche, Caetano Sordi e Bruna Anhaia por me oferecer a sua amizade, mesmo antes de saber se chegaria em POA, oferecendo-me todas as orientações necessárias para dar esses primeiros passos.

A Parabhakti Pamela e Jyotiprakas José Santos por me mostrar a maravilhosa prática do yoga e compartilhar comigo a alegria da criação e do amor divino.

Agradeço a todos os funcionários e atendentes da Biblioteca/PUCRS, por me receber todas as manhãs com um sorriso, motivando-me a concluir esta Tese.

A professora Lou pela sua leitura e revisão atenta, por todo seu compromisso e envolvimento para com a Tese e meu portunhol.

Especialmente agradeço aos meus interlocutores, idosos e idosas. Obrigada por terem compartilhado comigo todos esses momentos e também, por terem me recebido em suas casas de braços abertos. Obrigada, porque somente por vocês, é que esta Tese existe. Da mesma forma agradeço a Fidel Arancibia e sua família e a Dom Enrique Pizarro.

Aos profissionais que me ajudaram a enfrentar o estudo da Região de *Atamaca*, Francisco Astudillo, Carlos González e aos que trabalham na Prefeitura de *Diego de Almagro*, tanto no Departamento de Cultura quanto no Programa do Idoso. Obrigada por dividir comigo todas essas orientações e conselhos para entender o lugar que estava pesquisando.

Agradeço imensamente ao meu companheiro, Francisco Ialá, por ter chegado na hora precisa, e encher de alegria esta longa viagem. Obrigada por todos os momentos divididos e o compromisso, comigo e com esta Tese.

Finalmente, agradeço a meu Lalito que atravessou a cordilheira comigo e me acompanhou durante os dois primeiros anos de Doutorado e a minha guriuzinha Mel, por me entregar inúmeros momentos de alegria, e algo mais, na parte final. Sem seus miados e ronroneios não teria chegado até aqui.

Obrigada por tudo, obrigada o Brasil!

RESUMO

Mundialmente, assistimos ao crescente envelhecimento populacional. As projeções para a América Latina indicam que para o ano 2050 uma em cada quatro pessoas será idosa (Caire, 2013). O Chile compartilha esta tendência mundial, fazendo parte dos quatro países mais envelhecidos da América Latina que incluem Argentina, Cuba e Uruguai. Esse contexto impõe desafios aos diferentes países, e a discussão dos aspectos sociais, econômicos, de bem-estar e previdência social é imperativa. A Antropologia discute sobre o envelhecimento e a velhice nas sociedades contemporâneas, problematizando a necessidade de desconstrução de certas abordagens e considerando a heterogeneidade desse processo. A evidência demográfica é uma característica própria desse fenômeno na atualidade, estudá-la envolve não cair em um determinismo demográfico nem biológico, abrindo a discussão sobre as condições sociais e culturais de sua expressão na sociedade contemporânea (Guillemard, 2005). Através da Etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2011) a tese dá conta das multiplicidades de estilos de vida e de tempos se passando em uma pequena cidade (Bozon, 1984) mineradora, localizada no Norte do Chile, *Inca de Oro*. Para compreender o processo de envelhecimento e a vivência da velhice, a tese objetiva o estudo do tempo através das narrativas dos idosos e das idosas do vilarejo, visando a análise mediante o estudo da memória (Halbwachs, 2011). Também discute as questões do corpo, pois é nele que se evidencia a passagem do tempo (Fassin, 2007). Envelhecer e experienciar a velhice em *Inca de Oro* adquire particularidades próprias que surgem, mantêm-se e enquadram-se sob o abrigo da estrutura social do povoado, estrutura demarcada pela *pirquineria* - mineração artesanal de exploração de ouro, e pela presença de valores provenientes das sociedades industriais e sociedades indígenas andinas. No entanto, a pesquisa também mostra como, dentro dos limites sociais aceitos e das normatividades de gênero e idade imperantes no povoado, os idosos e as idosas — interlocutores desta pesquisa — negociam sua realidade (Velho, 2013), servindo-se de diferentes agenciamentos em sua vida cotidiana (Das apud Ortega, 2008).

Palavras-chave: Envelhecimento – Velhice – Duração - Vida cotidiana – Memória – Corpo

ABSTRACT

At a global level, we are observing the growth of elderly population. By the year 2050, projections for Latin America indicate that one in four people will be an elder (Caire, 2013). Chile shares this global trend, being one of the four countries in Latin America with a high elderly population rate, along with Argentina, Cuba and Uruguay. This context poses new challenges to these countries, as well as makes imperative the need of a formal discussion on social, economic, welfare, and social security topics related to this issue. In this sense, anthropological discussions on old age/aging in contemporary societies, problematize the necessity to deconstruct some of the old school approaches on it and make us reconsider instead, the heterogeneity of this process. Even though, demographic reality is a clear evidence of this phenomenon today, its study requires to avoid falling into quantitative or biological determinism, and to open the discussion on the social and cultural issues related to it in contemporary societies (Guillemard, 2005). By applying the “Ethnography of Duration” approach (Eckert and Rocha, 2011), this dissertation investigates the multiplicity of lifestyles and the perception of time among the elderly in a small mining town, Inca de Oro, located in the northern of Chile. In order to better understand the aging process and the experience of becoming old, the aim of this dissertation is to study time passage through the narratives of the elderly in the village, and also the analysis of memory (Halbwachs, 2011). At the same time, and since the passing of time becomes more evident on the body (Fassin, 2007), a discussion on issues related to it is presented in here. Aging and experiencing old age at Inca de Oro acquires peculiarities that emerge, are maintained, and should be understood in the village’s own context of the social structure. A structure outlined by the activity of *pirquineria* - artisanal gold mining exploitation- and also by the presence cultural values from indigenous Andean societies. Finally, this investigation shows how, female and male elderly - interlocutors of this research - negotiate their reality (Velho, 2013), as agents through their daily life (Das in Ortega, 2008), within the accepted social limits and norms of gender and age prevailing in the village.

Key Words: Aging - Old Age – Duration - Daily life - Memory- Body

RESUMEN

A nivel mundial estamos asistiendo a un envejecimiento creciente de la población. Las predicciones para América Latina indican que para el año 2050 una de cada cuatro personas será adulto mayor (Caire, 2013). Chile comparte esa tendencia mundial, formando parte de los cuatro países más envejecidos de América Latina, junto a Argentina, Cuba y Uruguay. Tal contexto impone desafíos para los países. Así discutir en torno a aspectos sociales, económicos, de bienestar y seguridad social, se vuelve imperativo.

La Antropología discute en torno del envejecimiento y la vejez en las sociedades contemporáneas, problematizando la necesidad de desconstruir los enfoques comunes, considerando la heterogeneidad de ese proceso. Si bien, la realidad demográfica es una característica propia de este fenómeno en la actualidad, estudiarlo implica no caer en un determinismo demográfico ni biológico, abriendo la discusión sobre las condiciones sociales y culturales de su expresión en la sociedad contemporánea (Guillemard, 2005). Por medio de la “Etnografía de la Duración” (Eckert y Rocha, 2011), esta tesis da cuenta de las multiplicidades de estilos de vida y de tiempos sucediéndose en una pequeña ciudad (Bozon, 1984) minera ubicada en el norte de Chile, Inca de Oro. Para comprender el proceso de envejecimiento y la vivencia de la vejez, este trabajo tiene como objetivo el estudio del tiempo a través de los adultos y adultas mayores del pueblo, considerando un análisis por medio del estudio de la memoria (Halbwachs, 2011). Además, la tesis problematiza el cuerpo, ya que es ahí donde el paso del tiempo se evidencia (Fassin, 2007). Envejecer y vivir la vejez en Inca de Oro, alcanza particularidades propias que surgen, se mantienen y se entienden al alero de la estructura social del pueblo, estructura delineada por la pirquinería, minería artesanal de explotación de oro, y por la presencia de valores provenientes de las sociedades indígenas andinas. La investigación muestra como- dentro de los límites sociales aceptados y de las normatividades de género y de edad imperantes en el pueblo- los adultos y adultas mayores interlocutores del estudio, negocian su realidad (Velho, 2013), por medio de diferentes agenciamientos en su vida cotidiana (Das en Ortega, 2008).

Palabras claves: Envejecimiento – Vejez - Duración - Vida cotidiana - Memoria – Cuerpo.

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Oficinas com lideranças em IDO.....	60
Fotografia 2: Oficinas com lideranças em IDO.....	60
Fotografia 3: Ferramentas dos pirquineros.....	65
Fotografia 4: Oficina de imagens Organização idosos mineradores.....	76
Fotografia 5: Idosos e suas imagens, Dona Silvia.....	78
Fotografia 6: Idosos e suas imagens, acervo próprio. Dona Teresa.....	78
Fotografia 7: Fumaça de Potrerillos.....	95
Fotografia 8: Praça de Potrerillos.....	95
Fotografia 9: Sede Associação Mineradora IDO.....	107
Fotografia 10: Dom Germán na entrada da mina.....	113
Fotografia 11: Vista interior acampamento.....	113
Fotografia 12: Passeio Organização Anos Dourados.....	118
Fotografia 13: Sócias da Anos Dourados.....	119
Fotografia 14: Atividades da Anos Dourados.....	120
Fotografia 15: Cartaz Bem-vinda a IDO.....	127
Fotografia 16: Atual estação de IDO.....	132
Fotografia 17: Atuais linhas do trem.....	132
Fotografia 18: Deserto de Atacama.....	142
Fotografia 19: Dançarinos Grupo <i>Comanches guardianes de la Virgen del Carmen</i>	153
Fotografia 20: Músico Grupo <i>Comanches guardianes de la Virgen del Carmen</i>	153
Fotografia 21: Estrada Panamericana.....	157
Fotografia 22: Dom Juan Rojas, Dom Benito e Dom Roberto (da esquerda para a direita).....	175
Fotografia 23: Dom Marcelo, Dom Benito e Dom Roberto (da esquerda para a direita).....	175
Fotografia 24: Torno.....	187
Fotografia 25: Motor.....	187
Fotografia 26: <i>Capacho</i> antigo feito de couro de animal.....	188
Fotografia 27: Veio com mineral (ouro) dentro da mina.....	188
Fotografia 28: Ferramentas para <i>puruñar</i> , chifre e tampa de garrafa de cerveja.....	189
Fotografia 29: Dom Raúl <i>puruñando</i>	189
Fotografia 30: <i>Puruñando</i> , ouro.....	189
Fotografia 31: <i>Trapiche</i> , Usina de tratamento.....	190
Fotografia 32: <i>Trapiche</i> , Usina de tratamento.....	191
Fotografia 33: <i>Pirquinero</i> separando o ouro após passar as rochas pelo trapiche.....	191
Fotografia 34: Dom Roberto, sentado defronte da loja de Dom Juan Rojas.....	195
Fotografia 35: Dom Marcelo (centro de pé) Reunião do clube de idosos mineradores.....	202
Fotografia 36: Dom Raúl na <i>La Cobriza II</i>	207
Fotografia 37: Dona Ada e Dom Juan na praça de <i>Diego de Almagro</i>	226
Fotografia 38: Dona Ada no cemitério.....	229
Fotografia 39: Dona Ada no cemitério.....	229
Fotografia 40: Organização fotografias escolhidas por Dona Ada.....	230
Fotografia 41: Ferramenta mineradora, pá.....	230
Fotografia 42: Ferramenta mineradora para filtrar a terra.....	230
Fotografia 43: Ferramentas em obra mineradora.....	230
Fotografia 44: Deserto de Atacama florido.....	230
Fotografia 45: Deserto de Atacama.....	230

Fotografia 46: Estrada Panamericana C-17	230
Fotografia 47: Balão de oxigênio de Dom Juan Ponce.	231
Fotografia 48: Dona Daniela e Dom Pascual defronte de sua casa.	235
Fotografia 49: Dona Daniela tricotando com uma amiga na porta de sua casa.....	236
Fotografia 50: Dona Daniela ensinando tricote na porta de sua casa.....	236
Fotografia 51: Detalhe do tricô feito pela amiga de Dona Daniela.	236
Fotografia 52: Dona Daniela e Dom Pascual (centro) junto aos pastores.	239
Fotografia 53: Casa abandonada do sapateiro, amigo de Dona Daniela.	242
Fotografia 54: Informação colocada na porta da casa do Sapateiro, amigo de Dona Daniela.....	242
Fotografia 55: Dona Anita (sentada) na feira.	244
Fotografia 56: Dona Anita junto a suas fotos e imagens.....	249
Fotografia 57: Dona Anita mostrando seu adorno favorito, uma árvore, na mão.	249
Fotografia 58: Dona Anita usando uma coroa.....	249
Fotografia 59: Dona Clara (direita) em reunião do CAM Minerador.	256
Fotografia 60: Dona Clara na Igreja de Copiapó.	258
Fotografia 61: Chave de desvio dos trilhos em desuso, Estação IDO.....	268
Fotografia 62: Casas abandonadas em IDO.	268
Fotografia 63: Antigo correio em IDO.....	268
Fotografia 64: Túmulos no Cemitério de IDO.	268
Fotografia 65: Deserto de Atacama.....	268
Fotografia 66: Deserto de Atacama florido.	268
Fotografia 67: Carro alegórico desfilando pelas ruas incanas.	272
Fotografia 68: Monumento aos heróis de Iquique, Praça Sotomayor, Valparaíso, Chile.	275
Fotografia 69: Desfile da banda escolar, IDO 2007.	276
Fotografia 70: Desfile bombeiros, IDO sem data.....	276
Fotografia 71: Desfile banda escolar, IDO sem data.....	276
Fotografia 72: Anita e sua família assistindo o desfile na esquina de sua casa.....	279
Fotografia 73: Dom Germán, Dom Zacarías e Dom Juan Rojas, assistindo o desfile na praça.....	279
Fotografia 74: Banda Escolar se localizando no desfile, rua Francisco San Román, IDO.	279
Fotografia 75: Pessoas se posicionando para assistir o desfile, esquina da rua Francisco San Román e Avenida Manuel Antonio Matta.....	279
Fotografia 76: Dona Clara e Dom Hector assistindo o desfile da porta de sua casa... ..	279
Fotografia 77: Banda Escolar desfilando, rua Francisco San Román, IDO.	281
Fotografia 78: Desfile encabeçado pelo Delegado da prefeitura e o Jardim Infantil Pinocho, rua San Román, IDO.	281
Fotografia 79: Desfile Associação Mineradora, rua Francisco San Román, IDO.....	281
Fotografia 80: Dom Carlos (no centro) no desfile.....	282
Fotografia 81: Dom Germán (no centro, capacete cinza) no desfile.	282
Fotografia 82: Festa de São Lorenzo, San Lorenzo de Tarapacá.	289
Fotografia 83: Imagem São Lorenzo posição normal, Capela IDO.	291
Fotografia 84: Detalhe lâmpada mineradora na mão de São Lorenzo, Capela IDO. ...	291
Fotografia 85: Detalhe capacete minerador do lado de São Lorenzo, Capela IDO.....	291
Fotografia 86: Imagem São Lorenzo posição na Festa, Capela IDO.	291
Fotografia 87: São Lorenzo no templo, posição na Festa.....	292
Fotografia 88: Quadro com fotos do <i>Proyecto Mejoramiento de la Capilla San Lorenzo</i>	292

Fotografia 93: Grupo de dançarinos descansado depois da procissão no salão. Capela IDO.....	293
Fotografia 89: Dom Zacarías, Dona Amelia e Dona Aurora arrumando o salão, Capela IDO.....	293
Fotografia 90: Dom Zacarías e Dona Amelia, pendurando balões no salão. Capela IDO..	293
Fotografia 91: Don Amelia arrumando o salão com ajuda de outros incanos, Capela IDO.....	293
Fotografia 92: Dona Verónica cortando fitas para pendurar no salão. Capela IDO.....	293
Fotografia 94: Assistentes da Festa de São Lorenzo, Capela IDO.....	295
Fotografia 95: Assistentes e Dom Raúl (centro), Capela IDO.....	295
Fotografia 96: Mineradores assistentes, Capela IDO.....	295
Fotografia 97: Momento do Ofertório. Mineradores entregando as oferendas ao sacerdote, Capela IDO.....	297
Fotografia 98: Momento do Ofertório. Mineradores entregando as oferendas ao sacerdote, Capela IDO.....	297
Fotografia 99: Momento da Comunhão, Capela IDO.....	297
Fotografia 100: Dona Verónica, Dona Odilia, Dona Aurora, incana, Dona Amelia participando da missa. Capela IDO.....	297
Fotografia 101: Traslado do Santo para a rua, Dom Raúl, Dom Adán, Capela IDO..	298
Fotografia 102: Passagem pelo portal da imagem de São Lorenzo, Capela IDO.....	298
Fotografia 103: Procissão. Sacerdote e Mineradores carregando o santo.....	298
Fotografia 104: Inicio Procissão. Dom Zacarías, levando a cruz, rua Diego de Almeyda.	299
Fotografia 105: <i>Caporales de la Virgen del Carmen</i> na procissão, rua Diego de Almeyda..	299
Fotografia 106: <i>Comanches guardianes de la Virgen del Carmen</i> na procissão. Rua Diego de Almeyda.....	299
Fotografia 107: Procissão, rua Francisco Tellez, IDO.....	300
Fotografia 108: Procissão. Substituição de mineradores para carregar o santo	300
Fotografia 109: Sacerdote abençoando os <i>Bailes Chinos</i> e suas famílias.....	301
Fotografia 110: Regresso de São Lorenzo à Capela.....	301
Fotografia 111: Saudação <i>Baile religioso de la Virgen de los Dolores</i>	302
Fotografia 112: Saudação <i>Baile religioso de la Virgen de los Dolores</i>	302
Fotografia 113: Despedida <i>Baile religioso de la Virgen de los Dolores</i>	302
Fotografia 114: Despedida <i>Baile religioso de la Virgen de los Dolores</i>	302
Fotografia 115: Saudação <i>Caporales de la Virgen del Carmen</i>	303
Fotografia 116: Saudação <i>Caporales de la Virgen del Carmen</i>	303
Fotografia 117: Despedida <i>Caporales de la Virgen del Carmen</i>	303
Fotografia 118: Despedida <i>Caporales de la Virgen del Carmen</i>	303
Fotografia 119: Saudação <i>Comanches guardianes de la Virgen del Carmen</i>	304
Fotografia 120: Saudação <i>Comanches guardianes de la Virgen del Carmen</i>	304
Fotografia 121: Despedida <i>Comanches guardianes de la Virgen del Carmen</i>	304
Fotografia 122: Despedida <i>Comanches guardianes de la Virgen del Carmen</i>	304
Fotografia 123: Dom Marcelo assistindo a Procissão.....	305
Fotografia 124: Dom Roberto assistindo a Procissão.....	305
Fotografia 125: Assistentes da Procissão.....	305

INDICE DE FIGURAS

Figura 1: Relações entre Línguas na Pesquisa	37
Figura 2: Interlocutores - Rede social	69
Figura 3: - Mudanças territoriais do Chile.....	89
Figura 4: Norte do Chile.....	90
Figura 5: Terceira região do Chile.....	93
Figura 6: - Produção e preço do cobre 2003-2015	101
Figura 7: - PIB do setor minerador e a participação no PIB nacional 2003-2014.....	102
Figura 8: Mapa Diego de Almagro.....	126
Figura 9: Mapa elaborado por Paul Treutler.	128
Figura 10: Localização atual do povo <i>Colla</i> , III região do Chile, <i>Atacama</i>	147
Figura 11: Mapa Inca de Oro.....	158
Figura 12: Principais ruas de Inca de Oro 1	160
Figura 13: Principais ruas de Inca de Oro 2	161
Figura 14: <i>Diego de Almeyda</i>	162
Figura 15: Ruínas <i>Rua Manuel Antonio Matta</i>	163
Figura 16: Lugares significativos <i>Rua Manuel Antonio Matta</i>	163
Figura 17: Re utilização de lugares: Almacén El Minero/ Botilleria Laudy/ Casa de acomodações do Fidel Arancibia.....	167
Figura 18: <i>Esquina de los aburridos</i> /Esquina dos entediados.....	173
Figura 19: Combate Naval de Iquique, 1879 - Obras Ilustradas Reprodução do quadro de Thomas Somerscales.....	274
Figura 20: Morte de Prat em 1879- Obras Ilustradas Reprodução do quadro de Thomas Somerscales	274
Figura 21: Comunicado da Escola Imperatriz Sepúlveda Landeros, sobre o 21 de maio de 2007	277
Figura 22: Percorrido Procissão São Lorenzo em IDO.	296

INDICE DE TABELAS

Tabela 1: Interlocutores antigos 2012	63
Tabela 2: Interlocutores novos - 2014	68
Tabela 3: Oficina de imagens Organização idosos mineradores.....	75
Tabela 4: Idosos e suas imagens individuais	77
Tabela 5: - Produção e reservas no Chile 2014	87
Tabela 6: - Expectativa de vida ao nascer (anos) por período Chile	115

LISTA DE SIGLAS

- AFP: Administradoras Privadas de Fondos Previsionales.
- COCHILCO: Comisión Chilena de Cobre.
- CODELCO: Corporación do cobre.
- CONADI: Corporación Nacional de Desarrollo Indígena.
- CRACREMI: Caja de Crédito Minero.
- ENAMI: Empresa Nacional de Minería.
- ENAF: Empresa Nacional de Fundiciones.
- FEPMIN: Fondo de Estabilización de Precios de la Minería
- FONDECYT: Fondo de Ciencia y Tecnología.
- IDO: Inca de Oro.
- IPS: Instituto de Previsión Social
- IVA: Impuesto al valor agregado
- MINEDUC: Ministerio de Educación Chileno.
- ONG: Organización no Gubernamental.
- PASIS: Pensiones asistenciales
- PAMMA: Programa de capacitación y transferencia tecnológica para la pequeña minería artesanal
- PIB: Producto Interno Bruto
- SEREMI: Secretario Regional Ministerial
- SERNAGEOMIN: Servicio Nacional de Geología y Minería.
- SENAMA: Servicio Nacional del Adulto Mayor.
- SEIA: Servicio de Evaluación Ambiental.
- SONAMI: Sociedad Nacional de Minería

SUMARIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 Visando a etnografia da duração	25
1.1 Negociações na sociedade complexa e construção da pesquisa	25
a. Trajetórias e escolhas acadêmicas da pesquisadora.....	25
b. Antropologia aplicada e trajetória pessoal.....	30
c. Língua e pesquisa.....	33
d. O problema da pesquisa	37
1.2 Ferramentas metodológicas da pesquisa.....	51
a. Reflexões em torno ao campo.....	51
b. Etnografia da duração e de rua.....	54
c. O campo: ingresso e retornos	56
• Primeiro encontro com o campo: oficinas de fortalecimento organizacional - 2012	56
• Segundo encontro: ingresso no campo da pesquisa doutoral - 2014	64
• Terceiro encontro: continuação e término do campo da pesquisa doutoral - 2016.	69
• Etnografia da duração: lugar da pesquisadora; lugar da fronteira	79
CAPÍTULO 2 Processo modernizador chileno.....	87
2.1 Chile — país de sucesso minerador	87
a) <i>Norte Grande</i> : modernização da indústria da Mineração.	88
b) Exploração Mineradora no <i>Norte Chico</i>	96
c) Políticas de Mineração e <i>Pirquinería</i>	99
1.2 Chile — um país envelhecido	114
a) Política Nacional para os Idosos — <i>SENAMA</i>	115
b) Políticas Públicas e IDO	117
c) Previsão Social.....	122
CAPÍTULO 3 Inca de oro, uma pequena cidade.....	126
3.1 <i>Inca de Oro</i> , pequena cidade no <i>Norte Chico</i>	126
• Os valores andinos reverberam no povoado	150
3.2 Espaços vividos, lugares <i>incanos</i>	156
CAPÍTULO 4 Os tempos da velhice; o cotidiano dos idosos em Inca de Oro.....	168
• Espaços atravessados, lugares vividos e tempos materializados.....	170
a) <i>Esquina de los aburridos</i> / esquina dos entediados; lugar da memória reverberada em grupo	173

b) <i>Esquina de los aburridos/ esquina dos entediados; cronotopo de idade</i>	181
c) Conhecendo a <i>pirquinería</i> do ouro	185
d) Dom Roberto: o tempo de matar o tempo.....	194
e) Dom Marcelo: o tempo da terapia.....	199
f) Dom Raúl: o tempo do trabalho.....	206
CAPÍTULO 5 Os tempos da velhice; movendo o véu do cotidiano das idosas em Inca de Oro.....	211
a) Dona Ada, tempo doméstico e solidão	224
b) Dona Daniela, tempo doméstico e Deus	234
c) Dona Ana tempo doméstico e imaginação	243
d) Dona Clara - tempo doméstico e doença	252
e) Dona Paloma - tempo doméstico e fantástico.....	259
CAPÍTULO 6 Duração no tempo das festividades.....	271
6.1 Comemoração do Combate Naval de <i>Iquique</i> , 21 de maio	271
6.2 Festa de São Lorenzo, patrono dos mineradores	285
CONCLUSÕES.....	309
REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	317

El Minero
(Raúl Adriazola Reinoso¹)

I

Yo cabaré con mis manos
una cuña y un martillo
para sacar las riquezas
que otros hombres
no han podido.

Con el oro que yo saque
ayudaré a mi madre
mi mujer y mis hijos

II

Les daré una educación
que es algo que yo no he tenido
o tal vez una profesión, porque
no los quiero trabajando conmigo.

La vida de un minero,
es la vida de un minero
es vida dura mi amigo
y yo
no le recomiendo a nadie
que se la enseñe a su hijo.

¹ Em Inca de Oro ¿Potencial pueblo turístico? Martínez, M., Tapia, R., Iribarren, J., Maraboli, N. Alumnos Esc. Emperatriz Sepúlveda L. Gráfica LOM. 2015, p. 150.

INTRODUÇÃO

O tema da vivência da velhice e do processo de envelhecimento faz parte de meus interesses desde minha formatura em Antropologia Social, na Universidade do Chile, e também pela participação de diferentes grupos de estudo. Dessa forma, a pesquisa que apresento teve como eixo central a análise da construção social da velhice e do envelhecimento em um povoado de tradição mineradora, localizado no Norte do Chile, *Inca de Oro*.

O aumento da esperança de vida e, em consequência, a maior quantidade de pessoas que atinge a etapa da velhice em nossa sociedade; a criação de um sujeito que merece a atenção e a elaboração de políticas públicas e a definição de uma disciplina específica para seu estudo — a Gerontologia — tornam esses quesitos parte de um fenômeno contemporâneo sem precedentes na história da humanidade. Assim, graças aos avanços médicos do século XX, a população mundial alcançou etapas muito avançadas de vida, constituindo uma problemática que requer novas formas de compreensão e de intervenção.

O Chile compartilha essa tendência mundial, fazendo parte dos quatro países mais envelhecidos da América Latina que incluem Argentina, Cuba e Uruguai. Essa situação exigiu dos governos, no início deste século, que definissem políticas públicas especiais para essa faixa etária. No entanto, muitas das formas de entender a velhice e o processo de envelhecimento encontram-se ancoradas em visões tradicionais que restringem os espaços sociais de participação, ou funcionam sob a ideia de uma única forma de ser velho e de envelhecer, mais próxima às realidades urbanas do país.

“Las políticas actuales, orientadas a las organizaciones comunitarias funcionales de adultos mayores, construyen como foco objetivo a un sujeto urbano, alfabetizado y activo, no considerando diversas formas de vivir la vejez. En ese sentido se obliga a los adultos mayores de diferentes contextos a entrar en lógicas de participación muchas veces ajenas a sus formas de vida”. (Zavala e Jorquera, 2014, p, 240)

Assim, se evidencia a necessidade de lançar um olhar que permita sair da presunção da existência de uma única forma de vivenciar a velhice ou o processo de envelhecimento e que abra espaços às diferentes maneiras de os experimentar na sociedade complexa atual. Nesse contexto surgiu esta Tese, como um desafio de integrar à reflexão apresentada outros cenários nos quais a velhice e o envelhecimento

acontecem. Considerando-se que o processo de envelhecer é um processo sempre diversificado (Bigossi, 2013), envelhecer em uma pequena cidade como *Inca de Oro* agrega-lhe particularidades próprias que surgem, mantêm-se e enquadram-se sob o abrigo da estrutura social do povoado, por ser um vilarejo marcado pela atividade mineradora de exploração de ouro, a *pirquineria*. Assim, as especificidades dessa pequena cidade se vinculam tanto à forma com que os idosos e as idosas vivenciam o processo, quanto na forma de organização do povoado, dos espaços e dos tempos praticados e vividos. A pesquisa também mostra o modo com que — dentro dos limites sociais aceitos e das normatividades de gênero e idade imperantes no povoado — os idosos e as idosas negociam sua realidade (Velho, 2013), servindo-se de diferentes agenciamentos em sua vida cotidiana (Das, apud Ortega 2008). Não se está diante de um condicionante social emanado de uma estrutura social, nem de um voluntarismo social. Nesse sentido, esta pesquisa se debruça sobre o processo de envelhecimento e a vivência da velhice em *Inca de Oro*, povoado que reflete o processo civilizatório (Elias, 1993) das sociedades ocidentais, atravessado por valores provenientes das sociedades industriais (Debert, 1999), entre os quais: valorização do trabalho, valorização do novo em detrimento do velho, valorização da produção, diferenças entre as construções de gênero e suas relações. Há também valores provenientes das sociedades indígenas andinas, os quais reverberam no povoado e em seus habitantes, sobretudo os vinculados ao questionamento da cobiça. Situações estas que, muitas vezes, podem ser consideradas ultrapassadas, porém a etnografia aqui realizada coloca em questão.

Sendo o interesse desta Tese o processo de envelhecimento e a vivência da velhice, o que está em sua base é o entendimento do tempo pensado e vivido nesse povoado, em processo. Nesse contexto, a escolha foi desenvolver uma Etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2008, 2011, 2014, 2015), proposta para o estudo das multiplicidades de estilo de vida, das visões de mundo, dos códigos ético-morais e das províncias de significação, e também dos projetos sociais e dos universos simbólicos que confirmam e que delineiam uma diversidade de formas sociais descontínuas (2011 p, 108). A partir dessa proposta insere-se a discussão das multiplicidades de estilo de vida em comunidades menores, como é o caso do povoado estudado, e das formas de vivenciar a velhice e envelhecer de seus moradores. Através da etnografia realizada debruço-me sobre as diferentes durações (Eckert e Rocha, 2011) e temporalidades (Membrado, 2010) se passando no povoado, observadas nos idosos e nas idosas, interlocutores desta pesquisa Assim, “pensar em idade não pode se fazer sem pensar em

duração” (Billé e Martz, 2010, p. 127) e “envelhecer é durar e durar forçosamente leva tempo” (Bigossi, 2013, p. 224).

Para compreender o tempo no processo de envelhecimento e a vivência da velhice, foi preciso dar importância também às questões do corpo, pois é nele que essa passagem do tempo se palpa (Fassin, 2007). A coerção do tempo, além de repousar em dimensões sociais, também repousa em dados naturais — o envelhecimento (Elias, 1998, p. 21). Assim, como menciona Evans-Pritchard em sua obra *Os Nuer*, sociedade que não dispõe de uma concepção sobre o tempo como a nossa sociedade — sequer da palavra — um indivíduo pode computar o tempo em referência ao aspecto físico e à condição dos outros indivíduos (1992, p. 122). Graças à etnografia realizada percebi que para dizer algo sobre o envelhecimento e a velhice deve-se prestar atenção ao corpo e as suas transformações ao longo do tempo, evitando uma perspectiva que olhe para esse corpo a partir da deterioração ou que o trate como mero objeto afetado pelo agir do tempo (Diniz, 2007).

Cabe destacar que nesta Tese dá-se importância às questões de corpo mencionadas, porém cogita-se uma análise a partir da cotidianidade dos sujeitos. A pesquisa objetiva o estudo do tempo através das narrativas dos idosos e das idosas do vilarejo, visando à análise mediante o estudo da memória (Halbwachs, 2011). Portanto, foi por meio das narrativas construídas com os interlocutores que se buscou compreender o processo de envelhecimento e a vivência da velhice em *Inca de Oro*, Chile.

A etnografia da duração assinalada possibilita o uso de diversos meios de expressão imagéticos, entre os quais a escrita, a fotografia, o vídeo e a sonoridade como forma de promover a circularidade das interpretações. Em consequência, esta Tese se serviu de fotografias, as quais foram utilizadas tanto como um aliado ao caderno de campo (Caiuby, 2012), em uma tentativa de dar conta do que não se conseguia expressar por meio de palavras, da escrita ou das descrições: o deserto, o céu, a terra, as árvores, as construções velhas e as construções abandonadas do vilarejo. Porém, também foram utilizadas como elementos para entender o enigmático (Warburg apud Waizbort, 2015). Assim, aceitei o desafio de me aprofundar no imaginário dos meus interlocutores ou em sua vida cotidiana (Eckert e Rocha, 2015). As imagens se apresentaram não apenas como objetos, mas também como atos, memórias, questionamentos, visões e prefigurações, oferecendo a possibilidade de romper com uma temporalidade linear, abrindo espaço para o múltiplo, o heterogêneo, a memória,

tomando a cidade como objeto temporal. Tendo como pano de fundo essas reflexões, cogitei realizar oficinas com as fotografias tiradas durante o campo, tanto de forma individual quanto coletiva. Esse trabalho me ajudou a adentrar em temas que não havia atingido por meio das falas e entrevistas, e abriu espaço para o imaginário dos interlocutores. Portanto, a etnografia também se apresentou como uma proposta ética, ao permitir, tanto ao pesquisador quanto aos interlocutores, construir em conjunto o conhecimento.

A elaboração desta Tese estruturou-se em capítulos, a iniciar pela Introdução, com a qual introduzo o leitor na temática abordada. A seguir, abordo, brevemente, os demais capítulos.

No Capítulo 1 discorro sobre o caminho percorrido na condição de pesquisadora, o tema e as diferentes escolhas, decisões todas que permitirão ao leitor contextualizar e entender o surgimento da pesquisa de Tese Doutoral no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Apresento o problema de pesquisa, as escolhas e as abordagens teóricas conceituais que o embasaram. Também reflito sobre as decisões metodológicas tomadas para a pesquisa, da que fazem parte a reflexividade, o lugar e a posição ocupada por mim na qualidade de pesquisadora no vilarejo. Nesse intuito, narro as experiências de campo e as vivenciadas com os interlocutores. A primeira aconteceu em 2012 quando, em um contexto laboral, conheci a pequena cidade; a segunda, em 2014, já em campo doutoral; e a terceira, e última, em 2016. Nesse capítulo apresento os interlocutores que fizeram parte da etnografia. Cabe destacar que, em alguns casos, utilizo os nomes verdadeiros, e em outros não, conforme o negociado durante o campo. Da mesma forma, o uso das imagens foi dialogado e consentido pelos meus interlocutores.

No Capítulo 2 exponho o contexto social e econômico da região na qual se situa *Inca de Oro*, visando reconstruir a estrutura social sob a qual se entende a pesquisa. Para isso discorro sobre as principais características da política de exploração mineradora do Chile, as quais permitem entender como, em uma zona caracterizada pela presença do deserto e pelas montanhas, criam-se lugares de exploração afastados de centros urbanos e espalhados na grandeza do deserto (Lagos e Peters, 2010). Revelo as diferenças do processo modernizador na zona Norte do Chile, sobre o qual nasce a distinção: *Norte Grande* e *Norte Chico*. Nesse contexto, apresento os eventos que culminaram com o nascimento de *Inca de Oro*, no *Norte Chico*. Também mostro a política do Estado chileno sobre velhice e envelhecimento, e os diálogos com a

realidade se passando no vilarejo. A análise exposta permite entender o modo com que, no vilarejo, confluem dois sucessos da modernização chilena: uma economia vinculada à mineração com grandes lucros, e um forte processo de envelhecimento da população, expresso em maior esperança de vida e maior quantidade de pessoas idosas.

No Capítulo 3 aprofundo-me nas características de *Inca de Oro* como povoado nascido no *Norte Chico* do *Chile*. Para tanto, discorro sobre a história local do vilarejo e as características que compartilha com o resto da região onde se localiza. Descrevo as dimensões sociais e culturais das sociedades indígenas andinas, sob cujo abrigo muitos dos comportamentos e valores do povoado se enquadram, bem como a mesma *pirquinería*. Da mesma forma que relato como esses valores andinos reverberam no vilarejo, narro como o processo modernizador do Estado do Chile, corporificado nos habitantes de *Inca de Oro*, fazem com que virem as costas a essas raízes culturais, negando-as como parte constitutiva de si mesmos. Também, neste tópico, defino *Inca de Oro* como uma pequena cidade (Bozon, 1984), possuidora de uma rede de interconhecimento profunda e sutil, que demarca o comportamento dos *incanos*. Finalizo o capítulo descrevendo os lugares e espaços vividos no povoado, lugares que instigam a memória de seus habitantes e que permitirão ao leitor imaginar-se no povoado.

Em síntese, nos primeiros três capítulos da tese assinalo o contexto necessário para compreender a etnografia feita, e a estrutura social, cultural e econômica na qual se localiza a pequena cidade de *Inca de Oro*. E os próximos três capítulos mostram os encontros e relatos etnográficos que respondem aos objetivos da pesquisa.

Assim, no Capítulo 4 construo o cotidiano vivenciado pelos idosos no vilarejo, desconstruindo a diversidade de tempos se passando. Mostro a sociabilidade criada nas ruas do povoado, sociabilidade marcadamente atravessada pelo uso diferenciado do espaço e dos tempos. Portanto, as ruas do povoado aparecem traspassadas por categorias de gênero e de idade. Na segunda parte deste capítulo trago três casos de idosos interlocutores, por meio dos quais me debruço nas diferentes temporalidades e durações agenciadas por eles, algumas das quais confrontam as visões sobre a velhice e envelhecimento prevaletentes na sociedade contemporânea.

No Capítulo 5 construo o cotidiano das idosas, descrevendo que, por trás dos fortes papéis sociais e normatividades de gênero e idade dominantes no povoado, há um cotidiano profundo e transgressor. E mesmo que a estrutura social de *Inca de Oro* defina fortemente os espaços e os tempos nos quais elas podem se movimentar, elas criam uma

série de novos espaços e tempos agenciados. Através de cinco casos, apresento esse cotidiano não isento de dificuldades, pesares e tristezas, dos quais pude compartilhar, pois construímos um relacionamento mais íntimo — as interlocutoras e eu — e que, às vezes, ultrapassou a dupla pesquisador-interlocutor.

No Capítulo 6 me aprofundo em duas festividades acontecidas em *Inca de Oro*: a Comemoração do Combate Naval de *Iquique*, no mês de maio, e a Festa de São Lorenzo, patrono dos mineradores, que ocorre durante as primeiras semanas de agosto. Nessas festividades, os mineradores cumprem um papel principal, veiculando a identidade do povoado nos próprios corpos. Corpos que transmitem esforço, coragem, labor. Nesse contexto, os corpos masculinos idosos adquirem uma importância simbólica maior, pois evidenciam as marcas da *pirquinería*, situação que lhes permite serem aceitos e valorizados pelas gerações mais novas.

No capítulo final apresento as conclusões da pesquisa em um esforço por analisar a pesquisa em seu conjunto, visando possíveis novas e futuras vias de reflexão.

Finalmente, cabe mencionar que cogito a realização de um álbum fotográfico ou pequeno livro impresso com as imagens da pesquisa, visando a construção de uma história e lembrança da Etnografia e do trabalho construído com os interlocutores. Nesse pequeno suporte imagético, penso incluir uma breve introdução de agradecimentos para eles, os protagonistas desta história.

CAPÍTULO 1

Visando a etnografia da duração

1.1 Negociações na sociedade complexa e construção da pesquisa

a. Trajetórias e escolhas acadêmicas da pesquisadora

Na concepção de Gilberto Velho (2013, p. 68), a sociedade atual corresponde a uma sociedade complexa, na qual se experimentam diferentes visões de mundo, havendo uma heterogeneidade cultural em constante coexistência. Nessa complexidade cultural cada um de nós valorizará algumas questões em detrimento de outras, estando, o tempo todo, em uma contínua negociação da realidade. Assim, os projetos que a pessoa constrói no interior dessa complexidade social serão feitos em função de experiências intersubjetivas, porém, formuladas dentro de um campo de possibilidades. É minha intenção mostrar as experiências que permitiram construir o atual projeto pessoal, a minha própria negociação com a realidade na minha trajetória de pesquisadora pertencente à sociedade complexa atual.

Desde minha formação superior, Graduação em Antropologia Social pela Universidade do Chile (2000-2004), comecei a me interessar pela questão do envelhecimento e da velhice como fenômeno emergente na modernidade atual. Assim, durante os últimos anos da graduação aproximei-me do estudo sobre essa temática, aprofundando-a e entendendo-a, além de outras questões da sociedade, como parte de uma construção social que varia segundo os contextos.

Ao escolher esse percurso assumi o suposto epistemológico da ausência de uma “apreensão” direta de um objeto por parte de um sujeito e da impossibilidade de ter acesso à realidade “tal como ela é”. Essa relação responde a um processo de construção contínuo, no qual a presença do sujeito, do observador será fundamental (Arnold, 2006). A desnaturalização da realidade social permite elaborar a questão sobre as presunções compartilhadas que vão moldando a forma de entender o mundo. Alguns autores afirmam que o processo de nos tornarmos homens ocorre na relação com o ambiente em que nascemos e crescemos tanto natural quanto humano (Berger e Luckmann citado em Ferrigno 2003). Foi essa vivência que comecei a trabalhar no estudo sobre a velhice e o processo de envelhecimento.

Assim, após minha formatura participei de projetos de pesquisa vinculados ao tema, coordenados principalmente pelo Professor Dr. Marcelo Arnold, no Departamento de Antropologia em que estudei no Chile. Esses estudos eram realizados a partir da teoria sociológica denominada *Teoria de Sistemas Sociais*, debatida pelo sociólogo alemão Niklas Luhmann (1927-1998). Essa teoria estuda a sociedade a partir do construtivismo radical, com forte relação com a posição do observador, consistindo em um ambicioso e inovador projeto geral de compreender a sociedade toda e de conseguir explicar como ela é possível. Para tanto, Luhmann inicia sua proposta salientando que a Sociologia clássica tem se enganado ao compreender o homem como unidade central da sociedade. Para esse autor, o homem não faz parte da sociedade porque corresponde a um sistema psíquico que somente processa pensamentos ou consciência. Se um homem ou sistema psíquico quiser entrar em contato com outro deverá se comunicar e ao fazê-lo participará do sistema social. Assim, para Luhmann o distintivo de um sistema social será a comunicação, e se ela acontecer estar-se-á na presença de um sistema social. Cabe destacar que esse autor não nega a importância do homem no desenvolvimento do sistema social, pois tanto o sistema psíquico quanto o sistema social precisam um do outro para produzir a mencionada comunicação (Luhmann, 2007).

A teoria de sistemas sociais entende a sociedade atual, a sociedade contemporânea, como uma sociedade que deve assumir altos graus de complexidade, pois processa inúmeras comunicações. Porém, a sociedade atual não consegue dar conta disso através de um único centro nem por meio de uma hierarquia determinada pela tradição, como no passado. Para tanto, a sociedade precisa do surgimento de diferentes sistemas, especializados em processar diferentes tipos de comunicação: educativo, econômico, religioso, político, entre outros. E mediante a formação desses diferentes sistemas funcionais dará conta da complexidade social. (Rodríguez e Arnold, 1992, p.152).

Dessa forma, o estudo e a reflexão sobre a velhice e o envelhecimento, a partir desse olhar sociológico, levou-me a cursar o Mestrado em *Análise Sistêmica Aplicada à Sociedade*, oferecido pelo Departamento de Antropologia da Universidade do Chile, considerado o principal centro de desenvolvimento dessa teoria no Chile e na América Latina juntamente com o México. Ser estudante nesse programa de pós-graduação permitiu-me aprofundar o tema, o que se refletiu na produção da dissertação *Velhice e*

*Envelhecimento: Imaginários Sociais presentes nos livros escolares oficiais do MINEDUC*² (ano 2009). Sob esse campo teórico e epistemológico mencionado conclui que o sistema educativo chileno reproduz, nos livros escolares, imaginários da velhice e do envelhecimento restritos e naturalizados na figura tradicional dos avós. Esse olhar seria o olhar legítimo de mostrar às novas gerações, apagando diferentes formas e escolhas de envelhecimento e da vivência da velhice (Jorquera, 2010).

Finalizado o mestrado, em 2010, e após minha entrada na Universidade do Chile na condição de acadêmica do Departamento de Antropologia, meus interesses e minhas escolhas se entrelaçaram com essas questões, e comecei a participar de diferentes pesquisas sobre o tema, naquele momento sob a orientação da professora doutora Paulina Osorio, acadêmica e pesquisadora do tema há, aproximadamente, 15 anos. A parceria com a professora Osorio deu-me a oportunidade de aproximar-me de outros contextos sociais, tanto urbanos quanto rurais, na análises da velhice e do envelhecimento. Um deles, em 2012, foi o projeto *FONDECYT*³ n. 1110110, intitulado *Processos estruturais da viuvez na construção social do envelhecimento*, no qual ajudei nas análises das relações sociais de viúvas e viúvos da cidade de Santiago, por meio de uma reconstrução de redes sociais antes e depois do marco biográfico-social de enviuvar e sua influência na construção social da velhice, da identidade (Osorio, Seguel, G. e Jorquera, 2014). No entanto, foi uma experiência de aprendizado dentro de uma equipe interdisciplinar, o que permitiu a interlocução com idosos de diferentes bairros de Santiago. A metodologia utilizada para a análise das relações sociais, em particular, foi principalmente a quantitativa, e essa escolha deixou muitas questões a serem aprofundadas, principalmente no que diz respeito às vantagens do enfoque antropológico, instigando-me a me aproximar do estudo da realidade social. Nesse sentido, a etnografia começou se apresentar como uma metodologia-chave para o estudo da complexidade social, pois, por meio dela poderia me aproximar das interações da vida cotidiana.

A segunda experiência com a professora Osorio, que ajudou a formar meu atual campo de interesse sobre o tema da velhice e do envelhecimento foi a participação, em 2011, do projeto de extensão universitária *Apoio à Reconstrução Pós-Terremoto e Maremoto em Paredones: Intervenção Psicossocial, Organizacional e na Saúde em*

² Sigla para Ministério de Educação chileno.

³ Sigla para Fundos de Ciência e Tecnologia Públicos.

*Crianças e Idosos*⁴. Nesse projeto, junto a uma psicóloga organizacional, foram realizadas oficinas de fortalecimento organizacional com sete grupos de idosos residentes na cidade de *Paredones*, cada um com quase 30 membros, homens e mulheres. Essa experiência mais vinculada ao âmbito da intervenção social permitiu a interlocução com idosos moradores de lugares rurais, distantes das grandes cidades e que, em consequência, tinham diferentes vivências no seu dia a dia e em relação a sua velhice.

As experiências da minha trajetória acadêmica e de pesquisa auxiliaram a configurar o atual campo de interesse e dar forma ao desafio de cursar um doutorado na área da Antropologia, e não na Sociologia, como era de se esperar após ter passado por um mestrado marcadamente sociológico. Por essa razão comecei a sentir a falta do enfoque antropológico em minha formação acadêmica e a pensar na contribuição que poderia significar aprofundar-me na disciplina Antropológica.

À medida que fui me aproximando de outros contextos de vivência da velhice, dei-me conta da importância das construções sociais feitas no que diz respeito à velhice e ao envelhecimento. Somado a isso, a constatação da pouca profundidade e estudo em outras realidades, além das cidades, foi norteando minhas motivações até a apresentação da proposta de pesquisa ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Na tentativa de aprofundar o tema de interesse, através de um enfoque etnográfico para dar conta da vivência da velhice e do envelhecimento, deparei-me com os estudos feitos pela professora doutora Cornelia Eckert, os quais privilegiam uma metodologia etnográfica para o estudo das sociedades complexas, e os da professora doutora Ana Luiza Carvalho da Rocha, no âmbito de núcleos de pesquisa em contexto urbano e de antropologia audiovisual, as quais, juntas, propõem a *Etnografia da duração* (2014) e *Etnografia de rua* (2015). Fez parte da motivação de me inserir nessa linha de pesquisa o uso da *Etnografia de diversos meios de expressão imagéticos* para refletir sobre a sociedade complexa atual. (Eckert e Rocha, 2011).

No entanto, a relevância da minha vida acadêmica até aqui narrada também faz parte dessa trajetória e das escolhas feitas, e também minha participação em âmbitos profissionais ligados ao mundo das Consultorias. Desde minha formatura pensei que a Antropologia também devia se movimentar em cenários diferentes daqueles das

⁴ Fundo Concursável de Extensão Valentin Letelier, 2010. Universidade do Chile.

Universidades. Desse modo, e em paralelo ao mundo acadêmico, passei pela experiência da realização de consultorias e elaboração de relatórios solicitados por diferentes entidades, tanto públicas quanto privadas, em diferentes lugares do Chile. Uma dessas experiências laborais me levou ao povoado de *Inca de Oro*⁵, experiência que seria determinante para a construção do projeto de pesquisa doutoral.

IDO⁶ corresponde a um povoado localizado na terceira região de *Atacama*, no Norte do Chile. Dada sua localização, compartilha com o resto da região uma forte atividade mineradora, não somente como principal atividade econômica, mas também pelas manifestações culturais que giram em torno dessa atividade.

Em 2012 fui contratada por uma empresa de consultoria social para, junto com outros profissionais da área, desenvolver oficinas de fortalecimento organizacional com as lideranças das organizações identificadas através de um diagnóstico prévio feito pela consultora. Assim, minha inclusão no trabalho ocorreu graças à minha experiência anterior em antropologia aplicada, e, mais especificamente, à minha experiência em temas sobre a velhice, dado que as lideranças das organizações eram principalmente idosos, com longa história de militância política. Em conjunto com uma colega psicóloga organizacional, planejei oficinas para um período de cinco meses, com as lideranças de algumas organizações ativas de IDO: o Clube de Idosos Mineradores, o Clube Anos Dourados (idosos) e a Junta de Vizinhança.

Nessas oficinas tive a primeira aproximação com alguns de meus interlocutores, dado que, em geral, as lideranças sociais do povoado são pessoas idosas, o que me permitiu conhecer suas vivências e já colocar em questão o papel que eles têm dentro da comunidade. Além disso, a experiência da Consultoria em IDO permitiu-me conhecer a situação e as vivências de alguns dos idosos, por exemplo a mineração tradicional ou *pirquineria* que absorveu a mão de obra da maioria dos homens da comunidade, e até de algumas mulheres.

Trabalhar em Consultorias implica complexidades próprias deste tipo de campo, situações que vão precisar de determinado agir dos antropólogos. Esse agir, essas falas, esses depoimentos não serão inocentes, estarão sempre sendo filtrados e interpretados por nosso olhar, por nossos interesses, embora tentemos ser os mais neutros possíveis.

⁵ A seguir IDO.

⁶ Sigla para Inca de Oro. Essa sigla foi criada pela Consultora social que me contratou em 2012.

Essas complexidades, tensões não correspondem às questões atuais; pelo contrário, são parte das discussões na Antropologia desde seu nascimento.

b. Antropologia aplicada e trajetória pessoal

Dada a relevância da experiência aplicada em IDO para a construção do projeto de pesquisa doutoral, considero importante refletir a respeito da visão da denominada Antropologia Aplicada e suas implicações, e, muitas vezes, tensões, que surgem enquanto antropóloga. Para exemplificar o que mencionei anteriormente, cito uma experiência que vivi há alguns anos, e que resume a tensão à qual me refiro.

No mês de outubro de 2010, encontrava-me na cidade de *Calama*, localizada na segunda região do Chile, retornando do VI Congresso Chileno de Antropologia, realizado em San Pedro de Atacama. Minha ideia era pernoitar na cidade para pegar o voo rumo a Santiago do Chile no dia seguinte. Carla, a amiga com quem eu estava e que tinha me acompanhado ao congresso queria me apresentar a um de seus amigos, Roberto, que morava ali. Roberto e Carla trabalhavam na mesma área como cientistas sociais (um psicólogo e uma antropóloga) em temas vinculados à mineração e aos relacionamentos estabelecidos entre as comunidades e as diferentes empresas que exploravam as jazidas, ou seja, ambos trabalhando no que pode se entender como área aplicada. No momento de me apresentar, Carla disse a Roberto que eu tinha participado do Congresso mencionado, e que era uma acadêmica da Universidade do Chile. Naquele momento, sem me olhar, ele disse: “ah...ainda não terminou a Faculdade...” Acredito que Roberto tenha pensado, provavelmente, que, mesmo formada, eu não tivesse conhecimento do *mundo real*. Ou: será que seu comentário escondia uma defesa frente ao possível julgamento que eu, *acadêmica*, poderia levantar sobre seu desenvolvimento laboral? Essa vivência mostra a tensão entre *cientistas sociais acadêmicos* e *cientistas sociais aplicados*, ambos se criticando constantemente. Os *acadêmicos* só pensariam sobre a sociedade na base de abstrações teóricas feitas sem componente empírico; e os *aplicados*, dedicar-se-iam a *tirar fotos* da realidade que seriam naturalizadas e usadas por terceiros para seus próprios fins, fins distantes das populações envolvidas e que só visariam os benefícios desses terceiros. As tensões criariam relações excludentes entre ambas as áreas de trabalho.

As tensões entre ambos os tipos de fazeres têm uma profunda condição histórica. Sahlins (1997), em seu artigo intitulado *O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção*, discute sobre o

objeto de estudo da disciplina antropológica, salientando que desde o início os antropólogos temeram a extinção dele. Essas noções existiriam porque o conceito de cultura está politicamente manchado por um passado duvidoso, associado a conceitos como o colonialismo, o racismo, o capitalismo ou o imperialismo.

Tudo isso se baseia no fato de que ao nascer a Antropologia estava ligada à expansão do capitalismo e ao imperialismo presentes nas sociedades do Ocidente. Assim, ela é acusada de mostrar as diferenças culturais no intuito de favorecer o domínio dos regimes políticos a que eram submetidos os povos não ocidentais. A Antropologia, portanto, apoiaria uma forma de submissão hegemônica. O conceito de cultura seria utilizado para marcar as diferenças, convertendo-se em um modo intelectual de controlar os povos com uma ferramenta de diferenciação social, a fim de fabricar alteridades. Para Sahlins, essa visão fez com que a cultura se transformasse em um meio ideológico de vitimização, de modo que as vinculações com o colonialismo e o capitalismo, no início da disciplina antropológica, contribuiu para que esta carregasse um estigma negativo.

Kuper (2005), no artigo intitulado *Histórias Alternativas da Antropologia Social*, percorre a história da formação da Antropologia social britânica, mostrando como muitas escolhas feitas nela responderam a decisões conjunturais nos diferentes contextos políticos que abrangiam a Europa, Estados Unidos e seus lugares de estudo, entre os quais África, Índia e Austrália. No caminho que esse autor traça, ele mostra os questionamentos feitos pelos primeiros antropólogos sobre a ideia do purismo das pesquisas antropológicas, as quais deveriam ficar somente no âmbito acadêmico, e como esses questionamentos foram mudando à medida que os grandes impérios foram perdendo suas colônias e, por isso, a Antropologia foi ficando sem objeto de estudo. Essas mudanças fizeram com que o foco de estudo começasse a variar em função dos contextos sociais e históricos, propiciando novas reflexões. Uma alteração difícil de ser aceita pela disciplina desenvolvida na Europa foi a de se voltar para suas próprias sociedades por medo de perder a identidade frente ao desenvolvimento da disciplina Sociológica. A mudança também requeria que a Antropologia britânica ficasse mais próxima do mercado do aconselhamento científico, dado que os governos começavam a desenvolver políticas sociais. Nesse contexto, pode-se entender a oposição convencional entre ciência pura e os estudos aplicados comprometidos ou comprometedores. Oposição que aumentou depois da Segunda Guerra Mundial quando os estudos aplicados foram estigmatizados como menos científicos e de menos prestígio do que os

estudos teóricos. Assim, a Antropologia Aplicada nunca foi concebida como a razão de ser da Antropologia ou uma das áreas importantes dela; foi considerada, muitas vezes, um pecado feito por profissionais que desenvolviam seu trabalho em uma área de segunda divisão (Barbosa, 1999).

Barbosa (1999) mostra que, desde os anos 1980, a Antropologia começou a se vincular de forma mais sistemática às empresas e às organizações em geral, abrindo um novo espaço laboral, a *Consultoria*. Ela vai se desenvolver fora do âmbito público e estatal, das ONGs e do ativismo político, surgindo, também, um novo cliente, as empresas e outras organizações privadas, como foi o caso da minha experiência de inserção em IDO, em 2012.

Nesse percurso, observa-se o modo com que as oposições, as tensões entre as duas áreas de desenvolvimento da disciplina antropológica, responderam à história da mesma, não sendo fácil se afastar das questões políticas.

Muitas vezes, nesse tipo de contexto, nós antropólogos ficamos em um espaço intermediário entre as demandas provenientes das empresas para as quais fornecemos uma forma de entender a comunidade e as demandas próprias da comunidade para as quais somos um ator válido, expondo suas questões, demandas, expectativas. Esse lugar intermediário será validado pelo nosso saber, na qualidade de atores-chave, no modo de entender e intervir no mundo social (Vecchioli, s/d). No entanto, não é fácil nos movimentarmos entre ambas as demandas e, muitas vezes, temos que lidar com questões fora do alcance do nosso saber: as políticas. Quanto às questões políticas, posso exemplificar através da seguinte vivência que aconteceu em IDO em 2012. Em determinado dia de trabalho a equipe de trabalho da qual fazia parte, foi convidada para a inauguração de uma exposição fotográfica no museu do povoado, em cujo evento o prefeito da comunidade também estaria presente. Quando informamos esse fato nossa chefe, aconselhou-nos a não discutir com ele questões do projeto, mandando-nos (literalmente) ser simpáticas e educadas “Não falem com ele e sorriam”.

A resposta da coordenadora do projeto, nossa chefe, explica-se porque o profissional encarregado de manter as conversações oficiais era outra antropóloga, com maior experiência em trabalho de campo com comunidades e maior conhecimento e envolvimento com o projeto em geral. Através dela, a empresa empregadora em que eu trabalhava tentava manejar as questões e as possíveis demandas que a comunidade pudesse exigir. A importância de saber se relacionar e lidar com as demandas da comunidade era central, dado que a Consultora Social não tinha ingerência nas decisões

finais tomadas pelas mineradoras envolvidas; ela devia cuidar para que não fossem feitas promessas à comunidade as quais não pudessem ser cumpridas. Foi por esse motivo que a escolha de aquela antropóloga foi central para manter o trabalho sem conflitos, tanto com a comunidade quanto com as mineradoras. Nesse sentido, é possível observar que para esse tipo de trabalho profissional não basta ter diploma de antropólogo ou de psicóloga organizacional, pois a principal questão é ter experiência suficiente no campo, ou seja, saber se colocar frente a situações imprevisíveis que possam acontecer e que fazem parte da vida da comunidade. Aliás, o pouco tempo que passei no povoado (geralmente um final de semana durante quatro meses) não me permitia adquirir o conhecimento que tinha essa antropóloga, quem, com o tempo se mudou para o povoado

O que foi descrito anteriormente coloca em questão os perfis profissionais necessários aos diferentes ambientes laborais em que nós, antropólogos, devemos nos inserir. Nesse tipo específico de trabalho não havia necessidade de lidar com questões próprias das pesquisas, por exemplo, fazer uma pergunta relevante ou discutir com os diferentes teóricos que refletem sobre o tema da mineração, das organizações, das lideranças, etc. O conhecimento que era privilegiado nesse contexto correspondia a saber posicionar-se nas diferentes dimensões que pudessem ocorrer no trabalho do próprio campo, as quais, muitas vezes, misturavam-se com questões políticas — com interesses fora do trabalho antropológico propriamente.

Com toda a complexidade da discussão anterior, o caminho que percorri para chegar à pesquisa de doutorado foi marcado pelas duas experiências — a experiência aplicada e a experiência acadêmica — que agora fazem parte do meu fazer antropológico. A experiência de 2012 me proporcionou um lugar no qual os interlocutores me veem, na condição de profissional e não de pesquisadora, o que marcou nossas relações, nossas falas, nossos encontros, e, finalmente, como se construiu a alteridade de cada um no contexto do campo.⁷

c. Língua e pesquisa

A minha história com a língua portuguesa, iniciada em 2011, tem transitado entre a tranquilidade da proximidade com o espanhol e o desafio de conseguir aprender o idioma português. Embora o PPGAS permita que eu escreva a tese em espanhol,

⁷ A aprofundar na secção 1.2

minha escolha foi a de continuar com o desafio iniciado há alguns anos: escrevê-la em português.

Minha decisão se baseia na própria experiência da realização da pesquisa, tanto no Brasil quanto no campo vivenciado no Chile. Assim, faz parte dos meus interesses produzir um diálogo com os leitores, os interlocutores. Faço questão da transmissão da minha experiência etnográfica, assumindo a importância da reflexão em torno da escrita, conforme o salientado por Roberto Cardoso de Oliveira (2000).

No processo da escrita também comungo das reflexões feitas pela escritora chicana Gloria Anzaldúa (2012). Em sua obra, *Borderlands/La Frontera The new mestiza*, a autora reflete sobre as situações vivenciadas pelas pessoas que habitam os territórios nomeados de *fronteiras*, como o caso do território habitado pelos *chicanos*⁸. A fronteira, assim, é utilizada como uma forma de distinção entre pessoas, podendo ser geográfica, cultural, sexual, de gênero, racial, de classe (Belausteguigoitia, 2009, p. 152). A fronteira será, portanto, um lugar confuso e indeterminado criado pelos resíduos emocionais acontecidos nesse território, os que não serão naturais (Anzaldúa, 2012, p. 25). Para essa escritora, o idioma também faz parte da fronteira.

Anzaldúa salienta que a língua falada pelos *chicanos* é uma nova linguagem e se refere a um modo de viver, portanto, não é uma maneira errada de falar, mas uma língua vivida (Anzaldúa, 2012, p. 77); não é espanhol nem inglês, mas através dela os *chicanos* terão a capacidade de comunicar suas realidades e seus valores. É uma língua bifurcada, uma língua viperina (no sentido das línguas que possuem as serpentes), uma variação em consequência das duas línguas.

Os quesitos citados pela autora instigaram-me a pensar sobre a minha situação como falante hispana do português, tanto em relação ao sotaque expresso em minhas falas quanto à escrita. Mesmo me esforçando e me importando em falar e escrever o idioma português de modo correto, acredito que esse sotaque, a essência da minha língua materna, o espanhol, não conseguiu se evadir desta etnografia. Acredito que fez parte dela e que deu conta da noção de língua falada assinalada por Anzaldúa. Através dela me propus a transmitir e comunicar o vivenciado no campo. Nas palavras da própria escritora, durante a escrita é preciso confiar e acreditar em si mesmo, confiar na capacidade que se tem para encontrar o modo mais correto de falar, escrever e transmitir. (Anzaldúa, 2012, p. 95).

⁸ Termo coloquial usado em USA para se referir aos estadunidenses com ascendência mexicana.

Vivenciei a fronteira da língua não somente em Porto Alegre, mas também no trabalho de campo, realizado durante o segundo semestre de 2014 e o primeiro semestre de 2016. A experiência etnográfica me permitiu constatar que o campo é um processo gradual de aprendizagem da cultura dos interlocutores; cultura que se expressa através das palavras. Nesse sentido, mesmo falando a língua dos meus interlocutores em IDO, muitas vezes fiquei confusa e até *perdida* frente às falas, pela frequência de palavras, ditos, frases que só eles entendiam, levando-me a construir um dicionário próprio. Apesar de dividir o país percebi grandes diferenças no momento de nos comunicarmos. Nesse caso, ajudaram-me os escritos do moçambicano Mia Couto (2011) que fala sobre as línguas e da maneira que os idiomas existem enquanto parte de universos mais vastos e com dificuldades próprias do pensamento e não das palavras. Refletindo sobre os dizeres de Mia Couto, no fragmento a seguir, fui instigada e também convidada a transmitir minha experiência de campo em português.

“Assim nenhum escritor tem ao seu dispor uma língua já feita. Todos nós temos de encontrar uma língua própria”
(Couto, 2011, p. 23).

Pensando na escrita como parte da etnografia desenvolvida em IDO para narrar as experiências, as vivências dos idosos e as minhas, de maneira a contribuir para a compreensão destas por parte dos interlocutores no Brasil, considerei interessante a proposta sobre a criação de textos bilíngues feita pelas autoras Elsa Gonzalez e Yvonna Lincoln, no artigo *Decolonizing qualitative research: Non-traditional Reporting forms in the Academy*, em 2006. As autoras refletem sobre a dificuldade em torno da escrita de uma experiência etnográfica cujos dados foram coletados em uma língua diferente daquela em que é feita a escrita, mostrando a necessidade de colocar o tema em discussão. Essa questão faz parte da Antropologia desde o início e pode ser pensada como uma questão política, em que existiria uma hegemonia de uma língua sobre outra, geralmente do Ocidente sobre o não Ocidente.

Assim, além dessa discussão, e no que tange à atual pesquisa, existe outro assunto a ser discutido, e se relaciona aos significados culturais envolvidos nas palavras, no sentido do que foi dito por Couto. As autoras Elsa Gonzalez e Yvonna Lincoln propõem a criação de um texto bilíngue, dizendo que os relatórios, as pesquisas e os artigos não devem ser trabalhados somente em termos dos leitores na e da língua do pesquisador, mas também na língua dos interlocutores, com quem se construiu os dados

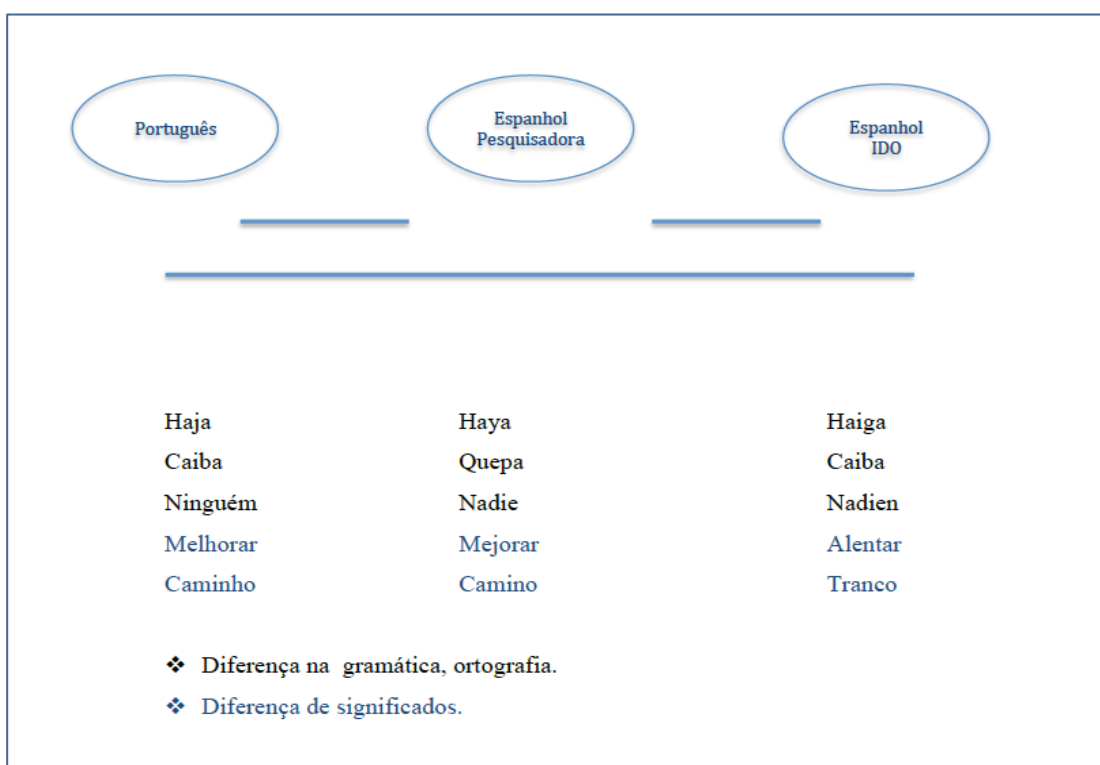
da investigação, pois as falas envolvidas possuem significados culturais que, muitas vezes, podem se perder em uma tradução.

Embora as autoras Elsa Gonzalez e Yvonna Lincoln reflitam em torno dos diálogos das pesquisas feitas em inglês e espanhol, novamente acredito que a discussão pode ser levada para o diálogo entre português e espanhol, línguas nas quais me movimento na construção desta pesquisa. Nesse caso, tenho o objetivo de manter as citações dos interlocutores na língua original, o espanhol, para mostrar a riqueza das suas falas, mas também versá-las para o idioma português, visando a favorecer a compreensão dos significados para os leitores de língua portuguesa. Assim, cada citação manterá o espanhol dos interlocutores e sua tradução para o idioma português, e se houver diferença com o espanhol da pesquisadora, a precisão será informada em nota de rodapé, tanto no caso de diferença gramatical e ortográfica quanto de diferença de significados.

Tendo essas reflexões como tela de fundo acolhi a proposta de apresentar os dados nas duas línguas, em um único texto, e mesmo correndo o risco de me estender na escrita acreditei ser necessário para os fins da etnografia proposta.

Na Figura 1, a seguir, mostro as relações estabelecidas na pesquisa entre as línguas, mediante exemplos que evidenciam as vinculações no processo do estudo e pelo meu agir na condição de pesquisadora. Considero-me, nesta pesquisa, intermediadora entre a experiência de campo, feita em espanhol de IDO, analisada por meio do meu espanhol e transmitida através do meu atual idioma português aos leitores da língua portuguesa no Brasil. Dessa forma, busco respeitar as falas dos interlocutores, conservando seus localismos, mas levando-os à audiência brasileira, pois ela seria a principal leitora deste documento.

Figura 1: Relações entre Línguas na Pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

d. O problema da pesquisa

A partir de um olhar demográfico sobre a atualidade percebe-se que o envelhecimento experimentado hoje não tem registros anteriores, e alguns autores denominam o século XXI de *o século do envelhecimento demográfico* (Caire, 2013). Nesse sentido, a quantidade maior de pessoas que atinge a idade mais avançada é um produto próprio das sociedades modernas, pois nunca antes na história do mundo existiram tantas pessoas vivendo a velhice, por isso é possível dizer que é uma etapa da vida humana muito jovem, ou seja, de recente aparição. De fato, o aumento na expectativa de vida corresponde a um sucesso da modernidade, considerando-se os avanços médicos e tecnológicos que permitiram à sociedade atual estender os anos de vida das pessoas. Porém, como pensar essa realidade demográfica? Em primeiro lugar, é preciso definir envelhecimento e velhice. O que se entende quando se fala sobre esses processos? A Organização Mundial da Saúde disponibiliza a seguinte definição:

- Envelhecimento: corresponde a um processo fisiológico que inicia na concepção e vai provocando mudanças nas características biológicas durante a vida toda. Nesse processo, o corpo humano vai experimentando diferentes perdas de funcionalidade de forma paulatina.
- Velhice: corresponde a um estado ou situação relacionada à idade cronológica e ao estado físico.

Assim sendo, a velhice e o envelhecimento estão relacionados estreitamente a estados paulatinos de mudanças degenerativas — alterações nas células, nos tecidos e no organismo em geral —, e não se refere somente a um processo biológico (Stevenson, 2006). Dadas as suas características, tanto a velhice quanto o envelhecimento devem ser compreendidos como processos sociais e culturais, além de biológicos. Ao serem sociais e culturais são caracterizados pela cultura que os abrange. Segundo alguns pesquisadores (Jimenez, 2012; Barros apud Troncoso, 2001), a forma de se entender esses processos não muda somente de cultura para cultura, mas também possibilita que alguns idosos compartilhem características semelhantes, pois “a velhice não será senão o que quiser a sociedade que a cria” (Aranibar, 2001, p.10).

De acordo com Debert (1999), desde a segunda metade do século XIX, a velhice foi tratada, principalmente, pela decadência física e pela ausência de papéis sociais, associando-a a imagens, em sua maioria, negativas. De fato, para essa autora, a industrialização teria destruído a segurança econômica e as relações estreitas que vigoravam nas sociedades tradicionais entre as gerações na família. Além disso, a industrialização também teria privilegiado a população jovem sobre a velha, dado que as características da divisão de trabalho precisaram de mão de obra fresca e com maior capacidade de aprendizagem frente às mudanças tecnológicas. Assim, as sociedades modernas fazem desaparecer os papéis dos idosos. Para Burgess (apud Debert, 1999), nas sociedades tradicionais a velhice era definida pela ideia de papéis que lhe outorgavam um status maior; já, a sociedade moderna não prevê um papel específico ou uma atividade para os velhos, deixando-os em uma existência sem sentido. E havia a ideia de que esse tipo de sociedade homogeneizaria as experiências vivenciadas, ou os problemas enfrentados pelos idosos seriam semelhantes, minimizando as diferenças, por exemplo, em termos de etnicidade, raça, gênero ou classe.

De acordo com Fortes (apud Debert, 1999), as idades cronológicas e centradas na maturidade psicológica estão ausentes na maioria das sociedades não ocidentais, e nestas é um mecanismo básico de atribuição de status, de definição de papéis ocupacionais e de formulação de demandas sociais. Fortes enfatiza que as idades são institucionalizadas política e juridicamente. O Estado é a forma mais diferenciada e desenvolvida de ordenamento político-jurídico que, na sociedade atual, tende a absorver cada vez mais funções anteriores próprias da família (sociedades tradicionais). Ao mostrar o agrupamento de pessoas em função de seu estágio de maturidade e de sua idade cronológica, Fortes abre a análise para duas dimensões na vida moderna: a primeira é em relação ao domínio do Estado, como ele define o espaço doméstico e familiar; e, a segunda, é em relação a transformações históricas que correspondem a transformações na forma de como a vida é periodizada e como o curso da vida entra como instituição social. Assim o processo de individualização da modernidade teve, na institucionalização do curso da vida, uma de suas dimensões fundamentais.

Pode-se olhar de perto algumas formas de entender a velhice e o envelhecimento presentes na sociedade atual através das conclusões de pesquisas feitas sobre o tema (Abarca, 1993; Oddone, 1999; Gastrom; Vujosevich; Oddone, 2003; Vera et al., 2004; Okoye, 2004; Stevenson, 2006; Monchietti, Sánchez, 2008; Torrejón, 2007; Urquiza et al., 2008; Cerquera; Álvarez; Saavedra, 2010; Jorquera, 2010), as quais mostram que, tanto na América quanto na Europa, falar de velhice e de envelhecimento assume um caráter predominantemente negativo, em que as pessoas idosas são passivas e dependentes de outras, mostrando-as pessoas obsoletas, inativas e dependentes. Os resultados das pesquisas consultadas (Triguero; Nascimento; Vizeu, 1999; Cuddy; Norton; Fiske, 2005; Martens; Goldenberg; Greenberg, 2005) também mostram que a velhice e o envelhecimento são associados à morte, à limitação, à falta de função e espaço social – o que faria os idosos serem facilmente descartáveis pela sociedade. Os estudos mencionados dizem que isso se explica porque os idosos representam nosso próprio futuro, onde a morte é segura, as deteriorações físicas possíveis e a perda de nosso trabalho, inevitável.

Outros estudos revelam que a sociedade contemporânea se caracteriza pela condição de exclusão dos idosos, deixando-os sem participação ativa, afastando-os do mundo produtivo – aposentadoria, e relegando-os ao âmbito privado – pais, mães e avós (Osorio, 2006; Jorquera, 2010), não abrindo para eles espaços de desenvolvimento. Nesse contexto, a forma que tenha a sociedade de entender estes fenômenos “terá direta

relação com a forma que esse grupo será integrado e valorizado, com a forma em que os atuais idosos experimentarem sua etapa de vida e como as novas gerações prefigurarem sua velhice” (Arnold et al., 2009; Cerquera et al., 2010).

Nesse contexto, é fácil perceber um cenário mundial, em que predominam as visões negativas da velhice e do envelhecimento, constituindo uma tendência geral de perceber a velhice como uma etapa de perda dos atributos positivos da vida (Arnold et al., 2009).

Centrar-se na dimensão cultural e simbólica dos processos de velhice e do envelhecimento faz pensar a cultura como algo não estático — como propõem os autores pós-coloniais —, e também histórico, como forma de não limitar sua interpretação. Assim, apoio-me em Darnton (1986) para aprofundar essa questão. Em seu artigo intitulado *Histórias que os camponeses contam: o significado de mamã ganso*, o autor mostra os erros inseridos na interpretação de realidades sociais desde um olhar moderno, exemplificados nas interpretações dos contos dos camponeses do século XVIII. Desse modo, o conto *Chapeuzinho vermelho* deve ser interpretado de acordo com a realidade cultural experimentada pelos camponeses que, nas palavras do autor, “longe de ocultar sua mensagem com símbolo, os contadores de histórias do século XVIII, na França, retratavam um mundo de brutalidade nua e crua, onde a sobrevivência diária era o tema central, dadas as guerras, as epidemias, a fome e a ordem social” (Darnton, 1986, p.29), e não a partir de um olhar psicanalítico, próprio da nossa época, que interpreta o conto como a chegada da menstruação nas meninas.

O que tento dizer, apoiada em Darnton, é que para entender a velhice e o envelhecimento, analisá-los ou interpretá-los, somente é possível ao se considerar as experiências cotidianas experimentadas pelos idosos atuais, pois não é possível comparar a velhice atual com a experimentada por outras sociedades em outros tempos.

Portanto, com base nas palavras de Guita Debert (1999), falar sobre a periodização da vida a partir de um ponto de vista antropológico é mostrar como um processo biológico é investido culturalmente, elaborado simbolicamente com rituais, marcando fronteiras entre as idades pelas quais os indivíduos passam.

Em concordância com o assinalado, e em síntese, a tese visou entender o processo de envelhecimento em IDO e como a velhice é vivenciada pelos idosos dessa comunidade. A hipótese que esteve no cerne do problema de investigação argumentado é que a forma de envelhecer e a forma de vivenciar a velhice, naquela comunidade, relacionam-se com o processo e a forma de extração do mineral, existindo

manifestações socioculturais específicas marcadas por uma cultura mineradora tradicional, *pirquineria*. Nesse contexto, a extração do ouro está associada a uma cultura específica que permite entender porque as pessoas continuam morando no povoado e não migram para outros lugares, produzindo um cenário cultural em que o envelhecimento e a velhice são vivenciados.

Convém precisar também que em IDO confluem dois sucessos da modernidade no Chile: uma economia fortemente vinculada à mineração, que deixa grandes lucros, e o envelhecimento da população, expresso em maior expectativa de vida e maior quantidade de pessoas acima dos 60 anos. Assim, procurei compreender como, em uma zona caracterizada pela presença do deserto e pelas montanhas, criam-se lugares de exploração afastados de centros urbanos e espalhados na grandeza do deserto, considerado o mais seco do mundo (Lagos e Peters, 2010). Portanto, a pesquisa visou entender como, no processo modernizante e de industrialização do país, nasceu uma comunidade girando em torno da atividade mineradora e dos problemas contemporâneos que se apresentam para as pessoas que moram nela. De que modo, nesse contexto, é vivenciada a velhice e como se constrói o envelhecimento?

Algumas pesquisas efetuadas em comunidades mineradoras (Viezzler, 1978; Gascho, 1982; Eckert, 1985; Vivallos, 2007; Cioccarri, 2011; Eckert, 2012,) mostram que essas comunidades se caracterizam por uma cultura própria, intimamente ligada à história da comunidade, à identidade gerada em torno do trabalho do minerador e do produto de extração, além das transformações que devem enfrentar, como as mudanças no mercado nacional e mundial. Aspectos inseridos nessa cultura específica são gerados pelas duras condições de trabalho, perigo e risco constante de acidentes, problemas crônicos de saúde, salários baixos e pelo custo ambiental e social advindo da poluição produzida pela ação extrativa. O trabalho, nesses contextos, provoca alto grau de desgaste físico. É possível observar homens precocemente envelhecidos, doentes, mutilados e estigmatizados socialmente. Aliás, as regiões onde ocorre essa atividade econômica sofrem de um alto custo da qualidade de vida, pela poluição do ar (poeira), dos solos e da água.

Dessa forma, espero que a pesquisa permita me aprofundar nos estudos da velhice e da mineração, pois, conforme Romero (2011), há poucos estudos sobre os *pirquineros* do oro no Chile, frente à importância da atividade produtiva para o país e para o desenvolvimento regional.

Na condição de pesquisadora do tema, até iniciar esta tese, eu havia privilegiado o olhar sociológico. Assim, a forma de enxergar a discussão em minhas diferentes pesquisas foi a partir de um olhar mais próximo à Sociologia, privilegiando uma visão centrada mais na sociedade do que nos indivíduos, por exemplo: estudos mais voltados a representações, imaginários sociais ou formas de comunicação da temática dentro da sociedade contemporânea do que me centrar no experimentado pelos próprios sujeitos envolvidos. No entanto, o campo da pesquisa foi me mostrando novos caminhos e novas formas de me aproximar ao estudo da velhice e do envelhecimento.

Sem desmerecer essas pesquisas nem a importância de estudar as formas de comunicação desses fenômenos na sociedade, deparei-me com o desafio de me focar na significação dos próprios idosos. Como já foi mencionado, o ineditismo do envelhecimento demográfico vivenciado atualmente não permite que se faça uma comparação com o experimentado por outras sociedades em outros tempos.

Desse modo, e sem menosprezar o valor desse caminho analítico, meu objetivo foi centrar-me na experiência dos idosos, em sua cotidianidade em *Inca de Oro*, tentando não cair em análises que poderiam se associar a concepções prévias do que é ser velho na sociedade contemporânea. Para me aproximar à análise me servi de problematizações elaboradas por Veena Das (apud Ortega, 2008) que entende a cotidianidade como a unidade que resolve, na prática (ou seja, na realização), a complexa relação entre agência e estrutura, subjetividade e objetividade. Através do estudo dessa autora desejei não me fixar somente na estrutura, correndo o risco do determinismo social, ou somente na agência, permanecendo no nível de um simples voluntarismo. Assim, as reflexões de Veena Das permitiram distanciar-me de análises binárias que reproduzem categorias predeterminadas, em que dada estrutura possa estar relacionada a determinada (e única) agência.

Percorrendo esse caminho analítico, e na esteira de reflexões surgidas no trabalho de campo, notei que a questão do corpo é parte fundamental da discussão sobre a cotidianidade para entender a velhice e o envelhecimento. Chegar a essa conclusão exigiu-me esforço para adentrar em discussões teóricas concernentes a essa questão.

Nesse contexto, precisei abandonar a visão hegemônica, que concebe o sujeito privilegiando a mente, e partir para uma reflexão que incorporasse a corporeidade do sujeito. Em relação a esse tema, o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty desenvolveu reflexões sobre o sujeito a partir de um olhar fenomenológico que enfatiza o conceito de ser no mundo, buscando compreender a experiência do mundo vivido e sua expressão

no corpo; assim, deve-se entender o corpo como um todo de significações vividas e não como um objeto para um “eu penso” (Apud Botelho, 2008, p. 70). Nos estudos de Merleau-Ponty encontram-se as primeiras tentativas de superar a dualidade entre corpo e mente, sujeito e objeto, esforços que serão retomados em discussões mais contemporâneas por meio do enfoque da corporificação ou corporeidade (Scordas, 2008, p. 104).

Dessa forma, acreditei que o estudo do corpo é de fundamental importância para entender as formas de viver. Mauss salienta que o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem, e discorre sobre como, através de técnicas, as distintas sociedades sabem servir-se dele (2003, p. 401). Bourdieu retoma essa discussão aprofundando o conceito de habitus, delineado por Mauss como mediação universalizante investida de dupla função: uma relação com estruturas objetivas, sendo um princípio gerador de práticas; e uma relação com um repertório total de práticas sociais, como um princípio unificador (Apud Scordas, 2008, p. 110). Outros autores, entre os quais Fassin (2007), incorporaram à discussão sobre o corpo a dimensão temporal. Para Fassin, o corpo não é só a presença física imediata do indivíduo no mundo, mas também é o lugar onde o passado deixou suas marcas. Além disso, o corpo é a presença de nós mesmos no mundo, incorporado em uma história que é tanto individual quanto coletiva (2007, p. 175).

Essas aproximações teóricas à questão do corpo permitiram concluir que o estudo do envelhecimento deve estar relacionado à passagem do tempo no corpo, e que a velhice se vinculará à vivência desse corpo na cotidianidade, conforme Veena Das, já mencionado.

Seguindo os argumentos até aqui expostos, considero importante retomar a definição sobre o Envelhecimento e a Velhice da Organização Mundial da Saúde. Segundo essa definição, o envelhecimento se refere a um processo fisiológico que tem início na concepção e que vai provocando mudanças nas características biológicas durante a vida toda. Durante tal processo, o corpo humano vai experimentando, paulatinamente, diferentes perdas de funcionalidade, caso em que a velhice será compreendida como o estado ou situação relacionada à idade cronológica e ao estado físico. Dessa forma, ambos estão estreitamente relacionados a mudanças degenerativas paulatinas — alterações nas células, nos tecidos e no organismo em geral (Stevenson, 2006). Convém notar que, até o momento, sempre me preocupei em estudar a dimensão social que acompanha tais processos biológicos e que, entretanto, conforme já

mencionei, o campo me mostrou que para entendê-los devo reconhecer e levar em consideração o aspecto biológico desses processos.

Muitas vezes, em campo, dei-me conta de que para dizer algo sobre o envelhecimento e a velhice em IDO deveria me deter no corpo. Através das falas e da convivência com diferentes idosos, a questão do corpo apresentou-se como algo relevante, pois eles reconhecem que com a velhice algo acontece com seus corpos. Neste contexto, recordo-me do comentário de uma idosa: “o corpo já não dá, já são mais de 60 anos”.

Falar, pois, de envelhecimento e de velhice é falar da passagem do tempo também no corpo, das transformações que ele vai experimentando ao longo dos anos. “Ver as fotografias de antes, que remetem a um rosto que já não é mais da gente, ver os rostos transformados dos demais depois de uma longa ausência, é conhecer uma confrontação íntima do tempo metabolizado” (Le Breton, 2008, p. 149)⁹.

No entanto, também adverti sobre a importância de tomar cuidado em não privilegiar a deterioração experimentada no corpo para entender essas questões. Em novembro de 2015 participei do II Encontro de Estudos promovido pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Envelhecimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e surpreendi-me em ser a única palestrante das ciências humanas ou sociais. Naquela ocasião, a maior parte das falas tratava de deteriorações físicas sofridas com a passagem dos anos e dos desafios enfrentados nas disciplinas de fisioterapia, fonoaudiologia, educação física, entre outras. A questão que me proporcionou essa experiência foi a necessidade de aprofundar as interpretações antropológicas a esse respeito, no sentido do que afirmou Quesada sobre a Antropologia, como sendo a disciplina que descreve experiências humanas que, de outra forma, não seriam conhecidas por outros (1998, p. 51)¹⁰.

A inquietação de tomar cuidado de não entender o corpo somente como um objeto deteriorado pelo agir do tempo também surge da vinculação que se faz entre envelhecimento, velhice e deficiência física. Vinculação essa que testemunhei no Seminário de Ações Afirmativas, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em que um dos palestrantes, no intuito de sensibilizar a audiência acerca das questões discutidas, fez o

⁹ Tradução nossa.

¹⁰ Tradução nossa.

seguinte comentário: “a deficiência é tema de vocês também, porque algum dia serão deficientes, porque serão velhos”.

Para refletir sobre isso considere pertinente me remeter às discussões feitas por Débora Diniz (2007) sob diferentes enfoques e através deles tratar a deficiência, argumentação da qual me servi em duas questões importantes para pensar o envelhecimento e a velhice.

A primeira diz respeito à forma com que o modelo médico trata o tema, entendendo a deficiência como consequência natural da lesão em um corpo, assim, a pessoa deficiente deve ser objeto de cuidados médicos. No entanto, essa forma de enfrentar a experiência da deficiência não dá conta do ambiente social hostil à diversidade física (Diniz, 2007, p. 15). Essa questão pode ser levantada no campo dos estudos de velhice e envelhecimento, nos quais, muitas vezes, os modelos médicos centram-se no corpo como objeto que vai se deteriorando ao longo do tempo, que vai se lesionando e não alertam sobre as condições sociais hostis para uma forma diferente de corpo, o corpo velho. Além disso, Diniz salienta que as reflexões sobre a velhice e o envelhecimento deveriam compartilhar esse olhar, por exemplo a alta prevalência da artrite e suas consequências debilitantes mostram que a lesão não pode ser tratada apenas como uma tragédia individual, mas como o resultado da organização social do trabalho (ibidem, p. 25).

A segunda questão vincula-se à crítica ao princípio da igualdade pela independência: o argumento do modelo social era de que a eliminação das barreiras permitiria que os deficientes demonstrassem sua capacidade e potencialidade produtivas. Essa ideia foi criticada, pois era insensível à diversidade de experiências da deficiência. A sobrevalorização da independência é um ideal perverso para muitos deficientes incapazes de viverem isso, pois jamais terão habilidades para a independência ou capacidade para o trabalho, ainda que barreiras sejam eliminadas (2007, p. 62). Na velhice, muitas vezes a decadência física impede as pessoas de viverem de forma independente sem o cuidado de outros. Assim, as relações de dependência são inevitáveis na vida social, ao contrário da visão das sociedades industriais que privilegiam o indivíduo independente e produtivo.

Dessa forma, as análises feitas até aqui serviram para dar conta da forma como se vivencia a velhice e o envelhecimento em idosos, ou seja, dando conta das formas como esses idosos agenciam, em sua cotidianidade, a estrutura social na qual vivem. No entanto, devo esclarecer que a pesquisa, mesmo se importando com as questões do

corpo já assinaladas, as quais foram consideradas na hora de trabalhar os dados, cogitou uma análise dos fenômenos a partir da cotidianidade dos sujeitos. Nesse sentido, a pesquisa baseia-se no estudo do tempo através das narrativas dos sujeitos, visando uma análise delas por meio do estudo da memória, conceito que me permitiu pensar o tempo.

Em relação ao estudo do tempo, devo salientar que é difícil de se pensar, pois, pela naturalização que se tem dele torna-se complexo conseguir produzir um deslocamento necessário para dar conta desse tempo. No entendimento de Gell (2013, p. 4), a suposição de que o tempo se refere somente a uma questão de cômputo, e que é possível assegurá-lo como se fosse um fato externo, um fato de natureza, constitui um pressuposto realista ingênuo que deve ser rejeitado, pois, somente assim as concepções de tempo poderão ser vinculadas às representações sociais, sendo, assim, concepções não passivas.

A desconstrução do tempo pode se nortear nas visões hegemônicas ocidentais presentes nessa naturalização. Foi na Idade Moderna que as concepções do tempo começaram a sofrer modificações; já, no Renascimento houve clara distinção entre presente e passado. Graças à uma valorização da cultura greco-romana, deixando o passado (antes do Renascimento) segmentado em diferentes etapas e, permitindo dessa forma, que o presente tivesse a possibilidade de se abrir ao novo, à novidade. Aquelas mudanças nas concepções de tempo, possibilitaram uma explicação da vida mais próxima e flexível, afastando-se das interpretações religiosas ou focadas no Deus, que voltava a vida das pessoas mais rígidas, assim se incrementou, aos poucos, as esperanças no futuro. Essa mudança significou passar do campo das experiências vivenciadas, ou seja, do passado, ao campo das expectativas, nas utilidades que as decisões feitas no presente trarão com o tempo, ou seja, o futuro (Luhmann, 2010). Todas essas transformações na forma de entender o tempo, concluíram no apreço do novo, colocando-o como objetivo desejado, misturando-se com os conceitos de genialidade, criatividade, inovação, inventiva. Conceitos que trouxeram, finalmente, a ideia do progresso da sociedade.

O interesse do novo sobre o velho foi fomentado pelas inovações tecnológicas, entre as quais a criação da imprensa. A criação da imprensa foi significativa porque proveu de informações em uma extensão física nunca antes vivenciada, para além de uma relativa independência dos controles da igreja, da nobreza e do comércio. E as viagens e os descobrimentos geográficos, segundo De Certau (1981), colocaram a visão do tempo do Ocidente sobre os outros tempos, de modo que o tempo do Ocidente, o

tempo do trabalho, se sobrepôs aos outros. O Ocidente interpretou-os como tempos de prazer, tempos maravilhosos, formas de tempos que o Ocidente deveu reprimir para se constituir. Nesse contexto, construiu-se uma concepção hegemônica do tempo.

De acordo com Fabian (2013), a concepção do tempo usada pelo Evolucionismo marcou uma temporalidade unilinear, estabelecendo uma teleologia em que todas as culturas, mesmo que não chegassem ao estágio máximo, tinham de passar pelos mesmos estágios do desenvolvimento. Essa visão de evolucionismo pode ser percebida nas visões atuais que versam sobre os relacionamentos com os outros. Para Fabian, conceitos de desenvolvimento, modernização e todas suas derivações provêm do evolucionismo, assim se usou, e se usam, termos como tradição que, no fundo, escondem um olhar assimétrico e hierarquizado da alteridade. Para Membrado (2010, p. 5), a temporalidade dominante das nossas sociedades industriais centra-se em um tempo linear e cumulativo, fundado sobre um projeto de um futuro a ser conquistado.¹¹

Objetivando a desconstrução da concepção hegemônica do tempo considero pertinente lembrar os trabalhos de Halbwachs (2011) e suas reflexões sobre o tempo. Seguidor de Durkheim, Halbwachs entendeu o tempo como resultado de convenções e de costumes que dão conta da ordem da vida social, dizendo que a sucessão do tempo, sua velocidade e seu ritmo corresponderão a uma ordem necessária. Como resultado, a vida social implicará um consenso em relação ao tempo e a sua duração. Dessa forma, os homens se adaptaram rapidamente às divisões do tempo selecionadas, anos e dias, conformando uma estrutura temporal que padronizou as trajetórias ou as durações. Nas palavras de Halbwachs, "a duração é a corrente que parece passar através de cada um de nós", existindo, desse modo, tantas durações quanto homens, cada uma com conteúdos diferentes.

Nesse contexto, Halbwachs salienta que a possibilidade de que duas consciências individuais consigam se relacionar e, assim, vivenciar um sentimento de simultaneidade, será necessário que uma ação externa quebre a continuidade, a duração de apenas uma delas. E mais: Halbwachs problematizou os vínculos entre as durações individuais e as durações maiores ou impessoais. Estas últimas poderão ser reconstruídas através das primeiras, porque todas as durações vão nascer de um mesmo componente, de um tempo coletivo, que fornecerá pontos de referência válidos para todas as consciências. O componente comum estará condicionado ao vínculo de

¹¹ Tradução nossa.

acontecimentos que tiveram ação um sobre outro — experiências comuns. Contudo, esse autor reconhece a existência das divisões universais do tempo, as quais não farão parte de um tempo social único, afirma.

Outrossim, Halbwachs (2011) elaborou a hipótese de que a memória, o tempo e o espaço são construções sociais, podendo ser analisadas somente a partir de um olhar sociológico. A principal característica da memória corresponde à forma com que o passado é lembrado e não no que é lembrado, dando valor à participação do grupo social sobre a reconstrução das lembranças. Mediante esse olhar Halbwachs aborda a memória como um fenômeno social, rompendo a limitação do conceito ao plano individual. Por causa disso, cada memória individual será um ponto de vista da memória coletiva, variando segundo o lugar social ocupado. Para esse autor, a lembrança será o efeito de uma série de pensamentos coletivos emaranhados, sobre os quais não se poderá atribuir, de forma separada, a existência de uma lembrança, pois elas estarão constituídas pelo conjunto desses pensamentos. Assim sendo, a reconstrução do passado far-se-á no presente e só nele se encontrarão os princípios de seleção e de descrição, não existindo um passado imutável ou independente da experiência presente.

Continuando com a discussão sobre o tempo e como conseguir desconstruir as visões hegemônicas sobre ele, nesta pesquisa utilizei as discussões levantadas pelas professoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, em torno da Etnografia da duração, proposta para o estudo das sociedades complexas em contextos urbanos.

A Etnografia da duração (Eckert e da Rocha, 2011), além de apresentar uma proposta metodológica inovadora¹², constitui-se em uma proposta epistemológica para o estudo do tempo nas sociedades complexas.

A reflexão das autoras começa pela problematização do conceito de imaginação e como a sociedade ocidental a tem reduzido somente aos fenômenos da consciência, negando seu lugar dentre os processos formais de pensamento. Assim, a imaginação, na cultura ocidental, tem sido aceita apenas em alguns campos do saber, distante dos considerados científicos, como a arte ou o pensamento comum (Cegarra, 2012, p. 2). As autoras indicam que os tempos fictícios, imaginados, calculados, etc., aparecem de forma antagonica em um único tempo, o tempo real.

No entanto, os movimentos de pensamento da imaginação construirão também um conhecimento que fará parte da inteligência humana. Esses pensamentos estarão

¹² Descrito na secção seguinte.

encerrados na memória e as lembranças deles darão forma à duração. Dessa maneira, a Etnografia da duração propõe a concepção de um tempo que se passa em diferentes velocidades, tanto percebidos quanto observados, tanto em processos internos quanto externos.

Assim, na memória dos sujeitos o passado se sobreporá ao presente, formando uma métrica, um ritmo, que possibilitará a seriação e as lembranças dos acontecimentos vivenciados segundo uma ordem baseada em intervalos de tempo-espço. A memória, para essas autoras, será produto de uma seleção feita no tempo, produto de uma intenção, derivando em um resultado de seleções hierárquicas de instantes, seleção que feitas com base no tempo subjetivo e do tempo no mundo.

O conhecimento proveniente dos pensamentos da imaginação será construído na vida cotidiana e constituirá a duração. O conceito de duração provém da teoria de Bachelard, considerada “permanecer no espaço” (apud Eckert e Rocha 2011, p. 8). Por isso, a Etnografia da duração considerará a materialização do tempo, o espaço, e possibilitará estudar tanto experiências individuais quanto coletivas.

Nesse sentido, para dar conta das seleções realizadas na hora de lembrar, as autoras fazem uma análise narrativa da cotidianidade dos sujeitos, destacando os acontecimentos importantes nas suas narrações. Esses acontecimentos constituirão as intrigas, os dramas na vida cotidiana urbana.

Cabe destacar que a Etnografia da duração também constitui uma proposta ética, porque problematiza um diálogo entre o pesquisador e seus interlocutores em um processo de construção de conhecimento no qual ambos fazem parte da pesquisa.

Através da discussão realizada até aqui, pode-se perceber que a construção do tempo em IDO só será feita em relação ao pensamento dos homens e mulheres que se adaptaram as suas necessidades e tradições. Nessa concepção de tempo, o antigo poderá conviver junto ao novo, e será aí que os conceitos de memória e de duração serão pertinentes para me aprofundar no tempo vivido. Por meio da memória e duração coletiva pretendi conhecer lembranças correspondentes a tempos passados e não sucessivos. Nesse sentido, cada um dos moradores de IDO partilha de vários pensamentos sociais, inserindo-se em vários tempos coletivos, nos quais podem ir e voltar. Assim, suas consciências concentram durações mais ou menos extensas em um mesmo intervalo de tempo, ou, em uma duração social vivida, tendo como pano de fundo que as lembranças podem se organizar ao redor de uma pessoa ou de uma sociedade.

A partir desse enfoque espero derrubar as divisões de tempo absolutas construídas na modernidade, pois o passado vai corresponder a uma reconstrução feita, selecionada e descrita no presente, não existindo passado, independente da experiência vivenciada no presente (Osorio, 2004).

Mesmo visando à relevância da desconstrução das concepções de tempo absolutas para me abrir às concepções de meus interlocutores em IDO, devo enfatizar o valor que tem a desconstrução do tempo para o estudo da velhice e do envelhecimento. Para tanto, considereei pertinente citar o estudo de Monique Membrado e suas reflexões em torno da sociologia dos tempos sociais (2010), no qual a autora analisa as concepções de tempo na sociedade complexa e suas repercussões no entendimento da vida dos idosos. Para essa autora, a visão do tempo da sociedade atual focaliza-se em um tempo do trabalho, a partir de uma concepção androcêntrica. Dessa forma, a vida das pessoas se compreende a partir de um olhar linear cujo eixo é a vida profissional. Assim, se constrói uma ordem social dominante organizada em torno do trabalho, contendo, no fundo, uma estrutura hierarquizada das experiências temporais e das atividades relacionadas.

Centrar-se no tempo do trabalho é, para a autora, um obstáculo para o estudo do envelhecimento e da velhice. Isto porque, se o eixo é a vida profissional e o trabalho, o tempo envolvido é linear e teleológico, ou seja, centrado no futuro e na consecução de objetivos a serem cumpridos em cada etapa da vida, portanto, qual é o projeto de vida a ser construído pelos idosos? Assim, alguns estudos abordam as temáticas adulto ativo ou adulto aposentado, invisibilizando as temáticas dos adultos não ativos e os tempos das atividades domésticas. Além de corresponder a um olhar que não dá conta das tensões e dos deslocamentos temporais na vida cotidiana, sobretudo no que se refere à questão do gênero, explicar o envelhecimento apenas como a saída do mundo do trabalho exclui outras dimensões envolvidas nos processos de idade avançada, deixando sua compressão como sucessão de estádios. Nesse sentido, para que a sociedade ocidental consiga dar conta da velhice e do envelhecimento, Membrado faz um convite para entendê-los a partir de um olhar centrado nas transformações e não em sucessões.

Dessa forma, Membrado indica a importância de romper com as categorias já feitas do tempo, e também a substituição do plural, temporalidades, pelo singular, temporalidade. Essa mudança implica a inserção da dimensão qualitativa do tempo, dos tempos sociais vinculados às atividades sociais, as quais estarão atravessadas pelas mudanças conforme o decorrer da vida.

1.2 Ferramentas metodológicas da pesquisa

a. Reflexões em torno ao campo.

O deslocamento físico parece ser uma característica singular do método etnográfico, e por meio dos autores clássicos passou a constituir-se em algo próprio da disciplina Antropológica, o que significou um salto qualitativo frente às reflexões feitas anteriormente com a denominada pesquisa/investigação de varanda (Peirano, 1994). Malinowski fundou as bases do método etnográfico e mesmo com o passar dos anos, as suas reflexões ainda se constituem em pilares fundamentais ao se pensar uma pesquisa na nossa disciplina. Assim, a visão dos fatos por dentro, junto à compreensão das formas de viver “dos nativos” torna-se um cânone antropológico.

As etnografias clássicas caracterizam-se por extensos períodos de tempo e pela participação holística do pesquisador entre os “exóticos”. Frequentemente nessas pesquisas o investigador não está familiarizado com a cultura que está estudando e, muitas vezes, já no campo começa se desvelar os objetivos da etnografia (Wall, 2015).

No entanto, o caminho percorrido pela disciplina tem mostrado que a distância geográfica não é o principal, nem o único modo para nos encontrarmos com o outro. Ruth Cardoso, no filme *Narradores Urbanos* (2010), salienta que a antropologia procura entender o outro tanto vizinho quanto morador da Melanésia, assim entender o outro na nossa própria sociedade, representa a grande riqueza da disciplina. Segundo Gilberto Velho (1978), o exercício de se colocar no lugar do outro requer um distanciamento social e psicológico, e, embora compartilhemos a sociedade com esse outro, talvez não sejamos parceiros, pois podemos estar distanciados por causa dos gostos, das preferências, das idiosincrasias, da vivência de experiências muito diferentes. A dificuldade presente nesse deslocamento foi trabalhada na pesquisa feita por sobre as camadas médias - white-collar - do Rio de Janeiro, em que o autor venceu muitos preconceitos para levar a pesquisa a frente.

No caso da minha pesquisa, o deslocamento físico torna-se patente nas viagens inseridas na proposta de estudar um povoado afastado da minha cidade de origem, Santiago. A viagem para este estudo começou na postulação do programa de pós-graduação, continuou durante o tempo de cursar disciplinas na cidade de Porto Alegre, lugar onde só podia imaginar o que seria mergulhar na vida de IDO, no sentido de Malinowski, e continuou com a volta ao Chile, no quarto e sétimo semestres do Doutorado para chegar em IDO, e terminou com a volta a Porto Alegre para a escrita da

tese. Assim, nessa viagem realizei seis deslocamentos: Santiago, Porto Alegre, Santiago, Inca de Oro, Santiago, Porto Alegre.

A partir da preparação do campo, em Porto Alegre, deparei-me com importantes questionamentos sobre os deslocamentos presentes no campo e suas questões metodológicas. E o próprio campo me colocou frente a dois deslocamentos a experimentar: um físico e outro epistemológico.

E para aprofundar e compreender as questões impostas pelo campo também precisei de um distanciamento psicológico ou um deslocamento epistemológico para conseguir colocar-me no lugar dos outros. Para tanto, foi preciso um tempo e uma disposição para chegar nele. Por exemplo, algumas vezes nas que voltei ao povoado após de ter passado algum tempo em Santiago, tive a sensação que em IDO nada tinha mudado durante minha ausência, as pessoas continuavam nos mesmos lugares, nas mesmas ruas, nas mesmas esquinas, com as mesmas roupas, as mesmas falas, como se o tempo não tivesse passado.

Refletindo sobre esse fato percebi que precisava de um tempo para conseguir me distanciar novamente, deslocar-me de forma epistemológica, dado que ainda me achava inserida nos ritmos, nas lógicas de Santiago. Quando isso aconteceu, foi possível voltar a falar novamente com meus interlocutores e descobrir temas comuns.

Conforme argumenta Roberto Cardoso de Oliveira (2000), nosso *olhar* está direcionado pela disciplina na qual temos nos formado, no caso da pesquisa antropológica, quando enfrentamos o campo o *olhar* já está sensibilizado pela teoria do objeto e método de investigação que previamente construímos. Na minha experiência de campo, iniciada no mês de outubro de 2014, meu *olhar* já estava traspassado pelas aproximações teóricas e metodológicas discutidas durante esses anos, sobretudo em relação às questões vinculadas aos deslocamentos, tanto físicos quanto epistemológicos que iria experimentar.

Na experiência de campo, por meio do *olhar*, experimentei interessantes estranhamentos, porém, necessitei de outro recurso para adensá-los. Semelhante ao que nos ensina Roberto Cardoso de Oliveira, para dar conta das relações, da natureza delas, para conseguir entender os significados, os sistemas simbólicos, tive de valer-me do *ouvir*. O *olhar* e o *ouvir* são atos cognitivos complementares que formam as vivências experimentais no campo. São, ambos, parte preliminar do campo, embora para chegar a entender, dizer algo sobre eles, é preciso outro ato cognitivo: *escrever*. Só através da escrita é possível converter o *olhar* e o *ouvir* em um discurso e interpretar.

Para refletir mais sobre o *escrever*, recorro às palavras de Gilberto Velho.

“Estou consciente de que se trata, no entanto, de uma interpretação e que por mais que tenha procurado reunir dados “verdadeiros” e “objetivos” sobre a vida daquele universo, a minha subjetividade está presente em todo o trabalho” (Velho, 1978, p. 6)

As palavras de Gilberto Velho se referem à reflexividade do pesquisador, no sentido de que, nas interpretações da realidade, sempre estará inserida a nossa própria cultura, nossos próprios caminhos percorridos, nossas linhagens a que temos aderido para nos explicar o mundo. Aliás, o *escrever* expressará nossas explicações, nossos discursos construídos na base do campo, o *escrever* responderá a nossos modelos, nossos esquemas, nossas formas de entender. Como disse Malinowski, em sua análise sobre o kula que este só existia na visão dele, na condição de pesquisador, e não na visão dos trobianeses. Assim, conforme salienta Claudia Fonseca; *os modelos sempre vão ser uma simplificação grosseira da realidade* (1999, p.31).

Nessa discussão sobre a reflexividade da escrita, cito a análise feita por Michel de Certeau (1981) sobre a escrita histórica e a oralidade etnológica. Esse autor reflete sobre a palavra instituída por meio da história, e no processo da escrita essa disciplina supõe estar falando a partir do lugar do outro, mas a escrita está afastada da realidade desse outro. Por conseguinte, as narrações feitas sobre a alteridade não mostrarão a “verdade”, porém corresponderão às representações próprias da época na qual foram construídas. Também considero a reflexão feita por Roy Wagner (1981) sobre a instrumentalização do conceito de cultura como uma ferramenta para falar sobre o outro sem levar em conta o pesquisador. Assim, no ato da narração o antropólogo fará uso do seu *olhar* no *escrever* e, nesse processo, criará uma ficção. Através das reflexões feitas por esses autores reconheço o caráter ficcional das narrações sobre IDO, ou seja, a criação que farei da experiência vivenciada por meus interlocutores sobre a velhice e o envelhecimento.

Como fim de encerrar as reflexões sobre o campo, recorro, novamente, às antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza Rocha em uma citação que engloba a discussão apresentada.

“A prática etnográfica tem por desafio compreender e interpretar tais transformações da realidade desde seu interior. Mas, sabemos também, que toda produção de conhecimento circunscreve o trajeto humano. Assim o ofício de etnógrafo pela observação participante, pela entrevista não diretiva, pelo diário de campo, pela técnica da descrição etnográfica, entre outros, coloca o(a) cientista social, o(a) antropólogo(a), mediante o compromisso de ampliar as possibilidades de re- conhecimento das diversas formas de participação e construção da vida social”. (Eckert e Rocha, 2008, p. 15)

b. Etnografia da duração e de rua

A Etnografia que visei realizar foi a Etnografia da duração, problematizada por Cornelia Eckert e Ana Luiza de Rocha (2011). Conforme já salientei, corresponde a uma proposta que centra a análise dos contextos urbanos a partir das multiplicidades dos estilos de vida, das visões de mundo, das trajetórias e dos projetos sociais. Por meio da Etnografia da duração foi possível dar conta das multiplicidades de estilos de vida em contextos diferentes do urbano, como é IDO, e também das formas de vivenciar a velhice e o processo de envelhecer. O singular desta proposta etnográfica é a inclusão do uso de diversos meios de expressão imagéticos: a escrita, a fotografia, o vídeo, a sonoridade, suportes que promovem a circularidade das interpretações. Esses recursos, possibilitaram-me pensar a originalidade das formas do social tanto em sociedades urbano-industriais quanto em uma pequena comunidade — a IDO.

Assumir essa proposta implicou o desafio da produção de uma Etnografia profundamente descritiva do conjunto das motivações simbólicas, dos comportamentos sociais, das ações e das representações que, articuladas entre si, resultaram em uma totalidade de sentido para o teatro de vida urbana e da vida em uma comunidade como a IDO. Foi assim que no trabalho de campo combinei observação participante, entrevistas e falas com os interlocutores e um trabalho dedicado de imagens. Imagens que não só serviram para aprofundar as descrições do campo, mas também como troca com os interlocutores em um diálogo negociado, um diálogo simétrico, no qual eles foram os protagonistas da pesquisa, aportando nela com ideais e questionamentos, na procura compartilhada da compreensão dos temas que motivaram esta pesquisa (Velho, 2006).

A Etnografia da duração teve como importante apoio a Etnografia de rua problematizada pelas autoras mencionadas. A Etnografia de rua é definida como o ato de descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais por meio de técnicas, como a observação e as conversações, pois, no espaço da rua, os atores sociais terão diferentes formas de agir e também múltiplas escolhas (Lahire, 2002). Assim, através de uma

Etnografia de rua me aproximei da construção contínua dos lugares que as ruas de IDO me mostraram. Valho-me novamente das reflexões feitas por Michel de Certeau (2000), que distinguiu o lugar do espaço. Para esse autor, os espaços locais correspondem a espaços a serem abordados, a serem conhecidos, não supostos, e destaca a copresença, o contato, a experiência dos espaços locais e não só o discurso. O lugar, diz o autor, é a ordem segundo a qual os elementos distribuem-se em relações de coexistência, sendo uma configuração instantânea de posições. O lugar será o espaço praticado, propenso para ser observado por meio da Etnografia de rua.

A sociedade contemporânea corresponde a uma sociedade complexa, com determinadas características que condicionam a vivência no local. Na concepção de Ortiz (1996), as nossas sociedades se movimentam continuamente, conseguindo impor essa característica como uma exigência da nossa civilização, portanto, o espaço deverá ser tratado como um conjunto de planos atravessados por diferentes processos sociais. A experimentação do local como parte de uma vivência única de determinado grupo humano foi mostrado com detalhes pela Escola de Manchester. Através dos estudos feitos por Gluckman (1958), na análise da construção da ponte ou da análise de Clyde (2010) sobre a dança kalela, deram conta das dinâmicas próprias nascidas em localidades urbanas, mostrando que, nas cidades, os migrantes das áreas rurais não reproduziam os costumes e a forma de vida dos seus lugares de origem. Encontravam, sim, uma nova maneira de expressão, que tinham vinculações com as localidades de origens, mas que adquiriam dimensões próprias, expressando questões só vivenciadas na urbe. Olhando mais de perto a análise da dança kalela, percebi o modo com que o autor mostrou as diversidades étnicas presentes nas populações urbanas, e como essas diversidades contestavam as hostilidades do sistema de dominação europeu, satirizando os costumes e o estilo de vida europeia na urbe. O que mais destacou nos estudos feitos pela Escola de Manchester é a inclusão das análises de redes. Assim, a metodologia utilizada permitiu tratar os contextos em relação e com dinamicidade, e não como sistemas fechados e isolados. Essa questão colocada pela Escola de Manchester foi muito importante para não olhar as vivências acontecidas em IDO como algo dicotômico, ou seja, em que as pessoas estão em um ou outro contexto — a modernidade ou o mundo tradicional. As pessoas de IDO estão traspassadas por diferentes níveis.

Na interseção concreta que se produz entre um espaço específico e um tempo específico vai resultar no que se entenderá como local. Assim, o local só vai se

manifestar como consequência de uma série de operações, de construções contínuas e mais ou menos concertadas em universos práticos e simbólicos construídos entre uns nós, o próprio do aqui que vai ser diferente do construído em outra parte (Del Valle, 2000).

Segundo Arturo Escobar (2005), as formas de vivenciar o local evidenciam uma relação forte e especial com o território, produto de múltiplas dimensões, práticas e relações. As diferentes formas de experienciar o local poderão ser reconstruídas mediante a Etnografia, neste caso com a Etnografia de rua.

c. O campo: ingresso e retornos

- **Primeiro encontro com o campo: oficinas de fortalecimento organizacional - 2012**

Uma experiência laboral me levou, em 2012, ao povoado de *Inca de Oro*, experiência determinante para a construção desta pesquisa doutoral.

IDO corresponde a um povoado localizado na terceira região de Atacama, no Norte do Chile. Dada sua localização, compartilha com o resto dessa região uma forte atividade mineradora, não só como principal atividade econômica, mas também pelas manifestações culturais que giram em torno dela. A questão da atividade econômica presente em IDO é consequência da política econômica desenvolvida no território há muito tempo, pois, sabe-se que o território Norte do Chile contém grandes quantidades de minerais que atraem as diferentes populações desde os tempos pré-colombianos (Salazar, 2003-2004; Romero, 2011).

No ano de 2011 uma mineradora australiana e uma mineradora privada chilena planejavam a possibilidade de realizar um projeto em escala maior em IDO, a fim de explorar as jazidas localizadas em suas proximidades. A aliança entre essas empresas privadas tinha o objetivo de se estabelecerem no povoado, e, por isso, preocuparam-se não somente em realizar os estudos técnico-ambientais e legais necessários para saber se era possível a instalação, mas também em começar um trabalho junto à população a fim de conhecer as opiniões, expectativas, demandas sobre o possível estabelecimento do projeto de exploração de uma jazida com vida útil de 15 anos, a céu aberto e que faria uso da água do mar em seus processos. Nas palavras do gerente geral da mineradora chilena,

“Interessa-nos não só cumprir com as medidas ambientais exigidas pela Lei, porque pensamos que elas não são suficientes para proteger o patrimônio que existe em Inca de Oro. Assim, interessa-nos conversar sobre esse projeto com a comunidade antes que o mesmo esteja terminado, porque nossa empresa acredita que a comunidade sempre tem elementos relevantes para contribuir e que o diálogo cidadão deve ser uma forma de trabalhar a mineração”¹³ (Comunicado de imprensa 20/11/2011).

A empresa devia cumprir, além das intenções expressas na citação anterior, com as demandas da legislação chilena. No Chile, as leis prescrevem que todo projeto deve ser avaliado pelo *SEIA*¹⁴, sistema criado em 1997 para certificar que as iniciativas, tanto do setor público quanto do privado, cumpram com os requisitos ambientais para um desenvolvimento sustentável (www.sea.gob.cl). Segundo esse regulamento, todo estudo deverá conter medidas de mitigação, reparação e/ou compensação, as quais devem ser descritas para eliminar ou minimizar os efeitos adversos que o projeto ou atividade trará.

Dentre os elementos já mencionados convém assinalar que ali também estarão inseridas questões políticas que dizem respeito a manter uma boa imagem das empresas frente às populações com as quais interagem, o que pode se observar nas palavras citadas do gerente geral da mineradora chilena. De fato, no Chile, durante a década de

¹³ Tradução nossa.

¹⁴ Sigla para Sistema de Avaliação de Impacto Ambiental www.sea.gob.cl: Sistema de Evaluación Ambiental (SEA) administra um sistema de informação formado por uma descrição exaustiva da situação atual do território a ser impactado pela ação ou aplicação de um projeto. O SEA se rege pela Lei n. 19.300 sobre Bases Gerais do Meio Ambiente, para a elaboração de Estudos de Impacto Ambiental, por meio dos quais é possível avaliar os impactos a serem gerados ou apresentados sobre os elementos que formam o Meio Ambiente. Dentro dos elementos considerados pela Lei estão:

- O meio físico inclui a caracterização e análise do clima, da geologia, da geomorfologia, hidrogeologia, oceanografia, hidrologia e recursos hídricos.
- O meio biótico consiste na descrição e análises da biota.
- O meio humano, contempla a informação e análise de dimensões como geográfica, demográfica, antropológica, socioeconômica e bem-estar social, enfatizando nas comunidades protegidas por leis especiais.
- O meio construído, considera o equipamento, as obras de infraestrutura, a descrição das atividades econômicas.
- O uso dos elementos do meio ambiente compreendidos na área da influência do projeto ou atividade, incluindo a descrição do solo.
- Os elementos naturais e artificiais que formam o patrimônio cultural, incluindo os monumentos nacionais.
- A paisagem, sua viabilidade, fragilidade e qualidade.
- As áreas de risco de contingências sobre a população e/ou meio ambiente, contemplando a ocorrência de fenômenos naturais, o desenvolvimento de atividades humanas, a execução ou modificações do projeto ou atividade, e a mistura deles.

1990 houve uma transformação na forma de o Estado se relacionava com as empresas privadas, por meio de novas imposições, exigindo que essas empresas tivessem uma atitude mais sensível e comprometida ante a sociedade e seus problemas sociais, e também respondessem às políticas públicas implementadas no Chile naquela década (Mori, 2002). Aliás, o desenvolvimento maior desse tipo de relacionamento entre as empresas e as populações ocorre também pelas dinâmicas locais (às vezes, pelas próprias prefeituras, organizações sociais, etc.) que cada vez mais exigem das empresas a participação em projetos nacionais de desenvolvimento social — a superação da pobreza, o cuidado do meio ambiente, etc. Dessa maneira, as empresas passam a se constituir como um ator relevante na criação de uma economia sustentável e também de outros setores da sociedade civil.

Dessa forma, e segundo Barbosa (1999), muitas vezes as empresas procuram antropólogos sociais especialmente por questões políticas, a fim de mostrar mais credibilidade, a qual será fornecida pela experiência do antropólogo e seu saber específico. Isso tem relação com as credenciais escolares (Vecchioli, s/d) que possuem os antropólogos que os habilita a falar, legitimados pelo conhecimento da disciplina criadora do conceito de cultura. Assim, a mineradora chilena contratou uma consultoria social especializada em mineração, por meio da qual realizou um trabalho comunitário sistemático que permitiu uma relação direta e de ajuda conjunta entre a empresa e o povoado.

Foi nesse período que iniciei meu relacionamento com IDO. Fui contratada pela empresa de consultoria social para, junto com outros profissionais da área, desenvolver oficinas de fortalecimento organizacional para as lideranças das organizações sociais identificadas através de um diagnóstico prévio feito pela consultora. Assim, minha inclusão no trabalho ocorreu graças a minha experiência anterior em antropologia aplicada, e mais especificamente à minha experiência em temas sobre velhice, pois as lideranças das organizações eram principalmente idosos com longa história de militância política. Junto com a equipe de profissionais elaborei um plano de trabalho de oficinas, com duração de cinco meses, para ser realizado com as lideranças de algumas organizações ativas de IDO: o Clube de Idosos Mineradores, o Clube Anos Dourados (idosos) e a Junta de Vizinhança.

Embora existissem mais organizações sociais no povoado, por diferentes motivos não foi possível trabalhar com todas elas. Algumas delas não se interessaram pelas oficinas, por exemplo, o grupo de Bombeiros; e a organização formada apenas por

mulheres trabalhadoras porque estavam em recesso devido a mudanças em seu quadro diretivo. Das demais fomos – meu grupo e eu - totalmente impedidas de nos aproximar por decisão da empresa de consultoria social que nos contratou, entre as quais estava a Associação Mineradora do povoado, a qual reúne e trata dos temas ativos e centrais da atividade econômica e com quem se fez as primeiras aproximações e negociações à época. Essa situação teve um impacto direto no campo da pesquisa que realizei depois, pois voltei ao povoado sem conhecer o presidente dessa organização, pessoa muito importante no povoado pela sua posição social. Desse modo, a Associação Mineradora tornou-se, para mim, lugar tabu, no qual só consegui entrar em ocasiões muito específicas e com algum tipo de apadrinhamento. O tabu foi produto do desconhecimento do presidente da minha pessoa, sobretudo por importantes questões de gênero e idade, que serão aprofundadas nas próximas seções.

Voltando à experiência de 2012, esta foi planejada em três etapas: a primeira consistiu-se em fazer um diagnóstico e conhecer as lideranças, suas necessidades, conflitos e expectativas com as oficinas. A segunda etapa desenvolveu as oficinas em si, reuniões em que foram trabalhados diferentes temas, principalmente sobre liderança e constituição das organizações como pessoas jurídicas. A terceira etapa foi um acompanhamento em que foram discutidas e avaliadas as oficinas com cada uma das organizações. As Fotografias 1 e 2 ilustram algumas das oficinas realizadas com as lideranças das organizações sociais. Esses espaços privilegiavam uma conversação horizontal entre os membros das organizações e os profissionais sociais encarregados da área de Fortalecimento Organizacional da Consultoria.

Ao longo das oficinas semanais com as lideranças das organizações mencionadas observamos que todos eles faziam parte da Junta de Vizinhança. Essa constatação mostrou que por meio dessa organização poderíamos realizar um trabalho mais abrangente com o resto do povoado. No entanto, também constatamos os conflitos desenvolvendo-se nela, os quais dificultavam a participação do povoado todo nas reuniões. A organização encontrava-se, de fato, há muito tempo sem realizar atividades. Segundo os membros da comunidade, com os quais trabalhamos, o problema estava na liderança, em sua forma autoritária, centralizadora do poder, de dirigir a organização, não permitindo que os membros da organização nem do próprio quadro diretor tomassem decisões. Esse fato também se revelou em nossa visita a IDO: a presidente da Junta de Vizinhança encontrava-se em outra cidade do Chile e só havia deixado uma cópia das chaves da sede para a tesoureira da organização que participava das reuniões.

Fotografia 1: Oficinas com lideranças em IDO



Fonte: Acervo da autora, 2012

Fotografia 2: Oficinas com lideranças em IDO



Fonte: Acervo da autora, 2012

A ausência da presidente era muito sentida pelas pessoas, pois entendiam que o papel da organização era velar pela comunidade, identificar seus problemas (desde as questões de desemprego até cuidar dos doentes que moram sozinhos). Esperavam que a Junta representasse a comunidade frente às autoridades, manifestando os problemas existentes. Ademais, a Junta de Vizinhança devia construir um projeto de comunidade, coordenando os diferentes atores, e as pessoas reconheciam a falta de um trabalho em conjunto, mas cada organização trabalhava fechada em si mesma.

Mesmo não conseguindo nos aproximar, porque a distância física da presidenta não propiciou uma entrevista, tentamos responder às necessidades assinaladas pelos participantes das oficinas mediante reuniões específicas com o objetivo de conhecer as leis que regulamentam as organizações sociais no Chile. Essa ideia nasceu porque eles sentiam vontade de organizar a Junta de Vizinhança, mas não sabiam o que podiam fazer, também existiam recebido muitas informações da presidenta e não sabiam se eram confiáveis. Pelo fato de trabalharmos as oficinas na intenção de fortalecer as lideranças das diferentes organizações, consideramos pertinente que os participantes conhecessem e talvez dominassem as leis, para poderem agir em situações semelhantes. De fato, essa atividade foi muito valorizada por eles.

La ley es una fuente de legitimidad como organización y líderes. / A lei é uma fonte que legitima uma organização e lideranças. (Liderança IDO).

Como resultado, durante três finais de semana trabalhamos os estatutos de cada organização, discutindo o que a Lei permitia ou não que fosse feito. Infelizmente, encerrou-se o período de minha atuação no Plano elaborado para as oficinas e não foi possível saber o que aconteceu depois da minha partida, à época. Quando voltei ao povoado, dois anos depois, em 2014, soube que a presidenta tinha falecido e novas eleições haviam sido convocadas, no entanto, o novo presidente eleito tinha se suicidado e um membro do quadro diretivo tentava dirigir a organização. Mesmo com as boas intenções dele, a Junta de Vizinhança continuava funcionando sem a participação da comunidade, havendo conflitos e tensões do povoado. Também não foi possível conhecer as atividades da Junta, pois o novo presidente, mesmo tendo-o conhecido durante o trabalho de 2012, mostrou-se um tanto evasivo frente às minhas tentativas ao perguntar-lhe sobre as atividades ou de me inserir nelas. De qualquer forma, durante minha estada na comunidade, no ano de 2014, poucas foram as

atividades desenvolvidas na organização, e, muitas vezes, as informações não explicavam com clareza as mesmas. Muitas difusões eram feitas por meio de cartazes colocados em alguns lugares do povoado, ou nos armazéns, mas as pessoas desconheciam totalmente o conteúdo delas. No meu retorno, em 2016, depois de quase um ano em Porto Alegre, encontrei-me com uma situação pior em relação à Junta de Vizinhança. Depois de uma eleição muito questionada, o novo presidente era o mesmo presidente da Associação Mineradora. Personagem de muita importância e poder dentro do povoado, em torno dele se tecem muitas críticas silenciosas pela forma de dirigir as organizações. No entanto, muitas pessoas de IDO não gostam de seu agir, mas ele mantém seu lugar de poder como presidente da Associação Mineradora. Eu tive a sensação de que ele concentrava todo o poder do povoado. Durante o tempo que permaneci em IDO, em 2016, também não consegui me aproximar da Junta de Vizinhança, mas desta vez foi pela quase total falta de atividades dessa organização. Meus esforços centraram-se em me aproximar do presidente, mas através da Associação Mineradora, na tentativa de adentrar nela, baseando-me no fato de que se o presidente me conhecia e sabia da minha pesquisa, eu conseguiria entrar nas atividades desenvolvidas. No entanto, mesmo tendo conversado com ele, e recebendo seus cumprimentos ao nos encontrarmos na rua, as questões de gênero e idade, já mencionadas, que descreverei mais adiante, foram mais fortes, quase impedindo minha inserção nesse espaço marcadamente masculino.

Por outro lado, devo dizer que a referida mineradora desistiu de se estabelecer no povoado. Segundo as pessoas em IDO, a desistência ocorreu porque os lucros não compensavam os investimentos que a empresa deveria fazer. Assim, em 2014 havia poucos funcionários nas obras e só se mantinham algumas pessoas do povoado na função de seguranças. Em 2016, no final do período de campo, corriam boatos de que as últimas duas pessoas que continuavam trabalhando na empresa seriam demitidas nos próximos meses, e que a mineradora teria vendido o projeto a uma empresa chinesa.

Essa experiência de Consultoria em IDO permitiu-me conhecer a situação e as vivências de alguns dos idosos, principalmente em relação à mineração tradicional ou *pirquineria* que absorveu a mão de obra da maioria dos homens da comunidade, e até de algumas mulheres. Esses *pirquineros*, agora idosos, deixaram a atividade pela idade ou pela doença ou estão prestes a fazê-lo. Embora muitos transmitam a tradição a seus filhos (Eckert, 1985; Romero, 2011), poucos deles escolheram os passos dos pais e avós por causa, principalmente, da instabilidade dos preços dos minerais e da presença de

melhores ofertas de trabalho da região. Atualmente, em IDO, os idosos vivem das suas aposentadorias, pensões assistenciais, alguns ainda recebem ajuda de familiares e muitos devem continuar trabalhando para obter os recursos materiais necessários para sua subsistência. Muitos deles também moram sozinhos, pois não formaram família ou porque os familiares migraram para cidades próximas à procura de melhores oportunidades de trabalho e de estudo. Os idosos de IDO, em geral, têm rejeição a serem transferidos para outro povoado ou a migrarem, principalmente porque estão acostumados com seu estilo de vida que pode ser descrito como próprio de uma cultura mineradora e também porque o clima do povoado faz bem para suas doenças. Todas essas informações me instigaram a pensar em novas questões a serem aprofundadas posteriormente, em um possível projeto de pesquisa doutoral.

Nesse período em que lá estive, conheci os que depois se converteriam em meus primeiros interlocutores, pois, em geral, as lideranças sociais do povoado são pessoas idosas. Assim, voltei-me a eles no campo da pesquisa doutoral e recebi seu apoio, não somente aceitando em falar comigo, sendo parte da investigação, mas me proporcionando acesso a lugares do povoado, na função de conectores com novos interlocutores. Com eles desenvolvi uma relação muito próxima, vivenciei momentos muito gratos e de grande aprendizado.

Na Tabela 1 mostram-se os interlocutores antigos e seus principais dados.

Tabela 1: Interlocutores antigos 2012

Nome	Apelido	Cidade origem	Estado Civil	Filhos	Organização Idoso atual
Marcelo	<i>Tembladera</i>	La Serena	Solteiro	Sem	Liderança
Aurora	<i>Aurorita</i>	Cuba (IDO)	Viúva	Nove	Liderança
Clodomira	<i>Clora</i>	Vallenar	Casada	Cinco	Membro
Benice	<i>Paloma</i>	Santiago	Solteira	Duas	Sem

Fonte: Elaborado pela autora.

A narração do primeiro encontro com IDO é relevante, porque marcou minha inserção e posição no posterior campo da pesquisa. Cheguei ao povoado na condição de profissional contratada por uma mineradora muito lucrativa. Nesse contexto, durante cinco meses, todos os finais de semana viajava de avião e chegava de carro para trabalhar no povoado. Mesmo estando lá nesses dias, não tive oportunidade de conhecer o restante do povoado, nem de mergulhar em suas rotinas. Assim, quando retornei, em

2014, (no contexto do campo da pesquisa doutoral) percebi que era grande meu desconhecimento sobre o vilarejo, no entanto, minha participação naquela consultoria me propiciou um lugar especial em meu novo projeto, pois era uma profissional que chegava para trabalhar no povoado. Ressalto que fui recebida com respeito e construí um lugar a partir do qual pude me aproximar das pessoas, fosse para explicar minha presença, meu interesse em passar um tempo no povoado, ou para me distanciar daquele tipo anterior de atividade. Desta vez, eu visava construir relações de confiança não mais baseadas nos possíveis benefícios que as pessoas poderiam obter com minha presença. Assim, durante as primeiras semanas, diversas vezes enfatizei que o meu projeto era pessoal e que não tinha relação com a mineradora mencionada.

- **Segundo encontro: ingresso no campo da pesquisa doutoral - 2014**

Os primeiros contatos para chegar ao campo foram feitos de Porto Alegre, e se caracterizaram pela ativação das redes profissionais estabelecidas pela experiência em projetos desenvolvidos em contextos aplicados ou de consultoria. Dessa forma, através de uma colega antropóloga conheci Fidel, que poderia me acomodar ou me ajudar a encontrar uma moradia no povoado. Minha colega, por meio das suas próprias redes de contato, entregou-me os dados para me comunicar com ele, e a surpresa foi perceber que já o conhecia da minha primeira experiência em IDO, mas apenas nos falamos em uma oportunidade e ele não lembrou de mim quando liguei.

Acertados os trâmites com Fidel para morar em IDO, iniciei minha segunda viagem para *Inca de Oro* no mês de outubro de 2014. Viajei de avião até a cidade de *Copiapó*, capital regional possuidora de um aeroporto. Desse lugar parti para a cidade de *Caldera*, atualmente um balneário turístico, mas foi um dos portos principais junto à cidade de *Chañaral*, no século XIX. Em *Caldera* comecei minha pesquisa sobre a história e a identidade da região, sobre a qual não tinha me debruçado na experiência anterior, e assim começaram a surgir as primeiras inquietações.

Nessa cidade visitei, na condição de turista, a antiga estação que albergou a primeira linha férrea entre *Caldera* e *Copiapó*. Atualmente, ela funciona como um centro cultural e faz parte dos principais lugares turísticos de *Caldera*. Também visitei a casa *Tornini* que funciona como museu, e pertenceu a uma família italiana que fez riqueza; nela é possível realizar uma viagem ao passado através da história da família, da história da cidade e sua importância na história regional. O guia discorreu sobre a

bravura, força, esforço, coragem dos mineradores da região e como eles tinham cumprido papéis relevantes nas guerras do Norte do Chile. Segundo esse guia, o exército chileno requisitou os mineradores daquela zona para abrir caminhos para as tropas, considerando-se que eles conseguiam aguentar as piores condições (climáticas e perigosas em um contexto de guerra). Esses mineradores, na narrativa do guia, não eram de qualquer tipo, pelo contrário, correspondiam aos *pirquineros*, os quais conseguiram fazer frente às situações ruins (da guerra, do clima, da aridez da região) e ter bons resultados. Nessa visita me aproximei, aos poucos, da realidade do trabalho do *pirquintero*, da força que ele deve possuir para segurar as ferramentas de ferro nas mãos, fazer buracos na rocha, subir com mochilas cheias de pedras por escadas muito estreitas; da valentia para desenvolver o trabalho sem maiores condições de segurança, e fazer isso o dia todo, subir, descer, subir, descer várias vezes. Essa força os distinguiria de outros mineradores — os trabalhadores do salitre ou do carvão.

Fotografia 3: Ferramentas dos pirquineros.



Fonte: www.casatormini.cl

Enquanto ouvia a fala do guia, fiquei pensando nos idosos que havia conhecido em IDO, em 2012, velhos, doentes, magros... será que produto das condições duras do trabalho da *pirquineria*, os seus corpos sofreram esta transformação? A degeneração do corpo faz parte desta velhice? Será que existe uma visão romântica, uma idealização do *pirquintero*? Como será o trabalho dos *pirquineros* atuais?

Com essas primeiras indagações contatei com um colega que me daria carona para chegar em IDO. Assim, recorri mais uma vez às minhas redes profissionais, desta vez

da minha ex-chefe, e ela pediu a esse colega para me levar. Devo reconhecer que foi uma ajuda e um alívio muito grande porque eu não tinha certeza de como chegar ao povoado por conta própria.

Assim, meu colega me apanhou em *Caldera*. Passaríamos por *Copiapó*, onde eu queria tirar dinheiro do caixa eletrônico porque em IDO não há dispositivo bancário. No trajeto ele me contou que havia dois caminhos para chegar a IDO, um por *Copiapó*, que foi o que percorremos, e outro pela costa, mas era um caminho de terra e seria necessário termos uma caminhoneta. Demoramos, aproximadamente, duas horas e meia para chegar a IDO, e fiquei maravilhada com o povoado visto da estrada: estava muito iluminado, acredito que nunca o tinha visto naquele horário, na verdade estava muito lindo. Quando entramos no povoado fiquei impressionada ao ver tantas pessoas na rua, as lojas abertas, as pessoas na praça ou conversando nas esquinas. Lembrava de IDO de outro modo, como um povoado fantasma, com casas e janelas fechadas, com o comércio fechado, sem pessoas nas ruas. Não sabia se essa mudança era parte do *boom* econômico que estava experimentando, produto das novas empresas que estavam se estabelecendo na zona, ou o povoado teria “ressuscitado” com mais comércio e mais acomodações; ou se era porque eu sempre havia visto o povoado somente aos fins de semana. Certamente essas dúvidas iriam fazer parte das minhas questões que seriam aprofundadas depois, mas IDO ia se desvelando aos poucos para mim.

Conforme havia combinado com Fidel procurei pela casa dele. Eu não lembrava muito bem onde estava localizada e acredito que fiquei um pouco desorientada devido a presença de tantas pessoas nas ruas. Após fazer algumas perguntas cheguei ao local – a loja de Fidel. Ele não estava lá; somente sua esposa. Perguntei por Fidel e ela perguntou se eu era Pâmela. Eu falei que sim, e que esperava que ela acabasse de fazer o que estava fazendo. Muito amável, ela me cumprimentou e contou-me que naquela noite eu iria dormir em outro lugar e que apenas no dia seguinte eu poderia ir para a casa dela. Foi um alívio porque tinham me falado que ela não gostava muito de receber pessoas na casa e que preferia primeiro conhecê-las. Assim, acredito que ela gostou de mim, pois disse, explicitamente, que não tinha problema nenhum em me receber.

A casa de Fidel possui vários quartos, e nos fundos estão localizados os banheiros e a cozinha, onde os trabalhadores que pernoitam no lugar fazem as suas refeições. Essas acomodações estão a cargo da irmã caçula e mais velha do Fidel. Elas eram as encarregadas de cozinhar, limpar e arrumar os quartos.

Fidel me explicou o funcionamento da casa e disse-me que era alugada. Também me disse que os homens que ocupavam o alojamento, os trabalhadores, eram decentes, bem-comportados; informou-me sobre a rotina deles, os horários, para que eu pudesse me organizar, principalmente para não topar com eles, dado que eu seria a única mulher que ficaria no alojamento. Contudo, a sua irmã caçula me tranquilizou dizendo que os tinha advertido para se comportarem comigo. Esse fato provocou uma das questões centrais a aprofundar: o gênero.

A chegada com meu colega me ajudou muito no ingresso no povoado porque o fiz acompanhada de um homem. Como a pessoa com quem combinei a estadia em IDO também é homem, aconteceu um estranho processo de traspasso de eu, mulher, por parte de um homem, a outro homem. Acreditei que esse evento foi além de apenas um fato corriqueiro, com certeza fazia parte importante da vida do povoado e das suas relações de gênero, dos papéis que cada um tem, das atividades que cumprem. Fiquei pensando que por ser um povoado cuja atividade econômica principal é a mineração, isso deveria contribuir para os papéis bem marcados; homens mineradores, mulheres donas de casa, cozinheiras. Nesse contexto, qual seria meu lugar no povoado? Sob quais coordenadas os incanos iriam me colocar? Qual seria minha posição?

A partir do meu ingresso em IDO, em 2014, e durante os meses que permaneci morando ali, outubro a dezembro de 2014 e janeiro de 2015, comecei a me deparar com uma questão importante: o gênero. A chegada no povoado acompanhada do meu colega e o meu traspasso ao Fidel por parte dele gerou inquietações em relação a esse tema que, com o passar dos dias, começaram a se fazer mais evidentes, provocando as tensões que minha presença gerava no povoado e se expressaram nas coordenadas com as quais os incanos perceberam meu lugar.

Pelo fato de não estar, desta vez, no povoado na condição de profissional com um trabalho a realizar, as tensões deram-se pela ambiguidade dos papéis que cumpriria durante minha estada: por que uma mulher, com idade para estar casada, ter filhos, ter casa, decidia livremente morar em um povoado tão distante? Qual era a minha atividade? Eu não tinha trabalho nem tinha que me responsabilizar por uma casa como as mulheres de IDO? O que estava fazendo, então?

Durante esses meses de trabalho de campo aprendi a me movimentar pelo povoado, aprendi com meus interlocutores os seus tempos, os espaços, os temas sobre os quais poderíamos conversar, nos quais poderia me inserir. Mesmo assim aprendi, sem certa frustração, que havia certos tempos, espaços e falas nos quais era difícil, para

não dizer impossível, entrar. Com paciência e muito respeito eles me deixavam fora desses âmbitos do campo. Percebi, então, que, aos poucos, eu aprendia com meus interlocutores, e no transcurso da experiência etnográfica ia aprendendo a aprender (Velho, 2006).

No trabalho de campo, durante o segundo semestre de 2014 (outubro, novembro, dezembro) e janeiro do ano de 2015, conheci novos interlocutores: por meio dos interlocutores antigos; por indicação do casal com quem morei (Fidel e sua esposa); conversando na rua, na praça ou em algumas atividades realizadas no povoado as quais assisti. Os dados contidos na Tabela 2 referem-se a esses novos interlocutores.

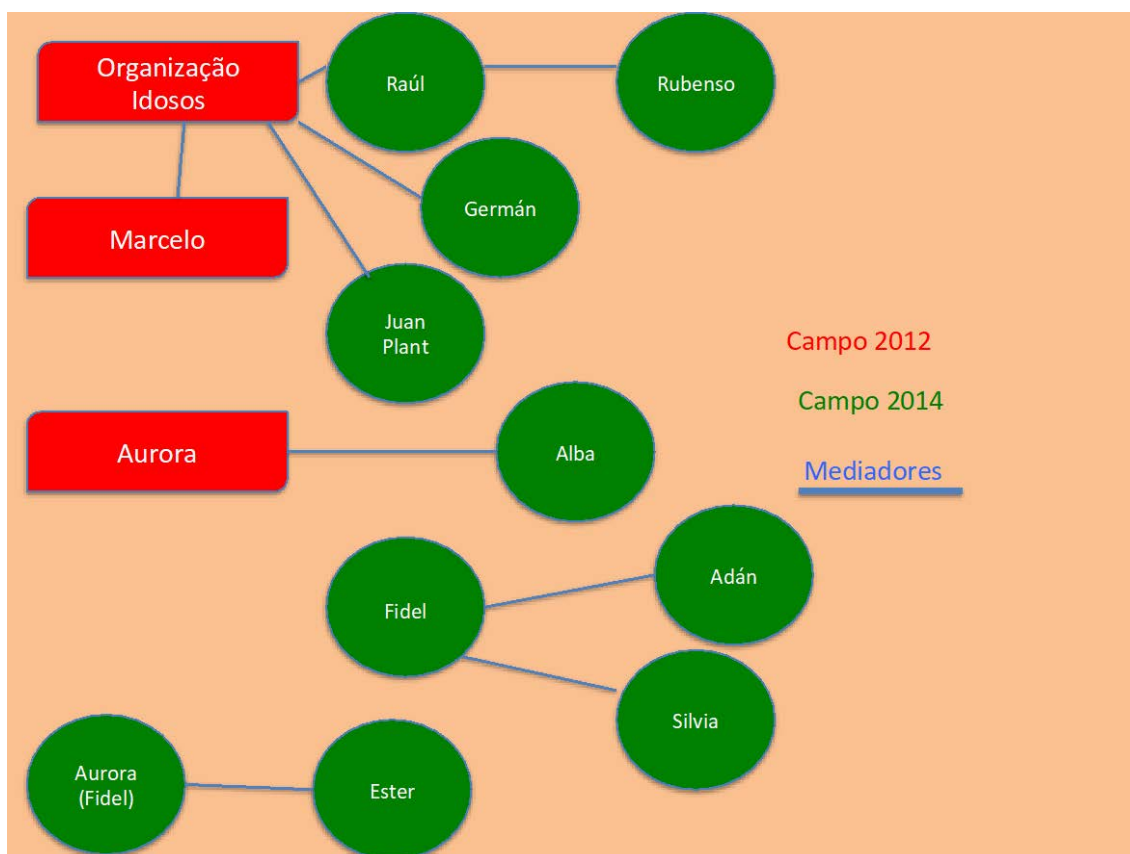
Tabela 2: Interlocutores novos - 2014

Nome	Apelido	Cidade origem	Estado Civil	Filhos	Organização Idoso atual
Raúl	<i>Adriazola</i>	Santiago	Solteiro	Três	Liderança
Germán	<i>Mario</i>	Vega de Chañaral	Viúvo	Cinco	Membro
Adan	<i>Loro</i>	La Serena	Casado	Sem	Sem
Roberto	<i>El Tapia</i>	Los Vilos	Solteiro	Sem	Sem
Ada	<i>Adita</i>	Santiago	Casada	Três	Sem
Juan Ponce	<i>El Ponce</i>	La Serena	Casado	Seis	Sem
Hilda	<i>Daniela</i>	Vallenar	Casada	Duas	Sem
Silvia	<i>Silvia</i>	Potrerrillos	Casada	Três	Sem
Ester	<i>Estercita</i>	Coquimbo	Solteira	Um	Sem
Teresa	<i>Teresita</i>	IDO	Viúva	Três	Sem
Juan Rojas	<i>El guata</i>	La Serena	Solteiro	Sem	Sem
Ana	<i>Anita</i>	El Salado	Viúva	Um	Membro
Juan Osorio	<i>Plant</i>	IDO	Casado	Três	Membro
Alba	<i>Albita</i>	IDO	Casada	Três	Sem
Rubenso	<i>Lencho</i>	IDO	Casado	Três	Sem
Zacarías	<i>Zacarías</i>	IDO	Solteiro	Sem	Sem

Fonte: Elaborado pela autora.

Os mediadores principais do campo de 2014 foram Dom Marcelo, Dona Aurora e o casal com quem morei nesses meses. A Figura 2 ilustra os interlocutores e seus mediadores.

Figura 2: Interlocutores - Rede social



Fonte: Elaborado pela autora.

Por meio da Etnografia de rua, realizada durante o campo, conheci alguns dos interlocutores através das falas nascidas nas ruas de IDO e na praça. Desse modo, entrei em contato com Dom Roberto, Dom Juan Rojas, Dona Ana, Dona Hilda, Dona Ada, Dona Benice. Finalmente, através das visitas a igreja e a participação nas missas, conheci a Dom Zacarías.

- **Terceiro encontro: continuação e término do campo da pesquisa doutoral - 2016.**

Meu retorno a IDO ocorreu no primeiro semestre de 2016. Voltei depois de quase um ano de permanência em Porto Alegre, RS, ocupando-me com outras exigências do Doutorado. Desde minha chegada em Santiago, no fim de 2015, retomei os contatos com Fidel desejando alugar-me novamente nas dependências daquela casa. Desta vez, as comunicações foram por e-mail. Ele aceitou e confirmou minha estada em IDO para os meses do primeiro semestre. Minha ideia era morar no vilarejo até agosto, mês em que se comemora o santo patrono dos mineradores, San Lorenzo. Depois dessa festa, planejava voltar ao Brasil para me dedicar à escrita da tese.

Assim, fiquei no povoado de abril a agosto, permanência entremeada com algumas viagens à minha cidade, Santiago, por motivos familiares. Isso me possibilitou enfrentar o segundo campo (2016) com o conhecimento do vilarejo do primeiro campo (2014), situação que me permitiu focar o campo nas questões a aprofundar, as quais tinham sido trabalhadas com minha orientadora, em aulas, no Navisual e de forma pessoal em Porto Alegre principalmente após a minha qualificação, em julho de 2015.

Essa minha segunda viagem foi mais fácil e independente. Como já conhecia o lugar sabia como chegar diretamente de Santiago. O ônibus saía de Santiago e depois de 12 horas pela estrada norte do Chile, passando pelas principais cidades dessa parte do meu país, deixava-me na estrada que cruza IDO, justo na frente da casa do Fidel. A maior parte das vezes fiz essa viagem à noite, pois me parecia que nesse horário a viagem era mais curta. Mas nesse me retorno viajei de dia, chegando em IDO à noite.

Quando cheguei Fidel me esperava em frente da casa, e me ajudou a carregar a mala. Entrei e cumprimentei com carinho a sua esposa. Um de seus sobrinhos estava passando uma temporada na casa, e ajudava seus tios no trabalho. Durante o jantar eles me contaram as novidades do vilarejo, e as notícias que mais me impactaram foi saber como tinham vivenciado a enchente que inundou a região em março do 2015¹⁵, e como as cidades próximas haviam sido devastadas pela cheia do rio *Copiapó*. Esse rio secou há muito tempo, mas as contínuas chuvas daquele período o encheram a ponto de sair do leito e entrar nas cidades de *Copiapó*, *Diego de Almagro*, *Chañaral*, *Salado*. Graças à altura em que se localiza, IDO não foi inundada, mas a comunidade ficou sem eletricidade e isolada durante os primeiros dias da enchente. Porém, muitos incanos têm familiares e amigos morando nas diferentes cidades próximas a IDO, e a enchente os afetou.

Soube também, nessa conversa que alguns idosos que conheci em 2014, e inclusive em 2012, tinham falecido durante 2015. Dom Ismael Contreras, que em 2012 era o presidente do Clube de Idosos Mineradores, e que em 2014 estava hospitalizado na cidade de *Diego de Almagro* por causa da silicose que afetava sua saúde. No campo anterior eu o tinha visto na rua, durante suas esporádicas visitas ao povoado. Sentado na rua principal, ele olhava o povoado e falava com seus amigos. Reparei que estava mais magro do que em 2012. Embora fosse arriscado sair do hospital porque ele não

¹⁵ A enchente aconteceu no mês de março de 2015 em várias cidades do norte chileno (Antofagasta, Atacama e Coquimbo). Nessa região, os rios saíram de seus leitos porque choveu em grande quantidade. Situação pouco usual na área. A enchente deixou 31 mortos e 49 pessoas desaparecidas.

conseguia respirar por muito tempo sem o balão de oxigênio, ele precisava ver IDO ver amigos e conhecidos. Mesmo fazendo mal à sua saúde ele passava algumas horas no vilarejo e voltava a *Diego de Almagro* à ao entardecer. Foi a última vez que vi Dom Ismael.

Com muito pesar soube da morte de dois dos meus interlocutores com quem tinha dividido momentos em 2014. Dona Ester, que trabalhava como paramédico no posto de saúde, tinha sofrido câncer e faleceu em poucos meses. Quando a conheci, surpreendi-me com sua magreza e suspeitei que algo poderia estar acontecendo, mas nas conversas que tivemos não se referiu à doença alguma, destacando seu trabalho no posto de saúde e sua vida em IDO. Mesmo não sendo originária do vilarejo, há mais de 20 anos morava ali e se considerava uma incana. Lembro com afeto e respeito o café da tarde que compartilhamos em sua casa, a forma atenciosa e carinhosa de me tratar. Senti sua perda.

Fiquei devastada ao saber da morte de Dom Juan Ponce, *pirquinero* de IDO. Em 2012 conheci Dom Juan e sua companheira, Dona Ada, durante a inauguração de uma nova central de tratamento de água da empresa de *Aguas Chañar*, localizada nos limites do povoado *Inca de Oro*. Nessa atividade me aproximei deles porque eram os únicos *incanos* não lideranças na cerimônia. Na conversa mantida com eles soube que estavam juntos há mais de 20 anos e que tinham problemas significativos de saúde. Apesar de Dom Juan não utilizar algum instrumento para auxiliá-lo a caminhar, contou-me que sofria de silicose, uma doença pulmonar causada pelos longos anos em que trabalhou como *pirquinero* nas minas, sem proteção, ou seja, sem qualquer equipamento que o impedisse de aspirar o pó residual dos minérios que peneirava manualmente. A silicose fazia que Dom Juan não conseguisse se movimentar fora de sua casa por muito tempo sem utilizar um equipamento de oxigênio. Quando o conheci ainda podia permanecer algum tempo sem ele, mas sua condição foi se agravando com o passar do tempo. Dona Ada, por sua vez, sofria de problemas nos quadris, produto de uma forte queda que havia sofrido há alguns anos. No final da atividade acompanhei-os até sua casa, onde moram sozinhos, e eles me convidaram a visitá-los quando quisesse. E assim o fiz.

Depois desse primeiro encontro visitei-os muitas vezes. Algumas vezes tomávamos café da tarde, assistíamos à televisão, e, em outras, eu ajudava Dona Ada nos afazeres domésticos. Ainda que ela não me pedisse eu sentia vontade de ajudar devido ao fato de que, na maioria das vezes, ela sentia muita dor nos ossos. No decorrer

das visitas, Dom Juan piorou. Muitas vezes permanecia na cama, conectado ao aparelho de oxigênio por longos períodos. Suas crises aumentaram, e em julho de 2015 faleceu.

Foram muitos os momentos divididos com esse casal, muitas tardes de café, de televisão, inclusive viagens a *Copiapó*, e saber da morte de um deles foi muito triste para mim. Dom Juan sempre foi atencioso comigo, tratando-me com respeito e afeto, preocupado com o meu bem-estar e me falando sobre sua vida, seus aprendizados. Quando visitei a Dona Ada, em 2016, fomos juntas ao cemitério e lá deixei uma flor que comprei em *Diego de Almagro*, flor plástica para que o forte sol do deserto não a estragasse e conseguisse persistir ao tempo, como o fará a lembrança de Dom Juan em mim.

Fiquei preocupada em saber que o esposo da Dona Silvia, Dom Basilio, estava hospitalizado há alguns meses. Conheci esse casal em 2014, mas fiquei mais próxima dela, e me senti muito triste em saber de sua situação.

Ainda durante esse jantar eu soube que outros dos meus interlocutores se achavam bem. Fiquei contente em saber de Dom Marcelo, Dona Anita e de tantos outros, e desejei que a noite passasse rápida para poder visitá-los no dia seguinte.

Nesse campo, conheci possíveis interlocutores novos — Dona María, Dona Elvira e Dona Tita. Tinha ouvido falar sobre elas, mas mesmo com meus esforços não foi possível criar um vínculo nem a confiança para poder visitá-las e falar sobre suas vidas. Com Dona María e Dona Elvira consegui apenas ter falas informais quando, por acaso, nos encontrávamos nas ruas do povoado, não conseguindo concretizar uma visita. Com o passar do tempo percebi que estavam se sentindo incomodadas com minhas abordagens e aceitei que não seria possível torná-las minhas interlocutoras na pesquisa. Dona Tita foi mais direta e expressou sua rejeição em participar da minha pesquisa, questionando o benefício que poderia lhe trazer e destacando as tantas vezes que tinham vindo pessoas para falar com eles e nunca tiveram acesso aos resultados das pesquisas feitas. Expliquei-lhe minha pesquisa e tentei elaborar uma justificativa, mas seu agir e expressão corporal me indicaram que não conseguiria convencê-la e aceitei sua negativa. Ao retornar para casa depois da conversa com Dona Tita pensei que, no fundo, ela estava coberta de razão e que eu devia aprofundar meus esforços de dialogar com meus interlocutores e descobrir uma forma de retribuição ou devolução da pesquisa.

No restante do campo centrei-me em aprofundar com os interlocutores as dimensões sobre as quais eu havia refletido em Porto Alegre, sobretudo em relação ao trabalho com material imagético.

Nesse contexto, considero que foi importante para a pesquisa doutoral a Oficina “O imaginário colonial de índio: algumas vias de desconstrução” a cargo da Professora Dra. Ana Elisa de Castro Freitas, da Navisual, realizada em 2015. Essa oficina me ajudou a refletir sobre alguns importantes quesitos no campo.

No campo realizado em 2014, no contexto da Etnografia da duração, tirei inúmeras fotografias do vilarejo, dos interlocutores, seus espaços, seus lugares e os âmbitos de significância. Naquele momento da pesquisa me relacionei com as imagens no sentido de um recurso estratégico aliado ao meu caderno de campo (Caiuby, 2012, p. 13), em uma tentativa de dar conta do que não conseguia expressar por meio de palavras, da escrita ou das descrições; o deserto, o céu, a terra, as árvores, as construções velhas, as construções abandonadas do vilarejo.

Esse olhar das imagens faz parte do uso das visualidades nas pesquisas antropológicas da primeira metade do século XX, como forma de lidar com os dados empíricos, com o fim de desenhar, exemplificar, na procura da saída do reino das palavras (Eckert e Rocha, 2015, p. 19). Acreditei que o possível uso delas em minha pesquisa precisava ir além de uma “ferramenta” metodológica para dar conta de determinada realidade social. Dessa forma, e de acordo com Aby Warburg, as imagens devem ser entendidas em seu caráter duplo, como instrumentos, mas também como via por meio da qual se pode explicar o enigmático; devem ser entendidas como formas materiais enquanto pensamento (Apud Waizbort, 2015, p.19). Assim, através delas e com elas é possível construir tipologias de imaginário (Eckert e Rocha, 2015, p. 25) ou se aprofundar na vida cotidiana. Tudo aquilo fazia parte das principais questões com as quais me deparei na pesquisa, e uma metodologia desse tipo foi muito útil para dar conta da vida cotidiana dos idosos, a qual foi compreendida muito além das atividades vivenciadas no dia a dia, em seus aspectos repetitivos e rotineiros, mais próxima do imaginário. (Martins, 2008, p. 83; Eckert e Rocha, 2015).

Dessa forma, e seguindo os temas e autores discutidos na oficina, as imagens se apresentaram não apenas como objetos, mas também como atos, memórias, questionamentos, visões e prefigurações, oferecendo a possibilidade de romper com uma temporalidade linear, abrindo espaço para o múltiplo, o heterogêneo, a memória. Essas reflexões sobre as imagens me convidaram a pensar em um passo necessário na

forma de abordá-las em minha pesquisa desde um mero instrumento a um caminho por meio do qual podia adentrar nas visões dos próprios idosos sobre sua vida cotidiana, seu processo de envelhecimento e sobre sua vivência da velhice.

Nesse contexto, a oficina ajudou-me a refletir sobre duas linhas de trabalho com as imagens a serem trabalhadas no campo de 2016, as quais passo a descrever.

- Oficina com a organização de Idosos Mineradores (clube): Inspirada nas metodologias das pesquisas descritas no artigo “A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia” de Sylvia Caiuby Novaes (2012), e “Bem Viver” Kaingang e seus desafios. O exercício do direito de petição e sua aplicação no processo de reconhecimento territorial” (2015), dos autores Douglas Jacinto da Rosa e Ana Elisa de Castro Freitas, cogitei um trabalho negociado com os idosos sobre as imagens capturadas no primeiro campo. Nessa oficina discutimos algumas questões veiculadas pelas imagens e a vida em IDO, ou seja, envelhecer, e a vida cotidiana, ou seja, a velhice. Dessa forma, escolhi algumas fotografias já tiradas sobre o povoado, deserto, atividades, vida cotidiana, vida compartilhada, e pedi aos idosos que se identificassem com elas, discutirem sobre elas, como forma de permitir que a memória tanto individual quanto coletiva se revelasse. Também discuti sobre as imagens que faltavam para dar conta do que vinha à tona, aproveitando o fato de que a constituição das imagens se faz sempre em um diálogo de imagens, as quais permitem que se reporte a outras imagens. (Apud Waizbort, 2015, p. 18).

Acreditei que uma metodologia desse tipo ajudaria a estender minha capacidade de ver no sentido de uma estratégia de pesquisa (Caiuby, 2012, p. 20). Porém, também criei um cenário adequado para os idosos refletirem sobre eles mesmos, sobre o que significa envelhecer no povoado, o que significa ser idoso no momento atual. Discussão pertinente se pensarmos que a organização de idosos criou-se a partir de uma política pública que fomenta a associatividade das pessoas idosas e que procura gerar um comportamento cidadão neles, no sentido de se olharem como protagonistas e não somente como executores.

Através de um trabalho coletivo nessa oficina acreditei ser possível construir uma narrativa a partir da visão dos idosos e permitir um processo no qual seja o próprio autóctone quem pensa, no sentido do discutido na primeira sessão da oficina quando assistimos e decupamos o filme *Bicicletas de Nhanderú*.

A oficina com essas características aconteceu no domingo de 26 de junho de 2016. Não foi fácil marcar um dia para realizar aquela atividade, principalmente porque os idosos estavam com dificuldades de se reunirem, por motivos e tempos deles próprios. Assim, meu interlocutor, Dom Marcelo¹⁶, depois de algumas tentativas, sugeriu-me aproveitar a comemoração do aniversário da formação da organização para trabalhar com os membros do clube. De qualquer modo decidi realizá-la, mesmo correndo o risco de a oficina não se desenvolver da melhor forma para os objetivos da minha pesquisa. Também porque pensei que seria uma maneira adequada de mostrar as imagens para eles em um contexto de festividade, podendo servir como um presente no seu dia.

Mesmo com os constantes convites, avisos, confirmações realizadas por Dom Marcelo, apenas sete dos 28 membros compareceram. Segundo as justificativas dadas pelos mesmos idosos, isso se deve a que muitos dos membros da organização trabalham.

A Tabela 3 mostra os idosos que participaram dessa oficina.

Tabela 3: Oficina de imagens Organização idosos mineiros.

Nome	Apelido	Cidade origem	Estado Civil	Filhos	Organização Idoso atual
Marcelo	<i>Tembladera</i>	La Serena	Solteiro	Sem	Liderança
Aurora	<i>Aurorita</i>	Cuba (IDO)	Viúva	Nove	Liderança
Clodomira	<i>Clora</i>	Vallenar	Casada	Cinco	Membro
Raúl	<i>Adriazola</i>	Santiago	Solteiro	Duas	Liderança
Hector	<i>Paleta</i>	Vallenar	Casado	Cinco	Membro
Gonzalo	<i>Gonzalo</i>	La Serena	Casado	-----	Membro
Juan Osorio	<i>Plant</i>	IDO	Casado	Três	Membro
Felix	<i>Felix</i>	La Serena	-----	-----	Membro

Fonte: elaborado pela autora.

¹⁶ Dom Marcelo faz parte do quadro diretivo da Organização de Idosos Mineiros. Ocupa o cargo de secretário, porém, na realidade, é quem faz funcionar o clube, e por não trabalhar pode dedicar seu tempo às atividades do quadro diretivo.

Fotografia 4: Oficina de imagens Organização idosos mineiros.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

• Trabalho com idosos e suas imagens: de forma semelhante realizei uma atividade com alguns idosos em separado, utilizando as imagens de um tirada no primeiro campo. Ao mostrá-las ficamos conversando sobre suas reminiscências trazidas e narradas no presente e sobre seu futuro. Através desse trabalho, possibilitou-se a inclusão dos próprios acervos imagéticos dos interlocutores. Esse trabalho permitiu também discutir quesitos éticos, saber se as imagens poderiam ser mostradas na pesquisa e quais poderiam ser exibidas em uma possível exibição e quais não.

Essa oficina individual foi realizada com sete interlocutores que não participaram da oficina da Organização de Idosos Mineradores. Porém, somente com quatro deles foi possível realizar um trabalho aprofundado. Um casal disse não se sentir representado pelas imagens e uma idosa não se sentiu à vontade no exercício.

Na Tabela 4 constam os idosos que participaram dessa oficina.

Tabela 4: Idosos e suas imagens individuais

Nome	Apelido	Cidade origem	Estado Civil	Filhos	Organização Idoso atual
Ada	<i>Adita</i>	Santiago	Casada	Três	Sem
Hilda*	<i>Daniela</i>	Vallenar	Casada	Duas	Sem
Silvia	<i>Silvia</i>	Potrerrillos	Casada	Três	Sem
Teresa	<i>Teresita</i>	IDO	Viúva	Três	Sem
Ana*	<i>Anita</i>	El Salado	Viúva	Um	Sem
Pedro*	<i>Pascual</i>	IDO	Casado	Três	Sem
Benice	<i>Paloma</i>	Santiago	Solteira	Duas	Sem

Fonte: elaborado pela autora. * O trabalho não foi possível.

Fotografia 5: Idosos e suas imagens, Dona Silvia.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 6: Idosos e suas imagens, acervo próprio. Dona Teresa.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Vali-me das questões debatidas na oficina para pensar em uma metodologia de trabalho com a qual poderia incorporar os idosos na pesquisa a partir de um lugar protagonista, e de que modo os interlocutores poderiam fazer parte de minha pesquisa e como lidar com os desafios que um trabalho desse tipo impõe. E acredito que essa metodologia permitiu enfrentar e dar lugar à alteridade, aos idosos nesse caso, em diálogo e não apenas como sujeitos que me proovessem de informações para responder minhas inquietações.

Finalmente, no campo de 2016 dediquei-me a estabelecer contatos com algumas autoridades do povoado, entre os quais o presidente da Associação Mineradora, com quem depois de algumas semanas consegui marcar uma entrevista com ele em seu escritório. A entrevista girou em torno das políticas do Estado, sobre a pequena mineração, ou *pirquineria*, as atividades dessa organização no vilarejo, e a importância e o lugar que ocupa na região. Também viajei até a cidade próxima de *Diego de Almagro* com o fim de entrevistar profissionais funcionários públicos, com quem falei sobre as políticas na cidade, centrando-me na situação dos idosos. Também entrevistei um experto local em temas de água e cultura indígena da região, pessoa que trabalha na feira, mas há mais de 30 anos faz pesquisas de forma autônoma. Também fui a *Copiapó* para falar com a encarregada das políticas públicas da região para os idosos, e falar com um sociólogo, acadêmico, pesquisador da região, que me ajudou muito a melhorar minha visão sobre ela.

- **Etnografia da duração: lugar da pesquisadora; lugar da fronteira**

Parte do processo da Etnografia da duração e da escrita da pesquisa tem a ver com reconhecer o lugar ocupado no campo, em relação ao modo com que meus interlocutores e os demais habitantes do povoado me inseriram nos códigos aceitos em IDO. Assim, aprendi que nos tempos, espaços e falas em que era aceita e onde não era, relacionavam-se ao lugar que eles haviam construído para mim. Dessa forma, a pesquisa me mostrou como eu fazia parte dela mesma e as tensões geradas em torno da minha pessoa. Portanto, reconheci que a experiência etnográfica vivenciada só poderia ter sido vivenciada por mim, que ela seria muito diferente com a presença de outro pesquisador (Velho, 2006) e, portanto, devia esclarecê-la na escrita.

As primeiras vezes que vivenciei tensões foram relativas ao relacionamento com a esposa do Fidel. Fidel mora com sua esposa e seus dois filhos, em uma casa que se

encontra junto ao negócio de mercearia atendido pela esposa, lugar em que a encontrei pela primeira vez ao chegar ao povoado. A casa deles possui três quartos, o do casal, o dos filhos e um terceiro que é usado para convidados, e foi neste onde fiquei. No entanto, quando cheguei em IDO eles estavam hospedando a única mulher do grupo de trabalhadores que alugava a casa de acomodações. Essa mulher havia solicitado a Fidel para ficar em sua casa, afastando-se, assim, dos homens do grupo. Assim, a cada 15 dias ela voltava ao povoado e ficava nesse terceiro quarto. No segundo dia de minha estadia em IDO, ela foi embora para descansar e passei a ocupar aquele quarto. O filho mais velho do casal, estudava em *Copiapó*, de modo que eu poderia dormir na cama dele enquanto o terceiro quarto estivesse ocupado. No começo, o filho caçula não quis compartilhar o quarto, pois sentia vergonha por eu ser mulher, então dormia com os pais, mas ao longo dos dias começou a se sentir à vontade comigo e começamos a compartilhar o quarto. Essa forma de morar na casa de Fidel durou pelo menos um mês e me deixou mais exposta à família; lentamente, começaram a se manifestar as tensões de gênero entre a esposa de Fidel e eu. Eu passava muito tempo fora da casa durante o dia, mas existiam certos horários nos quais nos encontrávamos, por exemplo, depois de almoço. Nesse horário ela aproveitava para arrumar a casa, fazer faxina, lavar roupa, alimentar os cachorros, etc. E eu aproveitava para descansar do sol, ler ou escrever. Assim, a diferença entre as atividades desenvolvidas por nós duas, dentro da casa, começou a se desvendar oposta. E ela começou a estranhar muito o meu comportamento, ao ponto de fazer comentários que me incomodaram.

Me gustaría tener tu vida Pamela. / Gostaria de ter tua vida Pâmela.
(Esposa do Fidel)

Esses comentários faziam referência principalmente a que eu tinha tempo demais, tempo em que, na concepção dela, eu não fazia nada produtivo, enquanto ela devia continuar trabalhando nas coisas da casa. Com o passar dos dias passei da sensação de julgamento a me dar conta de que estava surgindo uma importante questão de gênero: minha forma de ser mulher ia de encontro à dela, e como não cumpria com os papéis de uma mulher de IDO passei a ser tratada pelo casal como uma filha, uma menina que deviam cuidar.

No caso de Fidel isso se manifestava por meio de piadas e brincadeiras quando queria saber em que lugar eu tinha estado, em que horário voltaria para casa, salientando que devia pedir permissão para ele porque era meu pai no povoado. Pelo

lado de sua esposa, se manifestou através do papel que assumiu de me cuidar, solicitando expressamente que eu sempre a informasse onde estaria, com quem, quando voltaria. Lembro-me de uma ocasião em que decidi viajar à cidade de *Copiapó* para realizar alguns trâmites bancários que em IDO não podia fazer, e quando perguntei sobre o trajeto, eles se mostraram muito preocupados de que eu viajasse sozinha, principalmente porque podia me perder ou sofrer algum roubo na cidade. Quem me auxiliaria? Ao voltar de *Copiapó* ela me olhou com surpresa ao perceber que tinha voltado bem, salva e tranquila.

Essa posição de “filha”, de “menina” também foi o tratamento que a maioria dos idosos me dispensou. Muitas vezes, ao percorrer as ruas, eles brincavam comigo, dizendo-me para não voltar muito tarde para casa ou me perguntavam se a esposa de Fidel não ficava incomodada com minhas contínuas saídas, pois estando fora eu não poderia auxiliar nos afazeres domésticos.

No entanto, foi a solteirice na minha idade o que provocou mais inquietações nos incanos, principalmente nos homens. Muitas vezes em que conheci alguns idosos eles perguntavam-me de imediato se havia “alguém que chorasse por mim?”, ou se era casada, etc. Quando dizia que era solteira brincavam dizendo que eu devia arrumar um incano, um minerador. Portanto, o fato de eu ser mulher solteira passava a ser um problema que eles deviam resolver. Mas isso também me provocou algumas situações incômodas por parte de alguns idosos, um em especial começou a me instrumentalizar, a me usar para se exibir frente a seus pares. Desse modo, muitas das vezes que me encontrei com ele na rua, ou em reuniões, ele fazia comentários de que eu deveria pedir permissão para me ausentar do povoado ou tentava me paquerar.

Si tuviera diez años menos me juntaría con usted. / Se tivesse dez anos menos me juntaria a você. (Idoso)

Esse tipo de situações foram perturbadoras, e mesmo dando-me conta de que fazia parte das relações de gênero que se estabeleciam com mulheres solteiras, ou sem homem, não consegui lidar muito bem com a situação e decidi me distanciar dele quando o encontrava com amigos ou na rua. Isso porque em contextos familiares ele comportava-se totalmente diferente, como um avô, um esposo, um pai.

A tensão que gerei pela falta de um homem que me controlasse também repercutiu nas mulheres. Ainda que tenha falado pouco com mulheres jovens, a esposa de Fidel me orientou para tomar cuidado de não provocar problemas com os homens

jovens, no sentido de que não me vissem conversando com eles sozinha porque as namoradas eram ciumentas. Fiquei muito surpresa com seu comentário, mas concordei que deveria prestar atenção.

Entendi que ser uma mulher solteira e sem filhos em idade de casar e de ser mãe gerou profundas tensões nos incanos, porque não sabiam em que lugar me colocar, pois em uma sociedade na qual os papéis devem estar bem definidos, os lugares ocupados por homens e mulheres, minha presença gerava confusão. Em consequência, alguns dos homens tentaram me tratar segundo os códigos para as relações de gênero do povoado. Por exemplo, o vendedor de uma banca de sucos brincou comigo, perguntando se eu queria ser sua modelo para promover seus sucos. Também um dos trabalhadores alojado na casa de Fidel tentou me convidar para jantar, mas quando perguntou a Fidel sobre mim Fidel “deu uma espantada”, dizendo que eu tinha ido embora e que não queria ele comigo. Porém, foi uma situação em particular que me orientou melhor na compreensão das relações de gênero no vilarejo.

No retorno a IDO, em 2016, levei a meus interlocutores algumas das fotografias que tinha tirado em 2014, conforme havia prometido. Entreguei as fotos a vários dos idosos, enfatizando que eram um presente. Alguns deles ficaram surpresos e mais de um me perguntou quanto dinheiro me devia, não sendo fácil para eles aceitar meu presente. Frente aquilo expliquei que fazia parte da pesquisa e que era o mínimo que eu podia fazer frente à disposição deles em me ajudar. No entanto, esse ato, que pode ser entendido como devolução de minha posição de pesquisadora, provocou confusão em alguns idosos e os levou a me localizar dentro dos códigos culturais do povoado, dentro das relações de gênero, que depois da cena etnográfica que passo a descrever, entendi que se baseavam em uma lógica econômica, constituindo uma economia de gênero.

Em determinada ocasião, e como todos os dias, fui para a rua antes de almoçar para ver com quem me encontraria naquele horário. Assim, sentados fora do restaurante *Mi Pueblo* estavam dois idosos: um deles eu já conhecia bem e o considero um dos meus interlocutores; o outro eu o tinha visto e falado poucas vezes. Depois dos cumprimentos, o idoso com quem eu tinha falado pouco, perguntou-me se eu poderia tirar uma fotografia dele e depois trazê-la para ele, e falei que sim. Depois de fotografá-lo, sentei-me ao lado deles. Esse idoso começou a falar comigo e logo a fala girou em torno de dinheiro. Explicou-me que possuía dinheiro no banco, tinha uma conta corrente e cartão de débito, o que lhe permitia tirar dinheiro do caixa quanto tivesse vontade. Também indicou que tinha um cartão de crédito com 150.000 pesos chilenos

(aproximadamente 740 reais), isso lhe permitia aceder a qualquer coisa na hora que quisesse. Escutei, tentando entender o motivo daquela conversa dele. Além disso, manifestou seu interesse de me convidar para almoçar, mas infelizmente não serviam almoço nesse dia. Estranhei, agradei e educadamente desisti do almoço, acrescentando que devia almoçar na casa de Fidel. Deixei passar uns minutos e fui embora, algo tinha me incomodado na fala desse idoso. Ao chegar em casa contei a Fidel o fato. Ele escutou e quando acabei meu relato disse que o idoso estava tentando me paquerar, ainda mais que era uma forma muito comum no povoado de se relacionar com mulheres mais novas. Aconselhou-me a não ficar sozinha com ele. Sua esposa escutou a conversa e ficou evidentemente incomodada, xingou-me por não ter me dado conta que com esse idoso devia tomar cuidado, e acrescentou que como mulher tinha intuição e dava para reconhecer que o idoso tinha outras intenções.

Mesmo ficando incomodada pela situação, refleti novamente sobre a confusão e as tensões geradas por causa de minha presença e de minha solteirice, e como aquilo me ajudava a entender melhor as relações de gênero no vilarejo. Essas relações estão muito marcadas pelas atividades definidas para homem e mulher. Assim, a atividade mineradora, que caracteriza IDO, é principalmente masculina, enquanto que as tarefas da casa, do lar, são responsabilidade das mulheres. Elas também podem trabalhar, mas em atividades relacionadas a essas responsabilidades, desse modo, são cozinheiras ou faxineiras. Nesse contexto, minha forma de ser mulher afastava-se muito das concepções que eles possuíam.

A distinção por gênero no trabalho está relacionada aos diferentes papéis que cada um deve desempenhar. Assim, culturalmente, se espera que as mulheres fiquem dentro do contexto privado, dentro das casas, enquanto é permitido aos homens se desenvolvam no contexto público. Vivenciei isso caminhando pelo povoado, nas ruas sempre era possível me encontrar com homens sentados nas esquinas, conversando nos negócios, fazendo piadas na praça, enquanto as mulheres utilizavam o espaço público principalmente como trânsito, deslocando-se de um lado ao outro. Por exemplo, para conversar com os idosos sabia que poderia encontrá-los na rua, porém, para falar com as idosas era melhor visitá-las em suas casas. Isso está relacionado a uma questão histórica e cultural, enfatizada pelos incanos: as mulheres sabem que “seus” homens, sejam esposos ou filhos, não gostam de vê-las nas ruas

Essas diferenças de papéis são vivenciadas pelos incanos sem muita discussão, identificando tipos de trabalhos para homens e para mulheres. Por exemplo, a irmã mais

velha de Fidel, me contou que ela nunca gostou de cozinhar e que na verdade sempre gostou mais dos trabalhos dos homens, até acreditava que se tivesse nascido homem teria trabalhado nas minas. Também a irmã caçula do Fidel, ficou muito surpresa quando soube que nem minhas irmãs nem eu sabíamos cozinhar, para ela foi quase uma brincadeira.

É aceito que as mulheres trabalhem, mas devem dar conta das responsabilidades da casa de qualquer maneira. Lembro-me que certa vez ouvi a esposa de Fidel falando com mais duas mulheres sobre o cansaço que sentiam do trabalho, destacando que quando chegavam em casa deviam cumprir com seus papéis de donas de casa, e encerraram a discussão enfatizando que trabalhavam mais que os homens. Embora essa situação pudesse estar presente nas vidas de muitas mulheres, o interessante é que nessa fala entre amigas não questionavam o fato. As mulheres aceitam as responsabilidades domésticas como parte do que significa ser mulher.

Nesse contexto, compreendem-se as tensões geradas pela minha presença no vilarejo, a confusão dos papéis de gênero e, portanto, a ambiguidade nas relações de gênero.

A ambiguidade da minha posição, somada à minha solteirice e idade fazia com que, às vezes, fosse percebida como uma “mulher disponível” no mercado das economias de gênero de IDO. Novamente foi a esposa de Fidel quem me explicou a dificuldade das pessoas de IDO em entender minha presença no povoado, em entender o tratamento que eu lhes dispensava, minha disposição para escutá-los, visitá-los, meu interesse neles. Isso não era fácil de entender, estava fora das próprias relações de gênero do povoado.

Por outro lado, a ambiguidade da minha posição me permitiu fazer coisas que para outras mulheres estava proibido. Assim, não ter um papel definido dentro das relações de gênero de IDO facilitou minha inserção em contextos nos quais as mulheres só entravam em casos especiais. De fato, a presença de mulheres na rua no vilarejo se restringe a uma mulher que sofre de uma doença mental e sempre fica próxima dos carros que param para comprar algo nos negócios perto da estrada, ou por outras mulheres que gostam de beber e ficam na rua batendo papo e fazendo piadas com alguns amigos. Gloria Anzaldúa (2012, p. 39) descreve em sua obra, já mencionada, que no seu povoado as mulheres tinham três possibilidades de ser: mãe dentro da casa, freira na igreja e prostituta na rua. Com o passar dos anos, somou-se a possibilidade de a mulher sair do vilarejo para estudar.

Dessa forma, a ambiguidade de minha posição, somada à lembrança de que tinha trabalhado como profissional nas oficinas de 2012 fazia com que minha presença na rua, minha permanência nela, fosse entendida e aceita. Muitas vezes em que fiquei sentada junto aos idosos, em espaços marcadamente masculinos, era observada com surpresa pelos motoristas que passavam pelas ruas, pois eu era a única mulher presente naqueles espaços e era aceita pelos homens que acostumavam ocupá-los. Também essa posição possibilitou minha visita a algumas minas próximas a IDO, lugares nos quais ia acompanhada apenas pelo idoso minerador que explorava a mina, situação infrequente, mas que era possível graças a minha condição de profissional, posição que me facilitava movimentar-me naqueles espaços masculinos, mesmo sendo uma mulher em idade de me casar sem homem que tomasse conta de mim. Nesse sentido, ajudou muito morar na casa de Fidel, pois eles eram identificados e se reconheciam como meus responsáveis, por isso sempre os avisava sobre minhas saídas.

No entanto, se essa ambiguidade me favoreceu ser aceita nesses espaços, o mesmo não aconteceu com a Associação de Mineradores. Mesmo me apresentando ao presidente dela, mesmo conhecendo idosos que faziam parte do quadro de sócios, eles nunca formalizaram um convite para que eu entrasse na Associação, diferente do que acontecia com as minas. Aquela organização era um espaço marcadamente masculino e as mulheres que participavam tinham algum vínculo com algum homem — esposa, viúva, irmã, filha. Por ser um lugar masculino muitas vezes era disponibilizado para os mineradores assistirem a jogos de futebol, jogar cartas, etc., e em algumas ocasiões havia bebida, atividades essas que me eram desaconselhadas por ser mulher em idade de casar, sem homem, morando no vilarejo, mesmo sendo profissional.

Dessa forma a organização foi quase um tabu para mim, e só consegui entrar em algumas atividades oficiais — eleições, velórios de incanos ou aproveitando a presença de algum dos meus conhecidos. Certa vez, ao procurar um dos meus principais interlocutores, o encontrei na Organização junto a mais dois idosos. Eles estavam jogando cartas, e sentei-me com eles, tentando entender o jogo. Porém, logo reparei que minha presença era constrangedora, pois eles estavam apostando dinheiro. Fingi-me de boba me interessando só no jogo e de falar com eles, no entanto, entendi que as atividades que ocorriam na Organização não poderiam ser reveladas abertamente, e que talvez se fosse outro pesquisador masculino poderia ter mais acesso.

Acredito que minha posição na pesquisa, tanto no campo quanto em Porto Alegre, pode ser lida por meio da concepção de fronteira proposta pela Gloria Anzaldúa

(2012). Segundo a autora, e lembrando o já assinalado, a fronteira é utilizada como uma forma de distinção entre pessoas, podendo ser geográfica, cultural, sexual, de gênero, racial, de classe (Belausteguigoitia, 2009, p. 152). Vinculando as reflexões dessa autora com a pesquisa doutoral considero que a fronteira, a minha distinção, está dada pelo meu corpo e o que ele comunica.

Morando em Porto Alegre, minha condição de estrangeira é desvelada principalmente por meu sotaque, mas também por certas marcas corporais que as pessoas observam nele e sobre as quais podem saber que não sou daqui. Assim, muitas vezes foi destacado meu tipo de cabelo, liso e a forma dos meus olhos como características impróprias do brasileiro. Em algumas ocasiões, ao ser inquirida sobre minha procedência, e ao ser confirmada a suspeita de estrangeira, as pessoas assinalam que tenho o “tipo chileno” e mesmo me explicando que se deve a forma do meu rosto, olhos, cabelo, etc., não consigo entender bem qual é esse tipo. Nesse sentido, e me apoiando no discutido por Mauss sobre a relação entre o corpo e as sociedades, ou no conceito de habitus de Bourdieu, como princípio gerador das práticas sociais, meu corpo deve comunicar certas formas de agir; certa forma de me posicionar nos lugares; de caminhar; de ser diferente, etc., as quais não consigo enxergar, mas que estão presentes e são transmitidas.

Da mesma forma, meu corpo no campo deve falar também sobre minha qualidade de estrangeira em IDO. Embora seja chilena e tenha muitas coisas em comum com meus interlocutores, meu corpo lhes fala que não sou do vilarejo. A cor da minha pele, a sensibilidade ao sol e ao deserto e sobretudo minha forma de agir, de me movimentar pelo povoado. Sendo meu corpo, cruzado pelas condições de gênero, idade e atividade já mencionadas, o portador da minha distinção, da minha fronteira. É por meio dele e dos lugares que ocupei no campo, nos espaços masculinos — a rua, as minas — que minha diferença é observada, aceita ou não pelos incanos.

Pensar sobre minha posição na pesquisa doutoral permite me reconhecer como parte ativa dela, situação que me propicia relacionar-me com ela, como um outro, de modo a não cair em interpretações exóticas.

CAPÍTULO 2

Processo modernizador chileno

Esta tese objetiva a compreensão do processo de envelhecimento e da vivência da velhice no povoado minerador, *Inca de Oro*, localizado na terceira região do Chile. Para tal fim acreditei fundamental mostrar a estrutura social (Das, apud Ortega, 2008), o contexto no qual esse vilarejo se localiza, visando o processo modernizador da região (Elias, 1993) e as políticas atuais destinadas ao sector minerador.

Através dessa análise exponho como se explica a existência de uma economia fortemente vinculada à mineração com grandes ganâncias econômicas e um forte processo de envelhecimento da população, expresso em uma maior esperança de vida e maior quantidade de pessoas acima dos 60 anos.

2.1 Chile — país de sucesso minerador

O Chile é conhecido mundialmente pela atividade mineradora que desenvolve em seu território. Economicamente falando, a mineração corresponde à quase metade das atividades ali produzidas. Os principais minerais explorados são o Cobre, o Ouro, a Prata e o Molibdênio, em ordem de importância como se apresenta na Tabela 5.

Tabela 5: - Produção e reservas no Chile 2014

	Produção Chile	Participação na produção mundial	Ranking na produção mundial	Participação em reservas mundiais
Cobre	5,74 milhões de TM	31%	1	30%
Ouro	44,16 TM	2%	14	7%
Prata	1,426 TM	6%	7	15%
Molibdênio	48,77 mil TM	21%	3	16%

TM: toneladas métricas.

Fonte: Minería en cifras (Consejo Minero, 2015)

Esse sucesso minerador e sua consequência positiva para o desenvolvimento do país tem profundas raízes históricas, sobretudo no que tange ao território norte, onde existem grandes quantidades de minerais que têm atraído as sociedades desde os tempos pré-colombianos (Salazar, 2003-2004; Romero, 2011).

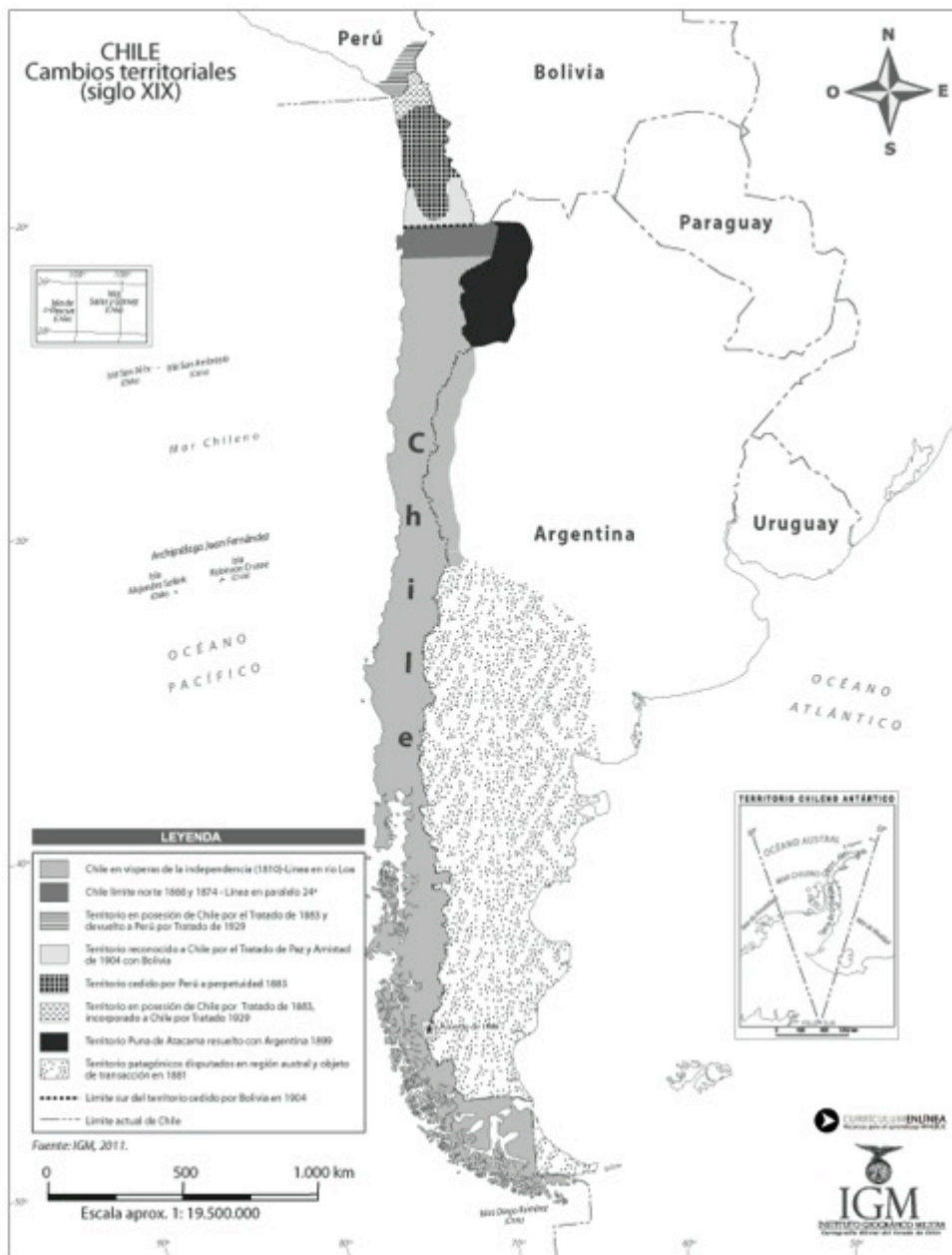
“En el área andina los seres humanos encontraron una de las regiones del mundo más ricas en minerales, incluyendo grandes reservas de antimonio, cobre, estaño, nitratos, plata, platino, plomo, oro, hierro y zinc, entre otros (Oyarzún 2000). Por lo mismo, la historia humana en los Andes ha estado estrechamente vinculada a la experimentación, explotación, transformación y uso de estos minerales, desde las primeras ocupaciones hasta nuestros días” (Vaughn e Tripcevich 2013 APUD Salazar e Vilches, 2014, p. 5)

Esse território setentrional do Chile, no qual se localiza o Deserto de *Atacama*, abrange dois nortes: *Norte Grande* e *Norte Chico*, os quais seguiram diferentes caminhos históricos, diferentes escolhas e tomada de decisões em termos de exploração, industrialização e modernização. Assim, cada território apresentou diferentes formas de viver a modernidade, mas coexistentes. Nesse sentido, conhecer a história da mineração não diz respeito, somente, à história de um processo econômico e tecnológico, mas também à história de uma cultura, de uma maneira de ser no mundo e de suas transformações (Salazar, 2003-2004).

a) *Norte Grande*: modernização da indústria da Mineração.

No começo do século XIX, o Chile deixou de ser uma colônia espanhola para se converter em uma república independente. Durante grande parte desse século a fronteira Norte do país compreendia a atual III região de *Atacama*, assim denominada por causa do deserto que cruza o seu território. Só após a guerra do Pacífico, contra a Bolívia e o Peru, durante os anos 1879-1883, o atual território extremo Norte das regiões foi anexado ao país.

Figura 3: - Mudanças territoriais do Chile.



Fonte: Ministerio de Educación chileno en línea.

Como forma de diferenciar o novo território anexado, em consequência da guerra do Pacífico, foram criados os nomes de *Norte Grande e Norte Chico*, sendo este último o primeiro Norte do país.

“En el desierto de Atacama, la situación de los límites entre Bolivia y Chile era objeto de controversia y no existía aparentemente certeza absoluta en los límites internacionales. Durante la primera parte del siglo XX, Bolivia no definió claramente en algunas zonas del desierto de Atacama los límites con precisión” (Molina, 2010, p. 118).

Figura 4: Norte do Chile



Fonte: Cocilovo, Varela, Costa-Junqueira, Quevedo (2005).

A inserção do *Norte Grande* ao país significou uma grande inversão mineradora no que se refere à exploração das Salitreiras localizadas nas novas terras¹⁷. O salitre é uma mistura de nitrato de sódio e nitrato de potássio usado como fertilizante, auto-oxidante e na construção de explosivos e armas.

O processo de exploração desse mineral foi feito pelo Estado chileno com importante participação de investidores estrangeiros, principalmente ingleses. Isto porque o Chile não possuía as condições tecnológicas para tal fim, em um contexto de mineração herdeira das formas de exploração da colônia, com predominância da exploração artesanal dos tempos pré-colombianos, mantida por muitos anos e sem avanços tecnológicos significativos.

“...la era republicana insertó a Sudamérica, y a la zona andina, dentro de procesos globales como el capitalismo, en virtud de la presencia de nuevos y más diversos poderes extranjeros.” (Salazar e Vilches, 2014, p. 12)

¹⁷ Possessão que motivou a guerra entre os três países.

Em virtude da chegada de investidores estrangeiros para explorar as salitreiras estabeleceu-se um modo de produção capitalista, com características muito similares às condições europeias de produção. Na Europa, o sistema capitalista e a industrialização produziram grandes transformações na forma de habitar as cidades (Lefebvre, 2001; Hannerz, 1986), mesmo que a cidade existisse desde os tempos antigos. Portanto, foi a Revolução Industrial que fomentou a origem de centros urbanos em escalas nunca antes vistas, novas formas de compreender o trabalho e novas formas de se relacionar em um mesmo espaço.

O processo da industrialização produziu o estabelecimento das indústrias nos arredores de algumas cidades. Com o passar do tempo essas indústrias se transformaram em fontes de energia, transporte e trabalho. Lefebvre (2001) assinala que as indústrias privilegiaram cidades próximas às fontes de energia (rios, florestas, carvão), de meios de transporte (rios, canais, estradas de ferro), de matérias-primas (minerais) e de reservas de mão de obra (artesão, camponês, tecelões, ferreiros). Às vezes, foram as próprias indústrias que criaram seus centros urbanos, os quais foram o cenário de novas complexidades, devido à concentração dos meios de produção em um único espaço e à variabilidade das relações sociais. Essas complexidades da vida urbana possibilitaram novos encontros, conflitos e formas de viver coexistentes e foram objeto de estudo da Escola de Chicago.

No Chile, a exploração das salitreiras encaminhou a mineração, nos territórios anexados no extremo Norte, a um nível para além do conhecido na forma de exploração no *Norte Chico*¹⁸, um nível modernizador. A produção capitalista das salitreiras contemplou a criação de diferentes sedes, com avanços tecnológicos, incorporação de maquinaria nas tarefas produtivas, separação de operações e a construção de complexos arquitetônicos. Isso se somou à existência do transporte ferroviário que se adaptou, aos poucos, às demandas das explorações salitreiras e as uniu com os portos mais próximos, favorecendo as exportações dos minerais. Essa industrialização possibilitou a modernização da mineração.

Semelhante às experiências similares estudadas, tanto em contextos europeus quanto latino-americanos (Arredondo, 2014; Eckert, 1985, 2012; Rodriguez e Miranda, 2010; Gascho, 1982), cada salitreira construiu um complexo habitacional para albergar a população que chegou para trabalhar em suas jazidas. As salitreiras contemplaram, na

¹⁸ Características da exploração do Norte Chico serão analisadas na secção seguinte.

criação das moradias, um sentido urbanístico de desenvolvimento com espaços desenhados para morar e para se divertir, e ruas e praças construídas segundo um plano de construção que buscou dar ordem à vida dos mineradores. Assim, os donos capitalistas das salitreiras investiram grandes quantias de dinheiro na construção dos espaços com o fim de organizar o trabalho, a vida social e comunitária.

O planejamento urbano visou evitar os possíveis conflitos, a delinquência ou a desordem, elementos que vão de encontro à lógica de produção. Dessa maneira, o patronato capitalista procurou um novo mundo para os trabalhadores, mundo livre de vícios e desvinculado do resto do território. Nesse tipo de produção industrial, cada salitreira tornou-se um universo econômico, simbólico e cultural com limites definidos. E, segundo alguns autores (Arredondo, 2014), o dono da salitreira, o empresário, correspondia à figura de um pai preocupado com seus trabalhadores, tanto que a empresa era considerada a mãe, a provedora dos lucros. Esse novo mundo seria o arquétipo da modernidade presente na mineração do extremo Norte chileno, também conhecido como o fenômeno das *Company Town*, *Cité ouvrière*, *Industrial Village* ou *Poblado Industrial* (Garcés, s/d).

Todavia, o planejamento das Salitreiras, muitas vezes correspondia a uma utopia, pois os trabalhadores eram submetidos a uma relação hierárquica muito forte, em que a regulação da vida, unicamente, procurava acrescentar as ganâncias dos donos. O sistema de *pulperías* existente, no qual os mineradores podiam comprar alimentos com fichas entregues pela mesma companhia, fazia com que o dinheiro dado aos trabalhadores, sob o suposto conceito de salário, voltasse às mãos de origem.

Contudo, o auge das Salitreiras decaiu nas duas primeiras décadas do século XX com a criação do salitre sintético na Alemanha, de custo muito menor, provocando fortes consequências econômicas e sociais no Chile. No entanto, mesmo com as crises sociais provocadas pelo fechamento das Salitreiras do Norte do Chile, com o êxodo e as migrações forçadas de sua população à procura de novas ofertas de trabalho, a mineração continuou sendo o principal motor da economia chilena (Salazar, 2003-2004), desta vez voltada à exploração do Cobre.

Esse modelo de produção capitalista utilizado nas Salitreiras atingiu a exploração do Cobre, indústria que também se fez com participação de investidores estrangeiros e sob o modelo das *Company Town*, como se observa na construção das *Cidades do Cobre* de *Potrerillos* e *El Salvador* na Figura 5, a seguir.

Figura 5: Terceira região do Chile.



Fonte: González, Castells e Westfall (2008)

De forma semelhante ao acontecido nas Salitreiras do *Norte Grande*, as cidades do cobre foram concebidas por empresas americanas. Assim, com uma nova origem, uma nova história, a mineração era apresentada como o maior símbolo de modernização, virando as costas à ampla tradição indígena local das explorações feitas naquela zona, por considerar que essa tradição representava ideais contrários ao desenvolvimento modernizador das cidades do cobre.

A cidade de *Potreriillos*, construída em 1919 por investidores americanos, ocupa 18 hectares e situa-se a 2.800m acima do nível do mar. Inicialmente, o minério foi explorado pela empresa americana *Andes Copper Mining Company Corporation* que, entre os anos 1918 e 1920, habitou um acampamento da mineradora e conseguiu conectar a cidade com o porto de *Chañaral* através das linhas ferroviárias. Seguindo um plano urbanístico ordenado, próprio das *Company Town*, a empresa americana construiu, perto da praça, a igreja, a escola, o hospital, Delegacia de polícia, lojas, hotel, prédio do sindicato, um teatro e um estádio. Também classificou diferentes bairros por atividade: obreiros, empregados, os chefes americanos e para estes foram construídos um campo de golfe e um clube de tênis.

No ano 1925, *Potreriillos* já era reconhecida como uma das cidades mais modernas da região de *Atacama*. Sua população trabalhava e vivia sem necessidade de se relacionar com outras cidades da região, provocando um isolamento semelhante ao

das Salitreiras. Na década de 1960, as jazidas começaram a se esgotar, embora tenham se mantido até 1997, quando *Potrerillos* foi declarada zona de poluição pelo Estado chileno. Assim, em 1999, as famílias tiveram que se mudar para as cidades próximas — *Copiapó*, *El Salvador* e *Diego de Almagro*.

Na década dos 1980, *Potrerillos* passou a ser propriedade da CODELCO que, atualmente, opera as instalações industriais após um processo de adaptação às novas condições tecnológicas e ambientais (Garcés, s/d). Aliás, a empresa tem um programa de turismo que permite planejar visitas para conhecer a cidade e os modos de vida das pessoas que ali moravam há muito pouco tempo. Graças a esse programa tive a oportunidade de visitar e conhecer os lugares, as casas e as ruas, testemunhas silentes de um passado bem-sucedido. Atualmente, somente a fumaça funciona e, em primeiro de novembro, a igreja recebe aos antigos moradores que para lá se dirigem para homenagear seus familiares já falecidos.

El Salvador, construída em 1959, situa-se a 2.300m acima do nível do mar e ocupa oito hectares como complemento da usina industrial de *Potrerillos*. É uma cidade planejada pela empresa americana *Andes Copper Mining Company Corporation*, considerada cidade modelo, na qual a mineração e a vida urbana conseguiriam viver em harmonia. Assim, encontra-se conectada às principais estradas e possui um aeroporto. O planejamento foi cuidadosamente elaborado a fim de resguardar a visão de uma cidade acolhedora para seus moradores, com igreja, clube social, cinema, bancos, restaurantes, áreas comerciais, hospitais, escolas e um estádio de futebol. Mesmo com todo esse planejamento, semelhante ao que ocorreu com *Potrerillos*, tudo indica que haverá o fechamento de *El Salvador* por causa de sua poluição.

Os elementos descritos desse tipo de cidade proveem seus habitantes de características próprias que os diferenciam dos demais habitantes do deserto. Tive a oportunidade de falar brevemente com uma família moradora de *El Salvador*, em um sábado de feira, na cidade de *Diego de Almagro*. Em uma conversa que durou o tempo em que cada um levou para tomar um refrigerante e comer um sanduíche, a família contou-me que há 30 anos morava na cidade de *El Salvador* e que só esperava o fechamento da mineradora para ir embora. Perguntei aos membros dessa família se não gostavam de *El Salvador* e responderam que existe uma diferença muito grande entre as pessoas que trabalham contratadas pela CODELCO e aquelas que não. Segundo o pai da família, isso “era incômodo porque as pessoas se achavam muito e não eram muito

simpáticas”. De fato, o motivo de a família estar de passeio na cidade próxima de *Diego de Almagro* era para aproveitar um lindo dia com pessoas mais abertas e simpáticas.

Fotografia 7: Fumaça de Potrerillos.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 8: Praça de Potrerillos



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Essa simples experiência mostra a importância das indústrias na formação desse tipo de cidades, porém, a tentativa delas em modelar, orientar e desenhar a vida dos trabalhadores não consegue evitar situações de conflito ou tensão entre seus moradores. A partir do exposto; quais são as formas de explorar os minérios no denominado *Norte Chico* que se diferenciam daquelas feitas no *Norte Grande*? Por que existia na exploração industrial, tanto do salitre quanto do cobre, a preocupação pela organização?

b) Exploração Mineradora no Norte Chico.

O território abrangente da atual terceira região do Chile, *Atacama*, recebeu uma importante influência cultural andina desde os tempos pré-colombianos (Cabello, González, Garrido, 2010). Durante o período denominado *Alfarero Medio* (700 a 1.000 d.C.) as populações locais da região vincularam-se ao Império *Tiwanaku*, que ajudou no surgimento e no desenvolvimento das culturas *Copiapó* e *Diaguíta* do período seguinte, o *Intermedio Tardío* (1000 a 1400 d.C.). Isso ocorreu no período *Tardío*, quando o Império Inca chegou a região (1400 a 1536). O Inca Topa Yupanqui começou a conquista da região, por meio de suas tropas e soldados, assim depois de um período de tensões e negociações, conseguiu fazer uma aliança com os chefes locais.

O Império Inca potencializou a metalurgia, pois as populações locais haviam explorado os recursos mineradores de forma limitada. Assim, o Império Inca instalou o *sistema de mit'a*, no qual a população local ou os *mitayos* (especialistas vindos de outros lugares) tributavam ao Império seu tempo de trabalho nas minas.

“Así, por ejemplo, actualmente podemos afirmar que el Tawantinsuyu o estado incaico ejerció un control directo no sólo sobre las explotaciones de oro y plata como sugerían las investigaciones etnohistóricas (p.e. Berthelot 1986), sino que también en las explotaciones mineras de cobre y de piedras semipreciosas como la turquesa (Núñez 1999, 2006; Cantarutti 2013; Salazar et al. 2013a e 2013c, APUD Salazar e Vilches, 2014, p. 13)

Depois da conquista do Império Inca por parte dos espanhóis, os conquistadores continuaram explorando as minas trabalhadas pelos Incas, porém desenvolveram a indústria ainda mais. Introduziram mudanças na produção, implantaram lavadouros de ouro e estabeleceram novas populações para trabalhar de forma obrigatória. No entanto, a escassez do recurso hídrico no Deserto de *Atacama* fez com que a mineração não tivesse muita ascendência econômica, e a zona foi conhecida principalmente por ser a fronteira septentrional do chamado reino do Chile.

A cidade de *Copiapó*, capital regional de *Atacama*, foi fundada em 1744, com o nome de *San Francisco de la Selva de Copiapó*. As outras cidades da região, nomeadas de *Huasco* e *Vallenar*, foram fundadas em 1755 e 1789. A exploração do ouro converteu *Copiapó* e *Vallenar* em eixos econômicos da região, assim foi crescendo o número de pessoas interessadas em investir nessa atividade, e mesmo sendo uma empresa arriscada muitos mineradores especializaram-se na busca de veios ricos em minérios.

A região de *Atacama* caracterizou-se por passagens de ciclos de ascensão e queda, tanto da atividade econômica quanto da população. Nesse contexto, seus habitantes se deslocavam pelo território seguindo os ciclos laborais, mas a mineração sempre se manteve como atividade central.

No século XIX a região começou a florescer e atingiu o nível de província, *Atacama*. Sua capital, *Copiapó*, viu-se enriquecida pelas descobertas de importantes jazidas de prata — *Chañarcillo*, em 1832, e *Tres Puntas*, em 1848. Conseqüentemente, a atividade mineradora e a população aumentaram, precisando de vias férreas que transportassem os recursos minerais extraídos das minas. Por esse motivo criaram-se as cidades de *Caldera* e *Chañaral*, as quais passaram a ser importantes portos.

Nesse período, a exploração dos territórios do *Norte Chico* era feita, principalmente, por empresas individuais, nas quais uma família ou uma pessoa sozinha dava conta de uma jazida, na maioria das vezes tendo a sorte por parceira. Assim quando um veio, era descoberto e a notícia se difundia, muitos homens confluíam para as redondezas para explorá-lo e, com eles, chegavam investidores, banqueiros, comerciantes e muita diversão. Assim, criavam-se pequenos assentamentos que ofereciam álcool, jogos de apostas, festas e mulheres aos mineradores. Muitos desses assentamentos, denominados as *Chinganas*, duravam o tempo das explorações, e as pessoas, sem trabalho, partiam atrás de novos sítios de exploração. Porém, em outros lugares, a exploração contínua das jazidas possibilitou a formação de pequenas cidades que recebiam pessoas vindas tanto de outras partes do país quanto do mundo, à procura de uma boa jazida, visando extrair importantes lucros. Foi o caso de *Chañarcillo*, *Tres Puntas*, *Cachiyuyo*, entre outras.

“Los riquísimos minerales de oro y plata de Chile, despertaron en mí el anhelo de viajar, y la vana esperanza de que sería capaz de adquirir una gran fortuna en corto plazo para regresar a Europa”. (Tretler, 1958, p. 24)

Em relação aos assentamentos, estes eram formados, principalmente, por homens solteiros com o fim de investir ou trabalhar como mineradores, os quais atraíam muitas mulheres e prostitutas. Quando o tamanho do assentamento crescia, o governo (localizado em Santiago) colocava algum tipo de polícia para que as leis fossem respeitadas, porém muitas das vezes, a polícia não conseguia fazer que as mesmas fossem respeitadas. Em um contexto no qual a fortuna é efêmera – as pessoas podiam ser pobres naquele momento, mas em outro poderiam achar um veio maravilhoso e se tornarem ricas, e logo, no mês seguinte ou menos, a riqueza poderia se perder nas apostas, em enganar ou gastar com bebidas e prostitutas - a diversão e os vícios estão na ordem do dia, de modo que a desordem, os conflitos e a delinquência podem acontecer.

No século XIX, entre 1851 e 1863, Paul Treutler (1958), químico alemão, percorreu o Chile e viveu sete anos em *Atacama*. Graças às narrações de suas vivências podemos saber como a vida transcorria nessas cidades dedicadas à exploração de minérios, nesse território, que compreendia o atual *Norte Chico* durante a primeira metade do século.

“En cuanto cayó la noche, se encendió una fogata frente a cada carpa, y se comenzó a tocar música, jugar, a bailar, a beber y a encender fuegos artificiales. En una parte se encontraban extendidos en el suelo numerosos ponchos, con miles de pesos en oro encima de ellos y rodeados de jugadores. (Treutler, 1958, p. 107)”

“Tres Puntas se encuentra situado a 26 40’ de Lat. S., a 6066 pies sobre el nivel del mar. El hotel se encontraba en una plaza no pavimentada cubierta por harapos, donde descansaban porcinos y asnos entremezclados; el aire apestaba con el olor de numerosas cabezas de vacunos y perros muertos botados en las calles. Nuestro albergue era solamente una casa de tablas, a la que tenía libre acceso el viento helado de la tarde, a través de grandes rendijas en las paredes. Después de habernos lavado - dos reales nos cobraron por el agua - y de haber comido al precio de 10 pesos por un bisteque a lo pobre y café, buscamos, cansados, un rincón en el suelo, para envolvernos en nuestras frazadas y prepararnos para los trabajados del día siguiente por medio del sueño. (Treutler, 1958, p. 114)

“Nuestra situación llegó a ser crítica en extremo, pues los soldados, en vez de proteger la mina, se unieron a los mineros para apoderarse de la cancha y robar junto con ellos. No era posible seguir defendiendo la mina en tales circunstancias, y sólo cabía pensar en la salvación de nuestras vidas y las de los empleados, de modo que dejamos todo abandonado al saqueo. (Treutler, 1958, p. 126)

Antes do estabelecimento dos grandes capitais estrangeiros e da consequente industrialização e modernização do setor minerador, a forma de exploração das jazidas no *Norte Chico* distava muito do modelo das *company town*.

Mesmo assim, nesses territórios também foi criada uma forma de exploração mineradora que percorreu caminhos diferentes daquela explorada ao abrigo de uma empresa: a *Pirquinería*¹⁹, atividade sobre a qual me debruço nesta Tese.

Na *Pirquinería* as pessoas perambulavam pelo território, neste caso o deserto, à procura de jazidas ou lugares onde explorar minérios preciosos e, com o passar do tempo, perdiam o sentido de pertença a um lugar único, adotando o deserto como lar, vivendo em liberdade sem se submeter a ninguém (Arredondo, 2014). Esse minerador, o *pirquiner*, fazia parte de outra forma de compreender o trabalho na mineração, muito distante da figura do obreiro presente nas explorações das Salitreiras ou das cidades do cobre mencionadas. Em torno da liberdade própria do *pirquiner* construiu-se uma figura de homem forte, aguerrido, sem Deus nem lei, sem chefes, sem ataduras, mas também a de uma pessoa proveniente de outros lugares do país à procura da riqueza, do sonho da fortuna, pessoa sem família, muito solitária.

Atualmente, esse tipo de mineração continua se desenvolvendo e é denominado de pequena mineração ou de mineração tradicional, mesmo que sua importância tenha diminuído frente às novas condições econômicas das explorações da Grande Mineração do cobre (Lagos et al, s/d).

c) Políticas de Mineração e *Pirquinería*

Em termos de legislações, no Chile existem dois momentos importantes na história da mineração. Há a Lei n. 17.450, de 1971, sobre a nacionalização do cobre, a qual visou a defesa do recurso para os chilenos, pois os investidores estrangeiros assumiam grande protagonismo nessa indústria e ficavam com a maior parte dos lucros. Nas palavras de Salvador Allende, presidente do Chile, à época, a situação se resume assim:

Lo sucedido en la explotación del cobre por las empresas privadas en manos extranjeras. Quiero recordar, tan sólo, que las inversiones iniciales se aprecian en 50 ó 60 millones de dólares. Quiero decirles que desde 1930 a 1970 las utilidades de las empresas alcanzaron los 1.566 millones de dólares. Que los valores no retornados -es decir, que quedaron fuera de Chile- llegan en este período a dos mil seiscientos setenta y tres millones de dólares. Mientras tanto, entre el año treinta y el setenta se hacen inversiones netas por un valor de seiscientos cuarenta y siete millones de dólares. Pero esta inversión neta se hace a crédito, y hoy las compañías están debiendo setecientos millones de dólares al propio gobierno, por los dividendos cerca de cien millones, y además, a CODELCO, setenta y un millones y treinta

¹⁹ Ver capítulo 3 e 4.

*y un millón de dólares al comercio internacional y nacional.
(Discurso proclamação Lei n. 17.450²⁰)*

A outra lei é a Lei Mineradora, de 1982, criada durante o governo militar (1973-1990), quando se abriu o país aos investimentos estrangeiros, também se devolveram muitas empresas que foram estatizadas com a nacionalização, porém a CODELCO e a ENAMI permaneceram em mãos estatais. Acredita-se que a manutenção dessas empresas como públicas aconteceu por causa do forte sentimento nacionalista do governo militar (Vejar, 2014).

Com a volta à democracia, início dos anos 1990, assistiu-se ao chamado *boom minerador* caracterizado por um forte investimento estrangeiro e por uma perda de autonomia na tomada de decisões por parte do Estado chileno (Titelman, s/d). Por exemplo, das exportações totais feitas pelo Chile, as mineradoras representavam 61%, e 86,6% correspondiam ao cobre. Porém, apenas 30% era reservado ao Estado por meio da CODELCO, ficando os 70% restantes em mãos de capitais estrangeiros (Hughes, 2013). Dessa forma produziu-se um processo inverso, um processo de *desnacionalização* no que se refere à mineração do cobre.

Entre os atores da Grande Mineração do Cobre estão a CODELCO e uma grande quantidade de empresas transnacionais na indústria, as quais, segundo o Conselho Minerador (Molina, 2014; Lagos, Blanco, Torres e Bustos, s/d), são:

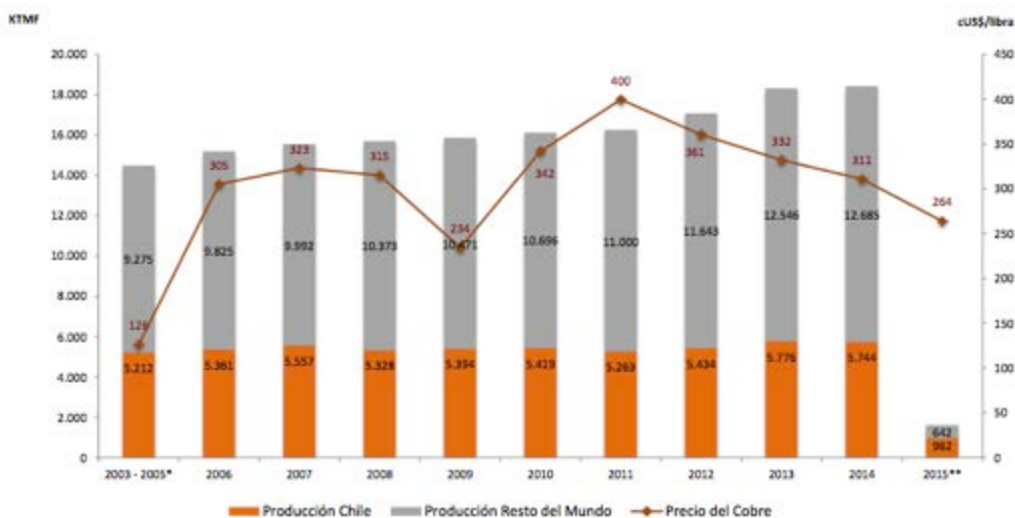
- Anglo American de capitais ingleses. Localizada em Antofagasta, Atacama, Santiago;
- Freeport-McMoran de capitais americanos. Situada em Atacama e Antofagasta;
- BHP Billiton de capitais ingleses e australianos. Localizada em Tarapacá, Iquique e Antofagasta;
- Antofagasta Minerals. Pertencente as empresas do Grupo Luksic (chileno). Situada em Antofagasta;
- Teck de capitais canadenses;
- Barrick Gold Zaldívar. Pertencente à empresa canadense Barrick Gold. Explorações feitas em Antofagasta.

²⁰ Discursos oficiais de Salvador Allende/Nacionalização do cobre no dia da Dignidade Nacional. 1971 (WIKISOURCE, 2013).

O *boom minerador* foi possível graças às legislações aprovadas durante o governo militar, leis que deixaram espaços para as explorações, leis menos exigentes que permitiram a consolidação do investimento privado (Lagos et al, s/d; Vejar, 2014). Por exemplo, o Código de Águas do ano 1981 que permitiu tratar esse recurso como um bem de consumo, como um bem de mercado. Assim, as mudanças acontecidas na ditadura chilena podem se resumir em falta de regulação do investimento estrangeiro e transnacional no país e presença de subsídios que procuraram atrair esse tipo investimento, acompanhado de um desregulamento ambiental dos recursos naturais, desregulamento e flexibilidade laboral (Vejar, 2014).

Atualmente, o Cobre representa a principal riqueza da mineração chilena e ainda podemos assistir as consequências do denominado *boom minerador* acontecido no início dos anos 90. Assim, das exportações mineradoras feitas, 92% delas corresponde a esse mineral. O boom econômico aumentou em três vezes a produção do cobre chileno na década 1990-2000 (Lagos, Blanco, Torres e Bustos, s/d), como se observa na Figura 6.

Figura 6: - Produção e preço do cobre 2003-2015



Fonte: Minería en cifras (Consejo Minero, 2015).

Corresponde à produção de cobre de mina.

* Média anual do período 2003-2005.

** Acumulado em fevereiro para a produção no Chile, em janeiro para a produção mundial e média do preço do cobre em março

Nas últimas décadas, a mineração do cobre mostrou importantes taxas de investimento e crescimento, e geralmente o crescimento é identificado como indicador de bonança econômica muito generosa para o país. Os benefícios obtidos através de uma economia são calculados por meio do aporte ao Produto Interno Bruto²¹, que corresponde a uma medida para representar a produção de bens e serviços dentro de um período determinado de tempo, ou seja, é usado principalmente para medir a riqueza de um país. A seguinte figura mostra a participação da mineração do cobre na constituição do PIB do Chile nos últimos 12 anos – através dele se expressa o lugar central que ocupa para suas atividades econômicas.

Figura 7: - PIB do setor minerador e a participação no PIB nacional 2003-2014



Fonte: Minería en cifras (Consejo Minero, 2015)

Isso descrito em cifras é possível de se encontrar em discursos, entre os quais o transcrito a seguir:

“Los excedentes generados por el mineral son ahora la principal fuente de recursos para el fisco, en el período subieron de los US\$ 1.000 millones, a cerca de US\$ 12.000 millones. Es más. Esta cifra que incluye los impuestos pagados por la minería privada, más los aportes directos de Codelco, representa un 20% de los ingresos fiscales y sólo el IVA²² aporta más recursos a las cajas fiscales. Realizando un simple ejercicio matemático, veremos también que gracias a ello el cobre ha permitido que hoy los chilenos paguen

²¹ PIB

²² IVA: *Impuesto al valor agregado*. É um imposto sobre o consumo no Chile. Nele se paga 19%.

menos impuestos. En efecto, si los aportes del cobre bajarán a la mitad y se quisiera mantener el mismo nivel de gasto fiscal, el IVA tendría que subir a 23% o los impuestos de las empresas a 35% -o adoptar alguna combinación entre ambas opciones. En breve, gracias al cobre los chilenos pagan menos impuesto” (Meyer, P. 14/05/2013).

Esse tipo de visão coloca a mineração em lugar privilegiado, visando ao bem-estar dos chilenos atuais:

“La minería es el más sólido pilar en que se sustenta el desarrollo económico y social de Chile. En los últimos siete años (2006-2012), además de aportar con el 15,7% del PIB, contribuir con el 21,7% del financiamiento fiscal y generar el 64% de sus exportaciones, es la industria chilena más competitiva y relevante en el ámbito internacional” (Sociedad Nacional de Minería, 2014, p.5).

Dessa forma, a questão do desenvolvimento da indústria mineradora no Chile relaciona-se a um processo modernizador que privilegia a Grande Mineração do *Norte Grande* e, segundo os interlocutores, produz a extinção da Pequena Mineração, do *Norte Chico*. Isso pode ser observado nas políticas e instituições públicas envolvidas no desenvolvimento do setor minerador.

No Chile, o organismo estatal que trata dos temas de mineração é o Ministério da Mineração criado em 1953. Seus objetivos são (www.mineria.gob.cl):

- Liderar o desenvolvimento minerador com o fim de permitir a inserção do valor no marco do desenvolvimento sustentável do setor.
- Posicionar o Ministério da Mineração como uma instituição de referência técnica, consolidando sua liderança nacional e internacional.

Dentro de suas políticas fundamentais constam:

- Apoiar o crescimento da atividade e investimento mineradora tanto privada quanto pública.
- Posicionar internacionalmente ao Chile como país minerador por excelência.
- Apoiar o desenvolvimento da mineração pequena e média através de políticas específicas de fomento e desenvolvimento de mercados.
- Implementar ações específicas para impulsionar a colaboração público-privada para potencializar a atividade da indústria em todas as etapas da cadeia produtiva, ambiental e comercial.

- Traçar os enquadramentos estratégicos que permitam melhorar o rendimento das empresas e direções públicas sob sua responsabilidade.

O Ministério da Mineração recebe ajuda de outras instituições estatais no cumprimento desses objetivos e dessas políticas: do Serviço Nacional de Geologia e Mineração (SERNAGEOMIN) e da Comissão Chilena do Cobre (COCHILCO).

O SERNAGEOMIN tem como objetivo assessorar o Ministério da Mineração e contribuir para com os programas de governo no desenvolvimento das políticas mineradoras e geológicas. Em seus objetivos estratégicos constam (www.sernageomin.cl):

- Incrementar a quantidade, a qualidade e a cobertura das fiscalizações na segurança mineradora nas instalações/trabalhos, com o fim de melhorar as condições de segurança do setor e diminuir os acidentes.
- Impulsionar, regularizar e acompanhar os projetos de exploração e fechamento de instalações/trabalhos mineradores na pequena mineração, garantindo o cumprimento da normativa em conjunto com as autoridades ministeriais.
- Assistir tecnicamente aos Tribunais de Justiça no processo de constituição de concessões mineradoras, garantindo uma resposta oportuna aos expedientes de exploração, com o objetivo de apoiar o crescimento da atividade e investimento minerador.
- Responder de modo oportuno às autoridades ambientais as solicitações de avaliação de impacto ambiental, contribuindo para o desenvolvimento sustentável.
- Gerar conhecimento maior sobre os recursos naturais e perigos geológicos do território nacional, por meio da vigilância da atividade vulcânica e assistência técnica em matérias geológicas, para as autoridades governamentais, contribuindo para o crescimento sustentável do país.
- Fomentar o investimento exploratório em recursos minerais, hídricos e energéticos, elaborando e colocando à disposição dos usuários informação e cartografia geológica do país, apoiando o crescimento da atividade.

- Fortalecer e promover a formação de especialistas e monitores em segurança mineradora, contribuindo para melhorar as condições de segurança no setor, diminuindo os acidentes e apoiando as políticas ministeriais.

A COCHILCO tem por objetivo assessorar o Ministério de Mineração em matérias de mineração do cobre, e os subprodutos e todas as substâncias minerais metálicas e não metálicas, salvo o carvão e os hidrocarbonetos. Também cuida dos interesses do Estado chileno e de suas empresas mineradoras através da fiscalização e da avaliação da gestão e investimento delas. Para tanto, realiza estudos, pesquisas e relatórios que contribuem para traçar, implementar e fiscalizar as políticas públicas (www.cochilco.cl).

Também são afiliadas a esse ministério duas empresas públicas: a Corporação Nacional do Cobre (CODELCO) e a Empresa Nacional Mineradora (ENAMI). Para entender o funcionamento dessas empresas deve-se saber que a atividade mineradora no Chile se divide em dois grandes grupos: a Mineração Grande e a Mineração Pequena e Média. As atividades realizadas na Mineração Grande referem-se a todos aqueles atores que conseguem comercializar seus recursos de forma autônoma. Já, os atores da Mineração Pequena e Média não possuem essa capacidade e devem ser ajudados pelo Estado.

Assim, a CODELCO dedica-se à exploração do cobre na Grande Mineração, e suas atuais principais jazidas são: *Andina*, *Chuquicamata*, *El Teniente*, *Minera Gaby*, *Ministro Hales*, *Radomiro Tomic*, *Salvador* e *El Abra*. A CODELCO foi criada oficialmente, em 1971, após da reforma constitucional que nacionalizou o cobre no Chile, mas é herdeira do antigo Departamento do Cobre criado em 1955. Esse departamento tinha como função informar às autoridades chilenas sobre produção e venda desse mineral e regular sua produção.

A ENAMI tem por objetivo o fomento do desenvolvimento da pequena mineração no país. Atualmente, opera nas fundições de cobre de *Ventanas* e *Hernán Videla Lira*, as quais compram os minerais explorados pela Mineração Pequena e Média. Também apoia as operações da pequena mineração do ouro localizada, fundamentalmente, na terceira e quarta região do Chile. Foi criada em 1960, a partir da fusão da Caixa de Empréstimo Minerador (CACREMI) e da Empresa Nacional de Fundições (ENAF).

Com o fim de apoiar as operações desse tipo de mineração, a ENAMI concentra suas atividades em três áreas (www.enami.cl):

- O fomento da Mineração pequena e média, através do financiamento das reservas²³ reconhecidas; a assessoria em termos de preparação e avaliação de projetos, a capacitação e a realização de empréstimos para apoiar o estabelecimento de projetos viáveis;
- O processamento dos minerais em usinas de benefício e fundição. Esse processo procura agregar valor à produção desse setor da mineração, e, para tanto, transforma os minerais sulfurados e oxidados em produtos de fundição;
- A atividade comercial que permite colocar os produtos nos mercados globalizados em condições favoráveis para os provedores da empresa de pequenos e médios. O serviço comercial contempla a compra de minerais e produtos mineradores em condições de mercado e a venda dos produtos nos mercados internacionais. Inclui mecanismos de diminuição do risco do preço para o produtor por meio do uso de mercados de futuro utilizados também para controlar os riscos da própria ENAMI.

Em virtude da falta de capacidade da pequena mineração para competir com a grande mineração, o Ministério de Justiça contribui para o desenvolvimento da pequena mineração, atividade *piriquinera*, fomentando sua participação nos mercados. Esse apoio estatal é feito por intermédio da ENAMI, nas atividades já assinaladas.

Também existem, ao longo do Chile, diferentes Associações Mineradoras, instituições autônomas sob o abrigo da Sociedade Nacional de Mineração, a SONAMI, instituição criada no final do século XIX com o fim de apoiar a atividade mineradora, tanto de grande quanto de pequena exploração (www.sonami.cl).

IDO possui uma Associação mineradora reconhecida pela SONAMI, com história e reconhecimento no setor, a qual conta com três conselheiros que velam pela atividade.

²³ Reserva: representa a fração do recurso mineral calculado que é economicamente extraível segundo um cenário produtivo, tecnológico e sustentável, inserido em um plano minerador (www.codelco.cl)

Fotografia 9: Sede Associação Mineradora IDO²⁴.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

No intuito de conhecer as questões descritas a partir da visão dos interlocutores, procurei a Associação Mineradora no campo da pesquisa. Levei tempo para entrar em contato com a organização e com seu presidente, pois, durante o trabalho de 2012 fui impedida de me aproximar²⁵. Depois de várias tentativas consegui falar com Dom *José Araya*, o presidente, nas ruas de IDO, expliquei-lhe minha pesquisa e meu interesse em conversarmos. Assim, ele me informou o número de seu telefone para marcarmos uma reunião. A entrevista realizou-se na usina da ENAMI, lugar onde se localiza o escritório de *Dom José*. Nessa entrevista soube sobre o funcionamento da Associação e sobre os problemas que a *pirquineria* enfrenta na atualidade.

Por intermédio da organização, os *pirquineros* recebem ajuda no processo de exploração, empréstimos de maquinaria para as diferentes etapas da exploração, ou lhes facilita a conexão com as cidades importantes próximas.

²⁴ Sede utilizada para reuniões dos membros, atividades do vilarejo (funerais, reuniões de outras organizações) e para usos particulares dos membros como assistir jogos de futebol, jogar cartas, etc.

²⁵ Ver Capítulo 1.

*Aquí tenemos que recorrer grandes extensiones desde 100 kilómetros, porque para qué vamos a decir Diego de Almagro, aparte de que es más caro, no están todos los medios, que uno quisiese, tiene que trasladarse a Copiapó. A Copiapó son 100 kilómetros, para poder obtener los insumos y ahí lo que se pueda vender los insumos a la minería, claro, a destiempo y nunca es lo que el minero quiere o necesita/ Aquí temos que percorrer grandes extensões de 100 quilômetros, porque nem falar de *Diego de Almagro*, além de que é mais caro, não tem todos os meios, que a gente gostaria, tem que se trasladar a *Copiapó*. A *Copiapó* fazem 100 quilômetros, para poder obter os insumos, e daí o que poderá ser vendido a mineração, claro, fora do tempo e nunca é o que minerador quer ou precisa. (José Araya, presidente da Associação Mineradora IDO)*

A Associação também pode reportar-se a órgãos superiores, expondo-lhes as questões dos *pirquineros* e velar pelos seus interesses. Uma das preocupações da pequena mineração vincula-se ao maior avanço das explorações da Grande Mineração nos territórios que contêm veios importantes. Essa mineração, para os interlocutores, recebe maior apoio e fomento do Estado chileno, asfixiando a pequena mineração.

Básicamente lo que se ha visto este último tiempo, la poca disposición de terrenos donde el minero pueda desarrollar su actividad minera, o sea la gran y mediana minería por esas facultades que da la ley, han extendido sus derechos sus territorios a grandes extensiones, entonces han dejado poco espacio, poco margen para la actividad del pequeño minero, como el pequeño minero es alejado de lo que es burocracia, papeles, entonces al ir a trabajar a alguna parte se encuentras que eso está, que está en manos de la mediana o gran minería y ellos no pueden trabajar porque es propiedad privada, se está usurpando un derecho que la ley le da. Esa es una de las grandes necesidades que existen en el momento./ Basicamente o que tem se visto ultimamente, a pouca disposição dos terrenos nos quais o minerador possa desenvolver sua atividade mineradora, ou seja, a grande e mediana mineração pelas facultades da lei, estenderam seus direitos aos territórios a grandes extensões, então deixaram pouco espaço, pouca margem para a atividade do pequeno minerador, como o pequeno minerador não conhece bem o que é burocracia mineradora, então quando vai trabalhar em alguma parte acha-se que está em mãos da mediana ou grande mineração, e assim eles não podem trabalhar porque é propriedade privada, e está se usurpando um direito outorgado pela lei. Essa é uma das grandes necessidades que existem no momento. (José Araya, presidente Associação Mineradora IDO)

O principal problema, porém, com o qual os pequenos mineradores se confrontam, refere-se à fixação dos preços dos minérios, definidos em âmbito internacional, portanto, nem os mineradores, nem o Estado podem regulá-los, deixando a atividade mineradora a mercê do fluxo dos balanços internacionais. No caso da pequena mineração, o impacto é maior, pois ela não possui a capacidade de acompanhar

essas oscilações assumindo posição desvantajosa em relação às outras minerações desenvolvidas no país.

... la otra, no es una necesidad sino que es el vaivén de los precios internacionales de los minerales, que los minerales no se valoran en el país, si no que corresponde a una etapa del libre comercio, y esto se transa en la grandes bolsas de metales, el caso de Cobre, oro en Londres/... a outra não é uma necessidade, é o balanço dos preços internacionais dos minérios, os minérios não são valorizados no país, corresponde a uma fase de livre comércio, e isso é comercializado nas grandes bolsas de valores dos metais, é o caso do cobre, ouro em Londres. (José Araya, presidente Associação Mineradora IDO)

Nesse contexto, o Estado chileno, por intermédio da ENAMI, auxilia os pequenos mineradores, disponibilizando um crédito que amortece esses impactos. Esse crédito, os juros e a forma de pagamento devem ser definidos todos os anos. Por isso, durante o campo feito em 2016, ouvi dos mineradores a possível aprovação de uma lei que definiria o apoio estatal através da criação do *Fondo de Estabilización de Precios de la Minería (Fepmin)*. Sem essa lei o desenvolvimento da pequena mineração torna-se muito difícil, quase impossível²⁶.

Os interlocutores também desejam a inclusão, na lei da atividade *pirquinera*, da sua diferenciação em relação a outros tipos de mineração, no intuito de visibilizar suas especificidades e reconhecer suas contribuições para o país. A falta de clareza na lei faz com que a pequena mineração seja tratada do mesmo modo que a grande mineração, desembocando em exigências regulatórias não pertinentes que são consideradas ameaças por parte dos pequenos mineradores. O desconhecimento das particularidades da atividade, somado às atuais exigências por parte de SERNAGEOMIM, em termos de segurança e controle dos riscos, aprovadas depois da experiência dos 33 mineradores²⁷ impôs novas condições legais à pequena mineração,

²⁶ Essa lei era esperada para o julho de 2016, mas foi aprovado o envio a Câmara, apenas em dezembro de 2016.

²⁷ No dia 5 de agosto do 2010, trinta e três (33) mineradores ficaram soterrados a 720 metros de profundidade, na mina *San José* localizada na cidade de *Copiapó*. Essa mina era explorada pela mineradora privada *San Esteban Primera S.A.* Durante 70 dias estiveram esperando por um resgate que começou a se gestar desde o primeiro dia. Porém, por 17 dias não se teve notícias sobre o estado dos mineradores, se tinham conseguido chegar ao refúgio colocado nas profundezas da mina para esses fins. No dia 22 de agosto foram encontrados com vida, fato que se confirmou, mediante a leitura de uma mensagem enviada pelos próprios mineradores colada em uma das sondas que abriam caminho na terra até eles; *estamos bien en el refugio los 33/ estamos bem no refúgio os 33*. No dia 13 de outubro começou o resgate dos mineradores, situação que levou 48 horas para retirá-los da mina. O resgate foi assistido no mundo inteiro através dos múltiplos meios de comunicação que tinham se estabelecido no lugar, onde tinha se formado um assentamento provisório conhecido como “*Esperanza*” / *Esperança*.

provocando efeito adverso. Os *pirquineros* compreendem muitas dessas condições como barreiras para seu trabalho, e salientam que o Estado chileno procura sua extinção, e que, no fundo, eles representam um problema.

*... son muchas exigencias y el minero pirquinero es nómada, ajeno a la documentación, entonces hoy día pasó a ser prácticamente un delincuente, un minero irregular, le pusieron irregular para que no parezca tan feo como delincuente!...são muitas exigências e o minerador *pirquinero* é nômade, distante da documentação, então hoje passou a ser praticamente um delinquente, um minerador irregular, colocaram esse nome para que não fosse tão feio. (José Araya, presidente Associação Mineradora IDO)*

As dificuldades com que os *pirquineros* encaram as novas regulações surgem na fala de Dom Adan, *pirquinero* e ex-presidente da Associação Mineradora.

I: *¿Parece que eso es característico de los mineros?/ Parece que isso é característico dos mineradores?*

E: Si, es que es así, si se le echa a perder una parte, una mina, tiene que cambiarse, si se le echa a perder ahí, en esa parte, se va para otro lado, entonces por eso que uno patalea, por ejemplo con estas leyes que sacaron cuando quedaron enterrados los 33, en este momento, tienen autoridad para cerrar una mina, la gente de salud del medio ambiente, SERNAGEOMIN y el Ministerio del Trabajo, entonces antes era SERNAGEOMIN y el Ministerio del Trabajo en la parte laboral, pero ahora integraron al Ministerio de Salud, entonces qué es lo que pasa, por ejemplo tiene que tener en la mina su campamento, tiene que tener piso de cemento, tiene que tener su buena ducha, y su buen baño./ Sim, é assim, si estraga uma parte, uma mina, tem que se mudar, si estraga, nessa parte, vai para outro lado, então por isso a gente se revolta, por exemplo com essas leis que fizeram quando ficaram soterrados os 33, agora têm autoridade para fechar uma mina, as pessoas de saúde, do médio ambiente, SERNAGEOMIN e o Ministério do Trabalho, então antes era SERNAGEOMIM e o Ministério do Trabalho no que tange o laboral, porém agora inseriram ao Ministério de Saúde, então o que se passa, por exemplo tem que ter na mina seu acampamento, tem que ter chão de cimento, tem que ter seu chuveiro e seu banheiro.

I: *¿A los viejos?*²⁸ / **Para os trabalhadores?**

E: Para los viejos, entonces yo cuando llegó el SEREMI²⁹ de Minería aquí, hicieron una reunión allá arriba en la planta y ahí les dije yo “este es el problema, las leyes que se hacen aquí en Chile, las hacen en una oficina, jefe, se lo voy a decir en esta forma y me va a disculpar el vocabulario, ¿por qué razón? porque lo hacen 4, 5 huevones, que no tienen ni idea qué es la pequeña minería, porque nunca se toman la molestia de decir, ¿sabe qué? vamos a invitar a un

Esse resgate, ficou a cargo de uma empresa incomparável na história mundial, dada a logística que desenvolveu para tal fim. O custo do resgate foi de 10 a 20 milhões de dólares, aproximadamente, embora a maior parte fosse financiada pelo Estado Chileno e a CODELCO, e também recebeu aporte de privados.

²⁸ Forma de se referir aos trabalhadores em IDO.

²⁹ SEREMI: Secretário Regional Ministerial, nomeado pelo Presidente da República. Sua função é representar o Ministro correspondente em cada região do país.

viejo de la Asociación Minera de Inca, de Freirina, Huasco, de los viejos chicos, entonces... ¿qué es lo que pasa?, ¿cómo se les ocurre semejante barbaridad?, si a mí en este momento se me echa a perder la mina donde estoy... Y me mando a cambiar para otra parte, qué voy a hacer con ese piso de cemento y el ruco que tengo y el baño y todas las... cuando no me los puedo llevar, entonces, allá en el otro lado ¿ustedes me van a volver a exigir la misma payasada y quién me paga esos costos a mí? Entonces son cosas de criterio, no son cosas de que a uno se les vengán las ideas a la cabeza, entonces eso es lo malo, que aquí todos pescan un saco y empiezan a echar huevones a un saco, y todos, en el mismo saco, no le importa que el viejo sea grande, sea chico, sea mediano, la cosa es que la ley, es para todos igual”/ Para os trabalhadores, então eu quando cheguei o SEREMI de Mineração aqui, fizeram uma reunião lá na cima, na usina e aí eu falei “esse é o problema, as leis feitas aqui no Chile, são feitas em um escritório, chefe, vou falar assim e vai me desculpar o vocabulário, por quê razão? Porque são feitas por 4, 5 caras, que não fazem ideia o que é a pequena mineração, porque não se importam em dizer, sabe o quê? Vamos convidar a um dos caras da Associação Mineradora de Inca, de Freirina, Huasco, dos trabalhadores pequenos, então, que se passa?, como podem ter essa ideia, essa barbaridade?, si a mina estragar onde estou...eu vou ir embora para outro lado, e se vou embora, o quê vou fazer com esse chão de cimento, a casa que tenho, e o banheiro e todas as...quando não posso carregar com elas, então, lá no outro lado vocês voltaram a me exigir a mesma palhaçada e quem vá me pagar esses custos? Então são coisas de critério, não só ideias que a gente tenha, então isso é ruim, que aqui todos pegam uma saco e começam enchê-lo de caras, e todos, no mesmo saco, não se importam que o trabalhador seja grande, seja pequeno, seja mediano, o negócio é que a lei é para todos igual. (Dom Adan)

Em síntese, o projeto modernizador, realizado pelo Estado chileno no Norte, em relação à mineração, viraria as costas às outras formas de viver a mineração desenvolvidas no mesmo território, evidenciando um olhar hierárquico sobre a *pirquinería*. No regulamento da segurança Mineradora, do Ministério da Mineração, publicado em 2004, Decreto 132, Título XIV, sobre Disposições Finais, define-se o *Pirquineo*:

“Explotación artesanal de las zonas más enriquecidas, sin programación de las secuencias operativas, buscando maximizar la utilidad y minimizar el capital invertido a expensas de la vida útil del yacimiento minero y/o de la seguridad de sus trabajadores”. (p. 152)

Sendo a única definição ou caracterização da atividade, mesmo assim enfatiza aspectos negativos, como a falta de planejamento do trabalho e o risco para vida útil das minas. Isso, mais as novas formas de segurança exigidas, provocam problemas para a realização desse tipo de mineração, criando, nos interlocutores, uma visão de sua possível extinção.

Dessa forma, o processo modernizador do Estado chileno privilegia e promove o desenvolvimento da grande mineração, a do Cobre, diminuindo a importância da

pequena mineração, a *pirquineria*. Portanto, a pequena mineração é valorizada de forma instrumental, ou seja, enfatizando sua presença como parte do folclore da região, das características culturais da região, “povoado pirquinerio-minerador”. Isso se reflete na forma de o Estado se referir a cada norte: ao dizer *Norte Grande* salienta a presença da mineração que gera grandes lucros para o país, com tecnologia de ponta para sua exploração; o *Norte Chico*, por sua vez, com a presença da mineração que quase não entrega lucros ao país, é, segundo os interlocutores, percebida como um problema. Esse olhar faz que, muitas vezes, as problemáticas da pequena mineração sejam associadas, principalmente, às questões de identidade e de patrimônio, destacando-se um olhar preservacionista em que os *pirquineros* seriam tratados como bastião e testemunho de uma tradição mineradora condenada a desaparecer. De fato, segundo Dom *José*, os expertos salientam o fim da pequena mineração, pois, as dificuldades descritas, mais a falta de uma nova geração de *pirquineros* que substitua os velhos que ainda exploram as minas, torna muito difícil pensar que a atividade tenha futuro. Um dos meus interlocutores, contou-me que aprendeu a atividade dos mais velhos, como seu tio, mas agora ele não tem ninguém para ensinar a atividade, pois os jovens não sentem vontade de subir e trabalhar no morro. E considera que o conhecimento que possui sobre a *pirquinería* vai ficar com ele.

Em IDO, em 2015, 70 *pirquineros* trabalhavam na exploração, porém, em 2016, esse número baixou para 28. Um deles é Dom *Germán*, *pirquinerio*, de 78 anos, oriundo de IDO. Sua mina está localizada próxima ao vilarejo, em um setor conhecido como *Las Guías*, onde há várias outras. Para poder receber apoio do Estado, Dom *Germán* postulou o projeto PAMMA, *Programa de capacitación y transferencia tecnológica para la pequeña minería artesanal*³⁰, do Ministério de Mineração. Através dele obteve financiamento para preparar a mina de forma que pudesse ser aberta e trabalhada. Assim, construiu um pequeno acampamento composto por cozinha, banheiro e dois quartos, um para ele e outro para as pessoas que viessem a trabalhar com ele. Segundo Dom *Germán*, ele conseguiu o financiamento porque demonstrou que poderia dar trabalho a outras pessoas, foi reconhecido como um pequeno empresário e faz parte da equipe dos monitores em segurança mineradora formada pelo Ministério, ele mostra orgulhoso seu capacete que indica essa sua função. Na data em que visitei sua mina

³⁰ O PAMMA tem como objetivo trabalhar diretamente com os mineradores/as artesanais do Chile, a fim de consolidar o empreendimento minerador a partir de um enfoque de desenvolvimento na atividade para uma melhor qualidade de vida.

faltava uma segunda inspeção do SERNAGEOMIM para obter a aprovação final. E Dom *Germán* devia ainda resolver algumas coisas, nas quais, disse-me, nem queria pensar.

Fotografia 10: Dom Germán na entrada da mina.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 11: Vista interior acampamento.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Dessa forma, percebi como alguns *pirquineros* tentam dialogar com o Estado dentre as possibilidades que possuem, mesmo sendo avançados em idade como Dom *Germán*. Por isso, muitos dos meus interlocutores esperam maior apoio da atividade por parte do Estado, pois acreditam que deveria se reconhecer que o sucesso da mineração no Chile deve-se aos importantes descobrimentos que os *pirquineros* fizeram, entre os quais o caso de *Chañarcillo* ou *Tres Puntas*.

¡Si! porque son el primer peldaño de la cadena productiva minera. Aquí ni Candelaria³¹ empezó, porque ellos fueron descubriendo... Aquí hubo un pequeño pirquinero que descubrió una mina y después se transformó en un yacimiento. Lo mismo pasó en Salvador! Sim, porque são o primer passo da cadeia produtiva mineradora. Nem Candelaria começou, porque eles foram descobrindo...Aqui teve um pequeno pirquinero que descobriu uma mina e depois se transformou em uma jazida. (José Araya, presidente Associação Mineradora IDO)

1.2 Chile — um país envelhecido

Mundialmente há um aumento crescente da população. Nos anos 1950, o aumento atingiu 2.516.000.000 indivíduos, e nos 1990 aumentou em 5.295.000.000, das quais 200.900.000 estavam acima dos 60 anos de idade (Rueda apud Cerquera, Álvarez e Saavedra, 2010). Os idosos aumentaram no século XX em 14 vezes e se prevê sua duplicação para o século XXI (Mella et al, 2003). Na América Latina prevê-se que para o ano de 2025 haja 98 milhões de idosos, e para 2050 estima-se que uma em cada quatro pessoas seja idosa (Caire, 2013). Portanto, o envelhecimento da população é uma das principais características da sociedade contemporânea.

Nesse contexto, o Chile também se encontra em forte processo de envelhecimento, experimentando uma transformação radical na constituição da população, e posiciona-se dentro dos quatro países mais envelhecidos da América Latina, junto à Argentina, Cuba e Uruguai. Já, o Censo do ano de 2002 evidenciou uma diminuição percentual das pessoas de 15 anos, enquanto que os idosos correspondiam a 11% da população (Stevenson, 2006). No ano de 2009, a população com 60 anos correspondia a 15% da população e se esperava que, em 2050, aumentasse para 28,2% (Arnold et al, 2009; Casen do idoso, 2009). A informação entregue pelo Censo do ano de 2012 mostra que o Chile está dentro dos cinco países com menor crescimento demográfico da América Latina.

A expressão do aumento da população e do que se espera para os próximos 50 anos pode ser constatada na Tabela 6, em relação à expectativa de vida. Nessa tabela se observa o aumento dessa expectativa ao longo do século XX e a previsão para os primeiros anos do século XXI, o que pode ser considerado outro sucesso da modernização chilena graças aos avanços tecnológicos e de saúde.

³¹ Refere-se à Mineradora *Candelaria*, empresa que explora a mina com o mesmo nome, localizada na terceira região do Chile.

Tabela 6: - Expectativa de vida ao nascer (anos) por período Chile

Período	Ambos os sexos
1950-1955	54,80
1955-1960	56,20
1960-1965	58,05
1965-1970	60,64
1970-1975	63,57
1975-1980	67,19
1980-1985	70,70
1985-1990	72,68
1990-1995	74,34
1995-2000	75,71
2000-2005	77,74
2005-2010	78,45
2010-2015	79,10
2015-2020	79,68
2020-2025	80,21

Fonte: Instituto Nacional de Estadística, (2004).

Os incrementos, tanto nacionais quanto internacionais, vão requisitar formas determinadas de agir frente aos âmbitos sociais, econômicos, bem-estar, segurança, etc. E o Estado chileno, no começo do atual século e mediante a promulgação da Lei n. 19.828, contempla, em suas políticas, ações orientadas a enfrentar essa realidade demográfica e a dar respostas a essa população em evidente aumento.

a) Política Nacional para os Idosos — *SENAMA*

Visando agir frente às transformações demográficas, desenvolveram-se, na Europa, os Planos de Ação de Viena, do ano de 1982, e de Madrid, em 2002, os quais representam as primeiras discussões em torno dessa problemática.

No Chile, o Estado tem criado políticas públicas especiais para essa população desde o início dos anos 2000. Essas políticas consideram pessoa idosa³² “toda pessoa que tenha cumprido os 60 anos, sem diferença entre homens e mulheres” (Chile, Lei n. 19.828, 2002). Assim sendo, o Chile, em 2002, criou um organismo especial, o *Servicio Nacional para el adulto Mayor* (SENAMA), para centralizar as ações estaduais para os

³² No Chile a palavra utilizada é *adulto mayor*. São *adultos mayores* todas as pessoas de 60 anos ou mais.

idosos chilenos. Esse organismo público tem o objetivo de “fomentar o envelhecimento ativo e o desenvolvimento de serviços sociais para as pessoas idosas, qualquer seja a condição” (www.senama.cl). Nesse contexto, o SENAMA começou a gerar uma série de políticas, entre as quais se destacam as que permitem a criação de organizações funcionais ou clubes. Essas organizações são definidas como “aquelas com personalidade jurídica e sem fins de lucro que objetivarem representar ou fomentar valores e interesses específicos da comunidade dentro do território que fosse o caso” (www.senama.cl). E também a criação de um fundo nacional que disponibiliza recursos às organizações para desenvolverem seus próprios projetos, além de diferentes programas e convênios institucionais a fim de apoiar os idosos em situação de vulnerabilidade social (www.senama.cl; Zavala e Jorquera, 2014). Assim, conta-se com:

- *O Fundo Nacional do idoso*: entrega recursos a organizações de idosos para o desenvolvimento dos seus projetos, procurando fomentar a autonomia, autogestão e associatividade.
- *O Fundo Autogestionado*: voltado ao desenvolvimento de capacidades de autogestão. Refere-se a postulação a fundos concursáveis por parte dos idosos, nas áreas de voluntariado, atividades produtivas, equipamento das sedes, autocuidado, capacitação e recreação, entre outras.
- *O Fundo para executores intermediários*: volta-se para organizações ou instituições que trabalhem com idosos e convênios institucionais. Os recursos são transferidos diretamente para as organizações que apresentarem projetos de prestação de serviços de apoio aos idosos em situação vulnerável.
- *Assessores Sênior*: corresponde a um programa de voluntários idosos que oferecem apoio escolar a crianças de famílias em risco social.
- *Vínculos*: é um programa orientado na entrega de ferramentas aos idosos em situação de vulnerabilidade social, norteados a sua vinculação com redes de apoio e com pares.
- *Turismo Social*: visa financiar viagens a lugares de interesse histórico, cultural e turístico para idosos em situação de vulnerabilidade social e com diferentes graus de dependência.
- *Serviços de Vivenda*: estão direcionados a elaborar soluções em termos de moradia e serviços de apoio a idosos vulneráveis e com diferentes graus de

dependência.

- *Escola de Formação para lideranças*: destina-se à formação de líderes, desenvolvendo competências no âmbito da liderança e o acesso à informação da oferta pública, nacional e regional.
- *Programa contra a violência e o abuso*: foi criado para visualizar ações de bom trato para o idoso, oferecer atenção especializada no caso de maltrato e sensibilizar a cidadania em relação a esses temas.

Em resumo, os programas das políticas públicas e participação trabalham sob três linhas em torno da política estatal: o respeito pelos direitos, a rede de proteção social e a inclusão social (Huenchuán et al, 2007).

b) Políticas Públicas e IDO

Em IDO os idosos aproveitam os programas mencionados por meio das organizações sociais de idosos existentes. Quando conheci IDO, em 2012, havia duas em funcionamento: o “Clube de Idosos Mineradores”, formado principalmente por idosos *pirquineros* e algumas de suas esposas, e a organização “Anos dourados”, constituída principalmente por mulheres. Nessa oportunidade conheci suas lideranças quem se converteram nos primeiros interlocutores desta pesquisa: Dom *Marcelo* (idoso minerador), Dona *Aurora* e Dona *Clora* (Anos dourados). Em 2014, quando voltei ao vilarejo, soube que a organização “Anos dourados” se achava em recesso e só Dona *Aurora* dava conta das atividades ou de representar a organização em atividades na prefeitura ou em *Copiapó*. O recesso devia-se principalmente à falta de assistência de seus membros, muitos deles doentes ou já falecidos. Aquela situação manteve-se no campo de 2016. Assim, a única organização ativa de IDO é o “Clube de Idosos mineradores”, organização que funciona principalmente pelo agir de Dom *Marcelo*³³.

No desenrolar do campo, observei que as organizações de idosos no vilarejo estavam enfraquecidas, diminuindo, cada vez mais, suas atividades. Antes, as atividades eram semanais e havia mais participação dos idosos, além da postulação aos Fundos do SENAMA para financiar viagens ou concertos para as sedes.

³³ Ver Capítulo 4.

Por meio de Dona *Teresa*, antiga presidenta e fundadora da organização “Anos dourados”, pude ver fotografias das atividades realizadas nos primeiros anos da organização, e perceber a grande quantidade de sócios que faziam parte dela.

Algumas das sócias que aparecem na Fotografia 12 faleceram ou se encontram muito doentes para continuar participando da Organização. A própria Dona *Teresa* cessou sua participação porque adoeceu e, em conjunto com seus filhos, decidiu centrar-se em sua saúde. Em 2012, Dona *Clora* ainda dava conta das atividades do clube, porém, em 2014, já tinha deixado de participar, principalmente pela grave doença nos ossos que a acometeu, a qual dificulta seus movimentos sendo difícil deslocar-se. Assim, prefere se dedicar às tarefas domésticas ou reduzir sua participação a algumas atividades oficiais, ou da igreja católica.

Na Fotografia 13 aparecem quatro idosas que deixaram de participar por motivos de saúde. Dona *Teresa* (na fila em pé, a primeira à esquerda), Dona *Ana* (primeira sentada da esquerda para a direita), Dona *Clora* (segunda sentada da esquerda para a direita), Dona *Silveira* (quarta sentada da esquerda para a direita). E Dona *Aurora*, que se responsabiliza pela organização atualmente (quinta sentada da esquerda para a direita).

Fotografia 12: Passeio Organização Anos Dourados.



Fonte: Acervo pessoal de Dona Teresa.

Fotografia 13: Sócias da Anos Dourados.



Fonte: Acervo Dona Teresa.

Graças às fotografias emprestadas por Dona *Teresa*, não só conheci algumas das atividades desenvolvidas pela organização “Anos Dourados” antes de entrar em recesso, mas também percebi a passagem do tempo nas interlocutoras conhecidas³⁴. Assim, notei como o corpo delas mudou, algumas emagreceram demais, outras precisam se apoiar em bengalas ou, em alguns casos, passaram a usar bengalas ou carrinhos, sem os quais não conseguiriam se movimentar. Essa mudança corporal é reconhecida pelas interlocutoras e Dona *Teresa* não permitiu que eu batesse uma foto dela em 2016, disse que estava nas fotos que me havia emprestado. Esse fato confirma que a questão sobre o corpo é fundamental na discussão sobre o envelhecimento e a velhice.³⁵

Outro dos motivos que a fez declinar a participação na organização foram os lamentáveis falecimentos de algumas de suas sócias. Na Fotografia 14, no centro e na frente de todas, está presente a Dona *Ester* que adoeceu e morreu em 2016.

³⁴ Ver Capítulo 5.

³⁵ Ver Capítulo 1.

Fotografia 14: Atividades da Anos Dourados.



Fonte: Acervo de Dona Teresa.

Pelo mencionado recesso da organização “Anos dourados”, tanto Dona *Aurora* quanto Dona *Clora* foram convidadas a fazer parte do “Clube de Idosos Mineradores”, que ainda está em funcionamento. Dessa maneira, assistem as reuniões, comemorações, cumprem com os requisitos (pagamento de quotas) e podem participar dos projetos que a organização possa ter.

A situação vivenciada pela organização “Anos Dourados” levou-me a refletir sobre as políticas públicas para idosos, no seu foco e na concepção de velhice que possui e promove. Como forma de me aprofundar nesse tema procurei a coordenadora do SENAMA na região, *Elizabeth Roberts*, com quem conversei nas dependências do SENAMA, em *Copiapó*.

Como já mencionei, as políticas públicas veiculadas pelo SENAMA versam sobre os princípios do respeito aos direitos do idoso, a rede de proteção social e a inclusão social. Visando esses princípios o SENAMA define diferentes programas sociais destinados aos idosos. Porém, ao organismo não é facultado o direito a conduzir processos judiciais. Nesse contexto, *Elizabeth* me explicou que trabalha buscando alianças com as instituições correspondentes, por exemplo, em casos de maltrato ou abandono entra em contato com as corporações de assistência judicial, polícia, etc. No

caso específico de IDO, a prefeitura de *Diego de Almagro* define um Programa especial para os idosos e o apoio de assistentes sociais nos casos necessários³⁶.

Graças ao percurso analítico deste capítulo, percebi que a visão do SENAMA centra-se na atividade, promovendo a independência. Porém, esse tipo de enfoque limita as vivências da velhice em relação a um envelhecimento com sucesso, pois ele centra-se em um idoso autônomo e independente³⁷. Sem tirar a importância de fomentar a independência na velhice e de abrir as possibilidades de agência nessa etapa da vida, destaco que o foco das políticas públicas não dá conta das diferentes formas nas quais pode ser vivenciada a velhice. Como se observa em IDO, as políticas públicas não conseguem acompanhar a atual situação dos idosos, suas atuais necessidades — problemas de saúde, mobilidade reduzida, idosos cuidando de outros idosos, etc., motivo pelo qual as organizações estão em declínio.

Todo va evolucionando y obviamente la población mayor, cada persona tienen su diferente vejez, hay personas que tienen 80 años andan felices por la vida y hay personas que tienen 65 años y ya están postradas o tienen alguna dependencia, entonces esas a esas personas nosotros es muy difícil llegar a ellas porque todos los programas están orientados a una participación activa, de que ellos vengan/ Todo vai evoluindo e obviamente a população idosa, cada pessoa tem sua diferente velhice, tem pessoas com 80 anos que andam felizes pela vida e tem pessoas que com 65 anos já estão prostradas ou têm alguma dependência, então essas, a essas pessoas é muito difícil nós chegar porque todos os programas orientam-se a uma participação ativa, que eles venham (Elizabeth Roberts, Coordenadora (S) SENAMA Atacama)

A visão de SENAMA faz parte de uma sociedade centralizada na produtividade dos indivíduos, não havendo outras reflexões além dessas. Na sociedade industrial, a independência e autonomia de seus membros é primordial para eles produzirem. Em consequência, a sociedade não tem capacidade de pensar sobre uma etapa da vida que é contrária à produtividade, tornando a participação ativa dos idosos um objetivo central. Isso se reflete nas políticas públicas, as quais procuram manter o idoso em autogestão e

³⁶ Para aprofundar nas políticas destinadas a população idosa procurei aos profissionais encarregados dos programas correspondentes. Porém, durante o período da Etnografia, aqueles programas achavam-se sem chefia por circunstâncias próprias da localidade.

³⁷ De forma semelhante, Monalisa Dias, em sua pesquisa “Vivendo bem até mais que 100! envelhecimento, saúde e políticas públicas para idosos no Brasil” (2014). Discorre sobre as políticas públicas brasileiras e seu papel na construção de sujeitos responsáveis por se manterem ativos, saudáveis e autônomos.

atividade. Tal como Diniz (2007)³⁸ assinala, a sobrevalorização da independência é um ideal perverso da nossa sociedade, pois as relações de dependência são inevitáveis na vida social, e a interdependência deveria se pensar para as situações vivenciadas por alguns indivíduos em diferentes etapas da vida.

Assim, a sociedade não consegue pensar sobre a diversidade de tempos que a velhice impõe³⁹, sobre a diversidade de corpos que produz, pois um corpo velho é considerado algo negativo porque retrai ou impede a produtividade. Pensar a dependência como negativo leva a homologar a velhice como incapacidade, conforme já mencionei.⁴⁰ A partir desse olhar surgem falas como a transcrita a seguir.

El tema es que nadie se imagina que tú vas a llegar a ese... y nadie se imagina que vejez vas a tener tú, ¡nadie se imagina! Nosotras estamos hablando acá, no Dios quiera, me puede dar algo al cerebro y crea dependencia, porque personas jóvenes le están dando esas famosas... ¿me entiendes?, nadie sabe cómo tú vas a tener tu... salvo que tú te programes, te ayudes o el mismo sistema te ayude, más ejercicios, vida saludable, más medicina, geriatría, todo ese tipo de cosas te hacen la expectativas de vida más larga y también mejor calidad de vida.../ O tema é que ninguém imagina que vai chegar nesse...e ninguém imagina que velhice vai ter, ninguém imagina! Nós estamos falando cá, nem Deus quiser, pode me dar algo no cérebro e cria dependência, porque até as pessoas jovens estão sofrendo dessas famosas... entende? Ninguém sabe como vai ter sua...salvo que você planeje, ajude-se ou o mesmo sistema te ajude, mais exercícios, vida sadia, mais medicina, geriatría, todo esse tipo de coisas voltam a expectativa de vida mais longa e também melhor qualidade de vida. (Elizabeth Roberts, Coordenadora (S) SENAMA Atacama)

c) Previsão Social

Em matéria de Previdência Social, nos anos 1920, começou o estabelecimento do seguro obreiro como produto das inquietações e das políticas sociais da época no Chile. Esse seguro obreiro consistia em benefícios que incluíam saúde através de atenção médica e dental completa, medicamentos e hospitalização, subsídio de doença por seis meses, pensão por invalidez, pensão por velhice e o pagamento da quota mortuária. Já, nos anos 1950 foi criado o serviço de segurança social, mediante o qual são definidas as idades para as pensões: no caso dos homens, foi de 65 anos e com aproximadamente 800 semanas de contribuição e 20 anos de cotizações; e as mulheres aos 60, desde que tivesse registro de, pelo menos, 520 semanas de contribuições.

³⁸ Ver Capítulo 1.

³⁹ Ver Capítulo 4.

⁴⁰ Ver Capítulo 1.

No entanto, na condição de produto das transformações realizadas pelo governo militar, em 1981 o Chile fechou esse sistema de segurança social e criou um sistema de capitalização individual. Esse novo sistema contemplou duas modalidades: uma contributiva, financiada pelas contribuições efetivas feitas ao sistema pelos próprios trabalhadores através de suas cotizações e pelas empresas onde prestaram serviço, e a outra não contributiva, que se destina a todas aquelas pessoas carentes de recursos ou que não conseguiram o mínimo para ter direito aos benefícios na outra modalidade.

Para o regulamento da modalidade contributiva criaram-se as conhecidas Administradoras Privadas de Fundos Provisionais (AFP) – entes privados que administram os fundos capitalizados pelos trabalhadores. Assim, a cada mês uma parte do salário é retida por essas administradoras, em uma conta individual, o montante obtido será entregue ao trabalhador quando se aposentar.

O sistema público no Chile opera por meio do Instituto de Previsão Social (IPS) que administra as pensões. Essas pensões provêm, em sua maioria, do Estado e podem ser pensões por antiguidade, por velhice, por invalidez ou por sobrevivência. Também existem as pensões assistenciais, as PASIS, para os idosos maiores de 75 anos em situação de pobreza, de forma a garantir um mínimo de sobrevivência (Caire, 2013; Huenchuán et al, 2007).

Em IDO poucos são os idosos que contribuíram durante sua juventude para ingressar no sistema de AFP, pois as características singulares da atividade *pirquinera*. Dessa forma, só alguns conseguiram contribuir como produto de alguns empregos esporádicos através dos quais puderam ingressar ao sistema de AFP. No entanto, a maior parte dos idosos de IDO não possui fundos que lhes permita conseguir uma aposentadoria. Consequentemente, muitos recebem pensões assistenciais ou por invalidez, principalmente no caso das mulheres que foram donas de casas durante toda a vida.

Muitos dos *pirquineros* em IDO puderam receber a pensão gratuita ofertada pelo Estado em casos específicos. A Lei n. 18.056 estabelece as normas gerais para a obtenção de pensões gratuitas.

“Las personas que hubieren prestado servicios distinguidos o realizado actos especialmente meritorios en beneficio importante del país, más allá de su personal deber”. (Artículo 2, Lei 18.056)

Os *pirquineros* estão inseridos nesse artigo, podendo receber a pensão gratuita. O benefício é calculado na base dos ingressos mínimos não remuneráveis, quantia que é definida por uma comissão especial⁴¹. A pensão gratuita não pode ser herdada, não arca com o pagamento de bônus especiais, gratificações, cota mortuária e atenção gratuita no sistema nacional de saúde.

Cogitar a compreensão do processo de envelhecimento e a vivência da velhice na sociedade atual significa desconstruí-la. Ambos devem ser entendidos em relação à estrutura social (Das, apud Ortega, 2008), a qual organiza as vivências individuais e não a partir de um olhar naturalizado que os faz parecer fenômenos discretos a serem apreendidos. Dessa compreensão faz parte reconhecer o processo modernizador envolvido na formação da mesma estrutura social, processo que apreciará o “novo” sobre o “velho”. Essa apreciação faz parte de uma estrutura das relações humanas, da sociedade e da organização dos comportamentos humanos no Ocidente (Elias, 1993, p. 105). Como já mencionei⁴², a sociedade ocidental experimentou uma série de transformações que resultaram no privilégio do novo, trazendo a ideia do progresso para seu centro.

Em virtude disso, a problematização na sociedade atual do envelhecimento e a velhice vincula-se mais ao sistema econômico imperante do que a condições próprias, pois a disponibilidade de mão de obra se torna a principal preocupação. Alguns pesquisadores indicam que o estudo do envelhecimento e da velhice não deve centrar-se no crescimento demográfico porque a taxa de envelhecimento proporcional à população não é maior atualmente do que a do começo do século XIX (Guillemard, Caradec, Membrado apud Bigossi, 2013). Por exemplo, no já citado livro de Paul Treutler, o autor indica o seguinte:

“Una prueba segura de la bondad del clima, en toda la República, es la circunstancia de que, según informaciones estadísticas seguras, viven en todo el país, que cuenta con 1.400.000 habitantes, 588 personas que tienen una edad de más de 100 años, dos de ellas con más de 130 años” (1958, 42).

⁴¹ A Lei n. 20.935 estabelece que, a partir do 1º/01/2017, o montante para ingresso mínimo mensal usado para maiores de 65 anos e para os trabalhadores menos de 18 de idade foi fixado em \$ 170.296.

⁴² Ver capítulo 1.

Mesmo que a declaração do autor possa ser questionada, não retira a importância da questão posta: idosos sempre existiram, mas hoje se problematiza esse tema em relação às características da organização social, não existindo um determinismo demográfico.

« Le vieillissement démographique n'est pas une fatalité dictant des conduits et des politiques homogènes dans les différents pays. En ce sens, on pourrait dire qu'il n'y a pas de déterminisme démographique » (Guillemard, 2005, p. 318).

Dessa maneira, o aumento da expectativa de vida repercute em um modelo cultural que organiza as idades e os tempos sociais. Através da análise que fiz sobre as políticas públicas de mineração e velhice, no Chile, observei como o mercado de trabalho é primordial para organizar os projetos individuais. Assim, o trabalho, a vida profissional e a atividade serão os elementos que darão sentido à vida das pessoas, e a falta deles terá importantes consequências, muito mais nos idosos, porque a sociedade exige que se retirem desse mundo. Por conseguinte, a estrutura social exigirá aos idosos saírem do mercado de trabalho, porém, ao mesmo tempo critica sua falta de atividade, criando um paradoxo que repercute em suas vidas cotidianas.

A máxima da atividade leva a sociedade a avaliar um envelhecimento bem-sucedido, em que os idosos consigam manter sua independência, autonomia

“Paradoxalmente o tempo da velhice e da aposentadoria, comunicado como um período de relaxamento e de diminuição das atividades acaba sucumbindo à tirania do envelhecer bem, mais opressor à medida que o tempo passa: seja autônomo, tenha um projeto, faça seus orçamentos, sociabilize-se.” (Bigossi, 2013, p. 229)

Porém, essa forma de entender o envelhecimento exclui outras possíveis maneiras de vivenciar a velhice, maneiras a se observar em IDO.

CAPÍTULO 3

Inca de oro, uma pequena cidade

3.1 *Inca de Oro*, pequena cidade no *Norte Chico*

*Inca de Oro*⁴³ é um povoado localizado na terceira região do Chile, já mencionada, ou seja, dentro do *Norte Chico*. Administrativamente, pertence à prefeitura de *Diego de Almagro* junto a *El Salvador*. Está situado a 110 quilômetros da cidade e capital regional *Copiapó*, e a 40 quilômetros da cidade *Diego de Almagro*.

Figura 8: Mapa Diego de Almagro



Fonte: GeoVirtual2 (2013).

Falar sobre IDO é falar de mineração e, principalmente, do desenvolvimento da mineração tradicional, a *pirquineria*. De fato, IDO reconhece, nessa atividade, sua principal característica e vocação, conforme consta no muro (Fotografia 15) que saúda os transeuntes da estrada. Essa mesma estrada conecta às cidades principais, *Diego de Almagro* e *Copiapó*.

⁴³ A seguir IDO.

Fotografia 15: Cartaz Bem-vinda a IDO



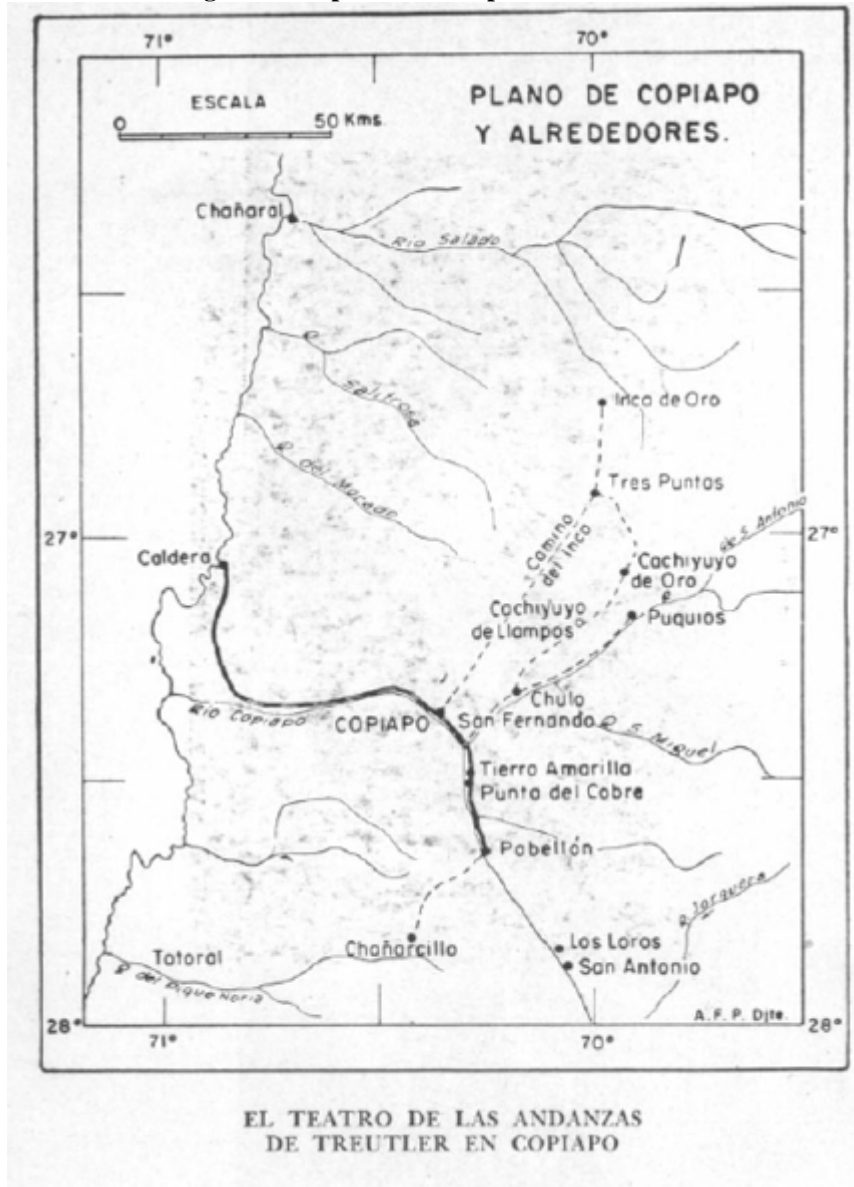
Fonte: Acervo da autora, 2016.

Graças aos investigadores da zona e, às vezes, as informações escutadas no próprio povoado⁴⁴ (Escalante e Ferreiro, 2001; Pizarro, 2009), sabe-se que as primeiras alusões ao vilarejo datam de 1845, quando as jazidas de ouro, próximas ao atual povoado, como *El Inca* e *La Isla*, foram inclusas em um relatório do Ministério do Interior. Prova disso é a alusão que faz dele o alemão Paul Treutler, que incluiu o vilarejo ao mapear a zona.

⁴⁴ Juan Dario Escalante Rojas: nasceu na cidade de Potrerillos e viveu sua infância em Inca de Oro. Formou-se professor de Química y Ciências Naturais. Trabalhou por 42 anos na escola “Mercedes Fritis Mackenney”, de Copiapó. ([Http://www.chanarcillo.cl/articulos_ver.php?id=77773](http://www.chanarcillo.cl/articulos_ver.php?id=77773))

Guido Pizarro Rojas: formou-se jornalista e professor de História e Geografia. Trabalha no Liceu José Antonio Carvajal de Copiapó. ([Http://www.diarioatacama.cl/prontus4_nots/site/artic/20091209/pags/20091209034518.html](http://www.diarioatacama.cl/prontus4_nots/site/artic/20091209/pags/20091209034518.html))

Figura 9: Mapa elaborado por Paul Treutler.



Fonte: Andanzas de un alemán en Chile 1851-1863 (1958, p. 92).

Em 1888, o engenheiro Francisco San Román afirmou que nessas jazidas existia um sistema interminável de veios, mas de difícil extração pela falta da água. Contudo, apesar das dificuldades ambientais, em 1904, a ferrovia uniu o porto de *Chañaral* ao mineral de *El Inca* (esse evento é usado como data de nascimento do povoado). Após nove anos, a jazida de *El Inca* uniu-se a *Pueblo Hundido* (atual cidade de *Diego de Almagro*), também por ferrovia.

O processo de povoamento do vilarejo seguiu o caminho comum das outras cidades do *Norte Chico*. Assim, o estabelecimento da ferrovia exigiu que os povoados e a indústria se adaptassem às suas demandas. Nesse sentido, a indústria precisava de grande quantidade de água para funcionar, por isso privilegiavam-se os assentamentos que contivessem esse vital elemento em suas proximidades. O lugar que depois ficou conhecido como *Inca de Oro* tinha, nos seus arredores, grande quantidade de sítios com água potável, e poços, entre os quais *Finca de Chañaral*, *El Pingo* e *Chañarcito*. Assim, em *El Inca* construiu-se um reservatório de água, feito de ferro, *cuba*. Esse foi o primeiro nome com que se conheceu o povoado, Estação de *Cuba*.

A partir dos anos 1920 começaram a chegar multidões para tentar a sorte nas minas e, com elas, os primeiros serviços públicos. Na década de 1930, a população sofreu grande aumento, vinda de diferentes lugares – não só mineradores, mas também aventureiros e mulheres. Muitos estrangeiros — iugoslavos, chineses e espanhóis — foram atraídos pela bonança do ouro, os quais migraram de outras cidades do Chile, principalmente do *Norte Grande* (após o fechamento das Salitreiras) e estabeleceram-se em IDO à procura de sucesso. Em IDO, alguns deles, como os chineses, criaram empresas como parte de projetos familiares e pessoais.

Com o estabelecimento da Caixa de Empréstimo Minerador (CRACREMI) inicia-se a chamada era de ouro do povoado, junto com a construção das primeiras ruas — Avenida *Manuel Antonio Matta* e Avenida *Francisco San Roman* —, inclusive, existia uma separação social territorial: atrás da estação ferroviária, na periferia, morava a população de baixa renda, enquanto que a população de alta renda, os ricos, grandes mineradores, funcionários públicos e comerciantes moravam no centro do povoado.

Durante a década de 1930, no auge minerador de *Inca de Oro*, a população de Inca superava 10.000 pessoas. Além disso, existia todo o tipo de serviços: hospital, correios e telégrafos, bombeiros e escolas privadas que, com o tempo, passaram a ser estatais. Também foram construídos hotéis, bancos, locais para a imprensa, Serviços privados de saúde.

Em 1934 instalou-se um gerador de eletricidade particular, em substituição às lâmpadas de carbureto. Já, em 1939, o nome do povoado foi mudado de *El Inca* para *Inca de Oro* dado a proximidade deste ao caminho do inca ou *Qhapaq Ñan*. A atividade mineradora era muito intensa nesses anos e ao final de 1940 foi criada a associação de pequenos mineradores de *Inca de Oro*.

De acordo com alguns pesquisadores, IDO correspondia, de modo semelhante aos vilarejos próximos, a um centro de vício, de jogo, de álcool e de muitas mulheres:

“Inca de oro era un centro de vicio, de juego, de trago y de mujeres. Había un cahuín casa por medio. Los cabarets más famosos fueron El Chanteclair, La picá la cebolla, La bolita de vidrio, La estrella, Doña Guille, Doña Uva, La turca, La chela, Doña Ronquinque, La Miguelina, La guatona Hilda” (Escalante e Ferreiro, 2001, p. 21)

Dessa forma, os mineradores que trabalhavam semanas completas na mina gastavam o dinheiro conseguido nas casas de mulheres. Inclusive, fala-se que muitos deles compravam roupas novas, roupas sociais e tênis de futebol, mas carregavam suas roupas de minerador para que, quando o dinheiro acabasse, pudessem voltar ao trabalho nas minas. Segundo Paul Treutler (1958), ao chegar aos povoados os mineradores compravam roupas novas deixando as velhas jogadas nas ruas, e se dirigiam às *chinganas*, onde gastavam seu dinheiro em jogos, bebidas e prostitutas. Naquele tempo era norma que os mineradores gastassem todos os lucros, e, às vezes, entregavam as roupas novas como pagamento às apostas. Quando isso acontecia, voltavam às ruas à procura das roupas velhas espalhadas pelo chão, escolhiam as melhores para se vestirem e retornar às minas.

IDO também possuía um teatro de dois andares, que era o orgulho do povoado. No primeiro andar vendiam tortas, roupas, discos e havia uma sala de cinema que, no princípio, exibia filmes mudos. No segundo andar havia locais e uma grande sala de dança. Infelizmente, no ano 1936 houve um incêndio. No lugar do antigo foi construído outro teatro, mas muito distante da grandiosidade do anterior.

Nos anos 50, as oscilações internacionais dos preços dos metais começaram a ser sentidas em IDO. O auge minerador presente no povoado decaiu e, aos poucos, começou o êxodo dos incanos à procura de lugares mais amigáveis (Pizarro, 2009, p. 30).

A decadência do povoado se refletiu no fechamento da estação do trem, transporte que havia sido fundamental na criação do povoado e que, em tempos de bonança, albergou, em suas dependências, os chefes da estação, os funcionários, os trabalhadores e o maravilhoso tambor de água que tinha dado o primeiro nome ao povoado. Em seus áureos tempos, a chegada da ferrovia constituiu-se em um evento social, concentrando grande movimentação de trens tanto de carga quanto de passageiros e correspondência. Com a decadência do produto provocada pela baixa dos

preços após os anos 1950, os trens do Norte foram desaparecendo até se extinguirem completamente. Isso também aconteceu com a estação de IDO. Com o passar do tempo, todas as instalações foram desmanteladas tanto por ordem da empresa quanto pelos próprios incanos que aproveitaram para usar os materiais em suas construções, e até o reservatório de água foi roubado.

IDO sofreu importante diminuição em sua população: em dez anos (1992-2002) registrou um decenso de 681 para 355 moradores. Segundo um censo realizado pelos funcionários da prefeitura, no vilarejo, as pessoas morando em IDO seriam 334, porém, esse registro foi revisado com os meus interlocutores dando, finalmente, o número de 337 pessoas em 2016.

Em termos de gênero, moram na comunidade, principalmente, homens, mas os estudos feitos na zona evidenciam que as mulheres são as que permanecem no povoado, enquanto os homens movimentam-se continuamente por motivos laborais dentro e o município. De fato, no povoado, percebe-se uma mobilidade muito grande da população, em função das fontes de trabalho. Outra característica própria do povoado é a concentração de população idosa devido à migração das faixas etárias mais jovens. Destaco que a população de idosos aposentados continua trabalhando de modo autônomo, alguns na função de zeladores, jardineiros ou cozinheiras, outros como *pirquineros*. Isso porque o benefício das pensões é muito baixo e não lhes dá o suficiente para se sustentarem.

Desde a construção do projeto de pesquisa para a seleção do Doutorado, questionei-me sobre como entenderia IDO. Comunidade, povoado ou localidade? Espaço rural ou urbano? Mesmo no transcurso da tese, utilizo de forma indistinta povoado, vilarejo e localidade. Cabe ressaltar que nesta tese problematizo IDO a partir da Etnografia da duração, ou seja, centrando-me nas experiências temporais e espaciais dos habitantes interlocutores desta pesquisa, conforme foi assinalado no primeiro capítulo.

Contudo, acredito pertinente aprofundar a discussão sobre como encarar IDO a partir da Etnografia da Duração, e as implicações do lugar na vida cotidiana para dar conta do tempo e do espaço na pesquisa. No dizer de Veena Das (2008), é a “descida à cotidianidade”, ou seja, descer às rotinas e aos ritos cotidianos, aos gestos e murmúrios do dia a dia, aos modos com que as pessoas se vestem, cozinham, cuidam uns de outros, desejam, entre outros.

Fotografia 16: Atual estação de IDO.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 17: Atuais linhas do trem



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Para efeitos político-administrativos, IDO é definida como uma comunidade rural, pertencente à prefeitura de *Diego de Almagro*, cidade que pertence à província de *Chañaral*, uma das três que fazem parte da terceira região de *Atacama* (CENSO, 2002⁴⁵). Além disso, é definida como uma aldeia, pois corresponde a um assentamento humano concentrado, com uma população flutuante entre 301 e 1.000 habitantes⁴⁶.

IDO é tratada como uma comunidade rural, no intuito de marcar as diferenças em relação a um contexto urbano, diferenças baseadas em critérios demográficos, administrativos e econômicos. Por exemplo, durante o mês de julho de 2016, quando me encontrava em campo, fui convidada pelo delegado da prefeitura, *Dom Alejandro*, a participar de uma oficina sobre previsão social realizada por funcionários do Ministério de Previdência Social. A população-alvo dessa atividade eram mulheres de contextos rurais, e durante o transcurso das diferentes falas, as expressões comunidade rural, contexto rural, localidade rural, muitas vezes foram mencionadas pelas pessoas que dirigiam as conversas. A noção de ruralidade não foi discutida nem explicada. Discutir sobre as particularidades do povoado, sobre suas atividades, não veio à tona. Utilizou-se essa noção apenas para distinguir as dinâmicas que se passavam fora das cidades, dos contextos urbanos.

Em consequência, quando o rural é entendido em oposição ao urbano, sem se analisar as especificidades, ele se associa a uma categoria residual que contém tudo o que fica além do urbano (Rodríguez, Saborio e Candia, 2011). Assim, o rural é entendido principalmente pelas atividades econômicas agropecuárias ou pela presença da população dispersa no território e sua baixa concentração. Em virtude disso, um território rural seria definido pelo número de habitantes e por sua localização em relação aos centros urbanos.

Assim, ao se lançar um olhar antropológico nesta tese, esse ato exige enfrentar o local como resultado de uma série de operações de localização, de uma construção contínua e concentrada de universos práticos e simbólicos. Nas palavras de Michel Agier (Vidal, 2003), o local será “tal como as pessoas vivem na vida cotidiana”. Dessa

⁴⁵ O último censo realizado no Chile foi em 2012, porém, os dados entregues foram questionados tanto por comissões internacionais quanto nacionais. Em consequência, na atualidade não existem dados validados.

⁴⁶ As categorias são: cidade: entidade urbana que possui mais de 5.000 moradores. Povoado: entidade urbana com uma população que varia entre 2.001 e 5.000 pessoas, ou entre 1.001 e 2.000. Casario: Assentamento humano com nome, onde há três vivendas ou mais próximas entre si, com menos de 2.001 moradores. (INE, 2005).

forma, IDO corresponde a um espaço-temporal dado em uma sequência de tempo e de espaço.

Conforme as questões expostas debruço-me sobre IDO a partir do estudo do tempo e do espaço, já mencionado, e desconsidero entendê-lo e suas dinâmicas sob um enfoque rural-urbano para não cair em análises dicotômicas, nem entender as dinâmicas do povoado a partir de opostos; o rural e o urbano, a tradição e a modernidade, o interconhecimento e o anonimato, o vilarejo e a grande cidade, a comunidade e o agregado social⁴⁷ (Bozon, 1984, p. 9).

Para os fins desta pesquisa considero apropriado abordar IDO a partir do que Michel Bozon entende por *petite ville*, pequena cidade.

« Mas s'il y a d'une part des modes de vie, des pratiques sociales, des styles de vie quotidienne relativement fixes, il faut considérer d'autre part l'espace de mise en oeuvre des pratiques, la situation particulière et les conditions circonstancielles dans lesquelles les habitus se trouvent inscrits. Dans le cas particulier d'une petite ville, on doit prendre en compte aussi bien la taille de la ville, sa place dans la structure économique nationale, les relations qu'elle entretient avec son environnement rural e urbain, l'écologie urbaine (...) la structure locale des relations entre les groupes sociaux (...) entre les autochtones et les hétérochtones (...) entre les classes d'âges également » (1984, p. 11)

Bozon salienta a importância de compreender os limites das cidades pequenas, pois muitos pesquisadores tendem a pensar um povoado como se este tivesse limites delineados e fechados.

Dentro de uma pequena cidade, os grupos sociais serão definidos, conforme Bozon, pelo contato cotidiano, pela coexistência tanto dos grupos quanto dos indivíduos e pelos conflitos que ali possam acontecer. Nesse contexto, fazer parte de uma cidade pequena significará se integrar, paulatinamente, a uma rede de tênue interconhecimento, na qual os indivíduos que façam parte dessa rede compartilharão um conhecimento baseado na intuição. Cada um deles se apoiara nessa intuição para se debruçar sobre os grupos e as outras pessoas, criando um censo comum. A intuição e a participação do censo comum da pequena cidade permitirá a seus membros pertencer à localidade. Esse interconhecimento intuitivo se baseará na partilha de valores comuns, com os quais os habitantes de uma cidade pequena poderão agir dentro de sua estrutura social.

⁴⁷ Tradução nossa.

Pensar IDO nesse contexto significa reconhecer a existência de valores comuns compartilhados entre os habitantes do povoado. Valores que orientarão suas práticas, suas falas dentro dos limites socialmente construídos e aceitos. Um desses valores, muito observado durante a Etnografia, foi o valor da honra que, por sua vez, aciona a fofoca e a vergonha como formas de controle social. Segundo Pitt-Rivers (1992, p. 17) a honra se define como a guia da consciência ou a medida de status social, pelo que deve ser socialmente reconhecida na importância da reputação ou do prestígio. Assim, morar em uma cidade pequena, como IDO, significará entrar em uma sociabilidade na que será de relevância o valor da honra. No caso dos homens do povoado, a honra exigirá coragem, sendo representada principalmente pela atividade *pirquinera* e os *pirquinos*⁴⁸. No caso das mulheres a honra emanará principalmente do cumprimento dos papéis tradicionais de gênero e de evitar a vergonha, garantindo a honra delas e de seus homens⁴⁹.

A fofoca (Fasano, 2006) em particular é utilizada para manter os valores de uma comunidade. Em uma pequena cidade, como IDO, ocupa um lugar importante visto que, em pequenas populações é altamente provável que todos se conheçam entre si, e que as vidas de cada indivíduo sejam afetadas pela vida de outro. Além disso a fofoca delinea os limites da comunidade, somente quem faz parte da comunidade pode entender a fofoca e ser afetado por ela.

Dessa forma, a honra, a fofoca e a vergonha são indicadores de pertença a uma pequena cidade, como IDO, através deles é a própria comunidade que controla quem faz parte ou não.

Entender IDO como uma pequena cidade, além do mencionado, envolve posicionar o povoado na região à qual pertence, ou seja, no contexto maior. Esse contexto estará constituído não somente pela atividade econômica referida, a mineração, mas também pelas características culturais divididas na zona.

Por meio da etnografia realizada entendi que, para reconhecer e compreender os valores sobre os quais meus interlocutores se debruçavam no vilarejo, através dos quais agiam e sobre os quais construíam suas expectativas em relação às práticas dos outros, devia me deter não somente na compreensão do desenvolvimento da atividade mineradora no norte do Chile; também era preciso me aprofundar no entendimento das

⁴⁸ Ver Capítulo 4 e 6.

⁴⁹ Ver Capítulo 5.

sociedades indígenas andinas — sociedades que habitaram o território. Muitas das falas, muitos dos momentos divididos com meus interlocutores levaram-me a um fundo cultural maior do que a presença do Estado chileno, ou dos espanhóis na conquista; precisei ir além para compreender os valores culturais e como eles foram se entremeando com os valores próprios da indústria mineradora. Assim sendo, para entender IDO não basta entender suas falas e práticas, apelando para as características das sociedades industriais, portanto, precisei ir em busca das sociedades indígenas andinas. Nesse sentido, concordo com a antropóloga June Nash (2008) que fez um estudo nas minas de estanho da Bolívia (1967-1985), no qual mostra como a cultura não é somente algo a ser transmitido de geração em geração; ela é a base para produzir tanto as adaptações quanto as transformações (2008, p. 342).

As sociedades indígenas andinas ocupam um território desmembrado pelo processo de conquista e posterior criação dos Estados-Nação; o Peru, a Bolívia, a Argentina e o Chile. Mesmo as fronteiras atuais fomentaram a invisibilidade das particularidades culturais. Esses territórios compartilham um substrato cultural e os habitantes dessas zonas possuem formas de pensar semelhantes entre eles, diferentes ao sistema capitalista; formas de pensar que coexistem e que, muitas vezes, podem ser observadas como contraditórias (Salazar e Vilches, 2014; Nash, 2008). No Chile, durante o boom econômico das salitreiras, o *Norte Grande* recebeu grande mão de obra do *Norte Chico*, possibilitando as interações sociais, culturais e econômicas nessa zona, desse modo toda a zona norte partilha códigos comuns que lhe provêm uma identidade própria no contexto nacional (Lorca, 2015, p. 76).

O estudo mencionado de Nash (2008), na Bolívia, ajudou-me a problematizar esse quesito, pois percebi algumas semelhanças entre o narrado pela autora e alguns elementos observados em campo, sobre os quais pode-se perceber um substrato cultural comum reverberado. Com o fim de ilustrar esse substrato, na continuidade mencionarei alguns desses elementos e algumas cenas etnográficas vivenciadas em IDO.

Um dos elementos que chamou minha atenção foi a importância do trabalho e a forma de exploração dos minérios. Nash assinala que na comunidade de Oruro os únicos homens respeitados pela comunidade são aqueles que trabalham, quem não o faz é considerado um parasita que pede dinheiro para viver (2008, p. 97).

Debrucei-me sobre a importância do trabalho em IDO, ao conhecer a *esquina de los aburridos*/esquina dos entediados⁵⁰. Na intersecção das avenidas *Diego de Almeyda* e *Manuel Antonio Matta* existe um banco de madeira corroído pelo sol e o tempo. Nele, depois de almoço, quando o sol baixa sua intensidade, alguns homens, principalmente idosos, se sentam. Quando a conheci, essa esquina pareceu-me interessante dada a presença de idosos sempre nela, alguns de forma fixa, outros, esporádica. Aos poucos, me aproximei deles, até me tornar conhecida, assim, cada vez que transitava na frente do banco, cumprimentava aos idosos, às vezes ficava sentada com eles, conversando, pois eles me convidavam a sentar. Com o passar do tempo percebi que eu era uma das poucas mulheres que sentava com eles. O olhar fixo dos trabalhadores quando voltavam dos dias de trabalho, depois das 18 horas, revelava-me a estranheza da minha presença naquele local. Com o passar do tempo no campo etnográfico soube o apelido da esquina, como era conhecida no vilarejo todo. Porém, não soube o apelido pelos interlocutores, senão por um homem mais novo que desafiou os idosos a me dizerem o apelido da esquina, mas eles não quiseram falar, até ficaram incomodados, alguns quase envergonhados. Outras pessoas, ao se referirem à esquina, falavam em tom depreciativo, destacando que nela se juntavam pessoas que nada tinham a fazer, enquanto elas deviam trabalhar. Nessas falas, o motivo da presença dos homens na esquina se devia à preguiça, não cabendo outros motivos, por exemplo, falta de atividades de lazer no povoado, ou uma escolha válida e respeitada.

A importância do trabalho também aparecia na opinião de muitos idosos *pirquineros*, e falavam sobre a falta de novas gerações na atividade. Para eles, essa ausência devia-se à preguiça dos jovens, pois eles esperavam ganhar dinheiro de forma fácil, e a *pirquineria* é uma atividade que exige muito esforço, muito trabalho, e os lucros não estão garantidos. E dizem que esses motivos fazem os jovens não se interessarem.

El trabajo del pirquintero es una huella con calamina, huella con muchos hoyos, no es liso para que todos marchemos bien. Hay tropiezos, si no, no habría ningún minero pobre. / O trabalho do pirquintero é um caminho com calamina, caminho com muitos buracos, não é liso para que todos avancemos bem. Tem tropeços, do contrário não haveria nenhum minerador pobre. (Dom Roberto)

⁵⁰ Ver capítulo 4.

Observei, no comportamento de Dom *Pascual*, as consequências da falta de atividade. Quando o conheci ele estava sem emprego e não tinha dinheiro para investir na *pirquineria*, assim passava os dias em casa, ou em algumas esquinas olhando o que se passava nas ruas ou falando com algumas pessoas. Nas vezes em que passei na casa dele, principalmente quando ia conversar com a esposa dele, Dona *Daniela*, nunca vi Dom *Pascual* se encarregar das tarefas domésticas, sendo elas próprias da esposa. Assim, Dom *Pascual* passava muitas horas sem atividade ou assistindo televisão. Dom *Pascual* e a esposa me disseram que algumas pessoas de IDO falavam sobre esse fato, dizendo que Dom *Pascual* gostava de ser mantido pela esposa, gostava de não fazer nada e não ajudar em casa. O casal não gostava desse tipo de boato, ressaltando a falta de oportunidades para trabalhar e que ambos, o homem e a mulher, davam um jeito sozinhos com a situação, sem receber nem pedir ajuda para ninguém. Aliás, Dom *Pascual* se dedicava muito a sua igreja e ao seu labor como pastor. Todas as semanas dirigia as reuniões, assistia às reuniões com os pastores que vinham de uma cidade próxima, dedicava muito tempo ao estudo da bíblia e em manter a casa de oração em boas condições, mas essa atividade não era reconhecida. Antes de voltar ao Brasil, conforme havíamos combinado, liguei para Dona *Daniela*, pois ela queria se despedir de mim antes da minha viagem. Nessa oportunidade, ela me contou que o esposo tinha conseguido emprego e estava muito contente, depois de mais de um ano ele voltava sentir-se feliz e útil.

Outro elemento instigador encontrado na obra da Nash, relaciona-se às crenças no sobrenatural. As pessoas de Oruro compartilham crenças sobre demônios, deidades com as quais convivem nas minas, no acampamento minerador ou na região (Nash, 2008, p. 153).

Tanto as leituras feitas de escritores locais sobre IDO ou *Diego de Almagro* quanto as falas que ouvi me revelaram essas crenças. Em campo, escutei muitas histórias relacionadas à presença do diabo nas minas e no povoado. Alguns *pirquineros* contaram-me que, às vezes, ouviam o diabo dentro das minas durante os trabalhos de exploração, pois o diabo não queria que os *pirquineros* se apossassem dos minérios, e, às vezes, ele trabalhava da mesma forma que eles na concorrência pelo mineral.

Y uno de ellos dijo “voy a ir a mirar para dentro” y mi hermano le dijo “no te vaya a salir el diablo, y se te monte en el espinazo” y de un de repente sentimos un grito no más nosotros, llegó tiritando y no podía ni hablar, claro, el diablo le topeteó el espinazo, así que llegó, no quería más guerra, y mi hermano le dijo “yo te dije, que no te

metieras para adentro, yo te dije que andaba el diablo adentro”/ E um deles falou “vou olhar para dentro” e meu irmão lhe falou “não, vai aparecer o diabo para ti, e se te suba nas costas” e de um momento a outro ouvimos um grito, chegou tremendo e não conseguia nem falar, obvio, o diabo lhe tocou as costas, assim chegou, não queria mais, e meu irmão lhe falou, “eu te falei para não entrar, eu te falei que o diabo estava lá dentro” (Dom Pascual)

Em IDO existe a história de um cachorro preto que percorre as ruas, à noite arrastando correntes, esse cachorro seria o diabo, porém, nem todas as pessoas o mencionaram, acredito que preocupados em não serem julgados supersticiosos ou ingênuos. Contudo, a história é mencionada nos livros dos escritores locais, e também alguns *incanos* atreveram-se a me falar sobre isso. Paloma contou-me a história, mas Dom Pascual contou-me como ele próprio tinha se encontrado com o cachorro, à noite, e precisou fugir rapidamente porque o diabo queria levá-lo.

Todavia, pode-se pensar sobre esses elementos como próprios de comunidades mineradoras, porém identifiquei semelhanças particulares com o narrado por Nash (2008). Aquelas semelhanças tem a ver com a forma de exploração artesanal nas minas de estanho. A Nash menciona que, antigamente, as equipes de trabalho estavam organizadas em grupos de entre seis e 12 pessoas. Nesses grupos existia um chefe, nomeado de engenheiro empírico, quem tinha habilidade de conseguir a colaboração de todos os membros da equipe. Além disso, ele tinha a responsabilidade de procurar o veio, e ao identificá-lo a equipe começava os trabalhos de exploração. Nessa forma de exploração, o modo do pagamento se definia por metros cúbicos trabalhados e não pela quantidade de minérios extraídos, assim, a equipe era solidária com os seus membros. Para Nash, o novo sistema, instalado pela industrialização, procurou minimizar a autoexploração do trabalho dos mineradores e centralizar os ingressos nas diferentes minas com diferentes níveis de produtividade. (Nash, 2008, p. 212).

Analogamente, em IDO a forma de exploração também é artesanal⁵¹, e os *pirquineros* podem trabalhar em pequenas equipes. Indubitavelmente, a principal semelhança observada refere-se ao nome local dado pela equipe ao engenheiro empírico descrito, segundo Nash, como *pirkiñero*.

⁵¹ Ver capítulo 4.

“Cita Manuel: Antes, los *pirkiñeros* se presentaban a trabajar en algo a lo que entregarían todo su corazón, lágrimas y sufrimiento. Tenían que trabajar y eran recompensados de acuerdo a la cantidad de mineral”. (Nash, 2008, p. 218)

Cabe destacar que não faz parte dos objetivos da minha tese analisar as semelhanças linguísticas entre as duas palavras, tampouco faz parte uma análise aprofundada da atividade *pirquinera* e de suas relações com outras localidades da região influenciada pelas sociedades indígenas andinas. Para tal fim seria necessário fazer outras perguntas e visar outros métodos. No entanto, acredito que a semelhança entre ambas as palavras, e o processo de exploração dos minérios e os costumes descritos, devem estar sob o abrigo da mesma expressão cultural — a andina.

Também devo esclarecer que tanto as pesquisas, os investigadores da zona, quanto os interlocutores não relacionam o nome dado à mineração artesanal, *pirquinería*, na terceira região do Chile, com a forma de exploração artesanal da Bolívia para se referirem às origens do termo ou da atividade. Nesse contexto, a palavra *pirquinería* refere-se a uma atividade mineradora produtiva de trabalhar em *piques* ou poços (Romero, 2011, p. 51). Também pode fazer referência às *pircas*, pedras superpostas das ruínas incas encontradas no deserto, lugares e pedras das quais muitas vezes os *pirquineros* se serviam, antigamente, para construir abrigos ou acampamentos e que ainda são procuradas por alguns moradores de IDO para a construção.

Por fim, a pesquisa feita por Nash instiga outra questão, a industrialização e a mudança que produz nas formas de exploração. Lendo o estudo de Nash sobre as minas de estanho da Bolívia, notei que a inserção das máquinas na exploração dos minérios produz um processo de industrialização da mineração em Oruro e, posteriormente, o abandono das formas tradicionais de exploração. Isso não só se observa na mineração desenvolvida no contexto boliviano (ou no descrito por Nash), mas também pode ser observado nas minas de ouro da África do Sul, onde a criação de uma força de trabalho com novas características foi provocada pelo aumento da mecanização das minas. Com esse processo, a indústria necessitou de maior quantidade de mão de obra qualificada. (First, 1977, p. 47). Nas minas desse país, o processo de dinamitação da rocha foi acelerado com a inserção das máquinas, garantindo uma ótima eficiência e mais lucros (1977, p. 48).

Ambos os exemplos mostram o modo com que o sucesso das explorações industriais mineradoras relaciona-se com a integração entre as práticas locais e a inclusão das máquinas.

Tanto a revisão bibliográfica quanto o campo da pesquisa mostrou-me que para compreender o processo de envelhecimento e a vivência da velhice em IDO, eu devia me deter na compreensão da *pirquinería* no vilarejo, e para entendê-la precisava me aprofundar no substrato cultural andino presente na região onde se localiza o povoado de *Inca de Oro*, ou seja, era preciso entender as formas de viver e pensar o deserto de *Atacama*, território no qual se situa o vilarejo.

Para me aproximar do deserto de *Atacama*, e as formas de habitá-lo, novamente me servirei de uma experiência vivenciada durante meu campo de pesquisa, em 2014.

No início de dezembro fui convidada a participar, na condição de ouvinte, de um seminário organizado pela prefeitura de *Diego de Almagro*. Esse seminário tinha o objetivo de refletir sobre o Deserto de *Atacama* como um espaço de contatos, de convívio, e durante dois dias ouvi várias pessoas do mundo intelectual, folcloristas, poetas e artistas da zona falarem sobre as características de habitar o deserto. Uma conclusão era comum entre eles: a questão de pensar o Deserto de *Atacama* como um território em que existem inúmeras realidades e situações. Fiquei surpresa com essa constante afirmação e me perguntava: Por que esses intelectuais destacavam tão fervorosamente essa questão? À primeira vista pode-se pensar que essa afirmação é quase banal, algo muito óbvio para ser enfatizado.

Porém, durante muito tempo foi senso comum de que a vida no Deserto de *Atacama* era impossível dada sua aridez — lugar sem água, sem vegetação e sem vida humana ou animal. Essa visão se apoiava nas duras condições climáticas desse lugar. Nos 181.300 quilômetros quadrados que abarca, esse deserto contém campos de sal, areia, fluxos de lava e é conhecido como o deserto mais árido do Planeta, havendo lugares onde nunca não cai gota alguma de água. As temperaturas variam segundo a proximidade do mar: mais perto dele não há grandes oscilações, porém, no interior pode haver diferenças entre dia e noite de 10°C, aproximadamente. São essas características que levaram o cronista Jeronimo de Bibar a nomeá-lo de *Despoblado de Atacama*. Mesmo que citar o termo despovoado faça referência a um território absolutamente inabitado.

Fotografia 18: Deserto de Atacama



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Compreender o território do Deserto de *Atacama* como um despovoado implica tirar dele toda a sua historicidade⁵². Assim, tanto a disciplina arqueológica quanto a histórica tem derrubado essa visão, mostrando as diferentes formas de apropriação do território: eventuais, estacionais, temporais ou permanentes (Molina, 2006).

“La diversidad ambiental y la continuidad geográfica descrita y analizada, muestra que la puna y el desierto de Atacama constituyen espacios capaces de sostener un poblamiento permanente o temporal y que sus recursos pueden mantener a las economías collas y atacameñas⁵³. Los tres aspectos destacados, es decir, los recursos existentes en estos territorios, la continuidad geográfica y los asentamientos, constituyen el escenario de la movilidad y de los intercambios transfronterizos”. (Molina, 2010, p. 94)

Desse modo, o deserto deve ser entendido como um território em permanente movimento e tráfego das populações que aprenderam um modo de se relacionar com o meio ambiente. De fato, durante a história, grupos e indivíduos têm viajado pela terra por diferentes rotas e por inúmeros motivos.

⁵² Inclusive este olhar se reflete em alguns incanos, alguns se referem ao despovoado de Atacama para explicar a desaparecimento de alguns vilarejos da zona. Para eles, esse seria o motivo da dificuldade da vida no deserto e não as políticas econômicas imperantes.

⁵³ Povos habitantes da zona.

“Such mobile people, be they Hunter-gatherers, pastoral nomads or otherwise, left archaeological traces distinctly different from settled populations” (Wendrich, e Barnard, 2008, p. 1).

Assim, na zona do Deserto de *Atacama*, os assentamentos humanos se distribuíam pelo território, aproveitando as condições ambientais que a zona lhes oferecia. Dessa forma, havia lugares de assentamento, mas também rotas, caminhos que uniam o território da costa até as altas montanhas. Os pesquisadores da zona acreditam que a visão de despovoado dos cronistas espanhóis foi possível pela falta de costume de associar povoados com assentamentos dispersos ou de outro tipo.

Muitos termos são usados para se referir às migrações sazonais (Wendrich e Barnard, 2008). Essas migrações são determinadas principalmente pelas condições climáticas ou pela presença de recursos em determinadas épocas do ano. O termo mais comum utilizado é de *trashumancia/transumância*, mas devem ser esclarecidas suas especificidades. Assim, existe a chamada transumância vertical, em que as populações recorrem a áreas montanhosas em diferentes estações. Esse sistema de vida pode se encontrar em lugares como: Iraque, Kazakhstan e nos Andes. Também se identifica a transumância horizontal, utilizada para descrever deslocamentos, aproximadamente na mesma altitude, frequentemente com o fim de procurar recursos inclusive sob a neve.

Segundo Hans Gunderman (1998), a transumância ocorre somente em territórios onde chove em abundância e, por conseguinte, existe grande quantidade de forragem. Ao não habitar um território com essas características, as populações podem optar por uma transumância estacional, ou seja, focada em territórios limitados e distantes entre si, aos quais podem se dirigir em determinadas estações. Nos seus estudos sobre as comunidades indígenas do deserto, Gunderman mostra como os *atacameños* manifestam um sistema de transumância flexível, aberto, pois muitas estratégias podem ser adotadas para fazer frente ao território desértico. Por exemplo, essa etnia disponibiliza uma transumância em direção à alta cordilheira (entre 3.500 -4.500 m.snm) durante as estações cálidas, aproveitando a existência de recursos nessas altitudes que, em outras épocas do ano, não podem ser atingidas. Porém, também há uma transumância de inverno, ou seja, durante os meses mais frios. Nessa estação, os *atacameños* se encaminham para setores mais inferiores, abaixo de 3.000 m.snm, aproveitando as forragens deixadas pelas chuvas estivais.

As comunidades que adotam essa forma de habitar o deserto deslocam-se pelo território em busca de melhores forragens para seus animais, por isso, principalmente

esse tipo de populações pratica e vive do *pastoralismo*. Frequentemente, esse tipo de populações percorrem grandes distâncias (Ikeya e Fratkin, 2005; Dong, Wen, Zhang, Lassoie, Shaoliang, Xiaoyan, Jinpeng e Yuanyuan, 2011), como os Tuareg no deserto do Saara, ou as sociedades do deserto de Atacama como os *atacameños*. Assim, atravessam o território orientando a seus animais aos lugares com vegetação e água.

“En los escenarios sociales de antaño los rebaños generaron productos, subproductos y servicios centrales para la vida social (...) medios de transporte, alimentos y materias primas diversas. Buena parte de ellos eran utilizados y consumidos internamente. En cuanto al transporte, la relación económica con otras comunidades se realizaba utilizando esa capacidad de carga (recuas de llamas machos cargueros, pero también burros y a veces mulas), intercambiando y/o vendiendo bienes como carne, tejidos, cordelería, en algunos sectores productos agrícolas de altura y, en ocasiones, bienes producidos en otros sectores y trasladados por los pastores con fines de intercambio o comercio. (Gunderman, 1998, p. 297)

No entanto, o autor salienta que o nomadismo não é questão central das tradições culturais dessa parte dos Andes. Nesse sentido, o sistema de transumância, através do qual se administra a possessão dos diferentes animais, pratica-se só em alguns lugares e somente é uma opção dentre outras estratégias que podem ser utilizadas em condições ambientais áridas e com presença de oscilações climáticas cíclicas. Para Gunderman, o nomadismo ocorrido pela transumância está definido, de forma geral, pela capacidade de algumas populações para administrar territórios multiecológicos. A forma de agir desenvolvida nessa área dos Andes também correspondeu à das populações locais indígenas nas épocas coloniais e republicanas, pois a dominação dessas sociedades provocou transformações sociais nas populações locais indígenas, transformações que precisaram da reestruturação das unidades sociais e da organização dos territórios agrícolas e pastoris (1998, p. 300).

Seguindo essa argumentação, o modo de vida das populações do deserto de *Atacama* caracteriza-se pela importância da mobilidade no sistema já descrito. Nesse sentido, a forma de habitar o deserto corresponde a uma adaptação específica ao meio natural que permite o desenvolvimento humano e envolve um saber particular dos lugares que compõem o território (Arredondo, 2014), ou seja, uma estratégia para sobreviver. O sistema de mobilidade da transumância permitiu que me aproximasse de outras possibilidades de viver no deserto, além dos povoados mineradores já mencionados.

Os pesquisadores da zona (Molina, 2010, 2008; Lorca, 2010; 2015) indicam que os povos indígenas que atualmente habitam esse território correspondem aos *atacameños* e aos *collas*.

“Collas y atacameños son parte de un proceso histórico social y territorial basado en una combinación de denominaciones identitárias y de una dialéctica de la movilidad, con estrechas y dinámicas relaciones sociales, culturales y económicas que se verifican en el tiempo histórico. (Molina, 2010, p. 99).

Para os fins desta pesquisa só me referirei à etnia indígena dos *collas*. Essa escolha se baseia na presença deles em *Inca de Oro*, tanto fisicamente quanto nas falas dos seus habitantes.

As sociedades pastorais (Ikeya e Fratkin, 2005) definem-se como pessoas cujo sistema de vida depende principalmente da criação de animais domésticos: gado, camelos, ovelhas, cavalos, cabras, iaques ou burros, e do uso do leite, da lã, do couro, além do transporte realizado por esses animais. Essas sociedades ocupam territórios, entre os quais a savana, o altiplano, os áridos desertos, ou as tundras, lugares em que a agricultura é difícil ou impossível. Desse modo, os *collas* são pastores que percorrem o deserto seguindo os recursos hídricos da zona para alimentar seus animais — ovelhas e principalmente cabras.

“O homem é terra que anda”; provérbio *colla* (Ibáñez, 2008, p. 75)

Segundo alguns pesquisadores (Ibáñez, 2008; Bujes, 2008; CNCA, 2012; Molina, 2013), esse povo corresponde a famílias de grupos étnicos móveis preexistentes; *diaguitas*, *amaguacas* e *atacamas*, e também algumas populações migrantes do altiplano boliviano, além dos mestiços de espanhóis e indígenas. O nome *colla* era utilizado para indicar as populações que habitavam o sul do Império *Inca*, *Collasuyo*, porém, com o passar do tempo passou a referir-se a todas as populações indígenas do altiplano até a puna de Atacama. De fato, os pesquisadores consideram que esse nome escondeu as especificidades das populações indígenas locais, colocando uma grande diversidade cultural sob um mesmo termo.

No Chile, os *collas* chegaram, ao final do século XIX (Molina, 2013, 2008; Bujes, 2008; CNCA, 2014, 2012), ao lado argentino e ao Sul da Bolívia em uma zona próxima a San Pedro de Atacama (segunda região do Chile), ocuparam o território criando diferentes tipos de assentamentos nos diferentes espaços ecológicos que encontravam: os pampas e quebradas próximas aos pés da cordilheira, onde existem

aguadas e vegetação de algum tipo; o setor da pré-cordilheira, onde havia campos de pastoreio ao pé dos morros dos morros e água, ocupados durante as estações de outono e início do verão; e o altiplano e vales altos que representam extensos prados para a pastagem e concentração de água, ocupados no pastoreio de verão e começo do outono (Molina, 2008). Em cada um desses espaços os *collas* construíram assentamentos que eram ocupados por temporadas, desenvolvendo uma ocupação do território em constantes idas e vindas. Na região de Atacama, em uma primeira etapa, pastorearam perto da puna e das quebradas da cordilheira, em quebradas próximas a *Potrerillos* e *El Salvador*. Durante uma segunda etapa, ocuparam a zona de *Paipote*, *Carrera Pinto* e *Puquios*. Finalmente, assentaram-se na zona do rio *Jorquera*. Atualmente, os *collas* se localizam em *Atacama* em: *Copiapó*, *Estación Paipote*, *Tierra Amarilla*, *Los Loros*, *Diego de Almagro*, *Portal del Inca (Salvador)* e em *Inca de Oro* (Molina, 2013; Bujes, 2008).

Os *collas*, além das atividades mencionadas, caçavam animais — vicunhas, raposas, chinchilas⁵⁴ e viscachas — tanto para fins comerciais quanto de consumo. Também coletavam lenha, carvão que vendiam aos diferentes centros mineradores. Desenvolveram uma tradição mineradora tradicional de minerais metálicos. Assim, trabalharam nas minas de cobre, ouro, prata e chumbo, e alguns se ocuparam nas salitreiras. De fato, alguns deles eram catadores, pois conheciam o território e suas riquezas.

“Según afirma Héctor Salinas, cuyo bisabuelo era pirquinero, *Aquí toda la gente sabía dónde estaban los minerales grandes, pero no tenían como explotarlas. Todos los minerales grandes habían sido antes descubiertos por los indígenas collas*” (CNCA, 2014, p. 221)

Por causa das políticas sociais, étnicas e econômicas do Estado chileno, assiste-se a um processo de invisibilidade da identidade indígena *Colla* (Contreras, 2005; Molina, 2013; CNCA, 2012, 2014). Desde o início da República, o Chile negou sua identidade indígena, procurando homogeneizar a população sob “*lo chileno*”. Na terceira região, Copiapó construiu-se como a cidade fronteira do deserto, enfatizando o nacionalismo e o patriotismo. Assim, nas falas populares, todo o indígena era associado à presença boliviana, situação aprofundada após a Guerra do Pacífico (1879), e os *collas* somente foram identificados nessa época como pastores, *pirquineros*, caçadores de guanacos, vicunhas e raposas, também como caçadores de chinchilas, arrieiros, ou trabalhadores de metais, mas jamais como indígenas. Essa tendência aprofundou-se com o governo militar, que se caracterizou por uma política genocida das etnias indígenas, difundindo a ideia da homogeneidade do Estado chileno.

“Para el golpe militar de 1973 se desata la represión en contra de los dirigentes y organizaciones, afectando también al pueblo colla. Todas las actividades económicas desarrolladas por nuestro pueblo son prohibidas (minería, por uso de explosivos y alza de maquila, corte de leña, confección de carbón, etc.). Otra vez una parte de nuestro pueblo debe abandonar el territorio, la cordillera. Algunas familias se quedan en la alta cordillera con su ganado. Se termina el uso de la guía de libre tránsito, favoreciéndose el robo de ganado y el cuatrismo.” (CNCA, 2012, p. 50)

⁵⁴ Em campo conheci Dom Enrique Pizarro, pesquisador local dos *Collas*, que salienta falta de rigor e objetividade nos estudos feitos sobre a etnia, assim, teceram-se muitas histórias errôneas para explicar a vinda dos *collas* ao território chileno, sobre as condições e os motivos, criando narrativas que faltavam com a verdade. Nesse contexto, Dom Enrique explicou-me que a vinda da etnia do lado argentino deveu-se a motivos econômicos, especificamente à caça da chinchila. Cito essa informação em respeito a um dos interlocutores que mais me ajudou em campo. Esclareço, além disso, que por motivos éticos não posso me aprofundar sobre as conversas que mantive com Dom Enrique, pois não recebi sua autorização.

As políticas econômicas (Molina, 2013) restringiram o mercado de consumo dos produtos *collas*, afetando sua economia diretamente. Por exemplo, com o estabelecimento das cidades do cobre, como *Potrerillos* e *El Salvador*, as famílias *collas* transladaram-se para o Norte ou dentro da cordilheira, outros se assentaram nas cidades. A lenha e o carvão foram substituídos pelo gás, foi proibido a venda de carne e produtos pecuários sem certificação, e os têxteis foram trocados pelo uso de vestuário industrial. A atividade mineradora não recebeu apoio estatal, refletido na proibição do uso de explosivos⁵⁵ e na perda da capacidade da ENAMI⁵⁶ em comprar os minérios aos pequenos mineradores⁵⁷. Também os grandes projetos de exploração da mineração afetaram o uso do território — construção de caminhos, linhas de energia, extração de água, instalação de rejeitos —, impedindo o acesso às zonas de pastoreio. Impactos que, mesmo com os Estudos de Impacto Ambiental⁵⁸ não sempre podem ser reduzidos.

Durante muito tempo o Estado chileno careceu de uma política que objetivasse o reconhecimento e a valorização das etnias indígenas. Nesse contexto, muitos *Collas* agiram de modo a esconder sua própria identidade, a fim de não se tornarem objeto de preconceitos e maus tratos.

A promulgação da Lei Indígena n. 19.253, de 1993, reconheceu a existência dos *Collas* como etnia indígena, favorecendo um processo de reidentificação dos seus membros. No entanto, continua sendo uma etnia pouco conhecida, e, para alguns pesquisadores, sua existência se deve a um efeito direito da mencionada Lei, negando sua historicidade e presença nos territórios do Norte do Chile.

Na análise a seguir, pretendo mostrar o modo com que, para sobreviver em um território com as características do deserto de *Atacama*, as sociedades andinas precisaram se organizar em torno da atividade pastoral/transumante. Nesse contexto, essas sociedades requisitaram (e requisitam) a cooperação de todos e o planejamento rigoroso das diferentes tarefas. Consequentemente, para as sociedades andinas a reciprocidade e a solidariedade se constituíram (constituem) em mandatos culturais, baseados em um sistema de redistribuição e circulação da riqueza social. Esses

⁵⁵ Os *pirquineros* devem ter e renovar uma licença para usar explosivos (Artigo 525 do Regulamento da Segurança Mineradora, Ministério da Mineração; 2004). Segundo os interlocutores, esta foi uma consequência direta do governo militar.

⁵⁶ ENAMI: Empresa nacional de minería. Empresa pública criada no ano de 1960, a partir da fusão da *Caja de Crédito Minero* (CACREMI) e da *Empresa Nacional de Fundiciones* (ENAF). Objetiva o fomento do desenvolvimento da pequena mineração no país. Ver Capítulo 2.

⁵⁷ Ver Capítulo 2.

⁵⁸ Ver Capítulo 1.

mandatos supõem dar e receber, ainda mais, o cumulo da riqueza não é aceito, os excedentes devem circular entre os membros das sociedades e ser consumidos. Dessa forma, a sociedade pode manter seu equilíbrio em um ciclo virtuoso, e pelo fato de os *Collas* fazerem parte dessas sociedades, eles compartilham esses valores (Ibáñez, 2008, p. 23).

A importância desses valores se observa nas histórias relacionadas ao *puma*, o leão andino, histórias que destacam o temor que produz, e por sua cobiça, motivo pelo qual merece punição e morte. O *puma* representa valores que se confrontam com os valores de redistribuição e equilíbrio. Assim o leão caça mais do que precisa, mata demais ou provoca dor e sofrimento desnecessário (Pazzarelli, F, 2013). Escutei dos meus interlocutores como, frente a presença do *puma*, os donos de animais não deviam poupar esforços em caçá-lo e matá-lo, visto que com ele não bastava separar uma parte dos animais para seu consumo, ele sempre ia querer mais e mais.

Saliento o quesito valores sob o abrigo das sociedades andinas, pois precisei desse enquadre para entender melhor a estrutura social de IDO, porque algumas falas e cenas etnográficas vivenciadas confrontavam-se com um olhar a partir de uma sociedade industrial. Para entender a mineração desenvolvida nessa pequena cidade, e responder os objetivos desta tese, não foi possível pensar apenas através das características das sociedades industriais e a modernização. Também foi preciso reconhecer como a cultura andina ainda reflete no vilarejo.

- **Os valores andinos reverberam no povoado**

Muitas vezes escutei, de meus interlocutores, críticas e cobranças feitas aos donos do comércio em IDO, sobretudo àqueles que têm mais de um local ou setor econômico, ou seja, armazéns, restaurantes, rede de acomodações. Isto porque esses comerciantes são os principais beneficiados com a chegada de empresas externas, as quais trazem consigo seus próprios trabalhadores de outras cidades. Muitos dos interlocutores consideram que a riqueza produzida por essas empresas não promove benefícios maiores ao povoado, permanecendo apenas nas mãos particulares. Acrescentam que falta uma junta de vizinhança ativa que possa orientar um trabalho sistemático entre as empresas e a comunidade, e que muitos desses comerciantes esqueceram suas origens, esqueceram que fazem parte de uma comunidade onde todos os habitantes se conhecem, quase a vida toda, dividindo momentos bons e maus. Assim,

alguns interlocutores criticam algumas práticas do comércio, entre as quais a rigidez nas datas de pagamento das contas individuais nos armazéns, dizendo que a vida compartilhada e o conhecimento que têm um do outro deveriam bastar para permitir maiores flexibilidades em momentos de emergência. Nesse contexto, deveria ser aceito que uma pessoa carente pudesse adiar sua dívida até estar em condições de saná-la. O fato de alguns comerciantes não flexibilizarem os pagamentos é porque visam somente aos lucros, acrescentam os interlocutores, têm tanto que esqueceram o que significa passar necessidade, têm tanto que ficaram cobiçosos. A cobiça não permite um bom desenvolvimento do vilarejo, alguns têm muito e outros pouco, e a ambição produz o desequilíbrio - afirmam.

No contexto descrito também se observam acontecimentos de maior envergadura, por exemplo, durante o primeiro semestre de 2016 os funcionários públicos da região de *Atacama* mantiveram-se em greve durante meses, exigindo melhores condições de trabalho. Alguns interlocutores criticavam os protestos, questionando por quê precisavam ganhar mais dinheiro, em um contexto onde muitas pessoas, sobretudo em IDO, viviam com a décima parte de um salário público. Para eles o motivo principal era a cobiça, a vontade de ter mais e acumular.

Ainda segundo os interlocutores, a cobiça existe também nas minas e nelas também produz desequilíbrios. Assim, quando um minerador é cobiçoso e quer ganhar mais do que os outros membros de sua equipe de trabalho, sua ambição faz com que o veio não dê mais minérios, nesse caso o ouro fica escondido. Por isso, deve-se tomar cuidado de não trabalhar com pessoas cobiçosas. Também os ganhos devem ser gastos em bebida, dessa forma o *pirquinero* demonstra que não é uma pessoa cobiçosa e garante as riquezas para o futuro.

I: ¿Se acuerda que usted me contó que la ambición puede cortar el oro?/ O senhor lembra que me falou sobre a cobiça e como pode cortar o ouro?

E: ¡Ah sí! ¡El minero que anda ambicioso también! (...) también claro. Por eso la mayoría del minero es tomador. Toma y ¡más oro saca! (...) y el minero que es apretado... no saca buen oro.../ Ah sim! O minerador que sente cobiça também (...) também claro. Por isso a maior parte dos mineradores são bebedores. Bebe e tira mais ouro! (...) e o minerador que é mão de vaca...não pega bom ouro...

I: Pero así, como que ¿le ojeen la mina?/ Mas tipo, que fiquem de olho gordo com a mina?

E: No, al contrario porque... es una lección que se ha visto mucho, no es porque sea de uno, bueno uno cree más en eso porque, el gallo cuando es tomador y mira mal la plata, después llega a la mina y saca buen oro otra vez. (...)/ Não, ao contrário porquê...é uma lição que se

viu muito, não é porque pertença a gente, bom a gente acredita mais nisso porque, o cara quando é bebedor e olha mal o dinheiro, depois chega na mina e pega bom ouro novamente.

I: Ah ¿sí? / Ah sim?

E: Si, cuando es tomador. La mayoría del minero siempre hace eso, minero, minero, como pirquinero es muy bondadoso, en ese tiempo, o sea en esos tiempos buenos de aquí de Inca de Oro, la gente era así, habían muchos boliches entonces ¿la gente pedía por jabas de cerveza! / Sim, quando é bebedor. A maior parte dos mineradores fazem isso sempre, minerador, minerador, como o pirquinero é muito bondoso, nesse tempo, ou seja, nesses tempos bons de Inca de Oro, as pessoas eram assim, haviam muitos bares então as pessoas pediam garrações de cerveja! (Dom Marcelo)

Também as falas e cenas etnográficas refletem o processo modernizador (Elias, 1993) do Estado chileno, relacionado à construção da identidade chilena, desmerecendo o valor do local, apagando as diferenças com o intuito de construir “*lo chileno*”. Esse processo de construção do chileno enfatizou-se no relacionamento com as etnias indígenas, estabelecendo relações hierárquicas entre “*lo chileno*” e “*lo índio*”.

Foi evidente para mim o processo de invisibilidade das etnias em IDO, em consequência do acima mencionado. Dessa maneira, há, nos seus moradores, uma (falsa) ideia de que os chilenos são brancos, em virtude de aquilo uma pele mais escura não é despercebida, inclusive para alguns se deve sentir tristeza. Em relação às etnias indígenas locais, estas são identificadas como algo alheio, não fazendo parte da população chilena, menos ainda da incana. Em agosto de 2016 assisti à festa religiosa de São Lorenzo, padroeiro dos mineradores de Atacama. Nessa festa religiosa, o santo é levado pelas ruas, em procissão, para que abençoe e proteja o vilarejo⁵⁹ e os mineradores. A procissão é aberta por diferentes grupos de dançarinos, denominados *chinos*, que dançam por devoção, seguidos pelo sacerdote. A imagem de São Lorenzo é levada nos ombros dos *pirquineros* e após a imagem seguem as pessoas devotas ou familiares dos dançarinos tanto de IDO quanto de cidades próximas. Fiquei surpreendida ao observar um grupo de dançarinos denominado Grupo *Comanches guardianes de la Virgen del Carmen*⁶⁰ que usava vestimenta imitando indígenas americanos, com penas, machado e arcos na mão.

⁵⁹ Ver capítulo 6.

⁶⁰ Refere-se à Virgen del Carmen, padroeira dos chilenos.

Fotografia 19: Dançarinos Grupo *Comanches guardianes de la Virgen del Carmen*.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 20: Músico Grupo *Comanches guardianes de la Virgen del Carmen*



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Dessa forma, o indígena é aceito e usado somente quando fica esclarecido que não pertence a mim (indígenas americanos) sendo importante se distanciar deles. Em IDO, as pessoas sabem muito bem quem tem e não tem ascendência indígena. Mesmo que pessoas se autodeclarem membros de alguma etnia, em muitos casos o motivo desse ato é o de poder receber alguma ajuda do Estado, por exemplo, bolsa de estudo. Um dos meus interlocutores nega ser membro da etnia *Colla*, mas reconhece que sua mãe era indígena, portanto, seus descendentes têm direito a receber apoio para estudar. Ele disse

ter um atestado de indígena da CONADI⁶¹, com o qual pode efetivar esse direito. Conhecendo seu sobrenome e tendo a suspeita de que poderia ser *Colla*, tentei confirmar meu intuito, perguntando diretamente, mas ele respondeu veementemente não fazer parte deles, pois ele é indígena; e os *collas* somente são campesinos.

Em IDO moram poucos *collas*, Dom *Basílio*, suas filhas e Dona *Silvia*. Porém, eles, sobretudo Dom Basílio e suas filhas, ficam nos morros onde mantêm suas cabras. Dona Silvia deixou de subir o morro por causa de sua saúde, mas passou grande parte de sua vida nele, cuidando dos animais. Como eles moram no povoado, são tratados como “*collitas*” para estabelecer a diferencia, mas de modo não depreciativo. A palavra “*colla*” muitas vezes é usada para evidenciar pessoas com falta de educação ou presença de timidez extrema, que ultrapassa os limites da boa educação e bons modos. Assim, o processo modernizador procura uma sociedade civilizada, na qual exista uma hierarquia de costumes, que norteie a liberação de tudo o que é considerado bárbaro (Elias, 1993, p. 93-94).

Esforcei-me em saber sobre *collas* que tivessem desenvolvido a *pirquinería*, cogitando saber sobre essa atividade a partir das falas dos próprios membros da etnia, no intuito de compreender melhor sua origem, seu desenvolvimento, suas características nômades e seu conhecimento do território. No entanto, somente consegui acompanhar algumas narrações de *collas pirquineros* que moraram em IDO antigamente. Assim, soube da família *Quispe* que trabalhou nas minas de *Potrerillos* ou no morro Vicunha, mas eles já haviam falecido. Dom *Pascual* os conheceu e lembrava-se de que, quando criança, via os *Quispe* subirem o morro. E mesmo alguns deles sendo muito velhos, conseguiam subir o morro rapidamente, e nem ele que era criança conseguia acompanhá-los. Para Dom *Pascual* esse fato devia-se ao conhecimento acumulado depois de toda uma vida se deslocando pelo deserto. Conhecimento sobre o território, as quebradas, os lugares com água, conhecimento corporificado que lhes permitia se movimentarem com facilidade e leveza⁶².

⁶¹ Corporación Nacional de Desarrollo Indígena.

⁶² Objetivando me aprofundar nessas questões, e do problematizado até esta parte do capítulo, procurei me aproximar da etnia *Colla*. Somente formei um vínculo próximo com Dona Silvia porque Dom Basílio estava hospitalizado em *Copiapó*. Além disso, tentei falar com algumas comunidades de *Diego de Almagro* e de *Agua Dulce*, mas minhas tentativas não deram certo. Falar com eles se torna muito difícil, e segundo Dom Enrique é porque muitos não reconhecem sua identidade, ou pela grande quantidade de informações errôneas que têm sido publicadas. Porém, eu precisava de uma pesquisa diferente para conseguir estabelecer contatos que me permitissem adentrar no mundo *Colla*. Ser aceita por eles como interlocutora válida, para isso requisitava perguntas, métodos, com dedicação exclusiva. Assim, me apoiiei

Os *incanos* possuem um conhecimento profundo e específico do território que habitam, por exemplo, quando levei, em 2016, parte das fotos tiradas em 2014 no campo realizado e as mostrei aos diferentes interlocutores, eles identificaram os lugares onde elas tinham sido tiradas, podendo distinguir se a paisagem correspondia ou não a lugares próximos do povoado, conseguindo, inclusive, localizar os pontos “na entrada de *Copiapó*”, “na saída de *Diego de Almagro*”. Esse conhecimento minucioso do território tem se corporificado neles; no decorrer dos anos, através das atividades desenvolvidas, por meio dos valores comuns, junto das pessoas com quem têm compartilhado uma vida. A atividade *pirquinera* se baseia nesse conhecimento corporificado, só quem conhece o território, quem tem perambulado por ele, quem aprendeu a lê-lo, consegue reconhecer os veios, segui-los, imaginar como eles atravessam a terra, e planejar a forma de chegar até eles.

Morar em IDO significa fazer parte de uma rede de interconhecimento (Bozan, 1984) mediante a qual os *incanos* conseguem agir, porém, dentro dos limites da estrutura social. Ou seja, agir, mas respeitando os valores. Para quem não é de IDO e não integra aquela rede, torna-se difícil entender alguns comportamentos. Muitas vezes fiquei surpresa ao perceber a preocupação que alguns de meus interlocutores manifestavam em não provocar incômodos a algum outro *incano*. Certa vez me encontrei com Dom *Marcelo*, na rua, visando a realização de uma festa nos dias seguintes, perguntei se ele iria (resposta da qual dependia minha assistência), mas ele desconsiderou, dizendo que essa festividade era organizada pela junta de vizinhança e a organização de idosos, da qual é o secretário, negou o empréstimo de cadeiras, ele não podia assistir, pois as pessoas poderiam se incomodar. Em outra ocasião, quando conversava com a esposa do *Fidel*, perguntei o por quê da sua preocupação em contratar ou não uma ajudante para seu armazém. Para ela seria complicado recusar porque o solicitante era conhecido na comunidade. Perguntei se era obrigação dela aceitar, e ela me respondeu que não, mas que era complicado pelas consequências que a contratação poderia lhe trazer. No meu entendimento, as situações eram muito claras, o fato de não ter emprestado as cadeiras não impedia a participação de Dom *Marcelo* na festividade, pois ele não participaria como representante da organização de idosos, fazia-o como Dom *Marcelo*. Recusar uma contratação por pensar que a pessoa não dará conta do

principalmente nos diferentes estudos feitos pelos investigadores da zona, sobre as sociedades andinas e os *collas*.

trabalho, não deveria levar a conflitos pessoais. Minha surpresa surgiu porque eu não fazia parte dessa rede de interconhecimento do vilarejo, e minha falta de conhecimento provocou uma leitura apressada das cenas etnográficas. Dessa forma, percebi o modo com que as pessoas agem dentro dos limites aceitos na estrutura social na qual vivem, de forma de diminuir conflitos ou incômodos, por exemplo, os produzidos pelo cúmulo das riquezas já mencionado.

Pelo fato de ser uma cidade pequena, morar em IDO também envolve saber se distinguir dos outros. Essa categoria se constitui pelas pessoas da cidade, pelas pessoas de outras parte do país, pelos estrangeiros, pelos indígenas. E também pelos *incanos* que, nascidos, migraram do povoado e não enfrentam o dia a dia no vilarejo. Enfrentar o dia a dia em IDO significa um esforço, uma coragem representada na figura do *pirquinero*, e, muitas vezes, escutei a distinção: “eu nasci e cresci aqui”, ou “a diferença entre ambos é que ele nasceu aqui, isso é uma desvantagem minha”. Essa distinção salienta-se nos apelidos de algum moradores de IDO: *El Arica*, *El Rancaguino*, *El Coquimbo*, *El Chilote*. Esses apelidos indicam as cidades de origem dessas pessoas. É muito difícil alguém passar a ser considerado *incano*, pois, para isso, deve morar, pelo menos, mais de 40 anos no vilarejo.

Em IDO a forma de se relacionar com as sociedades indígenas e os *collas*, em específico, faz parte de uma tendência maior de não valorização das etnias indígenas no país, do processo modernizador do Chile mencionado no capítulo anterior, que vira as costas à sua base indígena, e é um aspecto a ser pensado.

3.2 Espaços vividos, lugares *incanos*

Como já foi mencionado, IDO nasceu no começo do século XX, produto do desenvolvimento da indústria mineradora da zona e das movimentações das populações envolvidas. De fato, sua origem deveu-se à presença de reservatórios de águas naturais criados pelo homem, os quais permitiram o estabelecimento da linha ferroviária. Naquela época, IDO foi nomeada Cuba pela instalação de um reservatório de água ao lado da estação. Assim como a água atraiu o trem e as indústrias, estas atraíram a população.

Viajando da capital da terceira região do Chile, pela estrada C-17 que une *Copiapó* a *Paipote*, IDO e *Diego de Almagro*, chega-se ao povoado. Antigamente, a estrada C-17 correspondia à Panamericana Norte, mas foi desviada para mais perto da costa com o encerramento das linhas ferroviárias do Norte. Após percorrer 110 quilômetros de

asfalto, ladeado por tons beges e similares, e tendo o céu azul do céu e algumas nuvens solitárias no espaço, IDO aparece como um *oásis* bem distante da aridez das montanhas, do calor abraçador do sol, das tempestades de terra e pó.

Fotografia 21: Estrada Panamericana.



Fonte: Autoria: Marcelo Vera E. (2014)
<http://www.verfotosde.org/chile/imagenes-de-Punta-del-Cobre-850.html>

Figura 11: Mapa Inca de Oro



Fonte: www.googleearth.com

Lentamente, IDO vai se abrindo, mas não de forma fácil. A pequena cidade precisa de tempo para se mostrar, para ganhar a confiança, para saber se poderá se expor sem medo do julgamento, na espera do tempo suficiente para dar a conhecer sua intimidade, seus segredos. Para começar a desvelar sua história e suas histórias, as histórias dos seus habitantes, IDO exige longas caminhadas sob o sol, inúmeras idas e voltas pelas ruas.

Nos primeiros dias em IDO, em 2014, aproveitei para realizar muitas caminhadas, me sensibilizar com a ambiência e rever pessoas. Nessas múltiplas caminhadas comecei a entender, a tomar ciência das rotinas, dos estilos de vida de seus habitantes. Nos primeiros dias, meus únicos parceiros foram o sol, minha garrafa de água, minha boina e meu caderno de anotações, e com eles atravessei o povoado mais de uma vez a fim de ter uma ideia espacial do mesmo e identificar lugares significativos, lugares de interação ou de socialização dos *incanos*. Durante esses deslocamentos surpreendeu-me a tranquilidade das ruas só interrompida pelo rodar de redemoinhos que provocam fortes levantamentos de terra, fazendo com que os *incanos* fechem as janelas, as portas, ou prendam melhor a roupa pendurada. A falta de asfalto

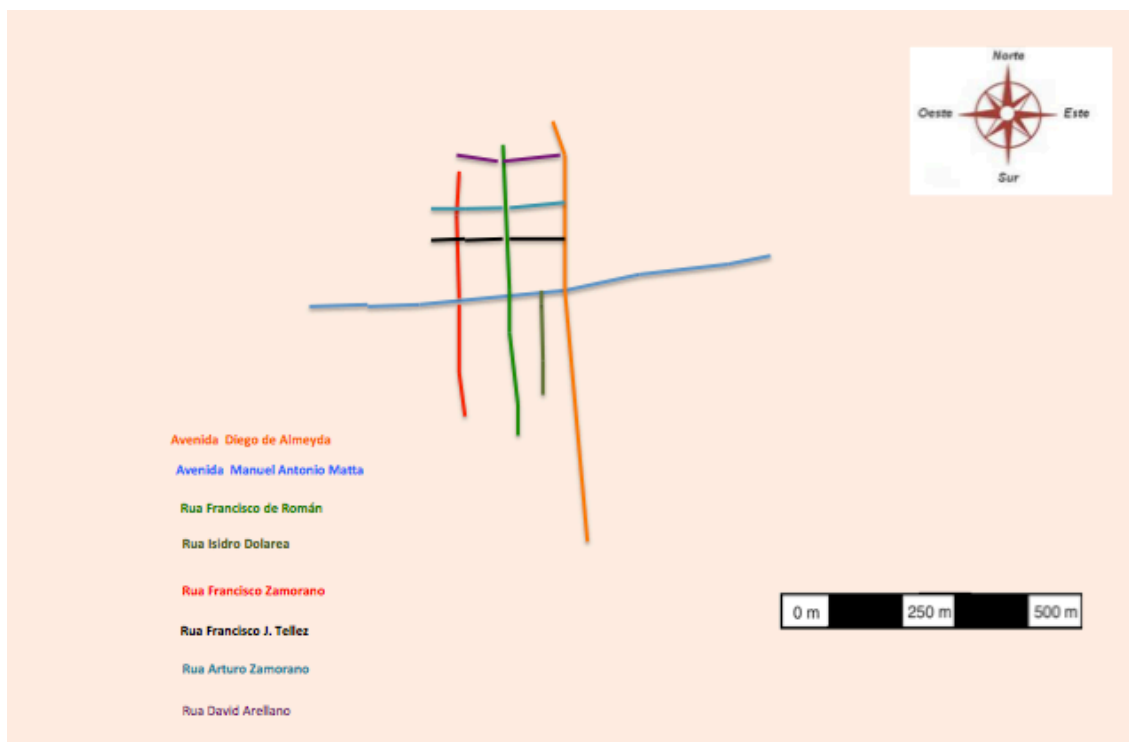
nas ruas deixa a terra circulando ao sabor do vento, sendo difícil manter a limpeza das casas, nelas sempre pode se ver pó, mesmo que a faxina seja feita todos os dias. Nas ruas de IDO não existe nenhum tipo de sinal de trânsito, somente nas entradas do povoado existem lombadas para obrigar aos motoristas a baixarem a velocidade quando ingressam na zona habitada.

Durante os primeiros dias em campo só cumprimentei as pessoas que vi na rua, na tentativa de que elas comesçassem a me identificar e se lembrarem de mim com o tempo. As fotos tiradas de espaços, lugares, paisagens, expressam esses primeiros dias, em que me centrei em ter uma ideia do espaço físico no qual me encontrava.

As duras condições ambientais não são despercebidas por uma pessoa que nunca viveu nelas, assim o sol passou a ser meu parceiro nessa viagem, um colega fiel, mas não muito ameno, nessa experiência. Em consequência, essas incursões pelo povoado provocaram-me uma alergia ao sol, a qual se manifestou logo nos primeiros dias da minha chegada. Começou com uma coceira no peito que me levou ao consultório médico que me indicou uma injeção calmante. Cheguei ao médico aconselhada pelas irmãs do Fidel, dizendo-me que eu devia tomar cuidado porque era muito branca e minha pele não estava habituada a tomar muito sol. A partir desse momento não me separei da minha boina, de um lenço com qual cobria o pescoço e da minha garrafa de água. Através do uso desses objetos passei a ser identificada, dado que era a única pessoa que andava pelas ruas com eles (e mais uma caderneta). Com o passar do tempo, soube que fui contemplada com um apelido *la sombrero*/a chapeuzinho.

Graças a esses primeiros dias de caminhadas, quando fui além dos limites conhecidos em 2012, consegui fazer um mapa, saber os nomes das ruas, as localizações de lugares do povoado. Isso me ajudou nas falas posteriores com os interlocutores, quando faziam referência a IDO do passado. Assim, consegui acompanhar as diferentes falas, imaginar o espaço à medida que ouvia meus interlocutores ou perguntar-lhes com mais convicção quando queria obter maior informação sobre algo.

Figura 12: Principais ruas de Inca de Oro 1



Fonte: Elaborado pela autora.

IDO possui duas ruas principais que ajudam o caminhante a se localizar no espaço: a Avenida *Diego de Almeyda*, que vai de Norte a Sul, e a Avenida *Manuel Antonio Matta*, que vai de Oeste a Leste. Ao invés de outras ruas que se perderam pela ação do tempo e do esquecimento, *Diego de Almeyda* e *Manuel Antonio Matta* constituem um eixo que oferece certa segurança no meio desértico.

Diego de Almeyda pode ser considerada a rua principal, pois se junta com a estrada C-17, conectando o povoado com a capital regional, *Copiapó*, pelo Sul, e com a prefeitura da que faz parte, *Diego de Almagro*, pelo Norte. Assim, essa rua é constantemente utilizada por carros, caminhões, ônibus, que falam de um mundo acontecendo fora dali e ao qual IDO continua ligada. Inclusive existe uma esplanada de estacionamento para os carros, situação que fala da movimentação da *Diego de Almeyda*.

Figura 13: Principais ruas de Inca de Oro 2

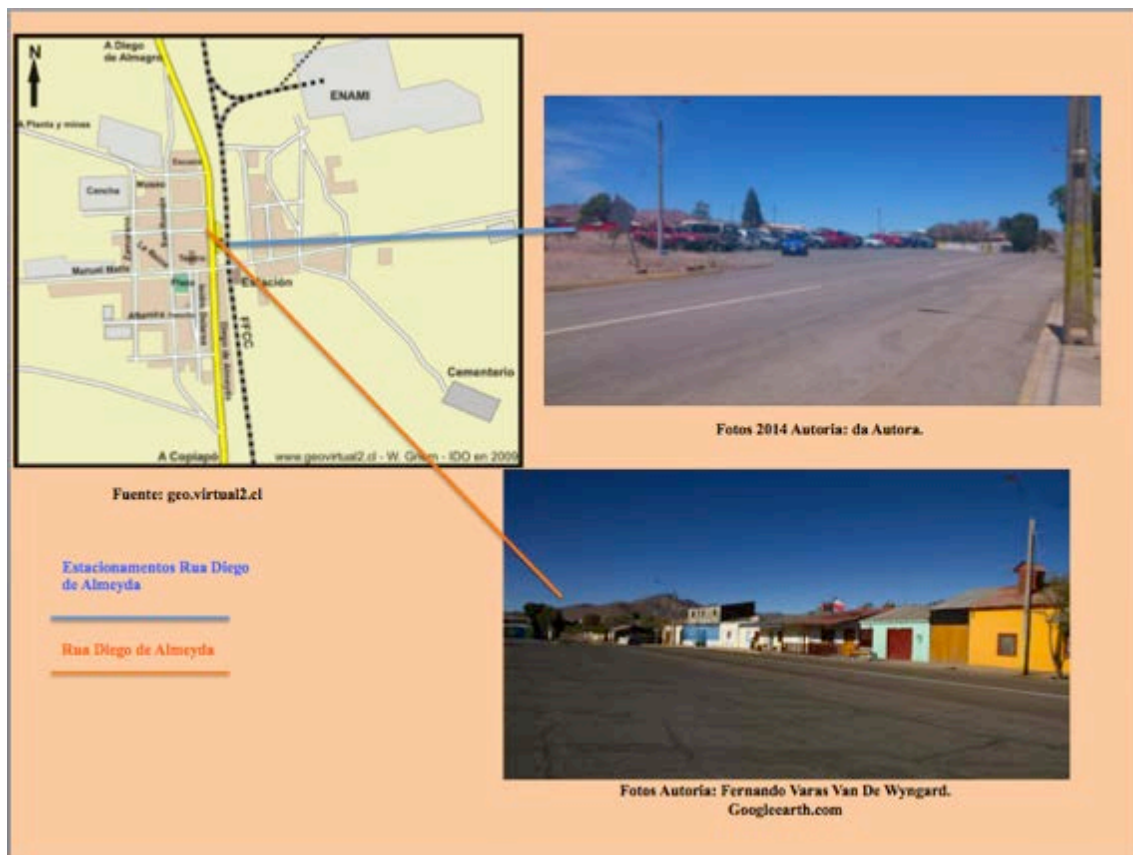


Fuente: geo.virtual2.cl

Diego de Almeyda corre em paralelo aos restos da linha ferroviária que fica a Leste. Os trilhos se localizam perto da antiga estação, e continuam seu caminho na direção Norte, ao lado da estrada C-17, mas adentrando cada vez mais a Leste, em direção ao deserto.

Nessa rua encontram-se os principais negócios do povoado: mercearias, venda de álcool, cigarros, tudo o que um viajante possa precisar. Nela também estão os negócios de Dom Dago, de Fidel, e de Dona Odila, e mais uma padaria, único lugar no qual pode se comprar pão. Também há dois restaurantes, *Zita* e *Mi Pueblo*, além de dois *trailers* com comida, nos quais há todo tipo de lanches. Um deles situa-se na entrada Norte do povoado na rua *Diego de Almagro*, e o outro junto à velha estação do trem.

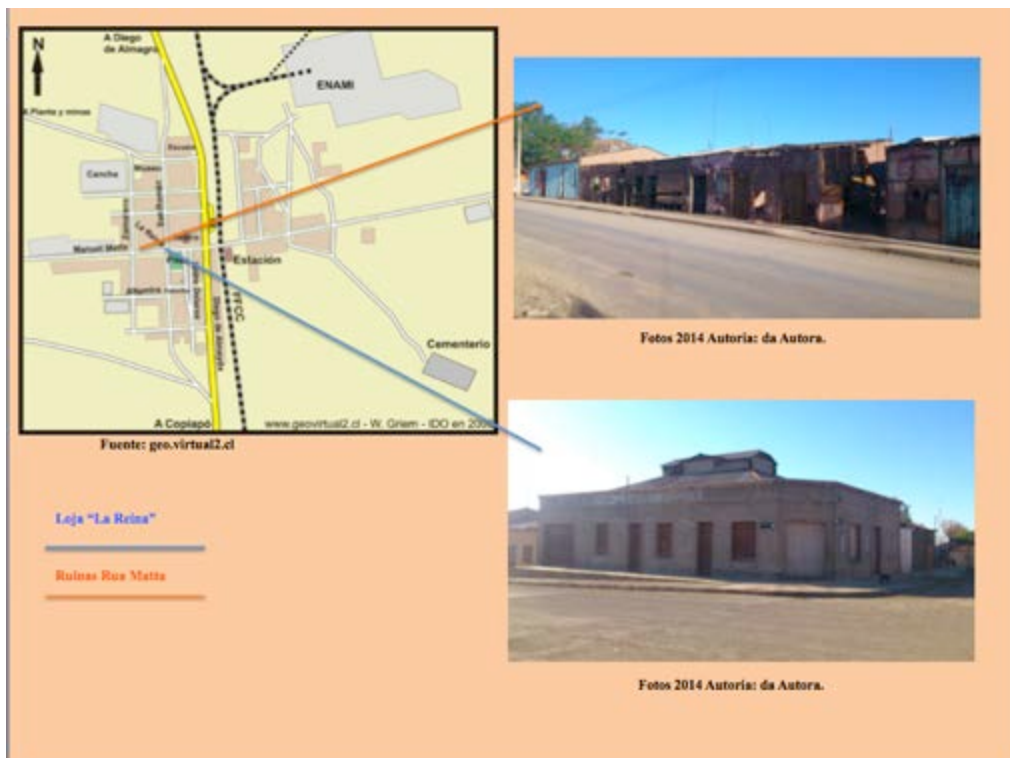
Figura 14: *Diego de Almeyda*



Fonte: Elaborado pela autora.

A avenida *Manuel Antonio Matta* atravessa IDO de Oeste a Leste, interceptando *Diego de Almeyda* ao lado da estação ferroviária. Quando caminhei por ela, senti que IDO se conecta com sua história através dessa rua, pois observei uma mistura de casas abandonadas, lugares de grande significação para os *incanos* e as vivendas dos atuais habitantes. Nessa rua veem-se lugares históricos, como o teatro, prédios que lembram as antigas lojas já desaparecidas, e o antigo posto de gasolina. Lugares que, atualmente, têm sido ocupados com outras finalidades, porém, ainda estão presentes nas memórias dos *incanos* em suas formas anteriores, como se estivéssemos no passado, sendo, com frequência, trazidos ao presente nas falas dos interlocutores.

Figura 15: Ruínas Rua Manuel Antonio Matta.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 16: Lugares significativos Rua Manuel Antonio Matta.



Fonte: Elaborado pela autora.

Tanto a rua *Diego de Almeyda* quanto a *Manuel Antonio Matta*, atravessadas por outras ruas maiores ou menores, guardam diferentes vestígios da identidade do povoado — o museu, a escola, o campo de futebol. Junto à estação do trem convertem-se no eixo que une os dois principais bairros do povoado; o bairro baixo, localizado a Oeste, e o bairro alto, o chinês, ao Leste, logo atrás da antiga estação de trem.

O bairro alto é formado por ruas que ainda mantêm sua forma e limites com clareza e contêm importantes instituições do povoado. Assim, na rua *Francisco San Ramón* localizam-se as sedes das organizações sociais de IDO: os clubes de idosos, a junta de vizinhança, os bombeiros, a delegacia da prefeitura, a polícia, as igrejas. E na pequena rua *Isidro Dolarea* vê-se a Associação Mineradora. Na intersecção entre esta pequena rua e a *Manuel Antonio Matta* está a praça, importante lugar de encontros no povoado.

O bairro baixo, situado logo após a antiga estação de trem, é menor que o alto. Tem poucas ruas e muitas delas perderam a clareza de seus limites, também há casas antigas e os prédios abandonados são maiores. Após a estação, vem a rua *Zoilo Rojas*, *Juan Godoy* e *Cuba* é a última. Para o Sul, as ruas *Cuba* e *Zoilo Rojas* finalizam o povoado por esse lado, havendo ali somente um sítio vazio, o deserto. A uma boa distância, seguindo na direção Sul, veem-se ruínas de antigos currais de porcos construídos de pedra. Na frente deles, e na direção Leste-Sul, está localizado o cemitério de IDO. Para o Norte, na direção Leste, também estão as instalações da ENAMI, as casas dos seus guardiões e também o lugar em que os mineradores trabalham seus materiais. Esta usina de tratamento pertence à ENAMI, mas é administrada pela Associação Mineradora.

Somente após longas caminhadas feitas em diferentes horários e durante vários dias IDO me ensinou suas rotinas. De manhã, as ruas do povoado acham-se vazias, a maior parte dos *incanos* encontra-se em suas casas, trabalhando, cozinhando, limpando. Algumas mulheres passam a vassoura nas entradas das suas casas, o cuidador da praça varre e rega as plantas e as árvores, enquanto o responsável por limpar as ruas percorre IDO com suas vassouras, pás, lixeira e seus três cachorros atrás dele. O sol que saiu às 7h da manhã bate forte nas cabeças e nos corpos das pessoas que estão na rua. Pode-se observar esse movimento até, aproximadamente, às 12h, quando os *incanos* deixam as ruas e vão almoçar, seja em suas próprias casas, ou nos restaurantes. Só voltarão às ruas por volta das 16h30min ou às 17h da tarde, quando o sol diminui sua intensidade.

À tarde, os *incanos* voltam às ruas, aproveitam para fazer trâmites, comprar pão, comprar algo para acompanhar o café da tarde. Alguns saem para falar com os amigos,

mas também para fugir do calor que sentem em casa. Assim, muitos ficam sentados na praça, ou em lugares que oferecem sombra. Além da praça, lugar para fugir do sol, há os bancos posicionadas na parte externa do restaurante *Mi Pueblo*, localizado na rua *Diego de Almeyda*. Nesse local, os *incanos* sentam-se para conversar e afugentar o calor, beber um refrigerante, e principalmente ver quem aparece pela rua, quem estaciona seu carro, à procura de alguma novidade para comentar.

Por volta das 18h30min, os trabalhadores acomodados nas diferentes casas de hospedagem começam a voltar de um dia laboral, visitam o comércio para comprar refrigerantes ou cigarros, também para brincar nas máquinas de jogos que alguns dos estabelecimentos disponibilizam. Próximo às 20h, as pessoas voltam para suas casas, e nesse horário faz um pouco de frio devido ao vento, e as ruas começam a ficar escuras, iluminadas somente pela lua e as estrelas que surgem no céu.

Assim, vagorosamente, IDO começou a mostrar-me suas rotinas. Soube que nas intersecções formadas pelas principais ruas havia espaços de encontros, de socialização entre os *incanos* que, em determinados horários do dia, tentavam fugir do sol e do clima, ou procuravam passar um bom momento conversando com outros vizinhos. Esses espaços eram também espaços vividos, lugares (Certeau, 2000) em que se identificavam interações que mostravam costumes bem marcados dentro do povoado, como a já mencionada *esquina de los aburridos/esquina dos entediados*. Com o passar dos dias fui me integrando às experiências diárias e passei a conhecer os interlocutores que me acompanhariam nessa viagem etnográfica.

As ruas de IDO falam de um passado longínquo; as casas abandonadas, os quarteirões completos deixados ao agir do sol, do deserto, do tempo, lembram a época do auge do povoado. A esse passado pode-se ter acesso através do imaginário dos *incanos* que o rememoram e o constroem no tempo presente. Mostram, como salienta Maurice Halbwachs, que o tempo e o espaço correspondem a construções sociais e são parte da memória coletiva do povoado (2011).

Assim, a memória corresponde a um fenômeno social que se constrói nas lembranças dos *incanos*. Essa reconstrução se faz no momento presente, achando só nele os princípios de seleção e descrição. Através das inúmeras conversas que mantive com as pessoas na rua constatei que não existe passado imutável ou independente da experiência presente. Muitas vezes, quando me protegia do sol em baixo das árvores folhosas da praça, as pessoas me contavam como era o povoado antes, e que na rua *Manuel Antonio Matta* havia muitos bares, lugares onde se podia beber e dançar e

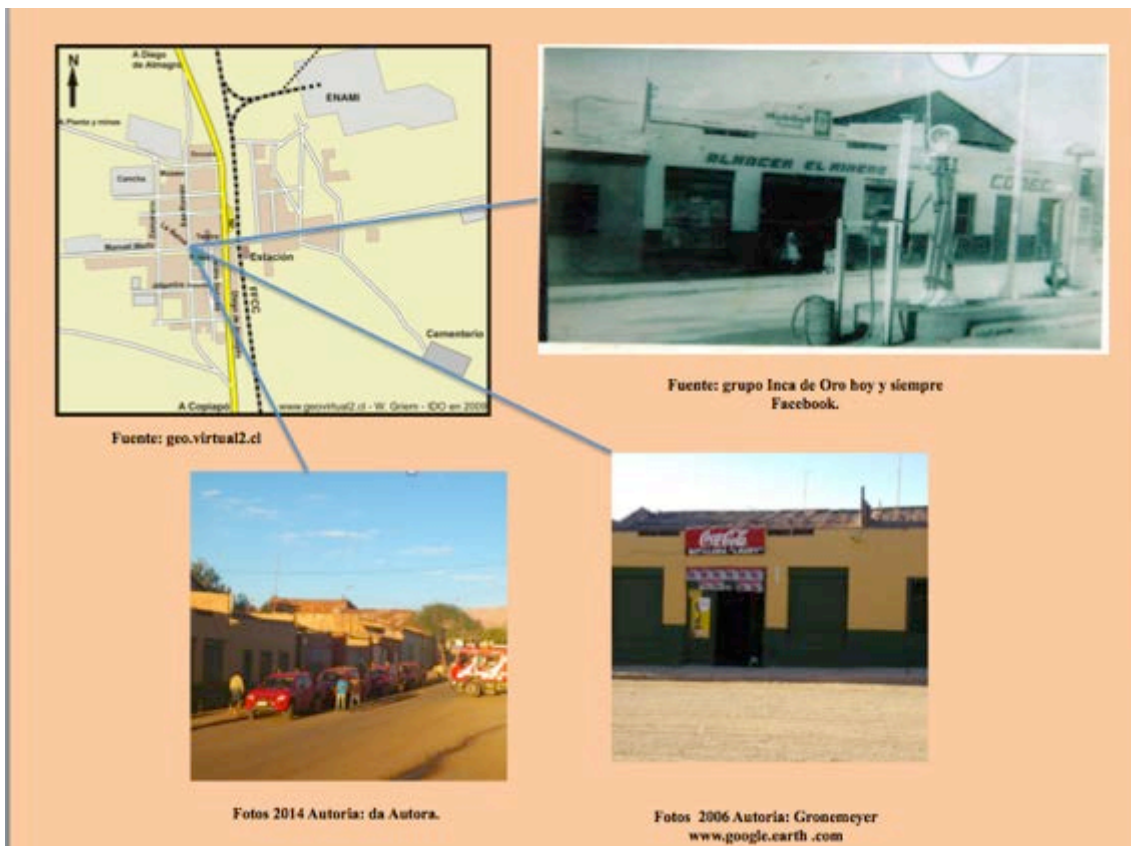
também conhecer mulheres. As ruínas nessa avenida são de bordeis, onde os *pirquineros* gastavam os lucros do trabalho de semanas.

Os *incanos*, de forma fluida, quase sem necessidade de perguntas, lembram-se do passado e ao percorrê-lo recriam, em suas mentes, aqueles anos, recriam as imagens, as pessoas, os sons. Muitas vezes me contaram que perto da praça havia um posto de gasolina. O posto localizava-se na rua *Isidro Dolarea*, antes de chegar na Avenida *Manuel Antonio Matta*, mas sofreu um incêndio e foi reaberto na mesma avenida, mas em frente ao Armazém Minerador, propriedade dos chineses. Atualmente, nessa loja está a casa de acomodações do Fidel, lugar em que passei a primeira noite em IDO. O segundo posto de gasolina também sofreu um incêndio, e daquela vez os *incanos* tiveram que fugir para os morros próximos porque pensaram que tudo explodiria por causa da quantidade de benzina. No entanto, isso não aconteceu porque não havia benzina.

Uma de minhas interlocutoras, *Dona Aurora*, que participou das oficinas de fortalecimento organizacional acontecidas em 2012, e com quem retomei o contato em 2014 e 2016, traz o imaginário desse passado ao presente da seguinte forma;

Habían más chinos, también, donde estaba la plaza, habían más chinos, pero eso se quemó, después los chinos se pusieron allá donde tiene el local del Fidel, que tiene las máquinas, ahí era después el almacén minero. / Haviam mais chineses também, onde estava a praça haviam mais chineses, mas isso se incendiou, depois os chineses se colocaram lá onde tem o negócio o Fidel, que tem as maquinas, aí era depois o armazém minerador. (Don Aurora)

Figura 17: Reutilização de lugares: Almacen El Minero/ Botilleria Laudy/ Casa de acomodaciones do Fidel Arancibia



Fonte: Elaborado pela autora.

CAPÍTULO 4

Os tempos da velhice; o cotidiano dos idosos em Inca de Oro

Conhecer um lugar, morar e aprender nele e com ele nem sempre é algo fácil. Conforme relatei em capítulo anterior, morar em IDO foi uma experiência etnográfica árdua, na qual tive de me esforçar para conseguir o estranhamento necessário e dar conta das questões que esta tese comporta. Mesmo que IDO seja uma cidade pequena, e eu, chilena, não foi fácil sair das minhas próprias concepções de mundo para entrar nas dos meus interlocutores, sobretudo em relação ao tempo: precisei de um longo período para conseguir sair dos meus acelerados ritmos da capital Santiago e entrar nos de IDO, para observar e entender as temporalidades da localidade; não me apressar, nem me desesperar com a sensação da não passagem do tempo, do uso dos mesmos lugares pelas pessoas, das mesmas ruas, mesmas esquinas, incluindo as mesmas roupas e mesmas falas.

Nesse sentido, estudar o tempo demanda um exercício reflexivo de alta complexidade, pois faz parte de grandes questões naturalizadas nas sociedades contemporâneas. Elias (1998), em seu livro “Sobre o tempo”, diz que o tempo corresponde a uma abstração de altíssimo nível, com um grande poder de síntese, do qual não é fácil se distanciar. Essa forma de se relacionar com o tempo foi construído durante o processo modernizador, e a sociedade chegou a se esquecer de que houve uma época em que os seres humanos se organizavam de outras formas.

“É nisso que se empenha este ensaio. Ele repousa sobre a hipótese de que nosso saber resulta de um longo processo de aprendizagem, que não teve um começo na história da humanidade. Todo indivíduo, por maior que seja sua contribuição criadora, constrói a partir de um patrimônio de saber já adquirido, o qual ele contribui para aumentar. E isso não é diferente no que concerne ao conhecimento do tempo” (Elias, 1998, p. 10).

Esse processo, corporificado em mim, apareceu na minha cotidianidade no vilarejo, e marcou a forma sobre a qual me debrucei, mergulhei nele. Com o fim de ilustrar, referir-me-ei a uma cena etnográfica ocorrida durante o campo realizado em 2016.

Em determinado dia do mês de junho, do mesmo modo que o fiz em tantos outros, sai da casa do Fidel almejando me encontrar com meus interlocutores. Na frente do restaurante *Mi Pueblo* (localizado na rua *Diego de Almeyda*), estava Dom *Marcelo*,

sentado ao lado da esposa do dono desse restaurante. Nesse lugar havia dois bancos, frequentemente usados pelos incanos para se abrigarem do sol e para observar os transeuntes da estrada C-17 que atravessa o vilarejo. Eu já havia sentado nesses bancos e dividido inúmeros momentos tanto com Dom *Marcelo* quanto com outros interlocutores. Nesse dia de junho, no decorrer da fala, pensei que poderia aproveitar e confirmar a realização da reunião com a organização de idosos mineradores, na qual Dom *Marcelo* me permitiria fazer a oficina das imagens tiradas no primeiro campo de 2014⁶³. Estava especialmente preocupada com a concretização dessa reunião, porque os meses se passavam e eu não conseguia combinar uma data certa com Dom *Marcelo*. Em virtude disso, perguntei-lhe sobre os preparativos da reunião, sobre a presença dos idosos, e se precisava de alguma ajuda. Ele continuou olhando para a estrada e, calmamente, disse que ainda não sabia com certeza quantas pessoas assistiriam a reunião porque ele não avisava a todos, e que o faria nos próximos dias. Fiquei preocupada. A reunião havia sido marcada para o final daquela semana e já nos encontrávamos na terça, como poderia não se preocupar em avisá-los?

Minha preocupação, evidentemente, contrastava com a tranquilidade de Dom *Marcelo*. Perguntei, da forma mais cordial que consegui, se não seria melhor informar com mais tempo, para permitir que os idosos se organizassem, guardassem o domingo para a reunião, de forma a não coincidir com alguma outra atividade. E me ofereci para acompanhar a Dom *Marcelo* na missão porta a porta, inclusive de emprestar meu celular para fazer as ligações. Mesmo assim ele continuou olhando para a estrada, sem me levar a sério; “não, é muito melhor avisar na sexta, sábado, até no domingo de manhã... (dia da reunião) aqui funcionamos assim”. Em dúvida, aceitei.

A esposa do dono do restaurante, sentada do outro lado de Dom *Marcelo*, olhava-me com a mesma curiosidade que eu olhava para ele. Da mesma maneira que eu não acreditava no modo dos incanos, ela não acreditava nos meus questionamentos. E enfatizou: “pois é, aqui é assim, do contrário as pessoas se esquecem, mesmo na escola quando tem reunião dos pais, avisam no mesmo dia, não tem outro jeito”.

Essa cena etnográfica confronta duas concepções de tempo encerradas em quem a protagonizava. Por trás da minha surpresa, curiosidade, incerteza e preocupação havia o uso de uma temporalidade hegemônica, própria da sociedade contemporânea, imersa nas convenções padronizadas que estruturam minha duração. Dessa forma, *meu tempo*

⁶³ Ver Capítulo 1.

se relaciona a um conjunto de símbolos situados além da experiência. Ele responde aos símbolos universais sem lugar para questionamentos. Assim, minha expectativa era a de que todos dividiríamos a mesma forma de perceber o tempo, como algo absoluto, com o poder de nos autodisciplinarmos dentro de um mesmo processo civilizador.

O modo de organizar o tempo, o devir, em uma sociedade relativamente pequena e indiferenciada, como IDO, vinculava-se mais a períodos individualizados dotados de vida própria, os quais dificultam a percepção de processos contínuos estendidos no longo prazo (Elias, 1998, p. 151).

No esforço de adentrar nas temporalidades próprias do povoado foi central me valer da Etnografia de rua. Graças a ela conheci alguns ritmos da vida cotidiana do vilarejo⁶⁴, sob os quais identifiquei certas práticas que davam forma aos espaços e aos lugares (de Certau, 2000).

Cabe recordar que a etnografia desenvolvida nesta tese é a Etnografia da duração (Eckert e Rocha 2011, 2014, 2015), proposta para o estudo dos ritmos temporais vividos pelos habitantes nas cidades e as diferentes experiências narradas no contexto das sociedades complexas. Conforme citei, o conceito de duração diz respeito a experienciar as continuidades e descontinuidades nos espaços pensados e vividos (Bachelard apud Eckert e Rocha, 2011), assim a etnografia da duração se reflete sobre a materialização do tempo no espaço. Visando dar conta das diferentes experiências temporais e espaciais dos interlocutores do local, as autoras citadas apresentam a experiência de deslocamentos nas ruas, a Etnografia de rua, a qual surge como importante metodologia para observar a vida cotidiana, considerando-se que a duração é reconstruída nos seus fluxos.

- **Espaços atravessados, lugares vividos e tempos materializados**

Por meio da Etnografia de rua impus-me a tarefa de conhecer os espaços vividos pelos interlocutores e identificar os lugares *incanos*⁶⁵. Somado a esse inquérito e norteando os objetivos desta pesquisa, em minhas frequentes caminhadas pelas ruas do vilarejo eu também procurava os seus protagonistas — idosos e idosas. Logo ao saber que não podia centrar-me apenas no meu conhecimento prévio, advindo,

⁶⁴ Ver Capítulo 3.

⁶⁵ Ibidem.

principalmente, das lideranças das organizações, eu percebia que era preciso conhecer outros possíveis interlocutores.

Graças às caminhadas que fiz nos primeiros dias do campo e às constantes conversas com o *Fidel*, obtive algumas indicações de lugares nos quais poderia encontrar meus novos interlocutores. Nessas caminhadas também constatei que a rua consistia em um lugar eminentemente masculino. Em relação às mulheres, o espaço da rua representava, principalmente, local de trânsito. Segundo Dom *Marcelo*, um dos meus interlocutores, é muito estranho vê-las na rua. Temerosas, elas não ficam ali porque não gostam dos elogios ou galanteios. Dom *Marcelo* questiona isso dizendo que é natural elas receberem elogios ou galanteios, pelo que não deveriam se irritar. Assim, eram os homens que ficavam na praça, nas esquinas, nos armazéns, conversando entre eles, ou somente observando.

De acordo com Ortiz (1996), o espaço deve ser analisado como um conjunto de planos atravessados por diferentes processos sociais. No caso de IDO, a primeira questão que atravessa o espaço da rua é o gênero. Outro quesito que cruza o espaço da rua é a idade. Assim, durante as caminhadas pelos espaços incanos percebi a presença de muitos idosos nela. Desde os estudos pioneiros de Simone de Beauvoir, diferentes pesquisadores discutem sobre o lugar do outro para definir o envelhecimento e a velhice (Billé e Martz, 2010; Nunes, 2010). Nesta pesquisa também os reconheci. Reconhecimento feito principalmente pelos sinais da passagem do tempo em seus corpos; cabelos grisalhos, cabeças carecas, rugas, corpos alentecidos, calmos ou curvados.

« Le « vieux » est distingué du reste des membres de la société parce qu'il présente évidemment des signes distinctifs, dan son corpos, dans la manière qu'il a d'être là » (Billé e Martz, 2010 p. 99).

Por exemplo, na praça do vilarejo conheci Dom *Pedro*⁶⁶. Ele trabalha nessa praça, cuidando-a e regando as plantas. Pareceu-me um idoso pela cor de seu cabelo, pelo andar claudicante por causa da perna manca. Falando com ele, aos poucos soube que também era surdo e que para nos entendermos devia subir um pouco o volume da minha voz. A diferença de outros habitues idosos (Nunes, 2010) da rua, Dom *Pedro* tinha uma atividade com horário demarcado: iniciava às 8h30min, retirava-se às 12h para almoçar, e retornava às 14h, encerrando a atividade às 16h, quando, então,

⁶⁶ Por questões éticas preferi utilizar um nome fictício.

guardava mangueiras e vassouras e se dirigia à delegacia da prefeitura para assinar sua saída diária, depois ia para sua casa rapidamente. Fora sua jornada de trabalho, Dom *Pedro* não permanecia na rua, só a utilizava como trânsito entre o trabalho, os armazéns e sua casa. Dom *Pedro* contou-me que, durante seu trabalho, pensava sempre no que estaria fazendo sua esposa na casa, pois ela estava doente e esquecia muito facilmente o que fazia, colocando-os em situações, algumas vezes, arriscadas; esquecia o gás ou a chaleira ligados, por exemplo. Essas eram as preocupações em torno das quais giravam nossas conversações. Pelos relatos de outros idosos, soube que Dom *Pedro* também tinha trabalhado nas minas, e fez parte de umas das equipes em que Dom *Marcelo* trabalhou. No entanto, Dom *Pedro* não se referiu a essas histórias.

Em suma, percebi que o espaço da rua também era atravessado pela atividade. Nela se passavam diversos tempos materializados em diferentes espaços, assim, na praça estava o tempo do trabalho de Dom *Pedro*, constituindo um lugar específico.

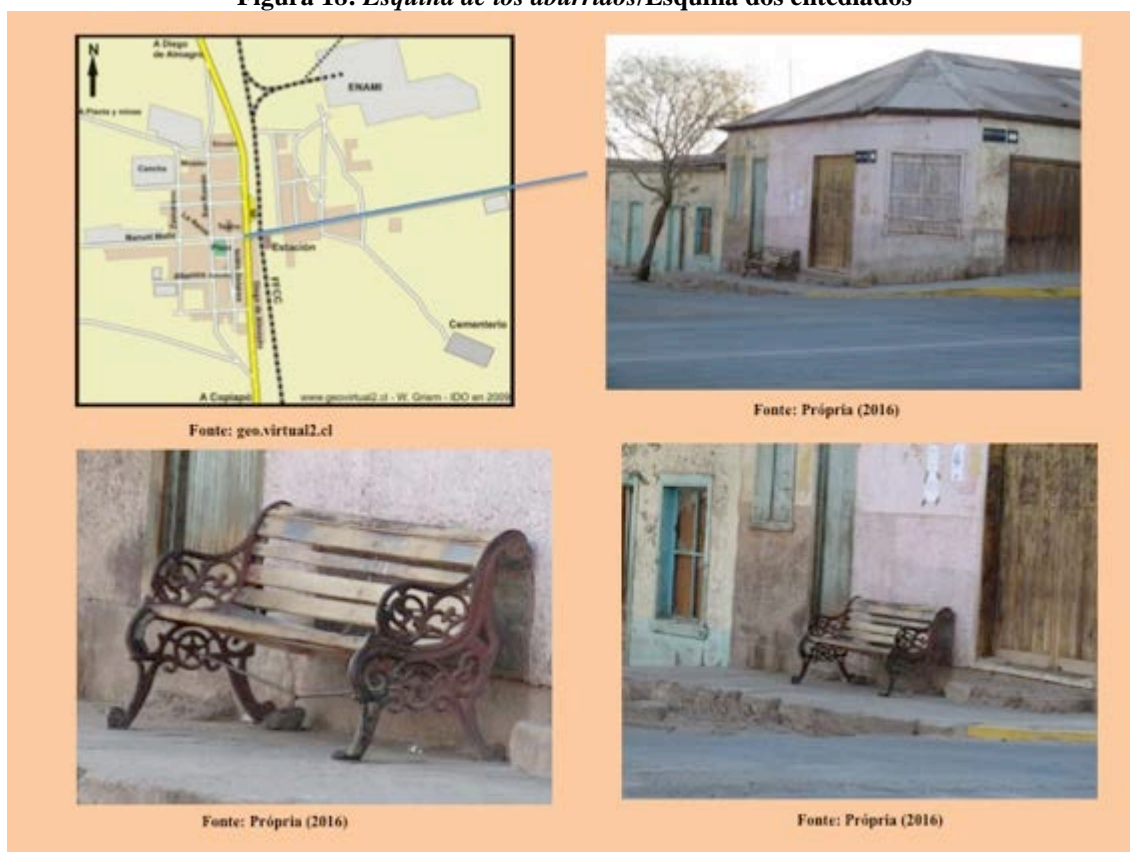
Em IDO, as esquinas também são lugares importantes, sobretudo as que enfrentam as ruas principais, como a *Diego de Almeyda*, pois os homens ficam de pé ou sentados olhando o que acontece, quem passa pela estrada; à espera de que alguma coisa aconteça, como alguma notícia sobre ofertas de trabalho. Por exemplo, muitas vezes me encontrei na esquina da *Diego de Almeyda* com a *Juan Tellez* com *Juan Osorio*. Conheci esse idoso por intermédio da organização de idosos mineradores, e sempre que ele me divisava na rua me cumprimentava. Dom *Juan* não tinha nascido no vilarejo, chegou ali quando era adolescente para morar com sua irmã mais velha que recém tinha se casado. Depois de trabalhar em cidades próximas a *Inca de Oro* Dom *Juan* decidiu se estabelecer no povoado, junto de sua irmã. Ele estava separado e tinha três filhos que moravam em outras partes do país e com os quais não falava muito. Em 2014, quando o conheci, ele trabalhava como zelador na usina da ENAMI, porém, em 2016, quando retornei ao vilarejo, tinha sido demitido e se achava desempregado. Quando lhe perguntava o que fazia na esquina me dizia que saía para pegar o sol da tarde, ou olhar o que acontecia, pois ficava entediado em casa, cansava de assistir televisão o tempo todo. Disse-me que depois de ser afastado do trabalho ficava de olho de alguma *gallada*/bico, ao redor das muitas empresas localizadas na zona. Dom *Juan Osorio* ficou desempregado a maior parte do tempo em que estive em IDO, mas, em 2016, finalmente conseguiu arrumar um emprego como zelador. Deu-me essa notícia, muito feliz, também nessa esquina, cenário das nossas falas.

Contudo, distingui outro lugar específico, uma esquina identificada e reconhecida por todos os *incanos*: a *esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados.

a) *Esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados; lugar da memória reverberada em grupo

No cruzamento entre as avenidas *Antonio Matta* e *Diego de Almeyda* vivencia-se um lugar denominado pelos *incanos* de *esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados. Mencionei esse espaço praticado anteriormente⁶⁷, aliás, essa esquina merece uma análise mais atenta dada sua importância na cotidianidade dos idosos de IDO.

Figura 18: *Esquina de los aburridos*/Esquina dos entediados



Fonte: Elaborado pela autora.

As primeiras notícias que tive sobre essa esquina foi através de Fidel, que me contou que “todos os dias pela tardezinha, uns velinhos ficavam falando na esquina”. Como mencionei, levei um tempo para saber como essa esquina era conhecida no

⁶⁷ Ver capítulo 3.

povoado. No começo só percebi que a esquina era utilizada como lugar para se abrigar do sol, pois, à tarde, há ali uma sombra confortável, além de haver um banco. As primeiras pessoas que identifiquei sentadas nesse banco, na esquina, foram dois idosos que ficavam bebendo. Faziam-no colocando as caixas de vinho dentro de sacolas para não deixá-las a vista, isso porque no Chile é proibido beber nas ruas, no entanto dava para perceber que era álcool e, realmente, todos sabiam o que eles faziam ali. Um deles era *pirquinero*, conhecido como *El soldado*, mas nunca consegui falar com ele, pois quando descia da mina que explorava suas estadias no vilarejo eram curtas e ficava bebendo.

O outro idoso não era minerador e há 30 anos tinha chegado do sul para trabalhar no povoado e ali ficou vivendo. Era sozinho, morava com seus cachorros e alguns gatos em uma pequena casa de madeira fornecida pela prefeitura, com apenas um quarto, onde mantinha muitas cobertas e roupas sujas para se proteger do frio. Passava os dias na rua, na *esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados, ou em outras, buscando ou fugindo do sol. Lentamente, comecei a falar com ele, de forma que nos cumprimentávamos - Bom dia! Bom dia moça! -, às vezes me pedia alguma moeda ou um pedaço de pão. Contudo, não me aproximei muito dele, receosa da bebida.

Assim, pensava que as pessoas que ficavam nessa esquina o faziam para beber, porém, com o decorrer da etnografia de rua, percebi que havia outros idosos que gostavam de se sentar nos bancos dessa esquina e não ficavam bebendo. De fato, quando estes tomavam conta da esquina, do banco, os outros idosos ficavam distantes, sentados no chão. Existia uma separação entre os usuários da esquina.

O número de habitués da esquina flutuava, entre três, cinco ou mais pessoas. Geralmente, ali se encontravam: Dom *Germán*, Dom *Benito*, Dom *Juan Rojas*, Dom *Zacarias*, porém sua presença variava principalmente por motivos de trabalho. Uma forma de saber o tipo de atividade dos habitués, para depois me aprofundar nas falas, era quando apertávamos as mãos para nos cumprimentar. Geralmente, quem realizava trabalhos braçais tinha as mãos ásperas. Assim, soube que Dom *Germán*⁶⁸ tinha uma mina que estava acondicionando para começar as tarefas de exploração em breve. Dom *Benito* trabalhava como zelador em uma empresa próxima a IDO. Dom *Juan Rojas* possuía uma loja de artigos domésticos localizada na mesma avenida *Antonio Matta*, na frente da esquina. E Dom *Zacarias* cuidava de uns animais que criava perto do vilarejo.

⁶⁸ Ver capítulo 2.

O outro habitué da esquina era Dom *Roberto*, o único usuário que não realizava alguma atividade além.

Fotografia 22: Dom Juan Rojas, Dom Benito e Dom Roberto (da esquerda para a direita).



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 23: Dom Marcelo, Dom Benito e Dom Roberto (da esquerda para a direita).



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Os habitués idosos da esquina há muito tempo moram no povoado, alguns deles não nasceram em IDO e se estabeleceram no povoado, ainda muito jovens, atraídos pelo trabalho da mineração em suas proximidades. Contaram-me que há 50 anos moravam no povoado, e entendi que a maior parte desses habitués tinha envelhecido junto, tinha compartilhado uma vida, até chegar à velhice.

Dom *Roberto* e Dom *Juan Rojas* eram muito amigos, quase sempre foi possível me encontrar com eles sentados no banco. Dom *Roberto* tinha o costume de ficar nessa esquina antes e depois de almoço até o pôr do sol, pois, depois disso, esfria demais para continuar na rua. A loja de Dom *Juan Rojas* ficava defronte ao banco onde se sentava, e ele ficava na rua à espera de algum cliente, quando, então, entrava para atender os fregueses ou para almoçar e tomar café de tarde. Dom *Benito* é irmão de Dom *Juan Rojas* e amigo também de Dom *Roberto*. Nenhum deles nasceu em IDO, mas migraram há anos e ali permaneceram. Dom *Zacarias* e Dom *Germán* eram oriundos do vilarejo e tinham trabalhado juntos desde jovens, não só na mineração, mas também vendendo lenha na zona das *Guias*.

A esquina tinha também outros usuários, como Dom *Carlos*. Ele gostava muito de se sentar ali e conversar com os demais idosos, embora trabalhasse em uma mina próxima, e muitas vezes chegava direto para comer. Assim, foram poucas as vezes que o vi, geralmente os demais idosos se alegravam quando o viam sair de casa em direção à esquina, sentiam a falta dele e se perguntavam mutuamente sobre ele. Outros idosos eram Dom *Marcelo*, Dom *Héctor* e Dom *Raúl*, mas a presença deles era muito esporádica, não sendo comum me encontrar com eles ali.

Em algumas ocasiões vi outros homens conversando na esquina, incanos mais novos que ficavam batendo papo com os idosos depois de um dia de trabalho. Quando isso acontecia não me aproximava do grupo, evitando uma situação constrangedora para mim, segundo minha posição no povoado⁶⁹. Temia que os limites fossem ultrapassados, pois minha presença poderia ser utilizada por algum deles para se destacar em relação aos demais. Quando o grupo da esquina aumentava eu podia ser alvo de alguns comentários que me deixavam em situações incômodas, não só pelo fato de ser instrumentalizada, também porque todos ficavam na expectativa do meu agir.

⁶⁹ Ver capítulo 1.

Em contraste, era difícil isso acontecer com meus interlocutores⁷⁰, porque eu tinha me esforçado em construir uma relação de respeito mútuo. Parte importante desse vínculo o consegui estabelecendo uma distância na hora de interagir. Distância dada pelo uso de *usted/o* senhor ao invés de *tú/tu* para me dirigir a eles, e de evitar o contato físico. Assim, os cumprimentava estendendo-lhe a mão e não com beijos na face.

Em algumas pequenas cidades há lugares que são apropriados por diferentes grupos para se socializarem, entre os quais cafés, teatros, sedes de grupos esportivos, sedes de partidos políticos (Bozon, 1984; Nunes, 2010; Eckert, 2012). Porém, como devo informar ao leitor, não é o caso de IDO. A falta de espaços de lazer é denunciado pelos *incanos*, salientando que não têm lugar algum para o entretenimento, além de se visitarem nas casas ou das poucas atividades organizadas por algumas instituições como a associação mineradora, o corpo de bombeiros ou a escola. Isso se acentua no caso dos idosos, pois evitam sair de suas casas após o pôr do sol quando a temperatura cai bastante. A participação deles nas festas realizadas à noite se torna muito difícil por causa do risco de apanharem alguma doença.

Nesse contexto, a *esquina de los aburridos/* esquina dos entediados surge como um lugar de relevância para esses idosos, ao disponibilizar um lugar para se encontrarem com os amigos com os quais podem conversar e dividir um momento ameno. Nesses encontros à tarde, ao compartilhar essa esquina, sentados um do lado do outro naquele velho banco, os idosos *habitués* falam sobre o todo tipo de temas: do passado, do presente, sobre temas nacionais e locais, passando o tempo juntos durante grande parte da tarde.

Nas ocasiões em que fiquei sentada junto deles falaram-me sobre como era o vilarejo antigamente, marcando a diferença com a atualidade. Sentados nessa esquina, olhavam para a avenida *Antonio Matta* e lhes vinha à mente a grande quantidade de bares, lugares para jogar, beber e dançar que se localizavam ao longo da rua. Também as mulheres que trabalhavam nesses locais, algumas só como garçonetes, outras como prostitutas⁷¹; de como essas ruas ferviam de pessoas caminhando, comprando, vendendo, sobretudo quando os mineradores desciam das minas e gastavam o dinheiro ganho depois de semanas de árduo trabalho. Complementando a fala um do outro, acrescentavam os detalhes dos prédios, das atividades que haviam ocorrido neles.

⁷⁰ Mesmo tendo acontecido em poucas ocasiões. Ver Capítulo 1.

⁷¹ Os idosos ao falarem comigo não usaram o termo prostituta, mas apenas mulheres ou “aquelas mulheres que falam de tu”.

Assim, apareciam prédios extintos, como o hospital, ao lado da esquina onde se reuniam, ou da loja que existia justo nessa esquina, a qual pertenceu ao Dom *Carlos* que o perdeu por maus negócios. O salão de bilhar na esquina da frente onde podiam jogar e beber.

Nessa esquina também os escutei falar sobre a mineração realizada no povoado, a *pirquinería*, e, por certo, as diferenças com a atual forma de exploração mineradora. Uma dessas diferenças se relaciona às condições de trabalho, caracterizada pela desorganização e bagunça dos lugares de exploração⁷². Por exemplo, na *mina vieja*/mina velha, trabalhavam muitos mineradores e sempre ocorriam brigas. Os policiais estavam acostumados com essas brigas, e quando começavam solicitavam às pessoas que os deixassem descansar um pouco. Em algumas dessas brigas usavam faca e algumas pessoas foram mortas. Quando isso acontecia os corpos eram jogados em lugares afastados, fora da cidade, e ninguém sabia mais deles.

Outra diferença entre a mineração de antes e a atual se refere ao esforço corporal em explorar as minas. Dom *Juan Rojas* lembra que, naqueles tempos, o trabalho era muito rude, trabalhavam como se fossem animais, tipo bestas, 40 ou 50 dias sem descanso. Por exemplo, um *pirquinerero* conseguia levantar 150 quilos como se fosse nada. Muitos dos agora velhos, que à época eram jovens, carregavam grandes quantidades de material nas costas para retirá-las da mina. Por isso, agora na velhice estão doentes e sentem dores.

Um *habitué*⁷³ assinalou que trabalhavam nas minas com pouca roupa porque fazia muito calor e as pessoas suavam demasiado. Embora fizesse frio e houvesse neve do lado de fora, os *pirquineros* saíam sem se enroupar. Estavam acostumados, e inclusive tomavam banho com água fria. Segundo ele, os jovens de agora não conseguiriam dar conta dessas condições rudes.

Em caso de um minerador adoecer na mina e não haver medicamentos para tratá-lo, porque os *pirquineros* subiam com pouco equipamento e, ao mesmo tempo, não dispunham de médicos, ele era tratado com o que a natureza lhe oferecia, com o que era encontrado nos morros onde estavam as minas. Nesses morros encontravam tudo o que precisavam graças ao que haviam aprendido com os antigos, seus pais e avôs. Por exemplo, o Dom *Germán* transmitiu seus conhecimentos da *pirquinería* e da natureza

⁷² Ver capítulo 3.

⁷³ Por motivos éticos prefiro não identificá-lo.

aos seus familiares, mas essa geração não tem a quem ensinar. A ideia de que a atividade *pirquinera* morrerá junto com eles é fala frequente, declarada e sentida.

Uma terceira diferença, de acordo com as falas dos habitués da *esquina de los aburridos/* esquina dos entediados, é que, apesar dos grandes lucros que eles conseguiram na *pirquinería* durante sua juventude, muitos deles vivem na pobreza agora na velhice. Isto porque, dizem eles, quando trabalharam nenhum deles pensou no futuro e os ganhos, quase todos, eram consumidos, em bebida. Naquela época, era comum os mineradores descerem das minas com muito dinheiro, e, então, compravam roupas novas, jogavam fora as velhas, e entravam nos diferentes locais de entretenimento onde gastavam tudo o que haviam recebido. Nada mais lhes restando, voltavam às ruas à procura das velhas roupas e retornavam às minas⁷⁴.

Assim sendo, Dom *Marcelo* salientou que o minerador era bebedor. O dinheiro ganho era gastado com rapidez. Mais naquela época em que o povoado tinha muitos bares, locais para se entreter e, como já havia afirmado, muitas prostitutas; “*habían tantas chiquillas/haviam muitas moças*”. Assim, Dom *Marcelo* lembrou como bebia muito e como gostava de dançar, gastando tudo nos locais de entretenimento. Reconhece que quando era jovem, e o corpo lhe permitia trabalhar, não pensava no futuro. De fato, segundo ele, minerador nenhum cogitou no futuro.

Dom *Juan Rojas* contou-me que pensou no futuro quando tinha aproximadamente 50 anos. Antes disso gastava todos seus lucros em bebida e com mulheres, semelhante a outros *pirquineros*. Algumas mulheres, com as quais manteve um relacionamento, recomendavam-lhe guardar dinheiro, porém, Dom *Juan* lhes respondia que não era problema delas, pois o dinheiro era dele. No entanto, aos 50 anos entendeu que devia se preparar para a velhice, deixou as minas e começou a trabalhar como comerciante.

Outros habitués da *esquina de los aburridos/* esquina dos entediados, como Dom *Zacarias* e Dom *Roberto* me explicaram o porquê disso: “*había que tomar para atraer la suerte/devia-se beber para atrair a sorte*”⁷⁵. Dom *Adan*, um interlocutor que não frequenta a esquina, aprofundou-se sobre o tema:

⁷⁴ Ver Capítulo 3.

⁷⁵ O costume do minerador de gastar tudo, desperdiçar os ganhos na bebida, no jogo e nas mulheres, entende-se também pelos valores do vilarejo discutidos no capítulo 3. O leitor lembrará a importância de não ser uma pessoa cobiçosa, pois a avareza faz a fortuna, a riqueza se afastar das pessoas.

I: ¿Y será por eso que el minero se gastaba todo entonces?! Por isso será que o minerador gastava tudo, então?

E: ¡Sí!, es que el minero tenía una idea, el minero decía que entre más tomaba o gastaba plata, mejor le iba en la mina, esa era como una.../ Sim!, acontece que o minerador tinha uma ideia, o minerador dizia que se bebesse mais ou gastasse dinheiro, iria melhor na mina, essa era tipo uma...

I: ¿Una creencia? / Uma crença?

E: Claro, como una creencia, que si yo tomaba y me farreaba... en realidad ¡de repente era así! Era como que le ayudaba más, pero no era una cosa porque yo tomaba y farreaba, a la otra remesa me iba bien, porque la mina estaba alcanzando el mineral y estaba alcanzando su punto. De un de repente, tomaban se farreaban y después llegaban a la mina y no tenían donde trabajar porque se terminó la veta, si la veta se empobreció y jodió no más. Y se cambiaban a otro lado, pero en ese tiempo las minas estaban nuevas todavía, tenían a donde cambiarse a donde trabajar. No ahora, la cosa está complicada/ Claro, tipo uma crença, que se bebia e desperdiçava...em verdade de repente era assim! Era como se ajudasse mais, porém não era uma coisa de porquê eu bebesse e desperdiçasse, a próxima remessa seria boa, porque a mina estava alcançando os minérios e estava chegando a seu ponto. De súbito, tomavam, desperdiçavam e depois chegavam à mina e não tinham onde trabalhar porque o veio acabou, o veio se empobreceu e deu. E se mudavam para outro lado, mas nesse tempo as minas eram ainda novas, havia onde se mudar, onde trabalhar. Não agora, a coisa está complicada.

I: Yo pensaba que se gastaban todo, porque celebraban el estar vivos, el que le habían ganado a la mina! Eu pensava que gastavam tudo como forma de festejar estar vivos, por terem vencido a mina.

E: ¡No! de repente puede ser alguna vez así, pero casi por lo general era por eso, porque el viejo minero, uno tenía esa creencia, de que si uno tomaba y farreaba, a la otra remesa le iba a ir bien otra vez, le iba a ir mejor/ Não! pode ser alguma vez, porém pelo geral era por isso, porque o velho minerador, a gente tinha essa crença, de que si bebia e desperdiçava, na próxima remessa se ia bem outra vez, seria melhor.

Até aqui narrei as falas com os idosos habitués da esquina *de los aburridos*/ esquina dos entediados, na tentativa de dar conta da cotidianidade vivida nas ruas de IDO. Nesse sentido, é viável a pergunta: o que fazem os idosos *habitués* ali? Eles dividem o tempo e conversam, na terminologia de Georg Simmel eles jogam o social. Sobre o que eles conversam? Principalmente sobre as mudanças experimentadas pelo vilarejo onde moram, sobre as mudanças na atividade econômica que lhe deu vida, a qual foi desenvolvida por eles durante grande parte de suas vidas. Então, o que se passa na esquina *de los aburridos*/ esquina dos entediados? Sendo uma pequena cidade *pirquinera* ela compreende, em consequência, a presença de pessoas retiradas⁷⁶ dessa atividade. A esquina configura um lugar de sociabilidade no qual os idosos *habitués*

⁷⁶ Não utilizo a palavra “aposentados”, visto que não existem aposentados da *pirquinería*, porque nenhum dos *pirquineros* contribuiu durante seus anos de trabalho.

experimentam a velhice e vivenciam o povoado. Conforma um lugar no qual os idosos habitués duram; assim, a memória reverberada nos interlocutores da pesquisa na *esquina de los aburridos/ esquina dos entediados* mostra a partilha de experiências socioculturais sobre as quais negociaram seus projetos de vida particulares (Velho, 2013). A memória contida nessa esquina não só mostra a importância do que é lembrado, mas também a forma com que é lembrada (Halbwachs, 2011). Isto é, a memória desses *pirquineros* é construída na participação desse grupo de *habitués* na cotidianidade das ruas de IDO. Nessa participação, os idosos vivenciam um sentimento de simultaneidade de experiências comuns, favorecido pela presença de pessoas junto às quais têm envelhecido. Nesse lugar, eles não se encontram com pessoas desconhecidas como poderia acontecer em um contexto urbano.

A memória construída e compartilhada pelos *habitués* da esquina revela um passado que se sobrepõe ao presente, não sendo independente dessa experiência presente que o instiga a surgir. Nesse sentido, “poderíamos dizer que “passado”, “presente” e “futuro” constituem, embora se trate de três palavras diferentes, um único e mesmo conceito; porém só na experiência humana existem como linhas demarcatórias” (Elias, 1998, p. 62).

Somente no presente os idosos *habitués* da esquina selecionam os eventos que trarão à tona. Por trás dessas seleções houve uma intenção, um propósito, ou seja, os idosos selecionaram aquelas lembranças de forma hierárquica (Eckert e Rocha, 2011).

Por isso me referi aos acontecimentos lembrados nas falas dos idosos habitués. Os temas sobre os quais se debruçaram nas diferentes conversas que mantivemos; o valor da honra, da atividade *pirquinera*, o valor do esforço e a coragem que lhes demandou em sua juventude, sendo a valorização do trabalho o que os caracteriza. A intenção está dada pela duração. Para eles durarem no tempo, precisam que a atividade seja conhecida pelas novas gerações⁷⁷. Assim, a *pirquinería* deve ultrapassá-los.

b) *Esquina de los aburridos/ esquina dos entediados; cronotopo de idade*

Em espanhol a palavra *aburridos/entediados* provém de *aburrimiento/tedio*. Utiliza-se para dar conta da perda de ânimo provocada pela falta de estímulo ou

⁷⁷ Correspondendo também à principal motivação pela qual muitos dos interlocutores aceitaram fazer parte desta pesquisa.

distração⁷⁸. Portanto, o nome dado pelos *incanos* à essa esquina tem a ver com a intenção de evidenciar a falta de atividade de seus habitués, no sentido da ausência de vontade para realizar alguma atividade. A inatividade não é aceita em um povoado no qual o trabalho é altamente valorado, sobretudo na construção dos projetos de vida dos homens (Velho, 2013)⁷⁹. De fato, alguns habitués falam da esquina brincando que é seu escritório.

Ouvi a expressão *esquina de los aburridos* pela primeira vez de uma das minhas interlocutoras e fiquei confusa, pois não sabia bem a que ela estava se referindo. Graças à etnografia de rua eu já havia identificado a esquina como um lugar de importância no contexto *incano*, porém não sabia o nome pelo qual era conhecida. De fato, e como narrei anteriormente, esse nome foi-me revelado por outro *incano* em uma ocasião em que enfrentou os idosos, exigindo que me revelassem o nome. Naquela vez todos ficaram calados, e somente Dom *Roberto* protestou, esclarecendo que ele só se sentava ali, mas não pertencia àquela esquina.

Essa cena etnográfica me revelou o desconforto que um lugar assim provoca em um vilarejo com os valores de IDO, abrindo espaço para o segundo significado da palavra *aburrimiento* em espanhol. O *aburrimiento*/tédio também se produz pela *molestia*/incômodo causado por algo ou alguém, gerando mal-estar.

Dessa forma, a *esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados corresponde a um lugar não despercebido pelo vilarejo, gerando um incômodo pela falta de atividade que representa. No entanto, na esquina subjazem outras questões com as quais os *incanos* não se dão bem.

Para me aprofundar no que considero pertinente trago à discussão a categoria analítica citada por Teresa del Valle, *cronotopo genérico*.

“Los cronotopos genéricos se definen como una estrategia metodológica que facilita el acceso a interpretaciones más amplias acerca de los sistemas y relaciones de género. Están relacionados, a su vez, con formas de memoria no discursiva” (del Valle, 1999, p. 211).

Os cronotopos agem como sínteses de significados maiores, correspondendo a enclaves temporais, com atividades e significados complexos, nos quais se negociam identidades; neles também é possível se negociar ou reafirmar as desigualdades. Para

⁷⁸ *Aburrimiento*: cansancio del ánimo originado por falta de estímulo o distracción, o por molestia reiterada. Diccionario en línea, de la Real Academia de la Lengua Española.

⁷⁹ Ver Capítulo 3.

del Valle (1999), um tipo específico de *cronotopo* são os *genéricos*, isto é, aqueles pontos para os quais convergem o espaço, o tempo e o gênero, dado que o gênero cria e recria identidades e desigualdades.

Para encontrar um *cronotopo genérico* a autora indica que é possível identificar situações nas quais se definam ou se expressem as identidades. Por exemplo, situações nas quais se constroem as normatividades e os estereótipos que influirão, no longo prazo, na construção do que é feminino e masculino.

No caso da *esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados estaríamos diante de um *cronotopo genérico*, pois disponibiliza uma situação na qual se constroem as normatividades e os estereótipos de gênero. Os homens dominam o espaço público da rua, porém, deveriam estar trabalhando ao invés de não “fazendo nada”. Conforme salienta Bozon, “de forma tal que os lugares não privados tendem a ser apropriados por grupos sociais, grupos de sexos, etc.” (1984, p. 74)⁸⁰. Além disso, a *esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados permite identificar também um *cronotopo* de idade. Ou seja, a esquina corresponde a um espaço físico possível de se identificar pelos significados atribuídos à idade, considerando-se que corresponde a um espaço de sociabilidade de homens idosos. Essa esquina converge, assim, para espaço, tempo, gênero e idade, disponibilizando uma situação na qual se constroem as normatividades e os estereótipos de idade também. Os idosos dominam o espaço público porque na velhice se espera a inatividade das pessoas, mesmo essa inatividade seja criticada pelo resto dos incanos.

Na *esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados se negociam as identidades de idosos, catalisam-se realidades e sistemas maiores e complexos nos quais ser idoso, sem alguma atividade produtiva, gera desconforto. Essa situação se agudiza ao se detectar que são idosos retirados da *pirquineria* — atividade caracterizada pela coragem e valorização do esforço.

Assim sendo, a *esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados aponta outra questão definidora dos *cronotopos*, segundo del Valle: as experiências que se corporificam na memória como parte vital da existência. Ou seja, a dominação da rua por parte dos corpos masculinos é aceita e naturalizada, como se viu na fala de Dom Marcelo sobre o motivo pelo qual as mulheres não gostam da rua. Aliás, a presença dos corpos masculinos idosos na rua gera desconforto no povoado.

⁸⁰ Tradução nossa.

No contexto do povoado, o corpo masculino performativa (Butler, 2013) à atividade econômica da *pirquineria*, a qual é valorizada pelo esforço e a coragem que os *pirquineros* tinham explorando as minas. Acredito que o leitor se recordará da minha visita a casa *Tornini*⁸¹, na cidade de *Caldera*, durante a qual o guia turístico se aprofundou sobre as características dos mineradores da região, destacando a bravura, força, esforço, coragem, qualidades com as quais cumpriram papéis importantíssimos nas guerras acontecidas no Norte chileno durante o século XIX. Naquele momento perguntei-me sobre esse olhar — romântico talvez — dos *pirquineros* em relação aos idosos *pirquineros* que tinha conhecido em 2012. Quesito que vem à tona para aprofundar o que se passa na *esquina de los aburridos/* esquina dos entediados, em termos da categoria analítica de *cronotopo* de idade mencionada.

Para tanto, acredito pertinente me aprofundar no que é discutido por Butler (2013) sobre a performatividade dos atributos de gênero nos corpos. Na concepção dessa autora, o gênero não é um substantivo, ou seja, não dá conta de uma série de qualidades ou características. Isso porque essas qualidades são produzidas dentro de uma estrutura social. Portanto, as características de gênero não podem ser vinculadas a uma identidade preexistente de homem e mulher.

“Nesse sentido o gênero sempre é um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. Assim não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero, essa identidade é performativamente constituída pelas próprias expressões tidas como seus resultados” (Butler, 2013, p. 48).

Segundo essa autora, pode-se perceber como os atributos do corpo masculino *pirquiner* têm sido construídos ao longo do tempo dentro da estrutura social *incana*, de modo que esse corpo masculino *pirquiner* foi estilizado repetidamente, chegando a se cristalizar como a essência da atividade. O corpo, na concepção de Butler, não deve ser visto como um meio passivo sobre o qual tem se inscrito os significados culturais, pois, deve-se reconhecer a própria construção social desse corpo. (2013 p. 194).

Em tese, em IDO o corpo masculino performativa as qualidades atribuídas à atividade *pirquiner* já mencionadas. E, a partir disso, o corpo masculino do idoso *pirquiner* não representa a louvada *pirquineria*, não dá conta de suas qualidades, não a honra. Através desses corpos, a *pirquineria* não pode performativar o orgulho. E mais:

⁸¹ Ver Capítulo 1.

os corpos masculinos dos idosos *pirquineros*, situados nesse lugar da rua, a confronta, coloca em questão esses valores, essa bravura, essa coragem, evidenciando a passagem do tempo nesse corpo, as consequências deixadas nele. A velhice é um problema mais externo que interno, mostra antecipadamente no que nos converteremos (Billé e Martz, 2010 p. 11)⁸²

Assim, a partir da performatividade dos corpos, discutida por Butler, também é possível perceber as relações de poder imersas nessa esquina, e que o fator sexo faz parte de um meio discursivo/cultural de poder sobre o qual age a cultura (Butler, 2013 p. 25). A forma de tratar a velhice fará parte de um discurso/cultural de poder sobre o qual agirá a cultura. Nesse sentido, o desconforto gerado pelo *cronotopo* de idade evidenciado na *esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados, faz parte das relações de poder no povoado, nas quais a juventude é valorizada, sobrepondo-se à velhice, o corpo masculino do *pirquiner* jovem é o desejado em detrimento do corpo do *pirquiner* idoso. Segundo Bourdieu, as classificações de idade (e as de sexo ou classe) sempre colocam limites que produzem uma ordem na qual cada um deve se manter, cada um deve ocupar seu lugar (2002, p 164)⁸³. E um dos lugares dos idosos em IDO é a esquina assinalada.

« La vieillesse devient un fait violent surtout dans les sociétés occidentales où les valeurs du travail et de performance, du désir et de la puissance, de l'action et de la réussite, dominant (Billé e Martz, 2010, p. 143).

c) Conhecendo a *pirquinería* do ouro

Por meio das diferentes falas, dos momentos divididos ao longo da etnografia com meus interlocutores, muito deles *habitués* da esquina, pude conhecer a *pirquinería*. Atividade que passo a descrever para que o leitor não só possa conhecê-la, mas também para reforçar os quesitos discutidos anteriormente.

Na atividade de *pirquinería*, o primeiro passo é o de identificar o veio a explorar na rocha. Para tanto, o *pirquiner* observa com atenção o território, buscando algum sinal que lhe indique se embaixo da terra ou dentro do morro há uma possível jazida. O *pirquiner* pode decidir explorar um *pique*/poço ou abrir túneis no morro. Nos dois casos deve abrir caminho na rocha ou pedra através de colocação de explosivos em pequenos buracos distribuídos uniformemente. Esses buracos são feitos manualmente,

⁸² Tradução nossa.

⁸³ Tradução nossa.

por meio de um processo denominado *barrenar/verrumar*, em que, com o auxílio de um *barreno/verruma* o *pirquinero* abre buracos na rocha. O *barreno* é batido com um martelo, criando pequenos furos na rocha, nos quais o *pirquinero* colocará os explosivos, e assim vai abrindo o caminho e formando as galerias. Após cada explosão o lugar deve ser desobstruído, portanto, os pedaços de rocha são recolhidos e colocados em carrinhos de mão, se for um túnel, ou em uma mochila ou *capacho* nas costas, se for um poço. Neste último caso o *pirquinero* deve subir e descer quantas vezes for necessário até conseguir retirar todos os pedaços de rocha do lugar em que está trabalhando. Quando o *pique* tem uma profundidade maior, as pedras são retiradas com ajuda de um *torno*⁸⁴, com a *pata de cabra* e do *huinche*. No passado, era comum fazer isso de forma manual, usando essas ferramentas, mas atualmente esse processo é otimizado pelo uso de motores que fazem o trabalho do *huinche*, o que faz com que o balde com as pedras suba rapidamente.

Lentamente, o *pirquinero* vai abrindo caminho na terra, identificando os veios que contêm os minerais. O conhecimento para identificar os veios, saber se há presença de ouro, prata ou cobre, só é possível de se aprender ao longo dos anos de trabalho. Isso é muito destacado pelos *pirquineros*. *Pirquinero* não pode ser qualquer amador, e nem todos sabem reconhecer os minerais na rocha. Os interlocutores contaram-me algumas histórias de pessoas que chegaram em IDO para trabalhar nas minas, tiraram um monte de rochas, após semanas de trabalho, mas nenhuma possuía mineral para ser trabalhado e vendido.

Ademais, para a exploração do ouro não basta identificar sua existência na rocha. O *pirquinero* deve avaliar se a quantidade contida nela vale a pena. Assim, existe um processo chamado de *puruñar* ou de *cachear*⁸⁵ para medir a quantidade de mineral que se obterá.

Para *puruñar*, o *pirquinero* deve colocar, em um chifre, dividido ao meio, um pouco do material de rocha?), o qual deve ser moído e, após isso, adicionar ao chifre mais um pouco de água, a fim de dissolver o material, e por meio de movimentos suaves vai aparecer uma cor dourada que será o ouro. E conforme o brilho que esse dourado possua, o *pirquinero* saberá se está no caminho certo. Para decidir explorar o lugar escolhido o *pirquinero* quantifica o tamanho do carregamento se conseguir ou não

⁸⁴ Torno: máquina utilizada nos piques para subir o balde repleto de materiais só com a força humana do *pirquinero*. (Romero, 2011p. 140).

⁸⁵ Ambos os nomes se referem à ferramenta chamada de *puruña* ou de *cacheo* (chifre)

encher de ouro uma tampa de garrafa de cerveja com o que retirou do chifre. A partir disso, calcula se o carregamento será bom e se valerá a pena explorar o lugar identificado. Caso não o julgue favorável, o *pirquinero* prefere ir em busca de outro local do que se desgastar trabalhando no que não lhe trará os rendimentos desejados.

Fotografia 24: Torno



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 25: Motor



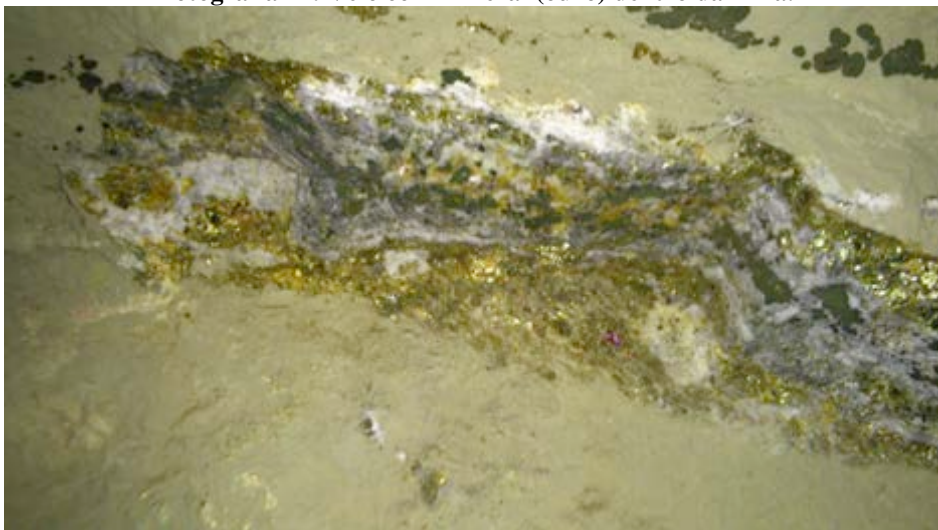
Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 26: Capacho antigo feito de couro de animal



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 27: Veio com mineral (ouro) dentro da mina.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 28: Ferramentas para *puruñar*, chifre e tampa de garrafa de cerveja.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 29: Dom Raúl *puruñando*.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 30: *Puruñando*, ouro.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Ao acumular uma grande quantidade de carregamento, as pedras precisam de um tratamento para se retirar o ouro. Existem dois tipos de ouro: o ouro fino ou concentrado, e o ouro grosso. O ouro fino é vendido diretamente à ENAMI⁸⁶, e o ouro grosso deve ser trabalhado nos *trapiches*⁸⁷ e, após isso, é possível de ser vendido.

No caso do ouro grosso, o *pirquinero* deve levar o material à usina de tratamento que existe em IDO. Essa usina possui trapiches e maquinaria idônea para retirar o ouro da rocha.

Antigamente, a usina de tratamento era propriedade da ENAMI, mas agora é administrada pela Associação Mineradora, instituição cujo objetivo é de apoiar os *pirquineros* em seu trabalho, emprestando maquinarias — perfuradora, motor —, a ajuda centra-se em dispor a maquinaria adequada para retirar o ouro da rocha. A usina tem dois *trapiches*, e os *pirquineros* que desejarem fazer uso deles devem agendar a data para o serviço e pagar por ele. Conseguir tirar o ouro das rochas é um processo longo. Durante o campo não acompanhei de perto esse processo, pois nenhum dos meus interlocutores encontrava-se nessa parte do processo. Mesmo assim, conheci a usina, presenciei o processo e bati algumas fotografias da maquinaria quando um dos meus interlocutores, Dom *Rubenso Araya*, levou-me até lá.

Fotografia 31: *Trapiche*, Usina de tratamento.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

⁸⁶ Ver Capítulo 1.

⁸⁷ Trapiche: máquina ou equipamento mecânico que permite moer o ouro grosso, possui base e rodas de aço e funciona graças a um motor. (Romero, 2011 p. 140)

Fotografia 32: *Trapiche*, Usina de tratamento



Fonte: Grupo de facebook: *Inca de Oro hoy y siempre*.

Graças a essa visita soube que a rocha que contém o ouro grosso deve ser colocada nos trapiches, sob a água. Quando a rocha se desintegra, os *pirquineros* separam o ouro, com ajuda do mercúrio, do material que restou.

Fotografia 33: *Pirquiner*o separando o ouro após passar as rochas pelo trapiche.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

No processo da exploração dos minérios da jazida, o *pirquinero* se submete a riscos de sofrer acidentes, até mesmo a morte. Muitas vezes, as explosões feitas para abrir as galerias podem soterrá-los, e também é possível cair quando sobem ou descem pelas escadas. Como narra Dom Raul e Dom Marcelo, o risco de morte era o cotidiano de trabalho.

Yo me he salvado varias veces de la muerte si po, yo me he salvado ya tres veces de la muerte. La primera vez fue en Manto de la Luna, yo aprendí a operar una máquina y después que terminé de hacer las perforaciones y todas las cosas, bajé a buscar el explosivo y cuando iba, iba con la carga de explosivos, iba con un saco de nitrato, en ese entonces los sacos pesaban 50 kilos y resulta yo que tenía que pasar por abajo y yo tenía las perforaciones allá arriba, entonces tenía que bajar, salir del polvorín, pasar por toda la parte de adelante e ir donde estaba la camioneta, porque la camioneta, la camioneta no podía entrar acá al polvorín po y... se desprende una punta de cerro, pero yo no supe como salté a un hoyo con 50 kilos en las espalda (...) todos los viejos me vieron muerto, “murió Mandolino, decían, murió Mandolino que...” que mandolino estaba más vivo que ellos!, pero no le miento y no me da vergüenza decirlo, me “mee y me cague” en el hoyo... la desesperación/ Eu me salvei várias vezes da morte sim, eu me salvei já três vezes da morte. A primeira vez foi em Manto de La Luna, eu aprendi a operar uma máquina e depois de terminar de fazer as perfurações e todas as coisas, descí para buscar o explosivo e quando ia, ia com o carregamento de explosivos, ia com um saco de nitrato, nesse momento os sacos pesavam 50 quilos, então devia passar por baixo e tinha as perfurações lá em cima, então devia descer, sair da jazida, passar por toda a parte de frente e ir no lugar onde estava a caminhonete, porque a caminhonete, a caminhonete não podia entrar na jazida e...se desprende uma ponta do morro, mas eu não soube como pulei em um buraco com 50 quilos nas costas (...) todos os trabalhadores me viram morto, “morreu Mandolino, diziam, morreu Mandolino que...” que Mandolino estava mais vivo que eles!, mas não minto para você e não sinto vergonha de dizê-lo, me fiz xixi e cocô no buraco...a desesperação (Dom Raúl).

Yo como minero he pasado unos peligros tremendos, he quedado cegado en los piques, he quedado enterrado 3,4 horas solo, y me han pasado cosas muy graves en las minas, y gracias a Dios que no he tenido accidentes grandes, por eso que para mi Dios es muy grande.../Eu como minerador passei uns perigos muito grandes, fiquei cego nos piques, fiquei soterrado 3, 4 horas sozinho, passaram-me coisas muito graves nas minas, e graças a Deus não tive um acidente grande, por isso para mim Deus é muito grande. (Dom Marcelo)

Pela possibilidade de sofrer acidentes dentro da mina, quando os *pirquineros* se encontram explorando sob vários metros de profundidade, o saber-fazer é arte da perícia (de Certeau, 2000). Esses exploradores, antes de entrar e se posicionarem para trabalhar, devem estudar a forma da mina e localizar um lugar no qual se abrigar no caso de acontecer algum acidente, tanto natural — um tremor de terra — quanto acidentes com explosões, por exemplo, entre tantos outros. Isto porque se acontecer algo desse teor,

sair da mina pode piorar a situação, de forma tal que o mais cauteloso é ficar no lugar identificado antes do ingresso. Em contraste com a vida desorganizada do *pirquiner*, já mencionada, a exploração é metódica e cuidadosa. Dom *Marcelo* comentou que *El Soldado*, que sempre que desce da mina fica na rua bebendo, é muito ordenado e limpo quando está dentro da mina.

Então, a visão do *pirquiner* como um minerador desorganizado nas sequências operativas da exploração, privilegiando a utilidade em detrimento da segurança dos trabalhadores⁸⁸, corresponde a uma visão errônea da tradição *pirquiner*. Dom *Zacarias* e Dom *Roberto* contaram-me que o conhecimento *pirquiner* era transmitido pelos pais e avós, e aprender a cuidar da vida era uma das primeiras lições para ingressar na mina. Ou seja, mesmo que a vida do *pirquiner* estivesse marcada pela presença da bebida e a desordem já mencionada, no momento de entrar na mina para a exploração eles deviam tomar os cuidados necessários, e esses cuidados se relacionavam ao conhecimento detalhado dela, conhecimento que lhes permitiria agir em situações de emergência.

No, no, gracias a Dios nunca, nunca me ha pasado ninguna cosa en las minas, he tenido siempre esa precaución de cuidar mi pellejo, porque el pellejo de uno vale mucha plata y cualquier cosa que a uno le falte, cualquier cosa que a uno le quede mala, ya no es lo mismo, ya el cuerpo ya perdió una parte, un porcentaje de su fuerza, entonces uno tiene que cuidarse.../Não, não, graças a Deus nunca, nunca se passou coisa nenhuma nas minas comigo, sempre tive essa precaução de tomar cuidado de mim, porque o corpo da gente vale muito dinheiro e qualquer coisa que falte, qualquer coisa que fique ruim, a gente não vai ser o mesmo, o corpo já perdeu alguma parte, uma porcentagem de sua força, então a gente tem que se cuidar (Dom Adan)

Portanto, além da possibilidade de encontrar a morte, ou ficar com alguma deficiência física devido a um acidente, a *pirquinería* é um trabalho de risco devido à falta de certeza se o esforço feito dará certo. Muitas vezes, os *pirquiner* trabalham em minas das quais não podem tirar ouro suficiente para pagar os investimentos feitos e conseguir lucros. Também acontece que alguns lugares abandonados por falta de mineral são explorados por outros *pirquiner* que conseguem encontrar minerais e ter muito lucro. Os mineradores explicam essas contradições pelo *azar* e pela presença da cobiça que faz os minérios se esconderem⁸⁹.

⁸⁸ Ver Capítulo 1.

⁸⁹ Ver Capítulo 3.

Mesmo com os riscos que os *pirquineros* correm no trabalho, e apesar do desgaste, da lentidão, da minúcia com que deve ser feito; da incerteza de ir pelo caminho certo no processo da abertura da jazida, da formação das galerias, o trabalho *pirquinero* seduz pela liberdade de ação, falta de hierarquia, tomada de decisões próprias e pela oportunidade de trabalhar com autonomia. A vida do *pirquinero* é bonita, diz Dom Marcelo.

Pirquinero, es que es el mejor trabajo, ahí nadie le va a pedir documentos a uno, a menos que no sea para comprar explosivos, siempre en la minería. Tengo una mina que tiene 86 metros, yo la empecé a trabajar (...) ahí la tengo armada, el día menos pensado me canse y allá me voy a la mina y tengo que seguir haciéndole metros pa' abajo/ Pirquinero, é que é o melhor trabalho, aí ninguém vai solicitar documentos à gente, salvo que seja para comprar explosivos, sempre na mineração. Tenho uma mina que tem 86 metros, eu comecei a trabalhar ela (...) aí tenho ela armada, o dia menos esperado eu me canso e lá vou a mina e tenho que continuar fazendo metros pra baixo (Dom Raúl).

La vida del pirquinero es bonita, la gente dice que es triste, que es sacrificada, pero es culpa de uno mismo. Porque si la mina es buena, más toma y más payasea...es, es raro el minero que haya aprovechado lo que ganan, todo se lo toman...yo soy uno de ellos./ A vida do pirquinero é bonita, as pessoas dizem que é triste, que é sacrificada, mas é culpa da gente. Porque se a mina é boa, mais bom para as festas ...é, é raro o minerador que tenha aproveitado as ganâncias, tudo é bebido...eu sou um deles (Dom Marcelo).

d) Dom Roberto: o tempo de matar o tempo

Conheci Dom Roberto na *esquina de los aburridos*/esquina dos entediados, pois ele é um habitué frequente dessa esquina e das ruas de IDO. Sempre foi possível encontrá-lo nesses lugares, pela manhã ou depois do almoço até as sete da noite ou até o sol se por.

Dom Roberto, com 79 anos, nunca se casou, nem teve filhos, e passa grande parte de seus dias no povoado, deslocando-se para *Diego de Almagro* uma vez por mês para comprar mercadoria. Com ele dividi muitos momentos em IDO, principalmente sentada do seu lado, no banco da *esquina de los aburridos*/esquina dos entediados. E foi assim que soube algumas coisas de sua vida.

Dom Roberto é filho único de sua mãe. Com o tempo, ela se casou e teve mais oito filhos. Porém, Dom Roberto teve de deixar a casa muito criança (10 anos), pois seu padrasto não gostava dele. Assim, foi para a casa de seu avô materno, onde morou e

trabalhou até o avô falecer, nesse tempo teve de aprender a trabalhar para conseguir sobreviver, arrumando algum trabalho à medida que crescia.

Fotografia 34: Dom Roberto, sentado defronte da loja de Dom Juan Rojas.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Dom *Roberto* trabalhou em muitos lugares do Norte chileno antes de chegar em IDO, principalmente em áreas relacionadas à mineração. Nesse período surgiu a oportunidade de se manter trabalhando na mineradora *Mantos Blancos*, e mesmo tendo pessoas que lhe aconselharam não ir embora, depois de um ano decidiu deixá-la. Até o hoje ele sente remorso de ter tomado essa decisão, atribuindo-a a sua juventude.

Cuando se es joven el mundo no importa, me azulíe⁹⁰, entonces no se piensa, después es que se piensa/ Quando a gente é jovem o mundo não importa, fui embora, então a gente não pensa, depois a gente pensa (Dom Roberto)

Nos anos sessenta chegou no povoado e depois de trabalhar dez anos em *Potrerillos* começou a explorar o ouro nas minas do setor das *Guias*. Segundo ele, nesse tempo era mais fácil a exploração das minas, pois para vender o mineral era necessário

⁹⁰ Provém da palavra azul. No Chile, antigamente quando algum trabalhador era demitido de alguma empresa, recebia a notificação em um envelope azul. A cor já indicava o tema da carta. Neste caso, Dom Roberto quer dizer que por conta própria decidiu ir embora da empresa.

somente o cartão de identidade. Situação muito diferente da atual, porque depois do caso dos 33 mineradores soterrados, em 2010, as regulações ficaram mais estritas, obrigando a pequena mineração a cumprir com exigências que não estão de acordo com suas características⁹¹. Isso foi um dos motivos pelos quais, há sete anos, deixou a *pirquineria*. Atualmente, quer descansar, pois já trabalhou bastante. Como recebe a pensão dos mineradores outorgada pelo Estado chileno, consegue se manter bem, por isso fica muito incomodado quando lhe perguntam porque não trabalha, porque não pede dinheiro a ninguém.

Dom *Roberto* sempre se mostrou muito disposto a falar comigo, a maior parte das vezes sobre as características da *pirquineria*, das diferenças entre o trabalho de agora e o de antes. E sobre como os jovens atuais ficam na casa de seus pais não contribuindo com os gastos da casa, não sabendo o que é trabalhar de sol a sol como ele o fez. Segundo ele, a geração atual não conseguiria dar conta dessa atividade, considerando a *pirquineria* um trabalho muito rude. Rudez que deixou marcas no seu corpo, pois ainda sente dor no seus braços — dor deixada pelos anos de trabalho.

Saliento, no entanto, que as conversas com Dom *Roberto* não eram fáceis. Ele sempre misturava vários temas e pulava de um ao outro sem muita ordem. Falava das notícias que tinha assistido, dava sua opinião sobre o que acontecia no mundo e no país, mas, sobretudo, falava dos outros *incanos*, opinando em tudo. Assim, era muito comum ele contar as experiências vivenciadas por outros mais do que das próprias. Por esses motivos, reconheço que, frequentemente, as falas eram um tanto cansativas, pois era difícil seguir o seu eixo. Além disso, às vezes a fala se transformava em monólogo, porque ele falava sem se importar muito com as minhas perguntas. A única vez em que o questionei, ele mostrou-se evidentemente incomodado.

Em determinado dia, junto de outro idoso, comentávamos sobre as viagens que os sócios do Clube de Idosos Mineradores realizavam. Dom *Roberto* se defendia dizendo que não precisava participar dessa organização porque ele tinha dinheiro suficiente para viajar quando quisesse ao lugar que ele quisesse. Acrescentei que, mesmo assim, ele não o fazia, tentando me aprofundar nessa questão, mas Dom *Roberto* não gostou e ficou calado. O outro idoso falou que Dom *Roberto* “*era muy llevado de sus ideas*”; quer dizer, que sempre achava que tinha razão e não aceitava outras

⁹¹ Ver Capítulo 2.

opiniões. Acreditei nessa afirmativa quando, dias depois, Dom *Roberto* se aproximou para me dizer que não “*lo buscara*”, no sentido de que não implicasse com ele.

No contexto das características do povoado e dos valores predominantes — a importância do trabalho —, o meu questionamento foi percebido por Dom *Roberto* como um confronto, pois ele é alvo de diversas críticas pela forma de agenciar seu cotidiano.

Em um primeiro olhar, a decisão de Dom *Roberto* de passar seus dias nas ruas de IDO, negando-se a trabalhar ou a participar de atividades de lazer no vilarejo, como pode ser a Associação de Idosos Mineradores, pode ser considerada falta de vontade para se ocupar.

Por eso, porque no tienen otra cosa que hacer, ¡no quieren hacer otra cosa! Tal como el Tapia, el Roberto está viviendo, el Roberto en estos momentos, él no piensa trabajar, solamente vivir lo poco y nada del tiempo que le queda no más, entonces si él dice me enfermé, tengo esto y esto otro, es porque él era una persona activa y dejó de ser activo y ¡se está consumiendo solo! Por isso, porque não tem outra coisa para fazer, não querem fazer outra coisa! Tipo o Tapia, o Roberto está vivendo, o Roberto nestes momentos, ele não pensa em trabalhar, somente viver o pouco e nada do tempo que lhe resta, então se ele disse que adoeceu, tenho isto e aquilo, é porque ele era uma pessoa ativa e deixou de ser ativo e está se consumindo sozinho! (Interlocutor idoso)⁹²

No início, eu não sabia muito bem como pensar a cotidianidade desse interlocutor, mas no transcurso da etnografia me dei conta que a forma de agenciamento do seu cotidiano merecia um olhar muito mais atento, mais antropológico.

O cotidiano é vivenciado por Dom *Roberto* principalmente nas ruas, nelas passa a maior parte de seu tempo. Às vezes tive a sensação de que para ele o tempo não passava, dia após dia ele se mantinha nas mesmas esquinas, com as mesmas roupas, vê-lo era uma cena que se repetia diariamente. No entanto, o tempo para Dom *Roberto*, não se detinha. E sobre isso Elias se manifesta:

“Toda mudança no espaço é uma mudança no tempo, e toda mudança no tempo é uma mudança no espaço. Não devemos deixar-nos enganar pela ideia de que será possível ficar em repouso “no espaço” enquanto “o tempo” escoasse, nesse caso nós seríamos uma entidade que avança sem idade” (1998, p. 81)

⁹² Por motivos éticos prefiro não identificar o interlocutor da fala.

E sobre isso Dom *Roberto* tinha clareza; “*el tiempo pasa no se detiene, por eso envejecemos*/o tempo passa não se detém, por isso envelhecemos” me disse certa vez. As inúmeras vezes que perguntei sobre o que ele estava fazendo - na rua -, ele respondia; “*matar el tiempo*”. E conforme ia adentrando na etnografia percebi que, no contexto do vilarejo e da forma como a sociedade pensa a velhice, Dom *Roberto* é um transgressor.

Matar o tempo corresponde à forma que esse idoso tem de negociar a realidade no contexto das sociedades complexas (Velho, 2013), de agenciar seu cotidiano (Das, apud Ortega, 2008), de durar (Eckert e Rocha, 2011). Nessa escolha, Dom *Roberto* faz com que o tempo passe por seu corpo, pois esse corpo continua vivendo, seu coração continua batendo (Elias, 1998).

Como já mencionei, a escolha de Dom *Roberto* provoca grandes questionamentos no povoado, destacando-se o fato de que somente está esperando (a morte), entregando-se para a falta de atividade. As críticas, tecidas em torno do agenciamento do cotidiano por parte de Dom *Roberto*, são compreendidas no contexto de vivenciar sua velhice em IDO, um povoado centrado na visão da *pirquineria*, no valor do trabalho e do esforço. Em resumo, explicam-se ao abrigo da concepção dominante de tempo na sociedade contemporânea.

Para me aprofundar sobre isso, recorro às questões citadas por Membrado (2010) sobre as sociedades industriais, nas quais o tempo é entendido como linear, cumulativo e teleológico, cujo eixo é a vida profissional. Nessa forma de pensar o tempo haverá uma ordem social dominante que se organizará em torno do trabalho, hierarquizando outras formas de pensar o tempo. A tendência a se centrar na importância do trabalho para entender os projetos de vida produz dificuldade em pensar sobre as escolhas feitas por um idoso, como Dom *Roberto*, que decide não trabalhar quando poderia decidir o contrário. No contexto de um tempo linear e teleológico, o que lhe caberia fazer mais do que esperar a morte?

Porém, Dom *Roberto* não é somente um transgressor dentro do vilarejo, também é possível considerá-lo um transgressor para as visões sobre o envelhecimento e a velhice centradas na busca de atividades, independência e autonomia, como as propostas feitas pelo Estado por meio das políticas públicas. Cabe entender que o fato de cada indivíduo escolher as próprias regras de sua própria vida (Billé e Martz, 2010, p. 95) se insere nessa independência e autonomia.

A velhice vivenciada, o tempo vivenciado pelo Dom *Roberto* provoca críticas, porque não é o tempo social aceito (Elias, 1998; Membrado, 2010) e corresponde ao tempo da duração (Eckert e Rocha, 2011). Assim, sentado nas ruas do povoado, lugar onde permanece, não só vivencia a memória coletiva e a sua individual, mas também vivencia uma série de tempos fictícios, exemplificados nas falas sobre outros que sempre traz à tona.

e) **Dom Marcelo: o tempo da terapia**

Em 2012, durante minha primeira experiência em IDO, conheci Dom *Marcelo*. Na função de secretário do Clube de Idosos Mineradores, fez parte das lideranças que assistiram às oficinas de fortalecimento organizacional. Na verdade, foi o único membro da direção desse clube que participou da formação. O restante deles estava trabalhando ou doente.

Quando voltei ao povoado, em 2014, visando minha tese doutoral, Dom *Marcelo* foi um dos primeiros interlocutores com quem retomei contato. Ainda no primeiro dia da minha chegada ao povoado, vi Dom *Marcelo* na rua *Diego de Almeyda* falando com outras pessoas na saída do restaurante *Mi Pueblo*. Mesmo ciente de que recém havia chegado em IDO, não quis perder a oportunidade de cumprimentá-lo e me aproximei do grupo. Perguntei-lhe se lembrava de mim, e mesmo com evidente esquecimento, ele reagiu relatando sobre sua recente volta a IDO após permanecer 70 dias no hospital de *Antofagasta*, cidade localizada na segunda região do Chile. Naquela oportunidade, aproveitei para lhe dizer que ficaria no povoado por algum tempo e questionei sobre a possibilidade de conversarmos depois, e ele aceitou de bom grado.

Nas posteriores falas mantidas durante minha estadia no povoado conheci um pouco da vida de Dom *Marcelo*, de sua infância, de sua juventude e de sua vida adulta. Essas conversações ocorreram em interações casuais na rua, na praça ou em reuniões marcadas com antecedência, realizadas na sede do Clube de Idosos Mineradores.

Dom *Marcelo* nasceu em 1940, e somente aos oito anos de idade chegou para viver em IDO, na casa de sua tia *Pascuala*. Embora tenha chegado com a mãe e a irmã mais nova, aos poucos ficou sozinho no povoado, pois sua irmã faleceu e sua mãe foi enviada para outra cidade por ter engravidado novamente. Dom *Marcelo* nunca mais soube dela e nem consegue lembrar o seu nome.

A partir de então, Dom *Marcelo* viu-se obrigado a responsabilizar-se por si mesmo sendo apenas uma criança, e apesar de ter ganhado uma bolsa de estudos começou a trabalhar por ordem da tia:

Perdí mi niñez, no pude estudiar, igual aprendí a leer y escribir. No disfrute como niño. / Perdi minha infância não estudei bem, embora aprendi a ler e escrever. Não aproveitei como criança.

Quando Dom *Marcelo* diz que “perdeu sua infância” refere-se a que não conseguiu brincar nem estudar, isso porque a tia Pascuala o obrigou a trabalhar. Assim, o relacionamento com o mundo do trabalho iniciou cedo, não só pelos afazeres do lar — lavar roupas ou faxinar —, mas também pela busca de trabalho remunerado nas minas. Ao questionar o motivo de ter escolhido essa área para se desenvolver, ele me explicou que ajudar aos *pirquineros* era o único lugar onde podia encontrar trabalho sendo uma criança, porque naquele tempo não existia controle por parte das autoridades e uma criança trabalhando passava despercebida.

Dom *Marcelo* é uma pessoa loquaz, gosta de falar sobre si mesmo, sobre suas atividades, gosta de fazer piadas e rir o tempo todo, porém, quando lembra sua infância o faz com nostalgia, reconhece a dureza das circunstâncias para uma criança, sobretudo pela presença de vícios — o álcool, os jogos de apostas e as mulheres.

Los mineros me llevaban pa' las casas de las mujeres, pero yo tenía que meterme abajo de las mesas porque era menor de edad, tenía que esconderme de los carabineros. Como yo era solo, no tenía papás, yo vivía en el tumulto entre todos los mineros, por eso para mi Dios ha sido muy grande, porque ellos eran pillos, cambiaban las cartas, y tampoco fui bochinero. / Os mineradores me levavam pra as casas das mulheres, mas eu tinha que ficar embaixo das mesas porque era menor de idade, tinha que me esconder da polícia. Como eu era só, não tinha pais, eu morava na bagunça, inserido entre todos os mineradores, por isso eu digo que Deus é grande, porque não peguei os costumes ruins dos mineradores, eles faziam enganos nos jogos, e também não procurava brigas.

No entanto, ele ressalta a dificuldade da vida do *pirquiner*, a existência de perigos constantes e de riscos, como a possibilidade de ficar surdo, ficar soterrado, e a falta de capacetes, de luvas ou de sapatos adequados. Ainda assim, Dom *Marcelo* formou carreira nesse trabalho e passou a gostar dele, inclusive considera essa carreira uma vida bonita.

Depois de trabalhar como *pirquinero*, Dom *Marcelo* foi contratado para administrar a usina de tratamento localizada em IDO, antiga propriedade de ENAMI. Após essa experiência laboral decidiu se aposentar, e recebeu a pensão que o governo entregou aos *pirquineros*, com a qual vive na atualidade.

Pensión de gracia, porque nosotros no nos dedicábamos a pagar las imposiciones, pero gracias a las leyes, soy jubilado de la ley de gracia que dio el gobierno/Pensão de graça, porque a gente nunca se dedicou a contribuir, mas graças às leis sou aposentado da lei de graça que deu o governo.

Por causa de uma vida dedicada à mineração, Dom *Marcelo* nunca quis se casar pois acreditava que vivia de forma muito aventureira e essa forma não permitiria manter uma família. Aos 40 anos teve oportunidade de fazê-lo, mas apenas com quase 50 anos decidiu compartilhar sua vida de forma estável com Enriqueta, a quem conhecia desde criança. Ambos estiveram juntos por 20 anos, até ela adoecer e falecer.

Dom *Marcelo* diz sentir-se muito orgulhoso de ter cuidado de sua companheira por quase um ano, pensa que foi uma forma de retribuir os cuidados que ela lhe deu nos dias em que chegava bêbado em casa. Após o falecimento dela, a solidão apareceu de novo na vida de Dom *Marcelo*, porém de maneira mais aguda para ele superar, pois, a maior parte de sua vida esteve sozinho, e pela primeira vez ele se viu enfrentando a morte de uma pessoa próxima.

No momento em que ele me confiou isso, lembrei-me que, em 2012, ele contou que todos os dias ia visitá-la no cemitério, e muitas vezes ficava chorando por longos minutos. Em 2014 perguntei-lhe se continuava com as visitas, e ele disse-me, com pesar, que a doença que sofria nos joelhos não lhe permitia fazer a longa caminhada até o cemitério. No entanto, quando voltei em 2016 ele se achava melhor daquela doença e tinha retomado as visitas ao cemitério todos os sábados pela manhã.

Depois da morte de *Enriqueta*, Dom *Marcelo* interessou-se em participar das organizações de idosos que começaram a se formar no povoado, promovidas por funcionários da prefeitura de *Diego de Almagro*. Assim, passou a fazer parte das lideranças do Clube de Idosos Mineradores de IDO até os dias de hoje. Atualmente, essa atividade ocupa uma parte importante de seu tempo e também o ajuda a lidar com a solidão e a tristeza.

Me sirve como terapia, la paso bien/ Serve-me como terapia, divirtome.

Fotografia 35: Dom Marcelo (centro de pé) Reunião do clube de idosos mineradores.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

A presença da organização de idosos na vida de Dom *Marcelo*, consiste na preocupação que manifesta por ela, por exemplo, em mantê-la limpa e protegida. Assim, pernoita na sede como forma de cuidá-la, pois a sede tem muitos objetos que poderiam ser roubados, coisas das quais a organização tem comprado por meio de diferentes projetos, tanto do SENAMA quanto da prefeitura, ou com algumas empresas estabelecidas no povoado. Dom *Marcelo* tem casa própria, mas a aluga, de forma que passa a maior parte de seu tempo na sede do CAM minerador.

O Clube de Idosos Mineradores tem um quadro diretivo, porém, em termos práticos é Dom *Marcelo* quem se ocupa de organizar as atividades e os sócios, na função de secretário. Quando Dom *Marcelo* precisa de ajuda na direção recebe o apoio do presidente, Dom *Raúl*, e de Dona *Aurora*. Ela tem muita experiência em liderança porque fazia parte do quadro diretivo da Associação Anos Dourados que entrou em recesso em 2014, motivo pelo qual foi convidada a participar do CAM minerador⁹³.

Em 2012, a organização reunia-se um domingo por mês, mas com o decorrer do tempo as reuniões se tornaram menos frequentes, principalmente por motivos de saúde dos sócios ou do próprio Dom *Marcelo*. Por exemplo, em 2014 a associação se manteve sem atividades no período em que ele esteve hospitalizado em *Antofagasta*, e quando retornou ao vilarejo teve de se cuidar muito da doença que tinha nos seus joelhos, tornando-se difícil dar conta das atividades da associação. Em 2016 Dom *Marcelo* se

⁹³ Ver capítulo 2.

encontrava melhor de saúde e conseguia conduzir a organização, no entanto, as reuniões continuaram sendo esporádicas, principalmente pela saúde de seus membros ou porque alguns deles trabalham e não conseguem participar desses eventos.

Dom *Marcelo* se preocupa em planejar as diferentes atividades a serem desenvolvidas com os sócios. Acompanhei algumas reuniões da organização. Nelas Dom *Marcelo* estava sempre ocupado, desde visitar cada um dos sócios para avisá-los da reunião ou contatar com eles, até no mesmo dia, confirmando a assistência por meio de telefonemas. Também se ocupava de organizar os temas a serem discutidos, fazendo anotações dos acordos ou comprando bebidas ou petiscos.

Dom *Marcelo* também se dedica a recorrer ao *Fundo Nacional do Idoso*⁹⁴ todos os anos, em 2014 o CAM foi beneficiado com o projeto que lhes permitiu fazer uma viagem para a cidade de *Caldera*. Nessa oportunidade, eu os acompanhei até o ônibus para iniciarem sua viagem. Acrescento um trecho do caderno de campo para narrar essa experiência.

“Depois dessas brincadeiras, Dom Marcelo se aproximou novamente e começou a falar com Dom Germán sobre o ônibus. Em seguida, perguntei se os mesmos levavam câmera para tirar fotos e Dom Germán falou que deveriam ter saído da sede registrando os momentos. Enquanto que Dom Marcelo disse que deveriam investir nisso, mas que eram muito caras. Então falei que poderia lhes tirar fotografias e as fiz. Dom Germán me disse que depois tinha que lhes mostrar e passar (...) falei que com certeza, poderia tirar fotos deles e depois ver em conjunto quais queriam para aumentar. Assim caminhei até a praça e cumprimentei os demais idosos, estavam Dom José Pastene falando com Dona Aurora (a quem abracei e beijei). Dom Jose brincou comigo que fosse com eles e eu disse que poderia ir nas malas, falou que não, que tinha que ir bem sentada. Eu disse que teria adorado ir, mas que para a próxima vez tinham que me convidar. Me aproximei de um idoso que não reconheci e que estava afastado dos demais, ele me disse que não gostava muito de falar, mas que ia ter que fazê-lo porque ia de passeio, ele riu e me explicou que iam para Caldera (...).

Justo nisso chegou a outra mulher que assistiu ao passeio, Dona Odila, mas consegui apenas cumprimentá-la porque o ônibus chegou nesse momento. Perguntei se levava malha para se banhar e riu. Dom Germán se despediu de mim e todos fizeram o mesmo.

Falei para todos que tinham que cuidar as duas mulheres e elas disseram que iam muito cuidadas, que inclusive já não sabiam onde estavam suas bagagens porque já tinham sido levadas e subidas ao ônibus. Entraram todos no ônibus e tirei uma última fotografia, falei que se cuidassem e que passassem muito bem. O motorista me falou que eles sempre passavam bem e que Dom Marcelo era muito bom para as piadas” (Caderno de campo, 25 outubro de 2014).

⁹⁴ Ibidem.

Em 2016, Dom *Marcelo* tentou recorrer a esses fundos novamente, inclusive me pediu ajuda para preencher o formulário⁹⁵. Desta vez queria viajar para a cidade de *Vallenar*. Porém, quando nos juntamos para “ajudá-lo” dei-me conta que ele só precisava que eu preenchesse o formulário, porque para ele minha letra era mais bonita. Ele tinha tudo muito claro, inclusive as formas para conseguir cumprir os requisitos para recorrer ao fundo. Por exemplo, tinha deixado sem preencher a data da ata da reunião, na qual tinham decidido concorrer ao projeto. Isso porque essa data não pode ser depois da data das solicitações das diferentes cotizações (de hospedagem, de locomoção, etc.) Que devem ser anexadas ao formulário. Ao conseguir todos os documentos especificaria a data. Achei muito interessante como Dom *Marcelo* tem aprendido tudo o que deve fazer para cumprir com os requisitos do SENAMA e não entrar em conflito.⁹⁶

Dom *Marcelo* também representa a organização em instâncias oficiais — velórios e funerais acontecidos no vilarejo. Geralmente, a Associação Mineradora disponibiliza sua sede para os velórios, e os caixões são rodeados de flores, velas e imagens cristãs. E dependendo das atividades do defunto em vida, as organizações das quais participou colocam seus estandartes (bombeiros, associação mineradores, etc.). Assim, nos três velórios que presenciei durante minha estadia em IDO, o estandarte do Clube de Idosos Mineradores havia sido colocado e Dom *Marcelo* se achava sentado entre os assistentes.

Essas situações deixavam Dom *Marcelo* muito abalado. No velório de um idoso que faleceu inesperadamente de um ataque cardíaco, comentou que é muito triste quando chega a morte e se está sozinho, mais ainda quando se é velho e teimoso como era o idoso do qual fomos nos despedir. Em várias ocasiões Dom *Marcelo* fez referência à dificuldade que é o fato de ter chegado à velhice e estar sozinho, não ter filhos, nem netos. Ele me disse que se tiver a oportunidade de fazer uma cirurgia nos joelhos o fará, mesmo correndo o risco de não se sair bem e necessitar de uma bengala. Disse não sentir medo porque não tem nada a perder, ele é sozinho, ninguém depende dele, nem tem trabalho por fazer.

No entanto, Dom *Marcelo*, às vezes, pensa sobre seu futuro. Vislumbra algum novo projeto para sua vida, alguma mudança, por exemplo, casar-se novamente,

⁹⁵ Até a data da minha estadia no povoado, em 2016, os resultados do fundo não tinham sido publicados.

⁹⁶ Dom *Marcelo* também tem aprendido como conseguir render os gastos do projeto a SENAMA, evitando devolver dinheiro. No entanto, por motivos éticos considere não pertinente descrevê-los.

procurar uma companheira de idade, não muito nova. Porém, acredita ser difícil manter uma casa, pois as pensões são muito baixas e já não tem condições de trabalhar. Dessa forma, pelo momento ele se concentra nas funções como secretário do Clube de Idosos Mineradores.

Participar dessa organização lhe propicia uma função para desempenhar na velhice, e um espaço no qual participar. Fazer parte do quadro diretivo e ser identificado como a pessoa com cargo no CAM ajuda-o a amenizar a solidão que sente. Além disso, esses espaços, criados ao abrigo das políticas públicas, outorga-lhe um espaço social validado e respeitado — uma nova posição no povoado, a partir da qual age sobre as situações que lhe incomodam. Nesse sentido, Dom *Marcelo* se empodera e se orgulha de ser um *adulto mayor*/ idoso e não ser um velho. Segundo ele, atualmente existe mais respeito à velhice, agora já não se referem às pessoas como velhos, senão como *adultos mayores*/idosos.

No somos abuelos ni ancianos, somos adultos mayores/ Não somos avós nem anciãos, somos idosos.

Essa expressão vem do governo do Estado, e todo esse trabalho tem ajudado a evitar as injustiças que aconteciam antes, porque agora há um local onde receber ajuda e fazer reclamações, o SENAMA.

Nesse contexto, Dom *Marcelo* espera, brevemente, receber do SENAMA sua credencial como conselheiro idoso⁹⁷, pois, com ela poderá ter autoridade para denunciar algumas situações que ocorrem no vilarejo, as quais, considera, as autoridades não levam a sério.⁹⁸

⁹⁷ Os Conselhos Assessores regionais de *adultos mayores*/idosos foram criados através do Decreto n. 8, de janeiro de 2008, do Ministério Secretaria General da Presidência. Os Conselhos representam as diversas organizações de sua região, e colaboram com o SENAMA, propondo políticas, medidas ou instâncias destinadas a fortalecer a participação das pessoas idosas em cada região, a proteção de seus direitos, e o exercício de sua cidadania ativa, entre outras. Na atualidade, há 15 Conselhos Assessores Regionais, em nível nacional, com um mínimo de 11 e um máximo de 15 conselheiros participantes. (www.senama.cl).

⁹⁸ Dom *Marcelo* estava especialmente preocupado com a situação vivenciada por uma habitante de IDO quem sofre de doença mental. Ela morava em condições difíceis, muitas vezes nem tinha o de comer ou beber. Além disso, a falta de um tratamento psiquiátrico sistemático provocava momentos nos quais ela surtava (como momentos de agressividade ou momentos em que ficava nua na rua).

f) Dom Raúl: o tempo do trabalho

Durante as primeiras semanas que passei em IDO, em 2014, assisti a uma reunião do Clube de Idosos Mineradores, e entrei em contato com outros idosos do povoado que eu não havia conhecido em 2012, um deles foi Dom *Raúl*.

Dom *Raúl* é o atual presidente do clube, mas às vezes deve ser substituído por Dom *Marcelo* nas atividades as quais ele não consegue assistir devido ao seu trabalho. Interessou-se pela pesquisa, assim, dias depois, nos reunimos, e ele preferiu que fosse na sede do clube, pois ele morava em um quarto e, segundo ele, não tinha boas condições para me atender.

Dom *Raúl* nasceu na cidade de Santiago, há 75 anos, foi o caçula e único homem de seis irmãos, e prematuramente ficou órfão porque seu pai foi assassinado e a mãe faleceu de asma. Com a morte dos pais, os filhos ficaram sob o cuidado de um tio, porém, Dom *Raúl* nunca gostou de morar com o tio, assim, rapidamente, abandonou a casa para trabalhar e morar na rua.

Na adolescência migrou para o Norte do Chile, estabelecendo-se na cidade de *Tocopilla*, onde começou trabalhar nas minas da região. Nas minas aprendeu o ofício de minerar, moer pedras, conhecer, identificar e escolher os metais.

Después aprendí a perforar, aprendí a trazar tiros, se fue, se accidentó el Perforo, ya pasé a Perforo después y así me fui po, después la misma empresa me sacó cartón de manipulador de explosivos, no sí, toda una vida trabajando, hasta el día de hoy/ Depois aprendi a perfurar, aprendi a delinear os buracos para colocar os explosivos, foi embora, acidentou-se o cara que fazia as perfurações, então passei a fazê-lo eu e assim fui eu, depois a mesma empresa me deu um diploma de manipulador de explosivos, não sim, a vida toda trabalhando, até o dia de hoje.

O trabalho ocupou um lugar especial na vida de Dom *Raúl*. Ao entrar nesse mundo nunca mais o deixou. Tanta importância tinha em sua vida que nunca sentiu medo de experimentar outras áreas, sempre que conseguisse trabalhar: foi motorista no transporte público, mergulhador, açougueiro. Ele se considera uma pessoa que aprende de tudo e sabe enfrentar com sucesso as mudanças da vida, inclusive chegou a ter negócios próprios: um açougue e duas lojas de bebida alcoólica. Porém, sempre teve predileção pelas minas, pelo trabalho de *pirquinero* e quando precisou deixar a cidade de *Tocopilla* e seus negócios voltou para as minas.

No, de ahí, me tire a trabajar, mina, mina, mina, mina...pero como pirquinero, no como...no como...apatronado, como solo, si ganaba, ganaba, sino perdía, y la minería es así/ Não, após disso fui trabalhar, mina, mina, mina, mina...mas como pirquinero, não como...não sob um chefe, como só, se ganhava, ganhava, se não dava, perdia, e a mineração é assim.

Dom *Raúl* mora em IDO desde o ano de 1985, estabeleceu-se ali depois de ter encerrado seus negócios em *Tocopilla*, motivado pela possibilidade de trabalhar como *pirquinero* e também devido aos benefícios do clima seco para sua doença de asma. Durante esses anos trabalhou principalmente nas minas, chegando a explorar sua própria mina *La Cobriza II*.

Fotografia 36: Dom *Raúl* na *La Cobriza II*.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Em 2014, trabalhava nela de forma ocasional, pois havia três anos que trabalhava na Panaust na função de vigia noturno. Teve a oportunidade de se empregar nessa mineradora quando esta começou os trabalhos no povoado. Embora goste da liberdade experimentada como *pirquinero*, a possibilidade de ter um salário estável, além de conseguir ajudar a sua filha, tornou-se prioridade naquele momento. Dom *Raúl* teve oito filhos, mas a maior preocupação dele é sua caçula, sua única filha mulher. Em 2014, todos os meses enviava para ela mais de 50% de seu salário.

Quando retornei ao vilarejo, em 2016, Dom *Raúl* tinha sido demitido da Panaust, porque a empresa estava fechando os trabalhos no povoado aos poucos. Ele voltou a

explorar *La Cobriza II*, porém, a enchente que a região sofreu em março de 2015⁹⁹, soterrou a mina em seis metros. Ele, então, se dedicou a limpar as galerias para explorá-la novamente. Embora tenha sido difícil deixá-la em boas condições, reconhece que o trabalho é muito duro e o corpo já não lhe dá como antes.

No entanto, nesse segundo campo da pesquisa doutoral, vi poucas vezes Dom *Raúl* no povoado, e quando nos encontrávamos ele estava sempre apressado e não falava muito. Escutei de outras pessoas que ele não tinha vontade de se empregar novamente porque considerava o salário muito baixo, por isso preferia trabalhar em *pirquineria*. Porém, a mina não estava produzindo bem, e fazia tempo que ele não levava material para a usina ENAMI, de modo que muitos diziam que ele só estava vivendo da pensão dos mineradores.

Pensando nas muitas vezes em que Dom *Raúl* manifestou que o dinheiro recebido pelas aposentadorias era muito baixo e que muitos idosos não conseguiam viver bem, motivo pelo qual precisavam procurar algum trabalho para complementá-la, e na conversa que mantivemos em 2014, acredito que não deva ser fácil para ele a situação que está vivenciado. O trabalho, pois, é o eixo da sua vida.

Entonces he sido siempre de esa idea, a veces estoy arriba y a veces estoy abajo, yo como le decía he tenido cualquier plata, pero la mentalidad mía ha sido (...), porque a lo mejor no he sabido, no he sabido... distribuir las cosas, ¡tanto para mis hijos y tanto para mí no! No, no he tenido esa, yo digo no importa yo todavía puedo trabajar digo yo, a lo mejor el día que yo muera, voy a morir trabajando, a lo mejor con una pala en la mano, con un martillo, va a tener que ser trabajando/ Então tive sempre dessa ideia, as vezes estou uma cima e outras estou em baixo, eu como lhe dizia tive muito dinheiro, mas a mentalidade minha tem sido (...), porque talvez não soube, não soube aproveitar as coisas, tanto para meus filhos e tanto para mim, não. Não, não tive essa, eu digo não importa eu ainda posso trabalhar digo eu, talvez o dia em que morra, vou morrer trabalhando, talvez com uma pá na mão, com um martilho, vai ter que ser trabalhando

No entanto, apesar das muitas mudanças que experimentou em sua vida, Dom *Raúl* caracteriza-se uma pessoa resiliente, e sempre salienta que seus aprendizados foram ensinados pela vida. Assim, penso que encontrará a forma de enfrentar essa nova dificuldade colocada em sua frente.

⁹⁹ Ver Capítulo 1.

La vida para mi siempre ha sido un libro, siempre me ha dado nuevas enseñanzas, yo nunca he dejado de aprender de la vida, nunca, nunca. Yo creo que voy a dejar de aprenderlo, voy a morir aprendiéndome, una y otra cosa, porque, porque la vida es así/ A vida para mim sempre foi um livro aberto, sempre me deu novos ensinamentos, nunca deixei de aprender da vida, nunca, nunca. Eu acho que vou deixar de aprender, vou morrer aprendendo, uma e outra coisa, porque, porque a vida é assim.

Neste capítulo apresentei as diferentes formas da vida cotidiana vivenciada e agenciada pelos idosos em IDO. Através da presença deles nas ruas do povoado e dos casos específicos busquei mostrar as velhices dos homens se passando no vilarejo.

A maior parte de meus interlocutores idosos compartilha uma vida difícil e desde a infância eles tiveram de se relacionar com o mundo do trabalho. Dentro ou fora do núcleo familiar, o trabalho foi o eixo das suas vidas. A atividade *pirquinera*, como escolha, levou-os a enfrentar riscos e vícios que, muitas vezes, produziram a desordem e a solidão, porém, também lhes deu a oportunidade de experimentar a liberdade. De acordo com as falas dos interlocutores desta pesquisa, o trabalho de *pirquinero* seduz pela liberdade que traz consigo — liberdade para tomar decisões, trabalhando sem horário, sem chefes, sem hierarquia.

Uma das características da *pirquineria*, salientada pelos idosos, é a falta de previsão dos mineradores. Mesmo conseguindo muito dinheiro, eles não souberam guardar nem para tempos ruins: para produção da mina ou para a velhice, momento da vida no qual não se espera trabalhar. Essa falta de visão sobre o futuro está intimamente relacionada à própria negociação com a realidade que tiveram de fazer. Assim, o fato de precisarem trabalhar em tenra idade gerou o que eles vivenciam no presente. Quando crianças, eles não foram orientados sobre a importância de construir um projeto de vida estendido ao futuro, como foi o meu caso. Desde menina fui ensinada a pensar sobre o futuro, pensamento que olhava o presente como o momento dos passos prévios para a consecução desse futuro. Não foi o caso dos meus interlocutores. Eles vivenciavam o seu tempo presente sem uma forte relação com o futuro.

Nos tempos da velhice desses idosos pode-se ver refletido neles o processo civilizatório (Elias, 1993), o qual configurou algumas posições sociais e comportamentos que não são discutidos pelos idosos. O primeiro tem a ver com a construção de masculinidade e a posição dos homens em relação às mulheres. Conforme

Bourdieu (2002), em IDO se observa o que esse autor denomina “dominação masculina”, sobre a qual se baseia a divisão do trabalho, a divisão estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, de seu momento, do espaço, etc. Essa dominação não afeta somente as mulheres, negando-lhes espaços ou atividades, por exemplo; afeta também os próprios homens.

No caso dos idosos de IDO, a masculinidade própria das sociedades industriais os leva a performativar a virilidade expressa na coragem da atividade *pirquinera*. Virilidade que, ao ser testada pelos pares, precisa ser demonstrada por eles, sob pena de perderem a consideração do grupo, de serem excluídos desse mundo dos homens.

Esse mundo dos homens em IDO está dado pelo trabalho, pela força, pelo poder aquisitivo e também pelo controle das emoções. A *pirquineria* exige homens duros, que façam coisas de homem; apostar, beber, ter mulheres.

O controle suas emoções também fala do processo modernizador. Assim, ser um homem civilizado é ser um homem que deixa para o mundo da intimidade a demonstração das emoções. Por isso, os sofrimentos, como a morte da companheira, devem ser aceitos como algo próprio da vida, sem dar espaço a lamentações.

Ao finalizar esse capítulo saliento a importância de romper com as categorias dominantes de tempo existentes (Membrado, 2010), pois somente nos distanciando da coerção da concepção do tempo dominante (Elias, 1998) poderemos observar e dar espaço a outros tempos da velhice – *o tempo materializado, o tempo da memória, o tempo de matar o tempo, o tempo da terapia e o tempo do trabalho* - vivenciados no vilarejo por parte dos idosos *pirquineros*.

CAPÍTULO 5

Os tempos da velhice;

movendo o véu do cotidiano das idosas em Inca de Oro

Nos capítulos que antecederam o presente tem-se discorrido principalmente sobre a *pirquineria*, atividade da qual emana a identidade de IDO e suas vinculações com as pessoas que a desenvolveram ao longo do tempo. Por meio dos diferentes quesitos discutidos nesta tese, o leitor tem se debruçado sobre uma atividade que exige determinado saber-fazer, aparecendo como uma atividade principalmente masculina. Assim, são eles, os homens, por meio da performatividade de seus corpos, chamados a representá-la. Nesse contexto, o povoado se mostra atravessado por diferentes lugares e tempos, nos quais prevalece o masculino e seus valores, entre os quais: esforço, coragem, virilidade.

Como assinalei, IDO é uma cidade pequena, traspassada por diferentes valores e pelo que Bourdieu (2002) denominou de “dominação masculina”, que se encontra inscrita na estrutura social do povoado, estabelecendo o que é permitido ou não tanto para as mulheres quanto para os homens. Como se viu no capítulo anterior, essa ordem está presente nas rotinas diárias, na divisão do trabalho, nos lugares, etc., formando uma matriz cultural que ordena também as percepções, os pensamentos, os quais surgem como valores transcendentais e inquestionáveis.

Vivenciei esses aspectos na própria inserção no campo, por meio dos confrontos e das críticas que tive de enfrentar durante a elaboração da etnografia, dos quais o leitor já tomou conhecimento a partir do narrado até aqui. Porém, acredito ser pertinente mencionar mais uma cena etnográfica que visibiliza a dominação masculina no povoado. Em uma ocasião me aproximei da *esquina de los aburridos*/esquina dos entediados, ali se encontravam Dom *Juan Rojas* e Dom *Carlos* (pai da esposa de Fidel) conversando. Esse último comentava que as mulheres trabalham muito, mais do que os homens, pois ele, quando chegava de trabalho na mina podia descansar, podia sair para dar uma volta e se distrair um pouco, mas as mulheres não, porque os afazeres da casa nunca terminavam, por exemplo, tinham que lavar a louça mais de uma vez por dia. Dom *Juan Rojas* assentiu e ambos concluíram que, muitas vezes, os homens não agradeciam.

“A dominação masculina é um tipo de dominação que não repousa na violência física. Não repousa apenas na violência econômica. Repousa no chamado violência simbólica, ou seja a violência que resulta do fato de as pessoas terem na cabeça princípios de percepção, maneiras de ver que são produto da relação de dominação. Dito de outra forma, elas colaboram, entre aspas, com sua própria dominação. Isso não significa que sejam idiotas, fracas, submissas, quer dizer que as estruturas sociais levam-nas, desde a infância, na família, na escola, a incorporar, interiorizar um tipo de relação masculino-feminino (Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola, 2002, p.48-49).

A dominação masculina se reflete na mineração. No mundo minerador existem histórias que indicam que a participação das mulheres esteve interdita por uma série de mitos tecidos sobre a impossibilidade de as mulheres ingressarem nas minas, pois a presença delas faziam-nas “*aterrarse*”¹⁰⁰, quer dizer ficarem soterradas ou “*apanteonarse*”¹⁰¹, ou seja, que a mina ficava sem minérios de boa qualidade que permitissem lucros bons.

Algumas pesquisas assinalam (Ayala, 2012; Stefanovic e Saavedra, 2016) que, no Chile, a menor participação da mulher na mineração se deve a barreiras culturais provenientes de uma sociedade machista que considera abandono dos papéis tradicionais de gênero o fato de as mulheres se dedicarem à mineração. Essa visão é reforçada pelas características das obras mineradoras que exigem sistemas de turnos e deslocamento dos trabalhadores, os quais, muitas vezes, permanecem longe das famílias, esposas e filhos, o que não é socialmente aceito nos casos das mulheres. Até 1996, no Chile, esteve vigente um artigo do Código do Trabalho que especificava que as mulheres não poderiam se ocupar de obras mineradoras sob a terra nem nas que fossem qualificadas como superiores às suas forças ou perigosas para suas condições físicas ou morais próprias de seu sexo (Ayala, 2012, p. 5).

No contexto da etnografia da duração e de sua proposta ética (Eckert e Rocha, 2011), a qual visa à construção do conhecimento em diálogo entre o pesquisador e seus interlocutores, discuti com alguns de meus interlocutores o conto “*Soy minera*”¹⁰² de *Tussel Caballero*¹⁰³, que apresenta uma mulher relatando sua vida como mineradora, seu cotidiano, desafios e problemas. Em um contexto de escuta atenta, li para eles o

¹⁰⁰ Provém da palavra terra.

¹⁰¹ Provém da palavra panteão.

¹⁰² Em “El as de espadas y otros cuentos” (Caballero, T. 2014, p. 66-77).

¹⁰³ Poeta, escritor e jornalista reconhecido da região de Atacama Chile. Tem sido nomeado filho ilustre da cidade de *Diego de Almagro*.

conto, para depois debatermos sobre as dimensões que chamaram sua atenção, seus acordos e desacordos, os quais apresento depois da narração de “Soy minera”.

Soy minera.

Yo. Yo soy minera, soy minera como otras mujeres son secretarias, abogadas, dueñas de casa, comerciantes, garzonas.

Yo soy minera. Y no lo soy por choreza¹⁰⁴. No soy minera porque es choro¹⁰⁵ trabajar en una mina, soy minera por necesidad, como otras mujeres, por necesidad entregan su cuerpo, otras lavan ropa ajena, otras sirven a la mesa, yo trabajo en las minas por necesidad. La necesidad grande de no darle un padrastro a mis chiquillos. Que nadie ocupe el lugar del finado, ni en la mesa, menos en la cama. Y este trabajo no es nuevo para mí. Todos en mi familia han sido mineros. Recuerdo al abuelo ¡toda una vida en la mina! Y ahora se la pasa tosiendo toda la noche. Apenas oscurecía, empezaba la tos. ¿Por qué tose tanto el abuelo? Le preguntaba a mi mamá. Está enfermo, hija, decía mi mamá. Está muy enfermo, ha trabajado toda la vida bajo el cerro, y el cerro se está desquitando.

- pero ¿qué dicen los médicos?

- la enfermedad que él tiene no la curan los médicos. Sólo la puede curar la muerte.

Y me daba pena escuchar eso. Queríamos al tata¹⁰⁶, éramos una familia unida, unidas por el cariño familiar y por las minas. Una familia, como las antiguas familias chilenas, en que no sólo estaban los padres y los hijos, sino los abuelos, los tíos y a veces los primos, familias pobres pero unidas.

- tata, le decía. ¿Por qué tose tanto? ¿Quiere que le prepare una agüita de monte¹⁰⁷? La ruda es buena, el bailahuén y también la chachacoma, esa que es buena para la altura, para la puna¹⁰⁸.

- No gracias, hija, me decía. Esta tos me la agarré en una mina, y pa' eso no hay remedio. Es el mal de todos los mineros, vos estai muy joven todavía pa' que entendai esto, y algún día te vai a casar y tener hijos. Que tu familia nunca trabaje en las minas. Esta es una buena pega¹⁰⁹, ganadora de plata, pero puta que es sacrificada, cualquier

¹⁰⁴ Quer dizer, não para aparentar. Neste caso, força nem capacidade.

¹⁰⁵ Entretenido: divertido.

¹⁰⁶ Forma carinhosa de se referir ao avô.

¹⁰⁷ Preparar um chá.

¹⁰⁸ Mal-estar causado pela falta de adaptação do organismo à falta de oxigênio nos lugares de altitude.

¹⁰⁹ Trabalho.

oficio es mejor para mantener unida una familia como la nuestra, ahora si hay estudios mucho mejor. El minero en cambio deja botada a su gente para irse a los cerros por largas temporadas, todo el día esta metido en la mina, sale en la noche pa' comer unos porotos recalentados, o una carraca añeja, con panes duros. El agua que uno toma está almacenada en unos estanques que nunca se lavan, llegan a tener lama. Una vida así, sólo puede tener un final como el mío o el de tu padre o el de tantos mineros de la pequeña minería. Cada día cuando entramos a la mina, sólo Dios sabe si vamos a volver a ver el sol.

Me daba pena mi abuelo. Si viviera ahora también a él le daría pena comprobar que ahora su nieta también es minera. Se volvería a morir al enterarse que yo siendo mujer, rompiendo todas las tradiciones, diariamente entro a la mina, sin que nunca hubiera ocurrido una desgracia, como dicen los agoreros¹¹⁰, que si una mujer entra a una mina; seguro que ocurre alguna desgracia.

Quién inventaría ¿no? Esto que las mujeres somos yeta¹¹¹ y que no podemos entrar a una mina y que si lo hacemos, se corre el peligro que exista una desgracia. Pa' mí que esta cuestión la inventaron en el tiempo de Chañarcillo, cuando era re fácil robarse el metal. Cuando los mineros se hacían un tremendo sobresueldo robándose el mineral. ¡ y que metal!, plata pura. Y para eso se valían de muchas triquiñuelas para burlar la mirada de los laboreros y serenos de las minas. Y cuando se le acabaron las tretas para sacar la plata, inventaron metérselas en el ano. Si en el ano oiga era lo último que les quedaba. A los ladrones de la plata les llamaban cangalleros. Y el metal robado, cangaya po'¹¹². Oigan y ¿han visto ustedes en el museo la mansa cuestión de cuero que se metían para poder sacar el metal? Si no era para humanos, era más o menos de este porte (señala con las manos unos veinte centímetros más o menos). Más o menos 23 centímetros casi un cuarto de metro. Había que ser bastante hombrecito para aguantar tremenda cuestión metida en el ano. Entonces los dueños de minas pensaron que si los hombres eran capaces de robar tremenda cuestión. ¿Se imaginan lo que podía hacer una mujer? Entonces inventaron que la mujer no podía entrar en la mina, que si lo hacía se corría el riesgo que pudiera ocurrir algún accidente. Sabían que los mineros son temerosos con los accidentes. ¿Y quién no po'? Ellos inventaron ese mito que ha estado vigente en toda la historia de la minería chilena. Y como los

¹¹⁰ Pessoas que sempre predizem desgraças.

¹¹¹ Pessoa com azar e que também o atrai aos demais.

¹¹² Pues.

mineros son harto ingenuos. La agarraron¹¹³ todita. Y esta prohibición la hicieron también para los curas. ¿Quién se atreverá a dudar de un curiotea? En ese tiempo los padrecitos usaban sotana hasta el suelo y eso le daba gran solemnidad. Mujeres y curas no podían entrar a una mina. Pero no porque fuéramos yeta, sino por la viveza de los dueños de minas, pero nunca ha pasado nada con eso, salvo alguna coincidencia pero nada grave. Accidentes ha habido muchos, pero no se les achaquen¹¹⁴ a la mujer.

Conmigo, por ejemplo, nunca ha pasado nada, aunque al principio tuve muchos contratiempos para poder entrar. ¿Pero qué iba a hacerle? Mi marido, a quien dios lo tenga en su santo reino, me dejó sola y con tres bocas que alimentar. Un día entró a la mina y nunca más salió de ella. Y tuve que meterme yo a sacar el metal que dejó tronado el último día de su vida. Y me sentí orgullosa cuando vendí mi primera remesa cuando me pusieron la platita¹¹⁵ en las manos, me sentí orgullosa, porque era el fruto del trabajo de mi esposo, y mío, porque eso me permitiría no darle nunca un padrastra a mis chiquillos. Cuando ese metal se terminó, empecé a perforar, a barrenar y a preparar un nuevo tiro, aun en contra de la opinión de los mineros.

Y así me hice minera. A lo bruteque¹¹⁶ no más.

Pero no fue una cosa fácil. Tuve que luchar mucho con el machismo de los hombres. Ellos no concebían que una mujer los igualara, constantemente estaba con puyas¹¹⁷, con palabras de doble sentido. “échale salivita, así entra mejor” decían refiriéndose al yaco¹¹⁸ para iniciar un nuevo hoyo. “póneselo como anoche” o “el minero gana la plata bajo el cerro y la gasta bajo las sábanas”. O cuando se golpeaban un dedo o una mano, la primera curación era mearse la herida. Y ahí lo hacían en presencia de todos. No les importaba que hubiera una mujer.

Una comadre me aconsejó; sabe comadre, pa' que los guevones¹¹⁹ la respeten, póngase pantalones anchos, gruesos y tráteles a garabato¹²⁰ limpio. No diga nada si no dice un disparate, pero de esos con madre y todo. Póngase a la altura de ellos.

¹¹³ Quer dizer: acreditaram na história completa.

¹¹⁴ Quer dizer: as mulheres não têm que ser responsabilizadas.

¹¹⁵ Dinheiro.

¹¹⁶ Quer dizer: aprendeu no fazer, ninguém lhe ensinou, aprendeu sozinha e de forma rude.

¹¹⁷ Quer dizer: constantemente lhe falavam palavras obscenas.

¹¹⁸ No Norte do Chile significa água, manancial.

¹¹⁹ Provem da palavra, *huevoón*. Palavra utilizada no Chile para se referir ao outro em tom depreciativo e grosseiro.

¹²⁰ Palavrões

A mí aconsejarme eso, a mí que tengo las hormonas femeninas bien puestas. A mí que nunca he dicho en público ni la palabra poto¹²¹, pero tuve que hacerlo nomás. Si no hubiera procedido así, les hubiera dado cancha y lado¹²² para que anduvieran como leva de perros detrás de mí¹²³. Y había unos mineros harto buenos, con buena pinta y ganadores de plata. Yo no soy tonta. Pero yo ya tenía mi destino. Claro que le echaba de menos a un cariñito nocturno, un cariñito completo, como el que recibía de mi difunto esposo, pero quien le iba hacer caso a una mujer, con cayos en las manos, a una mujer que andaba a putias¹²⁴ todo el día, quien se iba a acercar a una mujer que olía a sudor, que olía más a hombre que a mujer. Y me tuve que conformar no más con mirar la carne colgada en la carnicería¹²⁵. Me tuve que cruzar de piernas para no echarle de menos al deseo sexual. Muchas veces tuve que...que diablos soy humana, soy mujer, y bien mujer, conocí lo que es chancaca¹²⁶ con mi esposo. Dicen que es feo, que no es bueno para la salud. Pero ¿qué quiere que hiciera? Si yo no estaba muerta. Además yo era el padre y la madre de mis hijos. El hombre y la mujer de la casa, y no estaba dispuesta. Como dice el chiste, que nadie pusiera mano donde la puso mi esposo, a no ser que, llegara nuevamente el amor. Ah, el amor, ese sentimiento que sublima lo que hacemos, que le pone fuerza a la vida para vivirla mejor. Por eso tan bonito que nunca volvió. Sólo estaba el interés animal por una hembra sola. Tal vez querían poseerme, sólo para cachiporrearse¹²⁷ en los bares, para levantar mi nombre como una bandera de conquista. Pa' que curaos gritaran "yo me estoy comiendo a la viuda, este pecho es el que trabaja esa mina". Pero eso, a nadie le di en el gusto. A todos los que me lo insinuaron y me invitaron a tomar mate, los dejé con la bombilla caliente, y el agua hervida.¹²⁸

Eso de ser hombre y mujer de una casa, padre y madre de tres chiquillos, no es cuento ni cosa parecida es una realidad que palpaba a diario. Con estas manos barrenaba, empuñaba el macho en la mina, con estas manos machacaba, pallaquiaba¹²⁹, puruñaba, llenaba el capacho, con estas manos hacia el trabajo de

¹²¹ Nádegas.

¹²² Quer dizer: tivesse deixado o espaço aberto para.

¹²³ Quer dizer: procurando-a com insistência, como cachorros trás de uma fêmea no cio.

¹²⁴ Provéem da palavra *puta*. Quer dizer que dizia muitos palavrões.

¹²⁵ Quer dizer: ficava somente olhando, mesmo podendo gostar de algum homem.

¹²⁶ Quer dizer: conheceu o prazer.

¹²⁷ Quer dizer: somente para ficar se exaltando frente dos demais.

¹²⁸ Quer dizer: mesmo insinuando interesse pelos homens, nunca concretizou nada com nenhum deles.

¹²⁹ Seleccionar os minérios.

cualquier minero y con estas mismas manos, les preparaba las mamaderas a mis hijos, les cosía los botones, les remendaba sus ropas o les hacía cariño. Con estas mismas manos inventaba juegos para jugar con ellos. Con estas mismas manos les daba de comer cada día.

Dura es la vida de la mujer sola, más de aquella que tiene que trabajar fuerte pa' parar la olla¹³⁰, porque los hijos no saben las cosas de la vida, no saben lo que tiene que hacer una madre para llevar el pan a su mesa, aunque mis hijos, me ven a diario luchando con la vida, luchando contra todo, contra el cerro, contra los hombres, contra mi condición de mujer, que a veces se revela y reclama que le de lo que toda mujer necesita. ¿Saben? Me las lloré toítas. Me las mamé todas también y me las mamé solita¹³¹.

Me las lloré todas, si me las lloré todas.

Pero el caso mío no es el único. Atacama tiene muchas historias de mujeres como yo. Mujeres que quedaron solas y que en vez de echarse a morir, agarraron un capacho, un barreno y se fueron cerro adentro a trabajar como un hombre más, mujeres que no eran marimachas¹³², pero que tenían la necesidad de trabajar, porque no les quedaba otro camino. Porque ser mujer no es tener buenas pechugas¹³³, ni buena pierná, mujer es mucho más. Es más que ser la compañera de un hombre, es más que una hembra en la cama. La mujer reúne y representa todos los roles femeninos de la vida, es madre, es abuela, nieta o ahijada, la mujer es lo más sublime que Dios ha creado. Y pa' que estamos con chicas¹³⁴, también es la más cabrona de la creación, bajo su apariencia de sexo débil se esconde el ser más fuerte, e impredecible que dios echó al mundo. Bajo su apariencia de cordero, se esconde un verdadero lobo y muchas veces, bajo su ropaje de lobo, hay una dulce corderito.

¡Ah! ¡si los cerros de Atacama hablaran, cuantas historias de mujeres mineras nos contarían, nos hablarían por ejemplo de Doña María Jacob Jalaf que dejó muestras más que suficientes, de lo que puede una mujer. Allá en Inca de Oro también la hizo de minera doña Blanca Díaz, que recorrió todas los cerros y las minas y lavaderos de oro de esa zona, lo que Doña Elvira Zepeda, para quien la lámpara minera, era como su tercer ojo. Si Atacama hablara recordaría a Doña Santos Rubina,

¹³⁰ Quer dizer: uma mulher que deve trabalhar para manter sua casa, levar comida para a mesa.

¹³¹ Quer dizer: aguentou as dificuldades do trabalho, aguentou sozinha e sem pedir ajuda.

¹³² Forma depreciativa de chamar as mulheres que gostam de mulheres.

¹³³ Seios.

¹³⁴ Quer dizer: não simplificar.

la mujer que echó al mundo al arquero de la selección de futbol del 62¹³⁵. Adan Godoy, primero en las minas de Inca de Oro, después en Pueblo Hundido¹³⁶, 11 hijos tuvo esta mujer que fue minera antes que nada. ¿Y se acuerda de Doña Irma Espejo, la llamada mujer minera de Copiapó? ¿Se acuerdan que la entrevistaban tanto por la tele? Esa mujer desarrolló todo su trabajo minero en la Sierra Jesús María, a la que conocía como la palma de su mano, y contaba unas historias, como para pensar en serio en el trabajo minero de las mujeres. Mujer de trabajo duro en el fondo de los cerros, pero buena dueña de casa en su hogar. De Pueblo Hundido, hoy Diego de Almagro, llega el recuerdo de Doña Filomena Encina, la señora Mela. Más de 40 años trabajando en la minería, primero junto a su esposo y después cuando él lo pescó la silicosis, lo hizo por su cuenta. 10 hijos tuvo la señora mena y ninguno fue obstáculo para entrar todos los días a la mina. Dejaba a su guagua amamantaba y se iba a pallaquear o a apiriar lo que su esposo tronaba. Pero en el sur de la región también ha habido mujeres que le hacían a la minería, sobre todo en Freirina, que ha tenido grandes minerales como capote aurífero, Merceditas, quebradita donde hacia clases el papá de Gabriela mistral, o el Labral donde trabajan más de 800 personas, mujeres como doña Ublida Reigadas, Doña María Vergara, nacida en el fabuloso mineral El morado- “soy moraina y orgullosa de serlo” solía decir. Y recordar también a doña Ester Pérez, habitante de Freirina. Oiga si hasta en la historia esta presente la mujer. Ahí tenemos el caso de Doña Flora Normilla, la madre de Juan Godoy. Pese a que la mujer era campesina y cabrera, se dice de ella muchas cosas, la más importante, que fue la verdadera descubridora de Chañarcillo y que se guardo el secreto hasta la muerte. Una mujer que se las traía¹³⁷, ya que se rumoreaba que había tenido amores con Don Miguel Gallo¹³⁸. Y quien puede negarlo o asegurarlo allá en la serranía de las bandurrias, donde solía llevar cabras a pastorear pudo perfectamente haber pasado algo. Pero una cosa es seguro. Miguel Gallo solía visitar a su amiga Flora en su majada¹³⁹. Don Miguel Gallo era casado con la dama doña Candelaria Goyenechea, esa señora si que era minera, quedó viuda joven y con toda la responsabilidad de administrar el fabuloso mineral de Chañarcillo, quizás haya sido la mujer más rico del

¹³⁵ Seleção chilena que conquistou o terceiro lugar no mundial de futebol de 1962.

¹³⁶ Atual cidade de Diego de Almagro.

¹³⁷ Quer dizer: ela era mais inteligente do que aparentava.

¹³⁸ Dom Miguel Gallo foi um minerador reconhecido de Copiapó. Também ocupou cargos políticos importantes na cidade e região.

¹³⁹ Lugar usado para guardar o gado.

siglo 19. Y que hablar de las cantineras. Oiga ese trabajo si que era infernal. Las pobres cantineras tenían que levantarse a las 5 de la mañana, todos los días, para poder atender a los hombres con el desayuno, antes de las ocho del día. En ese tiempo no se conocía ni la cocina a gas ni a corriente. Entonces había que levantarse temprano, porque había que hacer fuego, y para eso había, primero que partir leña, luego colocar los tremendos fondos para el agua hervida. Esas mujeres fueron las verdaderas pioneras de las minas. Se levantaban primero que todos y se acostaban, después de todos y para ellas no había domingos ni festivos. Todos los días de la vida, eran días de trabajo, y más encima a las cantineras jóvenes y solas, le hacían la ronda los mineros para mandarse la mansa noche, y al día siguiente, igual tenían que cumplir.

Me acuerdo que en una mina que trabajé, la cantinera se llamaba doña Matilde, su pareja era más joven que ella. Como era chapada a la antigua, cada noche que hacían el amor, se levantaba con la cabeza amarrada con un paño. Así que todos sabían que le había tocado, las bromas le llovían. Doña Matilde no les hacía caso y seguía con su vieja costumbre de abrigarse la cabeza.

Pero, quizás la mujer más minera que ha existido en la historia de Atacama, ha sido sin duda una señora que nunca tuvo que entrar a una mina, que nunca pallaquió, barrenó ni fue cantinera, pero toda su vida vibró alrededor de las minas y los mineros, dueña de Chañarillo y de otras sierras. Fue la mujer más rica de Chile, rica en plata y en afecto familiar; estuvo casada con Don Miguel Gallo y fue madre de cinco hijos, entre los cuales se contó; el caudillo de Copiapó don Pedro León Gallo. Doña Candelaria Goyenechea, una mujer mano abierta, igual que los mineros, aportó plata para la construcción de la iglesia matriz de Copiapó, para el hospital y también una gran tajada de pesos para la construcción del primer ferrocarril, entregó fondos para la creación de colegios y escuelas y se dice que también aportó plata y le dio el visto bueno a la revolución que proyectaba su hijo. O sea se puso con el billete para la revolución de 1859¹⁴⁰. Y como era su hijo regalón quien lideraba la insurrección, en su propia casona al final de la Alameda, a junto a otras mujeres, bordó la primera bandera constitucional, esa azul con una estrella dorada que los mineros revolucionarios portaban con verdadero orgullo. Doña Candelaria no era una mujer

¹⁴⁰ Revolução acontecida no século XIX. Alcançou várias cidades, porém, somente na região de Atacama demorou mais para ser controlada.

que se andaba con chicas, para la guerra del pacifico, puso a disposición del gobierno, sus barcos para el transporte de soldados y pertrechos al campo de batalla, igual que lo hizo su sobrina doña Isidora Goyenechea, esposa de don Luis Cousiño, que también presto sus barcos para la causa chilena.

Eran tiempo de verdadero esplendor para la minería atacameña, la mitad del siglo 1800 y el siglo XX que acaba de irse. Oiga si todos los pueblos de Atacama crecieron en base a la minería, si tuvimos ferrocarril, fue porque la minería lo necesitaba. Si nació el copiapino de Jotabeche, la escuela de minas fue gracias al esplendor de la plata, del cobre y el oro. Atacama ha sido pionera en muchas cosas, tuvimos escuelas para hombres y el primer liceo para señoritas del país y pudimos si apuro, vestir a los soldados que fueron al norte a defender la patria. Oiga si casi, casi fuimos la capital de Chile, cuando Pedro León Gallo se montó en el potro de la revolución en 1859. Y tenía razón el hombre, Copiapó y Atacama eran los impulsores del desarrollo económico del país. Y que recibíamos? Migajas, solo migajas. Pero le fue mal a Don Pedro y ahí en La Serena¹⁴¹ lo bajaron del caballo y con ello no solo se acabó el sueño del caudillo, sino el de toda la provincia de Atacama. Si no hubiera sido así, otro gallo le cantarí¹⁴² a Atacama.

Nosotros tenemos más de 500 años de vida hablando castellano, pero venimos de atrás, de muy atrás, cuando las mujeres de esta tierra no hablábamos castellano, pero igual le decíamos que si a un indígena que hablaba nuestra lengua a un chasqui que nos gustara. En ese tiempo no existían calendario y el tiempo se media de acuerdo al transito de la luna por el cielo, tratándose de nuestro embarazo, decíamos tengo tres lunas de preñada, me faltan seis para que llegue mi hijo. Nosotras las mujeres, como compañeras de hombre en su jornada, hemos estado en todas, en las malas y en las buenas, hemos gozado el desarrollo económico de Chañarcillo, Tres puntas o Puquios, y de cuanta mina abría su boca en medio del desierto, hemos estado en Potrerillos, en Chuqui o en el Teniente, pero también como mujer, sufríamos las duras necesidades que tienen las minas, lo duro que es vivir en el cerro, sin tener más compañía que una casa inventada al resguardo del viento y el patio inmenso, de la pampa donde los cactus semejan candelabros que el viento no alcanza a apagar, donde, cada cuatro años, las gotas de la lluvia, producen el milagro de hacer florecer las piedras, entonces

¹⁴¹ Cidade do Norte de Chile, localizada ao sul de Atacama e norte de Santiago.

¹⁴² Quer dizer: os eventos teriam se passado de outra forma.

la primavera pone al alcance de nuestros ojos las maravillas que crea la naturaleza para el regocijo del hombre, donde antes hubo solo piedra y soledad, en primavera se toman el desierto, las pata de guanacos, los lirios, los cuernos de cabra, los cebollines, los suspiros del campo, la mavilla, las coronas del fraile, la espigada añañuna o la inefable garra de león, flores multicolores que rompen la monotonía del desierto y colocan en el hombre y la mujer de Atacama una dosis de esperanza y optimismo.

*Razón tuvo un poeta de la región, cuando dijo:
Cuando el cielo se coloca sus atavíos de lluvia
El desierto se acomoda una flor en la solapa
Y la nacen añañucas en las quebradas del alma.*

No podemos negar que la dura vida del minero, le ha moldeado su carácter, lo ha tornado manirroto, imprevisor, altanero que escupe a la muerte al interior de las minas, un hombre que se cree olvidado por Dios, un hombre que tiene aprontes de semidiós que ha olvidado que, lo más grande de la vida, lo tiene a su lado que no está solo en el mundo, porque tiene a la compañera a la que no debe mirar por sobre el hombro, porque ella fue creada especialmente por Dios para ser su compañera y juntos tienen que cumplir su misión en la vida. Multiplicarse para que el mundo siga rodando sin detenerse. Y dios creo a la mujer, una tarde que visitó el paraíso y vio al hombre deambular solo, se dijo “no es bueno que el hombre este solo”.

Y ahí nacimos nosotras, las mujeres que hemos sido compañeras del hombre en todo su peregrinaje por el mundo.

Si señores, yo soy minera. Al igual que otras mujeres son modistas, profesionales, artistas, yo soy minera. Una mujer que ha vivido la vida un tanto diferente a las demás, una mujer como otras en la vida, que se quedó joven, esperando que el amor volviera. No hubiera sido pecado haberle entregado mi corazón a un hombre que hubiera respetado a mis hijos y la memoria de mi esposo, pero aun así, en ausencia del amor, pude salir adelante con mis hijos.

¿Que será de mí? No lo sé. Solo sé que todavía soy mujer, aunque haya pasado la mayor parte de mi vida en una mina, todavía tengo la fragancia femenina que el duro trabajo no me ha podido arrebatarse. Sueño, si sueño con un amor que me devuelva

*lo que la vida me negó, un amor al cual decirle los versos de Cristina Rossetti, ahora que presiento que mi vida se agota igual que una veta; decirle muy quedo*¹⁴³:

*Amado mío cuando muera
No entones cantos tristes para mí
No plantes rosas a mi cabecera
Ni un sombro árbol de ciprés.
Deja que el pasto crezca libremente
Húmedo de lluvia y de rocío.
Y si sientes pena; recuérdame
Y si te da pena recordarme... olvídame, olvídame.*

O conto de Tussel Caballero discute diferentes questões vinculadas à participação das mulheres na mineração, os estereótipos de gênero que devem enfrentar, as tristezas, as alegrias dessas mulheres e a performance necessária de seus corpos para conseguirem sobreviver nesse contexto. No entanto, também expõe temas com os quais alguns de meus interlocutores não concordaram, próprios dos recursos literários do autor. Por exemplo, no descrito sobre os roubos de minérios e as proibições que trouxe para as mulheres, os meus interlocutores assinalam que o roubo do ouro, como era pó, era feito colocando-o no cabelo, e sobre ele o boné, e assim saíam da mina e quando chegavam ao acampamento lavavam o cabelo e recolhiam o ouro. Por isso discordam que o motivo pelo qual as mulheres não trabalhavam fosse o mencionado no conto. Para eles, as proibições se produziam pelas fortes superstições já mencionadas, que lhe era muito estranho vê-las nas minas. Outrossim, das mulheres mencionadas no conto, somente Dona *Elvira Zepeda*¹⁴⁴ é reconhecida como mineradora, tanto por homens quanto por mulheres. Segundo os meus interlocutores, ela trabalhava como os homens, e, para alguns, melhor que eles. Entrava na mina e trabalhava com *capacho* e *barreno*.

¹⁴³ Devagar.

¹⁴⁴ Durante o campo tentei infrutuosamente que Dona Elvira Zepeda fosse minha interlocutora. Porém, como se mostra no capítulo 1 não foi possível. Muitas vezes tentei me aproximar dela, por algum tempo me ofereci para levar até sua casa os restos de comida que na casa de Fidel guardavam para as galinhas dela, e assim consegui que ela me conhecesse. No entanto, sempre que tentava marcar algum dia, ela falava que estaria ocupada ou viajando. Com o passar do tempo senti que estava incomodando demais, pois ela é uma pessoa muito tímida e decidi não constrangê-la.

Dona *María Jacob Jalaf*, apelidada de turca, era proprietária de minas juntamente com seu irmão. No entanto, nunca entrou em uma mina, nem trabalhou como mineradora.

Nesse sentido, os mineradores, a partir de suas lembranças, disseram que as mulheres não eram contratadas para as minas, mesmo que fosse uma obra de pequena escala. Isto porque o trabalho realizado por elas jamais seria igual ao que um homem poderia fazer, por exigir força e muito esforço físico, então não era rentável contratá-las. Assim as mulheres estavam mais presentes nas pequenas obras, na atividade *pirquinera*, na qual acompanhavam seus esposos, ou familiares.

A partir das falas de meus interlocutores, a presença da mulher nas minas se vincula mais à mineração artesanal. Muitas trabalharam como cozinheiras, ou nos desmontes das minas, transportando as rochas para fora da mina, em *capachos* ou em carretas. Trabalhavam e continuavam cumprindo seus papéis tradicionais de gênero, lavar as roupas, preparar as comidas. Todas essas dimensões foram observadas por mim, nesta etnografia, relacionando-me com as idosas que moram em IDO.

Até esta parte do capítulo tentei reconstruir o contexto no qual as minhas interlocutoras têm envelhecido e vivenciam a velhice¹⁴⁵. Para tanto, servi-me de um recurso literário por meio do qual reforcei a descrição do mundo minerador do ouro, em que predominam os valores de dominação masculina (Bourdieu, 2002) na construção de gênero e de suas relações; valores que definem os espaços e lugares nos quais as mulheres podem se movimentar em IDO. Assim, os espaços e os tempos das mulheres estão cruzados pelo doméstico, pela família, pelos papéis tradicionais. Cabe destacar que, graças aos espaços e tempos domésticos que compartilhei com as minhas interlocutoras, construí uma relação muito mais próxima e íntima com elas do que com os interlocutores idosos. Os espaços domésticos, nos quais pude ingressar, me abriram as portas para aprofundar mais em suas vivências, em seu cotidiano.

Dessa forma apresento cinco casos, em que me debrucei sobre o cotidiano das idosas em IDO. A etnografia me permitiu conhecer as formas por meio das quais elas negociam a realidade (Velho, 2013), agenciando (Das em Ortega, 2008) diferentes formas para se manterem dentro da estrutura dominante em IDO e vivenciar seu cotidiano. Assim, muito sutilmente, e para além das normatividades fortes de gênero, na

¹⁴⁵ Demograficamente falando, as mulheres idosas são um grupo importante na sociedade atual e na chilena. Mesmo nascendo mais homens no mundo, as mulheres alcançam idades mais avançadas, situação que permite falar da “feminização” da velhice (Osorio, 2008, p. 613).

velhice dessas idosas surgem outros tempos, além do doméstico, dos quais me aproximei movendo o véu que os encobria.

a) **Dona Ada, tempo doméstico e solidão**

Conheci Dona *Ada* na inauguração de uma nova central de tratamento de água da empresa de *Aguas Chañar*, localizada nos limites do povoado¹⁴⁶. A primeira coisa que chamou minha atenção foi perceber um casal de idosos que fazia parte dos poucos incanos, sem algum tipo de cargo público, assistindo ao evento. Dona *Ada*, acompanhada de seu companheiro Dom *Juan Ponce*, estava sentada sobre um *burrito*, carrinho que ela segura com ambas as mãos e o empurra à medida que avança. Esse objeto lhe permitia se movimentar, pois suas pernas não possuem a força necessária para fazê-lo, o que lhe provoca muito cansaço. Nesses momentos, ela tem a possibilidade de se sentar nesse mesmo carrinho.

Realizados os discursos de praxe do prefeito, das autoridades da empresa e das autoridades do povoado, aproximei-me para cumprimentar o casal, aproveitando o momento do coquetel oferecido no evento. Dessa forma, soube que eles viviam juntos há mais de 20 anos, e há mais de 10 anos tinham problemas significativos de saúde. Mesmo que Dom *Juan Ponce* não utilizasse equipamento para auxiliá-lo a caminhar, contou-me que sofria de silicose. É uma doença pulmonar causada pelos longos anos em que trabalhou como *pirquinero* nas minas, sem proteção, ou seja, sem qualquer equipamento que o impedisse de aspirar o pó residual dos minérios que peneirava manualmente. A silicose faz com que Dom *Juan* não possa se movimentar fora de sua casa por muito tempo sem utilizar um equipamento de oxigênio. Quando o conheci ainda podia permanecer algum tempo sem ele, mas sua condição foi se agravando com o passar do tempo, até falecer em julho de 2015¹⁴⁷. Dona *Ada*, por sua vez, sofria de problemas nos quadris, produto de uma forte queda que havia sofrido há alguns anos. No final da atividade acompanhei-os até a casa onde moravam sozinhos e eles me convidaram a visitá-los quando eu quisesse. E o fiz.

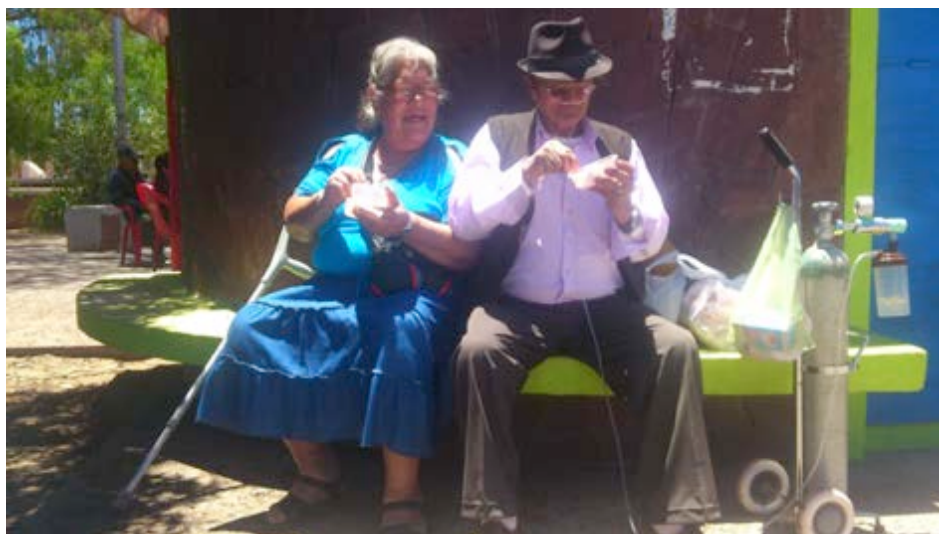
¹⁴⁶ Essa usina chegou a ser construída pela empresa em função de uma longa luta para o melhoramento da qualidade da água, pois, por muito tempo, esta não era potável no vilarejo, fazendo com que os incanos tivessem que adquirir bombonas nos armazéns ou pagar pelo serviço de pessoas que vendiam água trazida dos altos da cordilheira. No entanto, a inauguração dessa usina não terminou com essa prática devido ao grande número de anos que levou para ser completada, e porque a enchente acontecida em 2015 deixou a água com muitos resíduos. Situação que, no momento do campo de 2016, não tinha sido melhorada, sendo a empresa interdita de cobrar pelo serviço pela *Superintendencia de Servicios Sanitarios* (SISS).

¹⁴⁷ Ver Capítulo 1.

Ambos tinham filhos de relacionamentos anteriores. Os familiares de Dom *Juan Ponce* moram em *Copiapó*, porém, apesar da proximidade eles não se viam muito e preferentemente era Dom *Juan Ponce* quem os visitava quando, por algum motivo, devia ir à cidade, o que acontecia principalmente por motivos médicos. No período do campo de 2014, Dona *Ada* não tinha contato com seus filhos nem outros familiares e se sentia abandonada por eles, sendo que uma de suas filhas vive no próprio vilarejo, mas elas não tinham um bom relacionamento. Em 2016, quando retornei, elas tinham se reconciliado, assim Dona *Ada* passava mais tempo em companhia da filha e dos netos.

Depois desse primeiro encontro visitei-os muitas vezes. Algumas vezes tomávamos o café da tarde, assistíamos televisão, e em outras ocasiões eu ajudava Dona *Ada* nos afazeres domésticos. Ainda que ela não me pedisse eu sentia vontade de ajudar devido ao fato de que, na maioria das vezes, ela sentia muita dor nos ossos. No decorrer das minhas visitas Dom *Juan Ponce* piorou e, muitas vezes, ficava deitado na cama conectado ao aparelho de oxigênio por longos períodos. Tomando café à tarde, Dona *Ada* contava-me que se sentia muito cansada e com muita dor, mas ela não podia ficar na cama como o companheiro porque alguém devia fazer as coisas, assim ela não podia se cansar. Lembro-me que certa vez bati na porta e Dona *Ada* me recebeu com evidente pesar. Ela estava muito preocupada porque Dom *Juan Ponce* tinha sofrido uma crise tão forte que ambos acreditaram que ele morreria, e por causa disso ele estava na cama conectado ao oxigênio. Dona *Ada* também me contou que sentia muita dor nos ossos, mas ela devia ficar forte porque alguém tinha que dar conta da casa, mesmo assim suas pernas doíam muito, conseguindo apenas se manter em pé. Contou-me que aquela crise se desencadeou porque tinham viajado a *Copiapó* e ficaram muito cansados, além disso no dia anterior tinham lavado as roupas de cama, lençóis e cobertores, e Dom *Juan Ponce* torceu as roupas com as mãos, o que lhe causou ainda mais cansaço. Segundo Dona *Ada*, mesmo possuindo secadora de roupa, a situação econômica não lhes permitia gastar essa quantidade de energia, água e detergente, por isso tiveram que realizar o trabalho à mão.

Fotografia 37: Dona Ada e Dom Juan na praça de *Diego de Almagro*.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Quando retornei, em 2016, ao vilarejo, imediatamente soube do falecimento de Dom *Juan Ponce*, o que me deixou muito triste¹⁴⁸. Dias depois visitei Dona *Ada* em sua casa. Surpreendi-me por encontrá-la muito mais magra e sem usar o *burrito*, somente a bengala quando saía da casa, pois em casa ela não precisava usá-la. Disse-me que tinha emagrecido pela tristeza da perda de seu *viejito/velhinho*. Novamente, conversamos sentadas na cozinha, tomando um chá preto, porém, desta vez, sem Dom *Juan*. Contou-me que depois da morte dele quase não sai para a rua, prefere ficar em casa. Isso por causa das falas das pessoas, elas a criticam porque voltou a beber e acreditam que trará outro homem a casa. Essa situação a deixa muito chateada e com raiva, esclarecendo-me que bebe, mas o faz sozinha. Outra interlocutora já havia feito esse comentário, dizendo-me que a causa da bebida era a falta de esposo e não a tristeza como eu mencionara. Pelo fato de não ter mais o esposo para controlá-la, ela podia dedicar-se a outras atividades questionadas para as mulheres. A viuvez experimentada pela Dona *Ada* marcou uma série de mudanças em sua vida cotidiana, situação frequente quando acontece a morte do cônjuge (Osorio, P., Seguel, G. A. e Jorquera, P., 2014).

No reencontro com Dona *Ada*, contou-me que tinha se reconciliado com a filha, no entanto, prefere manter os limites e não confiar muito nela. Isso porque a filha lhe cobra muito a infância difícil que vivenciou e o fato de não ter crescido com a mãe. Dadas a dificuldades da vida, Dona *Ada* precisou deixá-la com os avós, situação que

¹⁴⁸ Ver Capítulo 1.

ainda gera conflitos entre elas, aprofundando-se quando bebem juntas. Para Dona *Ada*, sua filha vê somente o próprio sofrimento, e não o dela, e mesmo tendo-lhe pedido perdão, a filha não conseguiu perdoá-la.

A morte de Dom *Juan Ponce* mudou significativamente a vida de Dona *Ada* e sua cotidianidade. Além das mudanças já mencionadas, ela assinala que a viuvez a deixou mais pobre. Isso porque a pensão de Dom *Juan*, por ser pensão especial outorgada aos mineradores pelo estado do Chile não é transferível. Além disso, eles não estavam casados legalmente e ela não recebeu benefício algum. Dessa forma, agora ela vive somente de sua pensão, pensão de velhice, com valor muito menor do que a dos mineradores, conseguindo apenas, com os poucos recursos, chegar ao fim do mês. Assim, começou a servir almoço para Dom *Marcelo* e o idoso conhecido por *Rancaguino*, como forma de ter mais recursos para enfrentar o mês. Também decidiu fazer as compras em *Diego de Almagro*, pois as mercadorias no povoado são muito mais caras, e também porque cogita se desfazer das dívidas que tem acumulado com os comerciantes de IDO.

A cotidianidade de Dona *Ada*, agora, acontece em sua casa, fazendo os afazeres domésticos, acompanhada da TV. No quarto há um televisor maior com conexão a cabo. Nas vezes em que a visitei, ficamos no quarto dela tomando chá, e quase não íamos à cozinha para nos sentar. Assim, Dona *Ada* passa o dia sozinha, só na hora do almoço conversa com Dom *Marcelo*, acompanhando-se. Ao chegar a noite, frequentemente, recebia a visita da filha com algum de seus netos. Mas, no decorrer do campo em 2016, contou-me que estavam se vendo menos porque, às vezes, a filha ficava cobrando demais e era muito dolorido.

Así vivo yo aquí, sola, sola pero no falta qué hacer/ Assim eu moro aqui, sozinha, sozinha, mas não falta o que fazer.

Dona *Ada* sente muitas saudades de seu companheiro Dom *Juan*, ficando mais tranquila quando o visita no cemitério. Porém, nem sempre consegue fazê-lo, pois não pode ir sozinha. O cemitério fica perto de sua casa e é possível chegar lá caminhando, no entanto, para ela fica difícil caminhar, mais ainda com a bengala. Às vezes vai com Dom *Marcelo* porque ele visita com frequência sua companheira sepultada no mesmo cemitério. Dona *Ada* também vai com sua filha, o que é mais infrequente.

Dessa forma, em algumas ocasiões a acompanhei ao cemitério. Na primeira vez porque eu queria deixar uma flor para Dom *Juan*¹⁴⁹, e, na segunda, no aniversário dele. Dona *Ada* havia me falado que não tinha com quem ir e estava muito intranquila porque há tempo não o visitava. Então me ofereci para acompanhá-la. Nesse dia cheguei cedo na casa dela, saímos depois de beber um chá para nos esquentar porque estava frio. Tomamos o caminho que vai para o cemitério localizado por trás da casa dela e andamos devagar. Dona *Ada* levou um balde, uma garrafa de água, e fomos acompanhadas de seu cachorro. Durante o caminho me mostrou os morros, falou-me em que direção saia a procurar lenha quando era mais nova. Perguntei se gostava de morar em IDO, e ela me disse que sim, porque ali morava tranquila e sem perigos, não era como na cidade, onde havia muita delinquência.

Não havia ninguém no cemitério, situação normal quando não há algum enterro. Dona *Ada* se aproximou rapidamente do túmulo de Dom *Juan*. O túmulo estava no alto, em uma das divisórias da parede do cemitério, entre outros, por isso pediu-me para que eu aproximasse um banco que havia ali. Ela subiu nele e limpou a parte frontal do túmulo. Fiquei ao lado dela, preocupada com a possibilidade que ela pudesse cair, mas ela pegou as flores secas e a terra e jogou-as fora com segurança. Depois de arrumá-lo, Dona *Ada* se sentou no mesmo banco e fumou um cigarro. Ficou um tempo sentada, em silêncio, fumando, talvez rememorando o passado. Não quis me aproximar para respeitar seu momento. Após um tempo me falou que ali perto estava enterrado seu esposo, o verdadeiro, e de quem se separou para se juntar a Dom *Juan*. Ela não se lembra dele com carinho e somente me pediu de jogar água na terra próxima ao túmulo para que o vento não a levantasse. Feito isso, convidou-me a voltar. Depois de deixá-la em sua casa e de beber outro chá fui embora, pois ela tinha que preparar o almoço.

¹⁴⁹ Ver Capítulo1.

Fotografia 38: Dona Ada no cemitério.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 39: Dona Ada no cemitério.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

O trabalho com as imagens, descrito no primeiro capítulo, ajudaram-me a conversar melhor com Dona *Ada* em outra ocasião, e através delas contou-me situações e vivências que nunca tinha me falado antes, mesmo com todo o tempo que havíamos compartilhado. Assim, por meio da escolha das fotografias mais significativas para ela, falou-me sobre seus sentimentos, seus pesares, suas lembranças, de seu presente.



Fotografia 40: Organização fotografias escolhidas por Dona Ada. Fonte Acervo da autora, 2016.

Fotografia 41: Ferramenta mineradora, pá. Acervo da autora, 2014.

Fotografia 42: Ferramenta mineradora para filtrar a terra. Acervo da autora, 2014.

Fotografia 43: Ferramentas em obra mineradora. Acervo da autora, 2014

Fotografia 44: Deserto de Atacama florido. Acervo da autora, 2014

Fotografia 45: Deserto de Atacama. Acervo da autora, 2014

Fotografia 46: Estrada Panamericana C-17. Acervo da autora, 2014

42 41

43 40

44 46

45

Fotografia 47: Balão de oxigênio de Dom Juan Ponce.



Fonte: Acervo da autora, 2014

As primeiras fotografias às quais se referiu foram as que lhe falaram sobre solidão, sensação que faz parte de sua vida, principalmente depois de ficar viúva. Essas imagens eram as que mostravam o deserto, estradas e caminhos solitários. Salientando que gostaria de estar dessa forma, tranquila, sem preocupações, por exemplo, dos afazeres domésticos. Também selecionou as fotografias nas quais aparecem várias ferramentas de minerador, entre as quais pá, carrinho de mão. Isso porque lhe lembraram de quando trabalhou nas minas, de quando subia e descia com o carrinho de mão lotado de rochas. Fazia 70 viagens por dia, muito rápido por causa de sua juventude, e em meio a isso preparava o almoço e lavava a roupa. Mesmo trabalhando com seu esposo e seu cunhado, não se lembra dessa época com alegria, porque trabalhou muito até se sentir explorada por eles. Confiou-me que lembrar disso tinha sido dolorido, pois não gostava daquela época de sua vida.

As fotos das ferramentas lhe falaram sobre seu passado, e tudo o que sofreu. Isso tudo, Dona *Ada* resumiu através da escolha da fotografia que mostra um balão de oxigênio, balão que pertencia a Dom *Juan Ponce*. Para ela o balão de oxigênio representa o futuro do minerador, por causa da vida arriscada que vive e a falta de cuidados, a doença, a silicose é o resultado depois de toda uma vida de trabalho.

Também se lembrou das necessidades que passou durante a vida, e na condição de esposa e companheira de um minerador *pirquinero* vivenciou os efeitos das características dessa vida. As consequências de não guardar o dinheiro, os efeitos de gastar todos os lucros, mesmo sendo vultosos. Com pesar, lembrou que tanto com seu esposo, quanto com Dom *Juan*, não tinha casa para morar, apenas tinha uma cama e um fogão, e como teve que enfrentar o álcool e a presença de infidelidade, a presença de outras mulheres.

Por sua vez, as fotos do deserto, das estradas e dos caminhos representam sua vida atual, em que a solidão é a protagonista. Mesmo assim disse-me se sentir muito orgulhosa porque tem casa própria, tem de tudo e não passa necessidades. Somente tem que aprender a se controlar e gastar menos, dada a diminuição do dinheiro no lar. Por exemplo, faz pão caseiro porque é muito mais barato do que comprar nos armazéns.

A vida de Dona *Ada*, e do casal que formava com Dom *Juan Ponce*, está atravessada pelas dificuldades. Em uma primeira leitura sobre essas situações cotidianas poder-se-ia lançar o olhar sobre a vida desse casal idoso, e depois sobre a de Dona *Ada*, após enviuvar, privilegiando a vulnerabilidade que experimentaram por ambos estarem doentes, morarem sozinhos e por não terem alguém que os ajudasse, e pela sua condição econômica. No entanto, uma visão assim não reconhece a agência presente na cotidianidade, não sendo o caminho analítico a ser usado nesta tese. Assim, concordo com Das sobre a não passividade da vítima, insistindo que a agência humana está situada em um campo de relações de poder e inscrita em contextos estruturantes, mas não sobredeterminados (Apud Ortega, 2008).

Mesmo que Dom *Juan Ponce* e Dona *Ada* tenham vivenciado uma situação complexa pela vulnerabilidade em que a doença os deixava e a decadência de seus corpos que lhes exigia maiores esforços na hora de levar à frente as situações do dia-a-dia, quando estavam juntos tinham a capacidade de agenciar sua cotidianidade. As viagens às cidades mais próximas são muito comuns na vida dos incanos e na deste casal em específico, pois é muito mais econômico fazer as compras fora do vilarejo devido aos preços altos praticados no povoado. Por esse motivo, mesmo que as viagens

representassem um desgaste corporal e eram contraindicadas no caso de suas doenças, o casal preferia fazê-las. Como eles moravam sozinhos, Dona *Ada* preferia que Dom *Juan Ponce* a acompanhasse a deixá-lo em casa, isso para evitar que enfrentasse uma crise quando estivesse só. Dessa forma, Dona *Ada* ficava mais tranquila, acreditava que cuidava dele, cumprindo seu papel de esposa e mulher. No entanto, o casal, às vezes, recebia a ajuda de alguns vizinhos amigos, especificamente de um jovem amigo que gostava muito deles, *José*. *José* é um rapaz que constantemente estava preocupado com o que acontecia com o casal, costumava visitá-los regularmente e os ajudava no que fosse preciso. Quando *José* podia, dava carona para o casal em seu carro, aliviando o desgaste que implicava a viagem para eles. Apesar da debilidade que mostrava, Dom *Juan Ponce* com sua doença, e Dona *Ada*, com suas dores, ambos mantinham seus lugares sociais dentro de sua casa, e mesmo que *José* os ajudasse, eles não aceitavam que gastasse seu dinheiro com eles, devolvendo-o sempre, cada vez que o rapaz levava algo para a casa do casal, ou insistindo para que se alimentasse quando estava na casa, ou seja, cumpriam com os papéis sociais de donos da casa e anfitriões.

Esse agenciamento também se observa na cotidianidade de Dona *Ada*, hoje sozinha. Ela revela que com o dinheiro da pensão que recebe não consegue custear tudo o que custeava antes, e providenciou soluções — reduzir suas dívidas nos armazéns do vilarejo e fazer compras nas cidades próximas. Também há o fato de procurar outros recursos financeiros: cozinhar para Dom *Marcelo* e *Rancaguino*.

A situação vivenciada por Dona *Ada*, tanto casada quanto viúva, ocorre em meio a uma situação socioeconômica difícil que constitui o contexto estruturante em que vive, conforme diz Veena Das (Apud Ortega; 2008). Aliás, retomando as declarações de Diniz (2007)¹⁵⁰, já mencionadas, as situações de decadência física não são apenas produto de uma condição individual pela deterioração natural do corpo; também são produto de uma organização social, neste caso a mineração. Nesse sentido, as doenças de que sofria Dom *Juan Ponce*, e ainda sofre Dona *Ada* se relacionam às condições específicas em que se realiza a mineração. Dom *Juan Ponce* adoeceu de silicose, resultante do fato de que a atividade *pirquinera* não considerava o uso de acessórios de segurança que pudessem evitar ou minimizar os efeitos negativos da atividade. Assim, ele aspirou muito pó de sílica durante sua vida laboral. A silicose é uma doença pulmonar irreversível, produzida pela aspiração permanente de pó de sílica livre

¹⁵⁰ Ver Capítulo 1.

cristalizada. Esse pó produz alterações fibrosas nos pulmões, diminuindo a capacidade respiratória, pois o órgão perde a elasticidade. A aspiração da sílica ocorre em contextos mineradores como a perfuração, carregamento de materiais — pedras e rochas, etc.¹⁵¹ Dona *Ada*, por sua vez, trabalhou nas minas carregando materiais para o exterior em carrinhos, o que afetou seus ossos, sendo que a própria queda que sofreu há alguns anos foi provocada pelo abuso de álcool, substância muito presente em contextos mineradores. Também a lógica dessa atividade econômica torna difícil que os mineradores se ocupem em acumular poupanças ou contribuir para sua velhice. Tal quadro faz com que muitos mineradores *pirquineros* enfrentem sua velhice sem uma aposentadoria que os sustente no futuro. No caso de Dona *Ada*, ela recebe uma pensão paga pelo Estado chileno, a qual não é muito vultosa, o que dificulta ainda mais a complexa situação de doença.

Nesse contexto, deve-se interpretar o seguinte comentário da Dona *Ada*, quando em uma oportunidade me solicitou que cortasse as unhas de seus pés porque não conseguia fazê-lo, pois seus quadris não permitiam que ela se agachasse. No momento em que lhe prestei aquela pequena ajuda me olhou com tristeza, dizendo que quando tinha minha idade ela conseguia cuidar de seus pés e mantê-los tão bonitos quanto os meus, que podia se acocorar e levantar as pernas. Ela acredita que seu sofrimento vai acabar, que vai conseguir descansar da dor quando morrer.

b) Dona Daniela, tempo doméstico e Deus

Na rua Isidro Dolarea há muitas casas abandonadas, e ver pessoas pelas redondezas não é muito comum. Mesmo assim, sempre havia uma mulher idosa sentada fora de sua casa, uma das poucas habitadas da rua. Com o decorrer do tempo, lembrei-me tê-la visto algumas vezes no negócio da esposa do *Fidel*, e também durante o pagamento dos aposentados que acompanhei em algumas ocasiões. Assim, um dia me aproximei dela, um pouco receosa porque ela mantinha uma face dura e séria e eu não sabia como me receberia. Ela me cumprimentou, e com o passar dos dias e do campo converteu-se em uma das minhas principais interlocutoras, pois eu a visitava muito em sua casa e a acompanhava em seus afazeres.

¹⁵¹ Asociación Chilena de Seguridad. ACHS: www.achs.cl

Foi assim que entrei em contato com Dona *Daniela*, cujo nome verdadeiro é *Hilda*, mas ela troca por *Daniela* porque não gosta do verdadeiro. Dona *Daniela* mora com o esposo, Dom *Pascual*, em uma das poucas casas habitadas dessa rua. A casa é frágil, construída, em parte, de tijolos de terra e em outras foram adicionadas madeiras, também (até deixar IDO em agosto de 2016) não estava conectada ao sistema de água, e a prefeitura lhes entregava tambores de água uma vez por semana. Na parte da frente da casa o casal colocou um toldo para se proteger do sol, um par de bancos e muitas plantas. Ali se sentavam para conversar ou passar a tarde, ficando de olho no que acontecia nas ruas do vilarejo. Dona *Daniela*, às vezes, se sentava para tricotar, lazer que ama e ensina para outras mulheres que queiram aprender tricô.

Dona *Daniela* não nasceu em IDO, ali chegou para trabalhar da cidade de *Vallenar*, e lá deixou a filha, a quem teve aos 14 anos, e foi cuidada pela sua mãe. Atualmente, a filha mora em *Santiago*, nunca morou em IDO, porém elas têm um bom relacionamento, mesmo não tendo vivido juntas.

Fotografia 48: Dona Daniela e Dom Pascual defronte de sua casa.



Fonte: Acervo da autora, 2014



49

50

51

Fotografia 49: Dona Daniela tricotando com uma amiga na porta de sua casa. Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 50: Dona Daniela ensinando tricote na porta de sua casa. Fonte: Acervo da autora, 2014

Fotografia 51: Detalhe do tricô feito pela amiga de Dona Daniela. Fonte: Acervo da autora, 2014

Quando chegou ao vilarejo trabalhou como garçõnete nos locais de propriedade, à época, de Dom *Dago*, um dos atuais donos de armazéns em IDO. Foi nesse lugar que conheceu seu esposo, Dom *Pedro Pascual*, originário do vilarejo. Assim, juntaram-se e Dona *Daniela* o acompanhou aos diferentes lugares nos quais ele arranjava trabalho. Dom *Pascual* é *pirquinero* desde criança, aprendeu com seu pai. Desde tenra idade enfrentou a vida dura dos mineradores, e cresceu assim, pois ficou órfão de mãe muito pequeno. Por causa disso, diz Dom *Pascual*, ele era muito rude, era muito mau, sempre estava procurando brigas, inclusive carregava uma faca na bota para se defender.

Dona *Daniela* sempre se manteve ao seu lado porque era seu esposo, trabalhando nas minas como cozinheira, ou ajudando a escolher minérios nos desmontes que ficavam fora das minas. Naquele tempo, ambos bebiam, costume comum dos mineradores, e gastavam todo o dinheiro obtido com o trabalho. No entanto, ela desejava uma mudança, motivo pelo qual começou frequentar a igreja evangélica, uma igreja que atualmente está fechada no vilarejo. Também queria mudança na vida do seu esposo e sempre o convidava para ir à igreja com ela. No começo, Dom *Pascual* se negava, porém sofria muito de dor nas costas porque tinha caído três vezes nos morros *pirquineando*, tendo dificuldade para caminhar. Assim, após os conselhos de sua esposa, decidiu ir à igreja. Foi aí que o pastor solicitou a todos que fizessem seus pedidos a Deus, e Dom *Pascual* pediu que, se Deus existisse, sanasse sua dor, sua doença. Naquele momento sentiu da parte final da cabeça um choque como se fosse um choque elétrico, curando-se. Depois dessa experiência, Dom *Pascual* se converteu, segundo ele Deus lhe mostrou a vida de pecador que levava e lhe ofereceu uma melhor, servindo ao seu magistério. Foi assim que entrou na igreja e se acalmou. No entanto, nove anos depois conheceu uma mulher e deixou a sua esposa *Daniela*, ficando quatro anos vivendo com a outra. Naquele tempo ficou de novo no mundo e longe de Deus, disse-me.

Aquele evento mudou a vida de Dona *Daniela*, e ela o relembra com pesar e raiva. Ele a deixou por três anos e oito meses. Ele foi embora da casa para morar com a outra mulher num local muito perto dela. Dona *Daniela* sofreu muito por causa disso, e durante três meses não saiu da casa, apenas se levantava. Alguns amigos tentavam animá-la até que conseguiu um emprego e melhorou muito. Mesmo com o sofrimento, Dona *Daniela* sempre acreditou que Dom *Pascual* voltaria, porque era seu esposo e estavam casados pela igreja evangélica. E foi o que aconteceu. Dom *Pascual* deixou a outra mulher e voltou para sua esposa.

Dona *Daniela* me disse que o perdoou porque era seu marido. Porém, às vezes, tive a impressão que ainda sente ressentimento, sentimento direcionado àquela mulher, pois em algumas ocasiões ela me perguntava se eu tinha visto a mulher ou se ela estava em tal ou qual lugar. Para Dona *Daniela* essa mulher fez bruxaria para seu esposo, por isso ele a deixou. Essas explicações permitem ver como as relações de gênero ocorrem no povoado e como nessa construção as mesmas mulheres reproduzem os estereótipos de dominação mencionados.

Ao retornar a IDO, em 2016, a situação econômica do casal era difícil, pois Dom *Pascual* estava sem trabalho há vários meses¹⁵², e se mantinham por meio da pensão de velhice que recebe Dona *Daniela* e às *galladas*/bicos que ambos podiam arrumar. Ela lava e costura para outras pessoas, especialmente para os trabalhadores que chegam a IDO. Assim, algumas vezes, quando os visitava, Dom *Pascual* se encontrava trabalhando ou vice-versa. Aliás, não era amiúde. Quase sempre estavam em sua casa, Dona *Daniela* fazendo alguma tarefa doméstica e Dom *Pascual* no quarto. Dessa forma, compartilhei muitos momentos com ela, bebemos muitos chás. Quase sempre a acompanhava quando preparava pão para receber os pastores que, todas as terças-feiras à noite, vinham de *Diego de Almagro* para se reunir. Ela sempre os convidava ao finalizar a reunião para tomar café de tarde em sua casa. Muitas vezes fui convidada, porém me escusei educadamente.

A cotidianidade de Dona *Daniela* se passa assim, entre os afazeres domésticos e a sua participação na igreja. Da casa é ela que dá conta; alimenta os animais que têm, faz a comida, lava a roupa, limpa. Também é a responsável por fazer as compras e os trâmites. Nunca vi Dom *Pascual* envolvido com esse tipo de tarefas¹⁵³, lembro uma ocasião em que Dona *Daniela* pediu-lhe para dar comida aos cachorros, mas rapidamente acrescentou “desculpa, que te mande *Pascual*”, o que mostra que os papéis de gênero estão bem delimitados para eles. Em relação à igreja, ela ajuda nas reuniões, limpando- a e preparando a comida que oferecem aos pastores ao finalizarem esses encontros religiosos. Dom *Pascual* se dedica exclusivamente ao seu labor na igreja, de pregar, de estudar e ensinar a bíblia.

¹⁵² Ver Capítulo 3.

¹⁵³ Idem.

Fotografia 52: Dona Daniela e Dom Pascual (centro) junto aos pastores.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Uma das tantas vezes em que acompanhei Dona *Daniela* enquanto amassava o pão, ela me confiou que se sentia cansada. Pensava que já não deveria passar por essas exigências, inclusive me falou que gostaria de ter mais tempo para, por exemplo, participar dos clubes de idosos do povoado. Ao invés devia se preocupar com a casa e resolver problemas econômicos. Aproveitei para lhe perguntar sobre a velhice, porém ela diz não gostar dela, esclarecendo que não está velha. Com a velhice se sente cansada, sente dor nas pernas por passar muito tempo em pé, e, sobretudo, sente que com a velhice perdeu a sua beleza de juventude. Quando me falou sobre isso se lembrou do sofrimento que passou quando Dom *Pascual* a deixou pela outra mulher. Essa mulher é muito mais nova que ela.

Através das continuas conversas que mantive com Dona *Daniela*, observei os estereótipos de gênero que prevalecem no vilarejo, e como esses eram reproduzidos tanto pelos homens quanto pelas mulheres, constituindo a “dominação masculina” discutida por Bourdieu (2002). Outrossim, percebi os estereótipos de idade presentes no povoado, agudizando-se nelas, uma vez que as mulheres são mais cobradas que os homens (Osorio, 2008). No caso de Dona *Daniela*, esses estereótipos exigem que se mantenha bela, demandam que seu corpo, por ser feminino, performative beleza. A beleza do corpo feminino corresponde a uma imposição cultural (Butler, 2013),

incompatível com a velhice, segundo a fala de Dona *Daniela*. Assim, ser velha, é ser feia.

Novamente constatamos que, a velhice se torna um problema mais externo que interno (Billé e Martz, 2010). Vou me servir de outra cena etnográfica para aprofundar esse tema. Em uma ocasião, na qual acompanhei Dona *Anita*, outra interlocutora, para fazer um trâmite, passamos pela frente da casa de Dona *Daniela*. Elas se cumprimentaram, e *Daniela* lhe perguntou se os pés dela ficavam inflamados — pelo efeito de caminhar e de usar bengala — e Anita disse que sim. Então Daniela declarou que ambas estavam velhas. No entanto, *Anita* não se interessou muito pelo comentário. Diante do desinteresse, *Daniela* lhe perguntou quantos anos ela tinha e *Anita* respondeu 60, porém, *Daniela* riu e esclareceu que não, que tinha 70. *Anita* confirmou rapidamente e pegou meu braço para irmos embora. *Daniela* nos contou que brevemente faria 70 anos, aliás, que o importante era chegar bem a essa idade, não chegar como *Anita* que tem problemas e dores nas pernas. *Anita* olhou-a fixamente, mas não fez comentário algum e fomos embora. Muito além de pensar que Dona *Daniela* tinha sido descuidada com seus comentários, um pouco agressiva, dei-me conta de que o problema não está dado porque Dona *Anita* tinha problemas e dores nas pernas, pois Dona *Daniela* também os tem, produto de uma queda ocorrida há alguns anos. O elemento que as diferenciava, e que Dona *Daniela* sentiu a necessidade de destacar, era o uso da bengala por parte de Dona *Anita*. A bengala agia como sinal evidente que distinguia Dona *Anita* como idosa, velha. Tal como se percebe no seguinte diálogo:

E: ¡No! ... me daría vergüenza andar en la calle con burro, ya me veo ya... (risas)/ Não!... ficaria com vergonha estar na rua com o carrinho, imaginou-me... (risos)

I: ¿Por qué?/ Por que?

E: ¡No!, imagínese, me daría vergüenza. A lo mejor estando más vieja, pero no voy a estar aquí ya¹⁵⁴/ Não!, Imagine, ficaria com vergonha. Talvez quando seja mais velha, mas não vou estar aqui já.

I: ¿Le daría vergüenza porque se vería más vieja?/ Fica com vergonha porque pareceria mais velha?

E: Si po'!/ Sim!

I: ¿y no le gusta que piensen que es vieja?/ E não gosta que as pessoas pensem que está velha?

E: No porque uno ya llega a edad y ya después, usted sabe que después la juventud, mira la vieja tal por cual...y ellos no saben que van pa' lo mismo/ Não porque a gente fica de idade e depois já, a senhora sabe que depois a juventude, olha a velha...e eles não sabem que vão ao mesmo.

¹⁵⁴ Segundo Dona Daniela, por intermeio de um pastor, Deus lhe disse que viveria até os 80 anos.

I: Si po', por eso le pregunto/ Sim, por isso lhe pergunto.

E: Si po', no, no me da vergüenza estar...tener edad, lo malo es que después uno queda inutilizada a los 80 años ya. /Sim, não, não fico com vergonha de estar...ter idade, a coisa má é que depois a gente fica inútil aos 80 anos já.

I: Ah...¿entonces usar alguna cosa era como perder actividad? /Ah...então usar alguma coisa era tipo perder atividade?

E: Si po', las pierde uno. / Sim, a gente perde.

I: Era como pa' peor a la larga/ Era para pior?

E: Si po', ve que después uno queda como guagua/ Sim, porque depois a gente fica como bebê.

Dessa forma, o corpo, sua boa conservação e a expressão disso devem se manter dentro do modelo normativo dominante na estrutura social, esse modelo normativo impõe a obrigação de se envelhecer bem. Segundo Billé e Martz (2010, p. 110), envelhecer bem, ter um envelhecimento com sucesso, significa adotar um *look* específico. Desse *look* específico faz parte não usar bengala e, no caso das mulheres, serem belas. Usar bengala provoca vergonha, pois não é um comportamento social aceito; ser velho. (Elias, 1993).

A vida de Dona *Daniela* está marcada pelo sofrimento e pela dor. Teve uma infância difícil, quase não conheceu a seu pai porque ele bebia muito e ela sofreu maus-tratos por parte dos novos companheiros de sua mãe. Em tenra idade precisou trabalhar, foi mãe na adolescência e sua filha foi cuidada e reconhecida por sua mãe. Mesmo assim, trabalhou para ajudar na sua educação. Em IDO se casou com Dom *Pascual*, com quem passou bons e maus momentos.

Tentei aprofundar a conversa sobre a vida de Dona *Daniela* em IDO, por meio do trabalho com as imagens¹⁵⁵, no entanto, ela declarou que nenhuma dessas fotos tinha sido significativa para ela, porque só lhe traziam à tona lembranças ruins. Durante a conversa ela disse que em IDO não tem sido feliz. Além disso, as fotos não mostram lugares onde ela tenha estado, como as minas nas quais trabalhou. Lembrou-se especialmente da *Samarca*, mina onde trabalhou com seu esposo e um *viejito*/velhinho que somente identificou como “o sapateiro”. Na *Samarca* acordava às cinco horas da madrugada, depois de tomar o café da manhã ficava até as 11h trabalhando nos desmontes. Somente parava para preparar o almoço. Aquele *viejito*/velhinho a tratava muito bem, quase como filha. Infelizmente, ele faleceu há tempo e somente resta a informação sobre seus serviços de sapateiro na porta da que foi a casa dele. A informação indica: *Repara calzado sólo con pago inmediato/ Conserta calçado só com*

¹⁵⁵ Ver Capítulo 1.

pagamento imediato. Aquela casa se localiza na frente da casa de Dona Daniela, e ela sempre a olha com nostalgia.

Fotografia 53: Casa abandonada do sapateiro, amigo de Dona Daniela.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 54: Informação colocada na porta da casa do Sapateiro, amigo de Dona Daniela.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Em 2016, quando voltei ao vilarejo, Dona *Daniela* enfrentava uma situação econômica difícil, agudizada pela velhice, era-lhe difícil arranjar algum trabalho, e além disso ela sentia vontade de descansar e se distrair. Também enfrentava os estereótipos de gênero e de idade acima descritos. Em síntese, a vida de Dona *Daniela* não tem sido fácil, porém ela agencia sua cotidianidade, apoiando-se, sobretudo, em Deus.

O estreito vínculo que Dona *Daniela* tem com Deus a ajudou a superar as dificuldades da vida, assim sempre acreditou que seu esposo voltaria porque estavam casados diante de Deus. Também se consola nele para vencer as dificuldades econômicas que atravessaram em 2016, atribuindo as situações boas que aconteciam a bênçãos divinas. Em uma ocasião me recebeu com um grande sorriso no rosto, situação incomum, e me contou que estava muito contente porque em breve iria se entrevistar com uma pessoa que poderia lhe dar trabalho como faxineira. Somente por ter essa possibilidade já sentia que Deus a estava ajudando. Isso eram as bênçãos que Deus lhe mandava.

c) **Dona Ana tempo doméstico e imaginação**

Conheci a Dona *Anita* na praça. A esposa de *Fidel* já tinha me falado sobre a tia de alguns de seus sobrinhos, que era uma “velhinha” muito simpática. Pensei em ir diretamente a casa dela, mas não foi necessário, pois ela é uma pessoa muito sociável e ficamos conversando na praça.

IDO não tem uma feira estável. Durante 2014 somente uma banca de verduras e frutas era montada todas as sextas-feiras na praça, a cargo da Dona *Felicia*. Ela vinha da cidade de *Copiapó* para vender no povoado; porém em 2016 me contou que tinha desistido porque as vendas não eram razoáveis. Também em 2014, no dia do pagamento dos aposentados, comerciantes de *Copiapó* ou *Chañaral* montavam três bancas de roupa e brinquedos. Em um daqueles dias conversei com Dona *Anita* que se encontrava nas bancas olhando as ofertas, enquanto dávamos nosso parecer sobre as mercadorias elogiei sua bolsa de cor vermelha e ela me falou que era feita de escamas de peixe. Assim, conversamos um tempo e de forma muito amável nos despedimos. Nas sextas-feiras seguintes, em que acompanhei Dona *Felicia* enquanto ela trabalhava, continuei me encontrando com Dona *Anita* e, aos poucos, a relação começou a se aprofundar. Às vezes a acompanhava com as sacolas até sua casa para que não carregasse peso, e um dia ela pediu-me ajuda para levar umas cascas de verduras para as galinhas de Dona *Elsa*, uma de suas melhores amigas em IDO. Nessas conversações, e nas vezes em que me convidou para o café de tarde, pude conhecer um pouco sobre sua vida.

Fotografia 55: Dona Anita (sentada) na feira.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Anita nasceu em um povoado localizado na terceira região, *Combarbalá*, mas prematuramente, por volta dos quatro anos de idade, teve que se mudar para *El Salado* com sua irmã mais velha porque a mãe delas faleceu. Segundo *Anita*, ela morreu de tristeza porque o pai não a tratava bem, bebia muito e gostava de sair com mulheres sem se preocupar com a mãe.

Em *El Salado* a irmã da *Anita* conheceu seu marido, *David*, e os três foram morar na cidade de *Tal Tal*, lugar onde seu cunhado trabalhava. A irmã da *Anita* trabalhava antes de se casar, mas o esposo não deixou que continuasse depois de casada, assim ela dedicou-se a cuidar da casa e dos seis filhos. Como *Anita* tinha crescido e ainda não tinha se casado se empregou como trabalhadora doméstica em diferentes casas e nesse tempo teve seu primeiro filho. Continuou solteira até conhecer *Francisco* que se responsabilizou por seu filho. Com ele, chegou para viver em IDO nos anos 1980.

Francisco trabalhava como zelador de noite em uma das usinas de tratamento mineradora que existia na época e, de forma semelhante a seu cunhado, não a deixou trabalhar, de modo que ela ficava na pensão onde se hospedavam. Dona *Anita* lembra que nessa época não passou bem, pois na pensão havia um homem que gostava muito de beber e convidava a todos seus amigos a fazê-lo no hotel. Então, *Anita* ficava com medo de sair de seu quarto e permanecia o dia todo sem comer até a volta do esposo. Quando *Francisco* voltava, xingava-a por não ter cozinhado.

*Cuando llegaba él, recién iba a tomar té y él me retaba porque no había cocinado y yo le decía cómo iba a salir si Juanito tenía ahí el encierro po' oiga, yo le dije que no podía salir po' Pancho¹⁵⁶, mucha gente curada¹⁵⁷ ahí. Era todos los días. / Quando ele chegava ia beber chá e ele me xingava por não ter cozinhado e eu falava para ele como ia sair se *Juanito* estava bebendo, eu lhe disse que não podia sair pois *Pancho*, muitas pessoas bêbadas aí. Era todos os dias.*

A presença do álcool continuou na vida da *Anita*, pouco depois o esposo começou a beber de tal forma que deixou de trabalhar, época que foi difícil. Por causa da bebida ele destratava *Anita*, às vezes ficava com ciúmes quando ela atendia os amigos que ele mesmo convidava para virem a casa deles e gritava com ela. O filho da *Anita* era muito pequeno e, segundo ela, não podia auxiliá-la. Após essa crise o esposo voltou a trabalhar e conseguiram comprar a atual casa onde *Anita* mora.

Francisco faleceu, segundo *Anita*, de *viejito/velhinho*, porque era mais velho que ela. Ficou doente e teve de ser internado no hospital de *Diego de Almagro*. Após o falecimento do esposo, *Anita* ficou um tempo com sua irmã em *Copiapó* e quando voltou a sua casa chorava muito pela perda, então seu filho lhe disse que se não conseguisse se controlar teria de enviá-la de novo à casa da irmã. Assim, *Anita* decidiu ficar mais tranquila, pois não queria deixar seu filho sozinho em IDO.

As falas com Dona *Anita* mostraram-me novamente como as mulheres em IDO se importam em cumprir seus papéis, tanto na condição de esposas, quanto de mães. Levar adiante esses papéis faz parte de ser mulher, mesmo com os problemas e até os maus-tratos por parte dos esposos. Para *Anita* isso tem tanta relevância que quando acabou de narrar sua vida junto a seu esposo salientou que essa era a história que tinha para me contar. Ela não considerava importante falar sobre as vivências após o falecimento do esposo, nem as experiências cotidianas. Para tanto, precisei direcionar as conversas.

Durante os momentos divididos, os chás compartilhados, soube que o esposo de Dona *Anita* era muito autoritário com ela, não a deixava sair, nem trabalhar, por conseguinte, quando ele faleceu ela começou a sentir mais vontade de sair. Mostrando que após viuvez os vínculos sociais são modificados e, no caso das mulheres, pode significar uma liberação (Osorio P. et al, 2014). Porém, mesmo assim, sempre tomou cuidado para que suas saídas não fossem sentidas pelo filho, pois com a morte do

¹⁵⁶ Pancho: apelido de Francisco.

¹⁵⁷ Bêbada.

esposo, foi o filho quem passou a ser o homem responsável por ela e por ele deve se cuidar. Esse cuidado especial dá conta dos elementos que fazem parte da construção de gênero no vilarejo e, neste caso, da viuvez. Construção que prioriza o cumprimento dos mandatos tradicionais de gênero para as mulheres. No entanto, graças a *Anita* conheci como elas podem agenciar na sua vida cotidiana aquela estrutura social, sem entrar em conflito.

Dessa forma, depois de um tempo de viuvez, *Anita* conheceu Dom *Juan Rojas*¹⁵⁸ ou *el guatita*/ o barriguinha, seu atual namorado.

Certa vez, Dona *Anita* se encontrava nos afazeres da casa, e ouviu que alguém a chamava da rua, aproximando-se para ver quem era encontrou-se com Dom *Juan Rojas*. Ele lhe perguntou se estava sozinha e dada a resposta positiva, mencionou que almoçaria no lugar onde estava trabalhando, um moinho. *Anita* me disse que entendeu a “indireta” e quando o viu caminhar em direção ao moinho, fechou a casa e o seguiu. Dessa forma, se iniciou o namoro.

Y no me da la chifladura, que todos los días iba pal molino, ella la muy fresca iba todos los días pal molino, muy chistoso. Y el hijo de la señora que vivía allá, Doña Mirta me preguntó, y pa´ donde vas todos los días, ¡tupido y parejo! (ríe) Y yo le dije; ¡oiga! eso no se cuenta. ¡Si!, sinvergüenza me decía el hijo de Doña Mirta. / E não fiquei louca, todos os dias ia pro moinho, ela a mais audaz ficava indo todos os dias pro moinho, muito engraçado. E o filho da senhora que morava lá, Dona Mirta me perguntou, e pra onde vai todos os dias! (ri) e eu lhe falei, isso não se conta! Sim! sem vergonha me dizia o filho da Dona Mirta.

Cabe destacar o fato de Dona *Anita* considerar uma loucura haver aceitado a proposta de Dom *Juan Rojas*. Por que? A resposta está na estrutura social de dominação masculina predominante no vilarejo. Essa estrutura estabelece que as mulheres devem ficar no espaço doméstico, cumprindo seus papéis de gênero. A decisão de *Anita* de seguir Dom *Juan Rojas* contraria esses papéis, portanto, ela teria perdido o juízo.

Anita gosta dele, mas sabe que deve tomar cuidado para ele não se zangar, por causa disso, quando Dom *Juan* se ausenta do povoado por motivos de trabalho, ela prefere ficar tranquila em sua casa e não sair. Isso para evitar boatos que poderiam fazer Dom *Juan Rojas* pensar que ela faz coisas indevidas relativas ao relacionamento. Lembra que, antes de namorar com ela, Dom *Juan* ficou muito tempo com outra mulher

¹⁵⁸ Ver Capítulo 4.

e, certa vez, quando ele voltou ao povoado de uma viagem, um amigo lhe contou que ela o tinha traído. Ele se irritou muito, e houve, depois, uma situação de violência.¹⁵⁹

Anita não reflete sobre essa violência por parte de Dom *Juan* com essa mulher. Ela prefere evitar esse tipo de situações e negociar de outra forma, e para evitar problemas ela simplesmente priva-se de sair. Depois me contou que eles brigaram uma vez por causa de uma situação semelhante; ela tinha saído para visitar um homem com quem “eram mais que amigos” e alguém contou a fofoca para Dom *Juan*. Por causa disso, eles terminaram. Aos poucos, voltaram a namorar, mas ela sempre está em guarda quando ele está bêbado, ela sempre pensa que ele pode “ficar louco”. Graças à experiência que vivenciou com seu esposo, quando ele ficava bêbado, aprendeu que deve tomar cuidado com esse tipo de situações. Mesmo que os atos de violência sejam explicados por *Anita* como parte da loucura que envolve os homens quando estão bêbados ou pelo fato de serem “ruinzinhos”, não faz parte das experiências que tenha vontade de repetir, pois ela aguentou o esposo somente por ser seu esposo.

Como se observa, na narração da vida de Dona *Anita* os papéis de gênero permanecem em constantes tensões, e as relações de gênero estão sempre em contínuas negociações. Nelas, a violência, por parte dos homens, está presente e também as expectativas sobre um comportamento adequado por parte das mulheres. Essas relações de gênero fazem as mulheres acreditar e se servir da denominada “intuição feminina”¹⁶⁰ (Bourdieu, 2002, p. 42) que, para esse autor, é inseparável da estrutura da dominação masculina. Assim, as mulheres, como no caso de *Anita*, aprendem a observar e “ficar de olho”, objetivando prever os desejos ou pressentir os possíveis desacordos com os homens.

Nas histórias de *Anita* também coloca-se uma questão importante de ser pensada e que está relacionada não somente aos papéis da mulher, mas também aos papéis dos idosos e sobre sua sexualidade.

Em determinada noite estava jantando com *Fidel* e sua esposa e eles começaram a falar sobre a vida sexual dos idosos. A esposa de *Fidel* ria muito, pois julgava que os idosos não tinham relações sexuais porque o corpo, simplesmente, não os acompanha,

¹⁵⁹ Graças à confiança que construí com *Anita*, ela me contou episódios da vida de Dom Juan Rojas que, por questões éticas, não posso reproduzir aqui.

¹⁶⁰ As mulheres em IDO precisam ter essa “intuição” para poder se movimentar nas relações de gênero. Aprendizado que eu, enquanto mulher não possuo e sou questionada. O leitor pode reler a cena etnográfica, narrada no capítulo 1, na que fui criticada pela esposa de *Fidel* por pedir conselhos frente ao comportamento de um idoso.

de forma que os relacionamentos, nessa idade, correspondiam somente à companhia e ao carinho. *Fidel* a confrontou dizendo que dependia das pessoas porque ele conhecia alguns idosos que se mantinham ativos e que sabiam escolher as mulheres para isso. Segundo ele, esse tipo de falas faz parte dos temas que se conversam entre homens e que nenhum dos idosos iria falar isso para ela. Sua esposa ficou muito intrigada e acredito que um pouco em choque, *shock*, sobretudo pela visão preconceituosa que ela tem da velhice como etapa da vida ruim, sem vida sexual, da presença de doenças e também pela visão idealizada sobre um bom comportamento, um comportamento idôneo dos idosos. Eu já tinha ouvido histórias que alguns dos idosos faziam sexo com algumas mulheres do povoado enquanto as esposas saíam para outras cidades, inclusive que pagavam a algumas delas para isso. Contudo, minha posição dentro do povoado e a forma como eles me tratavam não me permitiram conseguir entrar nesses detalhes com eles.

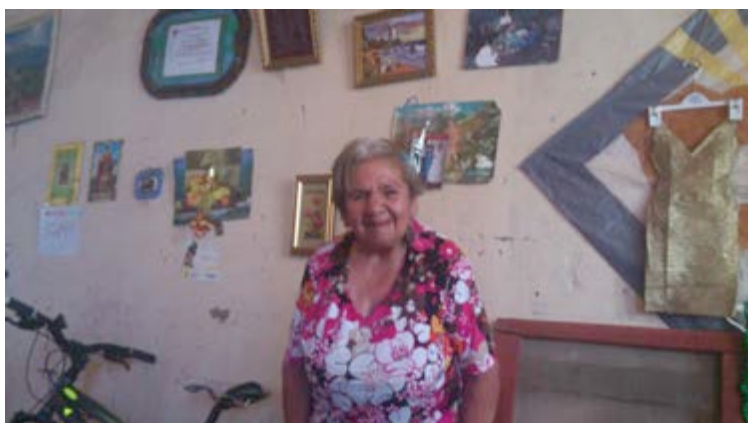
Na verdade, o tema dos relacionamentos amorosos e da sexualidade dos idosos correspondeu um tema difícil de abordar com eles, isso pela forma como fui percebida em campo e a fronteira que representei¹⁶¹. Por exemplo, *Anita*, mesmo tendo feito muitas confidências, pediu-me licença para relatar uma história que envolvia prostitutas. Assim, somente consegui me aproximar desse tema através de algumas de suas falas.

Em uma dessas conversações contou-me uma situação vivenciada com seu namorado, Dom *Juan*. Nessa fala, ela o repreendeu por um comportamento errado, esclarecendo-lhe que se tivesse um filho dele, ele deveria reconhecê-lo. No entanto, ela não podia engravidar porque já tinha se operado para não ter mais filhos. Neste sentido, *Anita* afasta-se da visão tradicional em relação a uma idosa mulher, por um lado ela tem namorado, e não é um namoro somente de companhia e carinho, também existe sexualidade. Por outro lado, *Anita* não parece compartilhar essa visão, porque não ter filhos com Dom *Juan* não se deve a sua idade senão porque decidiu não ter mais filhos ao se operar.

Através dessa conversação com seu namorado, percebi que não faz parte da vida cotidiana de *Anita* se importar com a idade ou a velhice. E constantemente ela cria estratégias para sair do monótono que pode se converter a rotina diária. Imaginando-se de outra forma, sonhando-se de outros modos. A imaginação lhe permite se pensar de outra forma (Martins, 2008) por meio da criação, em sua vida cotidiana, de tempos

¹⁶¹ Ver Capítulo 1.

fictícios que faziam parte de sua duração (Eckert e Rocha, 2011). Assim, não sentia vergonha de ser fotografada, solicitando-me constantemente que lhe tirasse fotografias, nem de se olhar nelas, pois sempre me pedia que as levasse. Nelas, gostava de aparecer com objetos que considerava belos e importantes, como se vê nas fotos a seguir:



Fotografia 56: Dona Anita junto a suas fotos e imagens. Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 57: Dona Anita mostrando seu adorno favorito, uma árvore, na mão. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 58: Dona Anita usando uma coroa. Fonte: Acervo da autora, 2016.

57

58

56

Durante o campo, em 2016, foi mais difícil dividir momentos com Dona *Anita*, pois ela estava morando com a família de seu filho. Por causa de uma forte queda sofrida quando se encontrava sozinha no seu lar, o filho de *Anita* decidiu deixar de trabalhar na cidade de *Tal-Tal*, na segunda região do Chile, e começar a *pirquinear* no setor do morro *La Isla*, muito próximo de IDO. A queda foi forte, e *Anita* ficou das 14 horas da tarde até a meia-noite deitada no chão sem conseguir se levantar, e então conseguiu se arrastar até a porta da casa, abri-la e gritar por socorro. Disse-me que pensou que ia morrer de frio ou mordida por ratos. Após esse episódio, o filho foi muito questionado e repreendido no povoado. Contudo, a esposa e os filhos dela se mudaram para a casa de *Anita*, em IDO, para que ela não ficasse sozinha.

Essa queda mudou a vida de *Anita*. Ela teve que assumir obrigações domésticas novas, como o cuidado dos filhos da nora e preparar almoço na ausência dela. Além disso, muitas vezes em que fui visitá-la não consegui ser atendida porque o volume da música que se escutava dentro de casa não permitia ouvir que eu estava batendo na porta. Em outras ocasiões, alguns dos filhos adolescentes da nora de *Anita* me recebiam e diziam que *Anita* estava dormindo, e então eu lhes solicitava que falassem para ela da minha visita. No entanto, quando conseguia me encontrar com *Anita* ela me contava que não havia recebido a informação. Dessa forma, nossas conversações se tornaram infrequentes, e quando nos encontrávamos *Anita* não se sentia à vontade para me convidar a visitá-la. Senti muito o distanciamento de *Anita*, porém não quis insistir para não a constrangê-la nem colocá-la em situações complicadas com sua família.

De forma semelhante, durante o campo de 2016, vi menos a *Anita* na loja de Dom *Juan Rojas*, pois ela permanecia quase sempre dentro de sua casa. Assim, as saídas de *Anita* se restringiram a situações muito específicas, por exemplo, sair antes de almoço para comprar alguma mercadoria, porém, eram saídas rápidas. Também deixou de ir receber o pagamento dos aposentados, nos primeiros dias do mês, pois seu filho conseguiu uma permissão especial para retirá-lo.

No mês de julho de 2016, a amiga de *Anita*, Dona *Elsa*, faleceu depois de uma grave doença que a prostrou na cama por vários meses. Como ambas eram muito amigas, ofereci-me para acompanhar *Anita* no velório a ser realizado na Associação Mineradora. Assim, nesse dia, cheguei na casa dela, *Anita* me convidou a entrar, estava muito abalada, mas continha sua tristeza. Pediu-me um copo de água com açúcar e me disse que também bebesse para sobrelevar a dor. Ela já tinha flores, as quais me passou

para carregar, pois ela não podia: com uma das mãos assegurava sua bengala e com a outra assegurava meu braço. Assim, caminhamos devagar até o velório.

Na associação mineradora nos encontramos com as filhas de Dona *Elsa*, as quais abraçaram *Anita* e choraram juntas. Elas a acompanharam até o caixão para que se despedisse de sua amiga, ela chorou sobre ele e recriminou-a por ter ido embora e não ter melhorado. Depois se sentou nas cadeiras, e eu procurei água para ela ao vê-la tão abalada. Fiquei ao seu lado, segurando-lhe a mão e abraçando-a enquanto ela chorava. Próximo das 18 horas perguntei-lhe se queria voltar, pois estava esfriando bastante. Os presentes assentiram, eles também estavam preocupados com a sua saúde dela. E então retornamos.

Poucos dias depois do enterro de Dona *Elsa*, *Anita* adoeceu de pneumonia e teve de ser hospitalizada em *Diego de Almagro*. Comentei esse fato com alguns dos meus interlocutores, Dona *Daniela* concordou comigo que *Anita* tinha adoecido por causa da tristeza. Porém, quando mencionei essa possibilidade a Dom *Marcelo*, ele falou que não, que ela tinha adoecido por causa da idade, por ser idosa. A diferença na interpretação do acontecido com *Anita* permite observar o processo civilizatório corporificado em meus interlocutores e o controle das emoções e sua relação com as construções de gênero (Elias, 1993).

Graças aos momentos compartilhados com *Anita* e as conversas que tivemos, acompanhei de perto a forma que ela tem de agenciar seu envelhecimento e sua velhice, o modo com que consegui negociar e cumprir com as demandas sociais do vilarejo no qual mora. Além disso, percebi o processo de transição de uma idosa considerada independente para uma idosa que precisa de maiores cuidados. A decisão do filho de trocar de trabalho, de levar a sua família para a casa da mãe, responde a sua preocupação pela mãe. Assim, por causa da queda que *Anita* sofreu, evidenciou-se que necessitava de mais apoio. Isso não quer dizer que ela tenha perdido sua autonomia, ela continua agindo dentro dos limites sociais aceitos, porém, através da história de *Anita* se observa como as relações de dependência são inevitáveis na vida social (Diniz, 2007; Billé e Martz, 2010).

d) Dona Clora - tempo doméstico e doença

Dona *Clodomira* - Dona *Clora* - foi uma das lideranças idosas que conheci em 2012, quando cheguei ao vilarejo para realizar as oficinas de fortalecimento organizacional¹⁶². Nesse período, ela participava ativamente no quadro diretivo da organização de idosos Anos Dourados. Quando voltei, em 2014, procurei-a e tive que ir até a casa dela, pois ela não sai muito. Depois de algumas voltas pelo vilarejo consegui encontrar a casa. Cumprimentamos-nos com carinho, ela se lembrava de mim, contei-lhe sobre minha pesquisa e ela aceitou fazer parte dela, ser uma das minhas interlocutoras. Nas vezes em que conversamos foi principalmente na casa dela, depois das 19 horas, pois durante o dia ela estava ocupada com os afazeres domésticos. Também dividimos alguns momentos durante a missa ou nas atividades da Igreja Católica.

Em 2012, Dona *Clora* estava muito envolvida com o quadro diretivo da Organização Anos Dourados, e em 2014 e 2016 estava afastada da liderança, principalmente por motivos de saúde. Ela sofre de uma doença hereditária — a Paraparesia Espástica¹⁶³ — que lhe provoca dores nas pernas e dificuldades para caminhar. Essa doença também acomete todos os irmãos de Dona *Clora*, não tem cura, disse-me ela, e piora com a passagem do tempo, até ficar em cadeira de rodas.

A doença se manifestou há aproximadamente seis anos, quando Dona *Clora* e Dom *Héctor*, seu esposo, estavam dançando em uma das festas que, às vezes, acontecem no vilarejo. Ela sentiu uma forte dor nas pernas, tanto que teve de deixar de dançar, sentar-se e esfregá-las. Naquela oportunidade soube que deveria começar a usar bengala. Quando a conheci, em 2012, já usava bengala, porém, quando voltei vê-la, em 2014, surpreendi-me ao vê-la mais pequena e mais encurvada, em contraste com seu bom ânimo e capacidade para administrar sua casa.

Dona *Clora* tem sido uma mulher muito ativa, chegou ao vilarejo da cidade de *Vallenar* e se casou, aos 16 anos, com Dom *Héctor*. Nessa cidade ganhou seus dois primeiros filhos, e trabalhou como secretária em diferentes escritórios. No entanto, por motivos de trabalho Dom *Hector* se estabeleceu em IDO, e depois de um tempo Dona

¹⁶² Ver Capítulo 1

¹⁶³ A doença- também conhecida como paraplegia espástica familiar ou hereditária (PEF ou PEH) - abrange um grupo de distúrbios neurológicos raros que afetam principalmente os neurônios motores superiores e causam rigidez e fraqueza nas pernas (Franco-Hernández, J., Muñoz, L. Ortiz, J. E García. A. 2013, p. 118).

Clora pediu para visitá-lo, pois a saudade era muito grande. E foi o seu cunhado, irmão de Dom *Héctor*, quem a levou ao vilarejo. Dona *Clora* nunca pensou em ficar em IDO, porém, quando chegou e viu o que se passava no povoado, a grande presença de mineradores e de mulheres ao redor deles, decidiu mudar-se para IDO, do contrário “ficaria sem marido”. Assim, em 1968 chegou a IDO e nunca mais foi embora — completava, então, 49 anos no vilarejo. Deslocar-se de cidade provocou mudanças no estilo de vida de Dona *Clora*. Em *Vallenar* tinha o costume de se divertir, sair às compras, ir ao salão de beleza, vestir saias curtas e sapatos de salto. Porém, em IDO teve de abandonar esses hábitos. O vilarejo não tinha esse tipo de oferta para as mulheres e a grande presença de homens tornava ariscado movimentar-se pelo povoado vestindo as roupas que costumava usar em *Vallenar*. Disse que quando saía a rua, falavam “chegou prostituta nova”. Foi a dona do hotel, onde ficou nos primeiros tempos no povoado, quem a aconselhou.

E: *Usted no se me va a poner más pantalones, ni mini aquí, tiene que ponerse una bata pintora como, las que se usan así y larga, que le tape las piernas!* A senhora não vai usar mais calças, nem minissaia aqui, tem que usar um avental, essas que se usam cumpridas, para que as pernas fiquem cobertas.

I: ¿Como un overol?/tipo macacão?

E: *No. una bata, una pintora, si se usan así, unas batas esas que se usan como la que andaba ayer!* Não, um avental, tipo pintora, usam-se assim, uns aventais que são usados, tipo o que tinha ontem.

I: ¡Bien tapadita! / Bem coberta!

E: *Nada de lucir nada de nada, porque eran muchos hombres y uno tentaba!* Nada de luzir nada de nada, porque eram muitos homens e a gente tentava.

Tempos depois mudou-se para a atual casa onde mora. Dona *Clora* salienta que, naquele tempo, o vilarejo diferenciava-se muito do que é na atualidade. IDO era muito movimentado, com mais vida social, festas e divertimento, toda uma oferta para os mineradores que trabalhavam nas redondezas do vilarejo. Na condição de esposa e mulher teve de enfrentar isso com coragem e agir quando devia, assim, quando o esposo não chegava em casa na hora programada dirigia-se ao local onde ele estava se divertindo e o esperava do lado de fora, na porta. Ele sempre apelava para a boa educação de Dona *Clora*, e pedia-lhe para não fazer escândalo, como as outras esposas que ficavam gritando na porta. Ele dizia que não fosse procurá-lo porque voltaria sozinho e cedo. Entre risos, Dona *Clora* me contou que lhe deu uma oportunidade, mas que ele descumpriu e nunca mais o deixou voltar sozinho.

Mesmo não tendo nascido em IDO, Dona *Clora* se sente muito *incana*. Destaca que chegou para morar no vilarejo quando habitá-lo era muito difícil. Não tinham água potável, a água lhe era trazida por seu esposo de *Potrerillos* graças ao trabalho que ele fazia como transportador. A luz elétrica somente durava até a meia-noite. Além disso, ela ficava sozinha no povoado, pois Dom *Héctor* ficava trabalhando em *Potrerillos* quase o tempo todo. Por isso ela disse que cuidou sozinha de seus filhos, sem familiares por perto, sem mãe nem sogra a quem recorrer.

Dona *Clora* teve cinco filhos e queria proporcionar-lhes as melhores oportunidades, sobretudo para suas duas filhas caçulas. Queria que elas estudassem e não ficassem somente como donas de casa, isso representava o caminho a seguir pelas mulheres no vilarejo. Desde crianças propiciou-lhes especial cuidado, não as deixava sair sozinhas para lado nenhum. Como seu esposo trabalhava fora, ela se apoiou muito em seus filhos mais velhos, eles tinham de cuidar as suas irmãs. Assim, as enviou para estudar em um internato na cidade de *Copiapó*, e conta, orgulhosa, que as filhas conseguiram se formar: uma é modista e a outra professora de jardim de infância. A preocupação pelas filhas mostra a mudança geracional feminina, podendo elas optarem a maiores oportunidades, sobretudo educacionais (Osorio, 2008).

Cuide mucho a mis hijas, cuando salían las iba a buscar, los hermanos mayores la acompañaban, no salían solas para ningún lado. No pololearon antes de casarse. Las cuide mucho, les di una buena educación. Habían muchos locales de prostitutas. Yo sabía que en la calle pasaban peligros/ Cuidei muitas das minhas filhas, quando saíam ia procurá-las, os irmãos mais velhos as acompanhavam, não saíam sozinhas para lado nenhum. Não namoraram antes de se casar. Cuidei-as muito, dei-lhes uma boa educação. Tinha muitos prostíbulos. Eu sabia que na rua passavam perigo.

Como o povoado carecia de muitos serviços, entre os quais maior oferta educacional para as crianças, Dona *Clora* se envolveu em muitas organizações para conseguir melhores opções, como a Junta de Vizinhança.

Yo anduve metida “más que dedo en la nariz”, porque yo empecé por la escuela, matriculé a mis niños aquí en la escuela, veía que en la escuela no hacían nada, en el centro de padres de presidenta, secretaria, tesorera, sino secretaria, presidenta, y así nos íbamos/ Estive metida “mais que dedo no nariz”, porque eu comecei pela escola, matriculei os meus filhos aqui na escola, via que na escola não faziam nada, no centro de pais de presidenta, secretária, tesoureira, senão secretária, presidenta, e assim ia.

Quando fez parte do quadro diretivo da organização Junta da Vizinhança recebeu a atual sede, momento captado na seguinte fotografia de seu acervo pessoal.

Tempos depois Dona *Clora* se envolveu na Organização de Idosos Anos Dourados. Segundo suas falas, essa organização nasceu da preocupação de uma das assistentes sociais que visitava o consultório de IDO, como parte da Política de Saúde da prefeitura de *Diego de Almagro*. Ela aconselhou a algumas idosas a criarem a organização ao perceber o descuido com que era tratada a população idosa do vilarejo. A assistente social motivou as mulheres a elaborar, por si mesmas, projetos para saírem, se divertirem e compartilharem entre elas.

Nessa organização Dona *Clora* sempre fez parte do quadro diretivo, foi secretária, tesoureira. Objetivando a continuidade da organização, havia o rodízio de cargos com as outras sócias, e foi assim que a conheci em 2012. No começo, os sócios se reuniam todas as semanas, concorriam com projetos no SENAMA, juntavam dinheiro para financiar atividades de lazer — viajar, ir à praia. Com o decorrer do tempo muitos sócios foram falecendo ou adoecendo e o grupo foi se dispersando¹⁶⁴. Também surgiram problemas pessoais entre as sócias, por exemplo, Dona *Clora* deixou de participar de algumas atividades, como tomar café de manhã juntos, pois ouviu críticas dirigidas a ela pelo fato de seu filho ter dinheiro e ser dono do Restaurante *Mi Pueblo*. Ela esclareceu que participava daquele tipo de atividades para compartilhar com os demais sócios e não por necessidade, porém não participaria de atividades nas quais se sentisse maltratada, preferindo ficar em sua casa onde estava tranquila.

Atualmente, Dona *Clora* participa como sócia do Clube de Idosos Mineradores, para o qual foi convidada a participar depois que a Organização Anos Dourados entrou em recesso¹⁶⁵.

¹⁶⁴ Ver Capítulo 2.

¹⁶⁵ Ver Capítulo 2.

Fotografia 59: Dona Clora (direita) em reunião do CAM Minerador.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Dona *Clora* sempre soube que chegaria o dia em que sua doença se manifestaria, e foi na velhice que se deparou com ela¹⁶⁶. Para além de enfrentar as mudanças corporais próprias do processo de envelhecimento, Dona *Clora* teve que sobrepor-se à doença. Isso não é fácil, pois se sente criticada e observada quando quer realizar atividades ou continuar com sua vida de forma normal. Por exemplo, como gosta de fazer compras em *Copiapó*, às vezes solicita carona na entrada do povoado, porque nem sempre o seu esposo ou seu filho têm condições de levá-la. No entanto, sua decisão, esse agenciamento em sua vida cotidiana, gera críticas. As pessoas acreditam que como a família tem dinheiro, ela não deveria fazer uso de tipo de estratégias própria das pessoas com menor poder aquisitivo. Ouvi muito esse tipo de comentários em IDO.

Esse é um dos motivos pelo qual Dona *Clora* não gosta de sair muito e prefere ficar em sua casa onde se sente tranquila. Ademais, salienta que quando sai percebe que os demais olham-na com lástima e isso a deixa mal. Ela sempre foi uma mulher muito ativa, por isso ganhou de seu esposo o apelido de “pulga”, e para ela é difícil se imaginar sem atividade, parada. Assim, mesmo com as dificuldades e as dores que lhe provocam a doença, ela continua encarregada de sua casa, limpando-a, lavando, cozinhando. Quando decide viajar a *Copiapó* para visitar uma de suas filhas, planeja

¹⁶⁶ A doença de Strumpell-Lorrain, pode se manifestar em qualquer idade. Por exemplo, a irmã caçula de Dona Clora adoeceu primeiro e já tem de usar cadeira de rodas.

bem tudo: deixa comida feita para Dom *Héctor* na geladeira; pensa como se vestir, por exemplo, quando vai a *Copiapó* usa calças, porque se, por acaso, cair ela não correrá o risco de mostrar algo que não deve, evitando situações constrangedoras.

Manter-se ativa é uma forma de agenciar sua doença porque ela sabe que se ficar parada será mais difícil recomeçar a se movimentar. De manhã tem dificuldade de se levantar, demora, aproximadamente, 15 minutos para fazê-lo. Dona *Clora* aprendeu que seu corpo precisa de tempo para se mexer, tempo que deve respeitar, do contrário não consegue. Por causa disso, prefere não ficar sentar muito tempo porque depois é muito difícil levantar-se. Esses agenciamentos contrastam com os frequentes conselhos que terceiros lhe dão — ficar calma.

Dessa forma, Dona *Clora* se adapta a sua nova condição, tentando manter seu modo de vida, mesmo com as dores, mesmo com a doença. Portanto, o uso da bengala tem sido central para ela, não só lhe provendo um suporte no qual se firmar quando caminha, mas também quando está parada. A bengala é usada por Dona *Clora* como parte de seu corpo. Ao assistirmos juntas a uma atividade na Igreja de *Copiapó*, observei como Dona *Clora* se movimenta com a bengala, tem uma forma de usá-la para subir e descer do ônibus, para atrair objetos para si. Também lhe atribui características humanas, por exemplo, na Igreja de *Copiapó* ela sentou-se deixando a bengala de seu lado, porém a bengala caiu. Apressei-me em pegá-la e devolvê-la ao seu lugar, mas Dona *Clora* brincou comigo, que eu ficasse calma com a “burra”. Ela chama de burra a bengala, dizendo que ela é boba e não entende, neste caso, não entendeu que era para ficar ao lado dela.

Fotografia 60: Dona Clora na Igreja de Copiapó.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

A bengala também lhe permite dançar, e Dona *Clora* me contou que continua dançando em festas familiares, apoiada na bengala. Porém, dança somente quando está em família ou em confiança, como a comemoração do aniversário do CAM minerador em 2015. Daquela vez que dançou com Dom *Marcelo*, rindo muito porque ambos estavam dançando com as bengalas. Esclareceu-me que não faz isso diante de todos no povoado, pois as pessoas ficariam falando e rindo dela.

Talvez pela situação em que a doença a deixou, Dona *Clora* é umas das poucas idosas que consegue conversar sobre o processo de envelhecimento e a velhice a partir de suas próprias vivências. Assim, reconhece e aceita as mudanças que a passagem do tempo têm deixado no seu corpo, falando sem demonstrar vergonha, rindo. Por exemplo, salienta que depois de ter amamentado cinco filhos, os seios caíram e ficaram pequenos, e brinca dizendo que “a força da gravidade a atingiu”. Também reconhece que seu rosto expressa sinais de velhice, pois está repleta de rugas e não adianta usar cremes. Diverte-se dizendo que tem “o deserto de *Atacama* na cútis, cheia de sulcos”. Assim, o corpo é o lugar onde o passado deixou sua marca (Fassin, 2007).

Conforme já se mencionou, para falar de envelhecimento e de velhice é preciso falar da passagem do tempo no corpo e das transformações que este experimenta ao longo desse tempo. Assim, Dona *Clora* confessa que durante sua vida teve de enfrentar muitas mudanças em seu corpo. Primeiro, a menstruação, a qual aprendeu a não tratar como doença e a continuar com as atividades normais. Isso em uma época na qual as

mulheres eram ensinadas a não se mexerem com o período, e até não tomarem banho ou não ficarem com o cabelo molhado. Depois veio a gravidez, posteriormente foi operada para não ter mais filhos, todas essas mudanças as vivenciou sozinha, pois estava longe de sua família e não tinha amigas com as quais pudesse conversar. Finalmente, experimentou a menopausa, porém disse que nem se deu conta, só sentiu dor de cabeça, mas acreditou que era cansaço.

Apesar de tudo, Dona *Clora* se sente e se declara uma mulher feliz. A família — tudo o que tem na vida — compensa as dificuldades que atravessa na velhice. Assinala que não pode fazer mais nada por sua doença, “então para que amargar a vida?”

Pero no le doy bola sinceramente, yo con lo que tengo soy feliz. Yo sabía que me llegaría esta enfermedad, así que me llegó no más. Yo ando con una mochila de dolores en la espalda, cuando me acuesto los siento todo. Me baño y los mando a la mierda y el viejo me pregunta con quién estás hablando, con estos dolores de mierda/ Mas não dou bola sinceramente, eu com o que tenho sou feliz. Eu sabia que chegaria esta doença, e chegou. Eu ando com uma mochila de dores nas costas, quando deito as sinto todas. Tomo banho e as mando a merda, meu esposo me pergunta com quem estou falando, com estas dores de merda.

e) Dona Paloma - tempo doméstico e fantástico

Benice nasceu na capital do Chile, *Santiago*, e por problemas com o pai de suas filhas, que não era o seu esposo, saiu da capital sem um destino fixo. A vida junto dele não era vida, e mesmo que tivesse uma boa situação econômica, que lhe permitisse permanecer em casa sem trabalhar e ter diferentes lazeres, decidiu deixá-lo, não queria que suas filhas continuassem assistindo aos maus-tratos. Era tanta a sua desesperança e a dor pela separação forçosa de suas filhas que não cogitou bem essa viagem, só pegou o primeiro ônibus que pode. Assim, chegou a cidade de *Los Andes*, distante uma hora de *Santiago*. Conseguiu um emprego que lhe disponibilizou também um teto, pois saiu de *Santiago* apenas com o que conseguiu carregar. Com a ajuda de uma voluntária de uma igreja, arranjou um emprego como doméstica. Com o tempo, soube por suas colegas, que mais ao Norte havia oferta de trabalho sazonal nas parreiras. Mesmo tendo trabalho, teto e comida, decidiu se dirigir a esse lugar, porque representava uma oportunidade para continuar viajando, distanciando-se da capital e do pai das filhas. Assim decidiu continuar a viagem e chegar para trabalhar na colheita de uva nas redondezas de *Copiapó*, dessa forma migrou para o *Norte Chico*. Com o decorrer do tempo ficou

sabendo dos lavadouros de ouro próximos a IDO, que eram muito conhecidos na década de 1980, pela grande quantidade de ouro que se podia obter.

Era un lugar donde había mucha gente trabajando, mucha, de otras localidades venían, había gente que decían que había ganado tanta plata que compraron vehículos, compraron casa, y dicen que era como la antigua California en Estados Unidos, me imagino yo porque, yo cuando llegue ya había mucha gente todavía, y todos nos alumbrábamos con pedacitos de vela, o con chonchos, parafina, los carritos con una mecha, entonces era un gusto mirar en la noche, todo así como callampitas chicas, alumbradas con los chonchos/ Era um lugar onde havia muita gente trabalhando, muita, de outras localidades vinham, havia gente que dizia que tinha conseguido tanto dinheiro que compraram veículos, compraram casa, e dizem que era como a antiga Califórnia nos Estados Unidos, eu imagino, porque quando cheguei já tinha muitas pessoas, e todos nos iluminávamos com pedacinhos de vela, parafina, então era gratificante olhar na noite, tudo se via como cogumelos pequenos, iluminados com as velas.

Benice decidiu ficar nos lavadouros de ouro mesmo sabendo que era arriscado pela grande quantidade de homens e porque muitas pessoas chegavam para se esconder da lei, da polícia, de alguma dívida, ou do pai das filhas, como ela. No entanto, teve a coragem de ficar porque havia outras mulheres. Aliás, *Benice* era a única que estava sozinha; as demais estavam em companhia de suas famílias e esposos. Por causa disso, *Benice* teve que aprender a se fazer respeitar pelos homens que abundavam nos lavadouros. Para tanto, teve de aprender a mostrar um comportamento rude ou falar com palavrões. O que contrastava muito com sua personalidade, porque ela tinha sido educada como uma “dama” por seus pais. No entanto, teve que se atirar para conseguir trabalhar e não ser desrespeitada. A necessidade das mulheres de adotar esse tipo de comportamento frente aos homens para se fazerem respeitar quando ingressam em territórios que não lhes são próprios ou nos quais a sua presença é questionada, depois ficou evidente. Certa vez *Benice* me perguntou como me relacionava com os homens do povoado, ou com os trabalhadores das empresas instalados em IDO. Disse-lhe que às vezes ficava difícil para mim, pois alguns tentavam ultrapassar os limites, perguntando-me onde morava e se poderiam me visitar e eu até havia tomado conhecimento da intenção de um deles de me convidar para jantar¹⁶⁷. O comentário dela foi que o povoado era assim, alguns homens eram impertinentes. Com eles não bastava ser indiferente, porque esse comportamento era lido como arrogância. Assim, ela tinha

¹⁶⁷ Ver Capítulo 1.

aprendido de que a melhor forma de pôr limites a esse tipo de homens era se colocar na mesma posição que eles, tratá-los da forma como eles costumam se tratar, de forma rude e com palavrões. Situação exemplificada no conto *Yo soy minera*, antes exposto¹⁶⁸.

Assumir essa nova vida trouxe muitas mudanças em *Benice*, para além dos palavrões e de deixar de ser “uma senhora”; seu corpo mudou pelo efeito do sol, amorenando-se até ficar irreconhecível. Assim, trabalhou sob o sol jornadas completas, em que devia filtrar a terra com água para que o ouro saísse. Uma vez feito isso, ela juntava suas pepitas e as levava a IDO para vendê-las. Fazer isso representava outro risco pelo fato de não ter companhia e ir a IDO caminhando. Saía à noite para não ficar sob o sol até IDO, inclusive os mesmos trabalhadores lhe diziam que tivesse cuidado, até porque ao caminhar pelos morros podia se encontrar com o leão da cordilheira, o *puma*¹⁶⁹. Porém, *Benice* conseguia chegar ao vilarejo e vender suas pepitas de ouro.

Nas estações favoráveis, descia a *Copiapó* e continuava trabalhando na colheita de uva, e assim “os anos foram se passando”. Nos anos 1990 os lavadouros começaram a se esvaziar e com o tempo já não valia a pena o investimento que a prefeitura e os organismos do governo faziam para mantê-los. Assim, as formas de assegurar a água para o trabalho acabaram, e com elas terminaram os lavadouros. *Benice* continuou na colheita da uva até não mais conseguir trabalhar, e desde então depende de sua pensão assistencial de velhice.

Dessa forma, *Benice* chegou a morar em IDO, em 1988 e ficou no vilarejo. Uma forma de sobreviver à grande mudança de vida que experimentou foi criando um apelido, pelo qual é conhecida no vilarejo, inclusive pelas autoridades regionais: *Paloma/Pomba*.

Foi com esse nome que a conheci, em 2012, quando trabalhei no povoado fazendo oficinas para as lideranças. Nesse ano não compartilhamos muito, pois ela não fazia parte das lideranças. Porém, em 2014, ela lembrava da empresa *Panaust* que tinha desenvolvido diferentes projetos no vilarejo, dos quais ela participou ativamente. Assim, certa vez que sai da casa de Fidel depois de almoçar, *Paloma* se aproximou de mim. *Fidel* havia contado a *Paloma* que eu estava fazendo um trabalho com os idosos. Naquele momento combinamos que a visitaria no dia seguinte em sua casa. Foi assim

¹⁶⁸ Esclareço que nunca cogitei em adotar esse tipo de comportamento frente a alguns homens. Para conseguir marcar os limites me servi do lugar da fronteira descrito no capítulo 1. Lugar que me permitiu me movimentar no povoado de forma diferente das mulheres de IDO.

¹⁶⁹ Ver Capítulo 2.

que conheci sua casa, a qual é composta de dois cômodos. Em um deles é a cozinha com fogão e geladeira, no outro uma pequena sala e no fundo seu quarto. A casa de *Paloma* é construída de material madeira, mas leve e muitas vezes o vento entra pelos buracos do teto. No entanto, o que mais me chamou a atenção foi a presença de livros. Foi o único lugar em IDO onde vi livros; livros de literatura, pequenas enciclopédias, jornais, etc.

Durante as nossas falas, observei uma diferença entre ela e o resto dos incanos, talvez produzido por um nível educacional maior ou pela curiosidade que tem de sempre querer aprender. Segundo ela, foi a boa educação que recebeu de seus pais que a diferencia dos demais. Essa educação lhe dá maior confiança e liberdade para se atrever a falar com qualquer um, de igual para igual, mesmo que seja autoridade ou filho de um vizinho. Não perdeu os bons modos trabalhando rude nos lavadouros de ouro, lá somente lançou mão de uma performance para sobreviver naquele contexto. Segundo ela, sua essência não mudou, e mesmo com sua idade tem vontade de aprender e conhecer. No entanto, isso provoca críticas por parte das demais pessoas, até se sentir isolada. Por isso, atualmente não participa de nenhuma organização no povoado, mas antes atuou na Junta de Vizinhança e também na Organização de Idosos Anos Dourados.

Todo eso, ha sido como un arma de doble filo también, la educación que yo tuve, ayer yo le conté de la soledad en que yo vivo y es debido a eso porque me hacen el vacío, y nunca me he sentido... me respetan claro, tengo mi espacio, jamás he sido pasar a llevar en palabras o hechos, que digan “no, fue la Paloma que dijo esto” no, o sea yo desvinculada de todo, si preguntas tú, vas a llegar a la conclusión de que es cierto lo que digo. Me conocen todos, el alcalde, gobernadores, el Departamento de la Cultura de Diego de Almagro, el de la cultura de Copiapó, acudí a los talleres de don Tussel Caballero¹⁷⁰ historiador, y poeta, entonces tengo mi espacio, y con eso me basta, el resto es leer, cultivarme leyendo en todo sentido de que todo lo que caiga en mis manos, el conocimiento de la economía a nivel mundial, encuentro que todo lo que uno vaya adquiriendo de por sí da empoderamiento, para hablar, escuchar captar la conversación, cual es la temática/ Tudo isso tem sido como um arma de duplo fio também, a educação que tive, ontem eu te contei sobre a solidão na qual vivo e é por causa disso porque não me falam, e nunca me senti...me respeitam claro, tenho meu espaço, jamais tem me desrespeitado em palavras ou fatos, que falem “não, foi a Pomba que disse isto”, não, quer dizer eu desvinculada de tudo, se tu perguntares, vais chegar a mesma conclusão de que é certo o que te falou. Todos me conhecem, o prefeito, governadores, o Departamento da Cultura de Diego de Almagro, o da Cultura de Copiapó, participei das oficinas de dom Tussel Caballero historiador e poeta, então tenho meu espaço, e isso me basta, o resto é ler, cultivar-me lendo tudo o que cair nas

¹⁷⁰ Autor do conto: *Yo soy Minera*.

minhas mãos, o conhecimento da economia a nível mundial, penso que tudo o que a gente vá adquirindo por si se outorga empoderamento, para falar, escutar, saber de que se trata uma conversação, qual é a temática

Dessa forma, as únicas atividades nas quais *Paloma* se envolve, e pelas quais é conhecida na região, são as que denomina culturais. *Paloma* é poeta e tem diferentes poemas publicados na região. Tem participado de diferentes concursos literários¹⁷¹, também atuou como extra em alguns filmes gravados no povoado. Atualmente, faz parte da Mesa de Trabalho de *Qhapaq Ñan*¹⁷², que vela pelo cuidado e resgate do caminho do Inca localizado perto do povoado. Em 2014, estando em IDO fui convidada por *Fidel* para assistir ao evento de entrega do plano de manejo do caminho à comunidade por parte do Conselho de Monumentos Nacionais. Nessa oportunidade me encontrei com *Paloma*, que também tinha sido convidada. Não foi a única vez que compartilhamos atividades culturais desse tipo. No mesmo evento do *Qhapaq Ñan*, o prefeito de *Diego de Almagro*, a quem fui apresentada por *Fidel*, convidou-me a participar de um Encontro de História Local que se realizaria naquela cidade no começo do mês de dezembro de 2014. Nesse encontro fomos as únicas participantes vindas do vilarejo.

Em 2016, quando voltei. *Paloma* me contou que tinha havido uma viagem à cidade de *Cuzco*, no Peru, como parte do projeto *Qhapaq Ñan*. Algumas pessoas do vilarejo conseguiram ir — *Fidel* e a diretora da *Escola Emperatriz Sepúlveda Landeros*. No entanto, *Paloma* não conseguiu ir. Com pesar ela me contou o acontecido e suas explicações do porquê ficou fora dessa atividade, a qual representava um sonho para ela.

Participar do projeto do *Qhapaq Ñan* mencionado, foi muito importante para *Paloma*, pois ela admira tudo o que tem a ver com a história local, a presença Inca na

¹⁷¹ No campo de 2016 ajudei a *Paloma* a concorrer ao concurso literário “*Confieso que he vivido*”, organizado pelo SENAMA. Ajudei-a a escrever o conto em computador e, posteriormente, mandei-o via e-mail. Quando já me encontrava em Santiago, pós finalizar o campo, *Paloma* me ligou para me contar que tinha vencido o terceiro lugar.

¹⁷² Em 2001 o governo do Peru convidou aos países vizinhos que também dividem o *Qhapaq Ñan* (Caminho Principal) a gerar a nível internacional o reconhecimento, a valorização, a conservação e a proteção dele e dos sítios arqueológicos associados. Em 2003 o Chile se uniu a esse trabalho por meio do Conselho de Monumentos Nacionais (CMN), entidade que organizou um trabalho envolvendo as populações próximas ao caminho. Em 2014 o *Qhapaq Ñan*, foi declarado patrimônio da humanidade pela UNESCO (www.monumentos.cl). Sob o abrigo desse trabalho nas localidades próximas ao caminho do Inca se organizaram diferentes mesas de trabalho, formada por pessoas das mesmas localidades interessadas em sua conservação. IDO também formou uma dessas mesas de trabalho, na qual participa Dona Benice.

região e os vestígios arqueológicos que deixou. Isso representa uma grande inspiração para *Paloma*, estudando muito sobre o tema, gerando uma pequena biblioteca com as informações reunidas — informação que depois plasma seus poemas.

Por isso, quando surgiu a possibilidade de viajar a *Cusco*, *Paloma* estava muito emocionada. Com esforço juntou o dinheiro para pagar a inscrição, o que lhe causou grandes privações — o valor representou quase 20% de sua pensão assistencial. Porém, conhecer *Cusco* valia mais que tudo isso. *Paloma* teve que ir no médico pois as pessoas que participassem da viagem deveriam estar em ótimas condições de saúde, pois o projeto previa grandes caminhadas e trabalho de campo. *Paloma* cumpriu com tudo, recebendo de um médico os atestados necessários.

A viagem foi planejada por uma nova organização criada entre pessoas de *Diego de Almagro* e IDO que tinham participado do projeto *Qhapaq Ñan*. E foi um membro da diretoria que avisou *Paloma*, quatro dias antes da viagem, que ela não poderia viajar, informando que em *Cusco* teria de caminhar mais de dois quilômetros e que não seria bom para a saúde dela. Desde o começo ela queria participar, mas as condições da viagem, de ônibus, e o itinerário muito carregado de atividades, não eram recomendáveis para ela. Segundo a fala de *Paloma*, essa pessoa não deu mais explicações e o sonho de viajar a cidade capital do Império Inca se desvaneceu. Essa situação a afetou profundamente. Com pesar me contou que depois disso passou longo tempo muito deprimida e com raiva, porque não entendia como nem porquê o seu sonho lhe tinha sido tirado. Com o passar dos dias concluiu que tinha sido discriminada por ser idosa, talvez essa pessoa considerasse que sua presença pudesse retardar o andamento da viagem e evento ou que pudesse sofrer algum colapso de pressão que dificultasse a marcha que fariam pelos sítios arqueológicos e redondezas de *Cusco*. Depois se sentiu “*a la deriva, quedé como la vieja que ya no es para esos trotes/ à deriva, fiquei como a velha que não dá conta*”. Esse acontecimento marcou muito *Paloma*, colocando em seu cotidiano a questão da velhice, e assim começou a se perguntar se, efetivamente, já estaria vivenciando a velhice.

Em uma reunião com algumas pessoas dessa organização¹⁷³, da qual participei, e *Paloma* não estava presente, veio à tona o acontecimento da viagem a *Cusco*. Um dos membros da organização brincou com o outro dizendo que ele devia cuidar da saúde,

¹⁷³ Fidel me convidou para algumas reuniões dessa organização cultural para contribuir a partir da minha profissão e expertise.

porque também poderia ser considerado um estorvo se adoecesse, como tinha acontecido com *Paloma*. Percebi, que os demais membros da organização conheciam o motivo da ausência de *Paloma* nessa viagem.

Até aquele acontecimento, *Paloma* disse que não tinha pensado sobre a velhice. Isso porque ela se sente bem, sente que continua sendo a mesma, com os mesmos interesses, com a mesma fome de devorar o mundo. E ela quer continuar aprendendo tudo o que puder, e por isso participa de todos os projetos que julgue importantes para ela. Assim, em 2014, cursava aulas de inglês no vilarejo e, em 2016, finalizou um curso de segurança. Também quando estive em IDO, em 2016, solicitou-me ajuda para elaborar um *curriculum*, documento que queria entregar a algumas empresas localizadas no vilarejo para conseguir trabalho. Dessa forma, a velhice é uma realidade que se expressa vinda de fora, percebendo-a através dos comentários ou agires de terceiros, por exemplo quando as pessoas no ônibus lhe oferecem o assento, momento em que pensa “eu não sou essa velha que você está pensando”.

Paloma também me esclareceu que se importa muito com sua aparência física, sempre se preocupa em como se vestir, em não ser descuidada, “eu não tenho cartão de apresentação, eu mesma me coloco como tal”. No contexto da pobreza na que ela assinala viver, a única coisa que ela tem é seu corpo.

Claro, imagínate y tú me verás, me gusta arreglarme, yo dedico mi vida a mi persona, mi baño diario, no el jabón así no más, restregada, que salgan las células muertas. El planchado todos los días, mi ropa impecable, que no se queme con el sol (...) porque me gusta la presencia, pero el anhelo mío, es que jamás nunca alguien me vea arrastrando las “patas” o sucia, mal oliente, ruego a Dios y a la Santísima Virgen, que si he de seguir así viviendo, ya no importa, pero que nunca decaiga, siempre quiero la imagen, imagínate que ¡como vivo yo Pamela! Para dejar para mi lápiz labial, para mis pantys, una crema o un talco que sé yo (...) ¿cómo crees tú que vive alguien? sacando así unas chauchitas para aquello, se reduce mucho más lo que uno come, fíjate que a mí no me da vergüenza decirlo/ Claro, imagina e tu me vês, eu gosto de me arrumar, eu dedico minha vida a minha pessoa, meu banho diário, não o sabonete assim só, esfregada, que as células mortas saiam. Passo ferro todos os dias, minha roupa impecável, que não se queime com o sol (...) porque eu gosto da presença, mas o meu desejo, é que jamais alguém me veja arrastando “as patas” ou suja, de mau cheiro, rogo a Deus e a Santíssima Virgem, que se vou continuar vivendo, tanto faz, mas que nunca decaia, sempre quero a imagem, imagina como eu vivo Pamela! Para deixar para meu batom, para minhas meias, um creme, ou um talco sei lá (...) como tu achas que vive alguém? Guardando moedas para aquilo, fica mais reduzido o que a gente come, olha que não sinto vergonha de dizê-lo

Essa preocupação leva as pessoas a não saberem com certeza a idade que ela tem, e que muitas vezes seja considerada mais jovem. Observei isso em uma reunião dessa organização cultural, quando fiquei muito admirada ao ver *Paloma*. Apesar do frio que fazia, ela vestia pouca roupa, como forma de aparentar que seu corpo gozava de muita saúde. As minhas apreciações foram confirmadas por *Fidel* quando voltávamos para a casa. Ele disse que tinha ficado surpreso ao ver *Paloma* tão bem vestida e que aparentava menos idade do que provavelmente tinha, mesmo que ele não soubesse a idade certa dela – talvez 70 ou 72 anos, disse-me. Eu sabia que ela tinha mais idade, porém não quis fazer esse comentário como forma de respeitá-la, pois pensei que essa era a ideia que *Paloma* queria transmitir através de sua vestimenta e de seu corpo.

Ao me falar sobre a velhice, *Paloma* me confiou que depois do acontecido vivenciava momentos em que experimentava diferentes estados de ânimo. Às vezes ficava tranquila, até motivada por novos projetos, por exemplo, em 2016 estava em conversações com funcionários do Departamento da Cultura da cidade de *Copiapó* para publicar um pequeno livro com suas criações literárias sobre o Inca. Aliás, em outras ocasiões ficava pensativa demais, questionando-se até quando viveria. Ou até quando viverá nas condições nas quais vive, na pobreza, na solidão, na isolamento que disse sentir em relação aos habitantes do vilarejo; “*les cuesta relacionarse conmigo, porque me encuentran rara por mi forma de hablar/* têm dificuldade de se relacionar comigo, consideram que sou esquisita pela minha forma de falar”. Mesmo valorizando a tranquilidade em que vive em IDO, porque não há delinquência ali, ela sabe que é estranha demais para o povoado.

Soy diferente, no soy la abuelita que te hornea. Cuando voy a Santiago, voy a los museos, voy al cine, a los conciertos en las iglesias. ¿que me da Inca de Oro? nada. / Sou diferente, não sou a avozinha que vai cozinhar pra ti. Quando vou a Santiago, vou aos museus, vou no cinema, aos concertos nas igrejas. O que me oferece Inca de Oro? Nada.

No trabalho com as imagens pude aprofundar mais sobre as características que a diferenciam das demais pessoas do povoado. *Paloma* salientou que somente tinha escolhido fotografias nas quais não apareciam pessoas, nem objetos que falassem da atualidade. Na escolha que fez, aparece seu amor pela natureza, e o deserto lhe fala de tudo aquilo que existirá por sempre, que nunca terminará, mesmo que passem as

estações e as paisagens mudem, o deserto sempre estará lá. Nessa imagem vê e estabelece a beleza.

Ela se declara uma pessoa nostálgica do que não voltará mais, amante do passado e de tudo o que o traga à tona, como sua paixão pelo Caminho do Inca. Por isso selecionou fotos que mostram as ruínas de IDO, as casas abandonadas, as portas fechadas. E é assim que ela quer ser enterrada, em um túmulo na terra, mas um túmulo que fique isolado, com uma cruz queimada pelo sol e inclinada pelo vento; “*me hace soñar en vida lo que yo sentiría muerta/ me faz sonhar em vida o que sentiria morta*”.

As imagens falam do cotidiano vivenciado por *Paloma*; nelas aparece bem forte a presença do passado, de tempos com os quais ela se sente mais bem representada. O velho para ela tem valor, pois representa a experiência. Um objeto velho, como as casas abandonadas em IDO, tem uma história para contar e nisso radica a sua beleza. Por isso declara preferir a palavra velho do que idoso. Também aparece o futuro, como ela se imagina depois de morta, como se imagina na terra. Nesse cotidiano, não há espaço para o tempo da velhice, para as interações do dia a dia. O cotidiano da *Paloma* se configura em torno de um tempo fantástico e fictício.



Fotografia 61: Chave de desvio dos trilhos em desuso, Estação IDO. Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 62: Casas abandonadas em IDO. Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 63: Antigo correio em IDO. Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 64: Túmulos no Cemitério de IDO. Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 65: Deserto de Atacama. Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 66: Deserto de Atacama florido. Fonte: Acervo da autora, 2014.

61

62

66

63

65

64

No capítulo 5 discorri sobre as vivências das mulheres idosas em IDO através da narração de cinco casos. Por meio desses relatos me referi ao seu cotidiano, marcado pelo tempo doméstico.

Dessa forma as idosas em IDO devem cumprir com os papéis e as normatividades de gênero que as têm acompanhado ao longo de sua vida, por isso foi possível encontrar essas idosas dentro de suas casas. Conforme salienta Elias (1993), o processo modernizador tem derivado de um controle dos corpos, no caso das mulheres esses corpos precisam ficar no privado, não no público, como o pode ser a rua. Nos casos apresentados se observa que, mesmo com as dores, o cansaço, a doença, as mulheres continuam dando conta de suas “obrigações” e se comportando dentro dos limites aceitos pela estrutura social do vilarejo. Nesse sentido e, através da narração das vidas das idosas, observa-se a importância da fofoca como forma de controle social dentro do vilarejo. Assim, o motivo principal pelo qual elas assinalam não sair à rua ou tomarem cuidado quando o fazem, é pelo que os demais poderiam falar delas. Em IDO a fofoca aparece constituindo a vida social (Fonseca apud Fasano, 2006) e também a sociabilidade das mulheres. A fofoca se expressa tanto no medo ao que os demais falarão de mim quanto na importância de ficar de olho no que acontece no povoado, sobretudo nas ruas.

Ao contatar com as mulheres tive de adentrar em seu cotidiano para não repetir ideias simplistas sobre seu agir; quer dizer, a decisão delas de ficarem dentro dos limites sociais aceitos não significa um condicionamento aos papéis tradicionais e às normatividades de gênero. Mesmo com esses limites, elas negociam outras formas de agenciar seu cotidiano. Por isso imaginei o meu trabalho com elas como se estivesse movendo um véu fino e delicado, que não me deixava enxergar os diferentes tempos vivenciados pelas idosas.

Nos relatos das idosas apareceu a outra face da atividade mineradora. Neles se aprecia como a *pirquineria* era vivenciada pelas mulheres ao lado de seus homens; o trabalho duro, o desgaste e o esforço físico, o álcool, a pobreza, mais os deveres de gênero, os afazeres domésticos, a família e os filhos. Por causa dessa vida, desse processo de envelhecimento, os corpos das idosas em IDO também mostram as marcas deixadas pelo agir do tempo. Corpos doentes, com dores — produto do trabalho —, porém também corpos femininos com marcas da passagem do tempo que não o fazem um corpo belo ou desejável. Nesse contexto, os corpos femininos idosos são criticados

por mostrarem rugas, por mostrarem dificuldades ao se movimentar. E sentem vergonha pela necessidade de usar algum apoio, como se observa no caso de Dona *Clora* e Dona *Daniela*. A vergonha de produzir um corpo velho, um corpo que evidencia as alterações do tempo, motiva-as a escondê-lo, ele e qualquer objeto que o evidencie, como a bengala. A vergonha pela perda da consideração dos outros, o medo da degradação (Elias, 1993, p. 499), mais ainda em um povoado como IDO, com a força dos valores do trabalho e da produção das sociedades industriais.

Por meio das vivências das mulheres idosas em IDO aprofunda-se a percepção de que o problema do envelhecimento e da velhice remete a algo mais externo que interno (Billé e Martz, 2010). Evidenciado com maior força no caso de Dona *Paloma*, por ser a mais transgressora dentro do povoado, por posicionar-se mais fora da estrutura social incana, ela paga sua ousadia sendo qualificada de estranha, e, inclusive, de louca.

Nas narrações feitas aparece a solidão, a pobreza que muitas vezes gera tristeza e desespero, como mostra Dona *Ada*, porém também aparece o lazer, a imaginação e a fantasia, como formas válidas de agenciar seu cotidiano. Assim, frente às novas situações que se passam com a velhice, por exemplo a viuvez ou a perda da independência, no caso de Dona *Anita*, todas as idosas continuam sendo autônomas, pois a autonomia se refere à capacidade de cada indivíduo de definir e escolher as regras de sua própria vida (Billé e Martz, 2010, p. 95), e é nessa autonomia que surgem os outros tempos para além do doméstico.

Finalmente, preciso destacar o meu envolvimento com as interlocutoras, com as quais construí relações mais íntimas e profundas do que com os idosos. Algumas delas me disseram que sentiam carinho por mim e me consideravam parte de sua família ou amigas. Quando deixei IDO expressaram-me que sentiriam falta de mim e de nossas conversas. Esse relacionamento e as expectativas em mim depositadas levaram-me a pensar muito na etnografia e de como poder pensar sobre os limites entre a pesquisa e o envolvimento pessoal. Às vezes, é um tanto ingrato para os interlocutores, pois minha presença no povoado se deveu a um objetivo específico de pesquisa, e mesmo que tenha tentado lhes retribuir ao máximo, ficou a sensação de não poder fazer mais. Por outro lado, muitas vezes, as expectativas construídas por eles são maiores, e não é possível atendê-las.

CAPÍTULO 6

Duração no tempo das festividades

Neste capítulo final da tese abordo duas festividades acontecidas em IDO: a Comemoração do Combate Naval de *Iquique*, no mês de maio, e a Festa de São Lorenzo, patrono dos mineradores, que ocorre durante as primeiras semanas de agosto. Nessas festividades, os mineradores cumprem um papel principal, veiculando a identidade do povoado nos próprios corpos. Corpos que transmitem esforço, coragem, labor. Nesse contexto, os corpos masculinos idosos adquirem uma importância simbólica maior, pois evidenciam as marcas da *pirquinería*, situação que lhes permite serem aceitos e valorizados pelas gerações mais novas.

6.1 Comemoração do Combate Naval de *Iquique*, 21 de maio

IDO tem uma longa história de desfiles para comemorar datas importantes: as festas pátrias, o aniversário do povoado e as festas da primavera. Atualmente, nem todas essas comemorações são realizadas.

Segundo Escalante e Ferreiro (2011), antigamente se realizavam diferentes eventos no povoado e deles participava toda a comunidade, promovidos, por exemplo, pelos clubes esportivos — tênis e futebol —, que organizavam campeonatos, e todos os domingos havia jogos no estádio do vilarejo.

Especialmente lembradas pelos incanos, são as festas da primavera, nas quais se realizavam competições entre grupos para que suas candidatas fossem rainhas. Essa atividade era finalizada com um desfile de carros alegóricos.

Fotografia 67: Carro alegórico desfilando pelas ruas incanas.



Fonte: Acervo Grupo de facebook *Inca de Oro Hoy y siempre*.

Atualmente, em IDO não se organizam todas aquelas festas e eventos, porém, a comunidade mantém a comemoração de algumas datas importantes em nível nacional, como a comemoração do Combate Naval de *Iquique*, aos 21 de maio. Presenciei esse desfile na pesquisa de campo de 2016.

O Combate Naval de *Iquique* aconteceu durante a Guerra do Pacífico (1879-1884), entre o Chile e a Aliança entre o Peru e a Bolívia¹⁷⁴. No ano do início da guerra, a Armada chilena tinha movimentado toda sua esquadra, visando atacar *El Callao*, principal porto peruano. Com esse objetivo, *Juan Williams Rebolledo*, almirante da Armada chilena, decidiu sair da cidade peruana de *Iquique*, a qual estava bloqueando, porém manteve, ali, duas embarcações mais antigas e com menor poder de fogo: a corveta *Esmeralda*, a escuna *Covadonga*. *Arturo Prat Chacón*, almirante da *Esmeralda*, foi nomeado chefe do bloqueio (www.memoriachilena.cl).

No dia 21 de maio de 1879, o almirante da Armada Peruana, *Miguel Grau*, recebeu a ordem de romper o bloqueio da cidade de *Iquique*. Essa ordem partiu do presidente peruano, *Mariano Prado*, que estava ciente da partida da esquadra chilena para *El Callao*. Dessa forma, as pequenas embarcações chilenas tiveram que se defender do ataque dos navios de guerra *Huáscar* e *Independencia*. A estratégia de combate adotada foi a separação das embarcações chilenas, de modo que a escuna *Covadonga* se distanciou, sendo seguida pelo monitor *Independencia*¹⁷⁵, e a corveta *Esmeralda* ficou para enfrentar o *Huáscar*. O combate de *Iquique* finalizou com o afundamento da *Esmeralda* e com a morte de quase toda sua tripulação. O Capitão

¹⁷⁴ Ver capítulo 2.

¹⁷⁵ Ambos os navios de guerra protagonizaram o *Combate Naval de Punta Gruesa*, no qual a *Independencia* foi derrotada pela *Covadonga*.

Arturo Prat Chacón, no decorrer da batalha, motivou a seus soldados a continuarem o combate e deu a ordem de abordar o *Huáscar*, aproveitando os momentos das investidas a Esmeralda. Tendo abordado o *Huáscar*, *Prat* somente armado com um sabre e um revólver, quis se aproximar da torre do comando do almirante Grau, mas caiu morto antes disso (www.memoriachilena.cl).

O ato de valentia do *Capitão Arturo Prat Chacón* foi especialmente reconhecido na época, até pelo almirante peruano *Grau*, que enviou uma carta de condolências à viúva, dizendo de sua admiração pela coragem de seu falecido esposo. O sacrifício de *Prat* sacudiu a sociedade chilena da época, motivando muitos chilenos a irem para a guerra, encorajados pelo ato do capitão, considerado de profundo patriotismo.

“El impacto que tuvo la epopeya pasó a constituir el norte de nuestras fuerzas combatientes, después de ella ningún chileno podía arriar el pabellón, ni rendirse, ni entregar nada al enemigo...ni buque, ni arma, ni bandera, ni ciudad, ni posición” (Bravo, 2014, p. 26).

Em consequência, a data é lembrada e comemorada no dia 21 de maio, em diferentes lugares do Chile, quando os chilenos rendem honras à coragem e ao patriotismo do capitão *Arturo Prat Chacón*. Nessa data, ocorrem desfiles cívicos e militares tanto dos próprios membros da Armada quanto de estudantes de diversas escolas (Arévalo, 2010). Na cidade de *Valparaíso*, principal zona de aquartelamento da Armada chilena, comemora-se, todos os anos, a festa de *Prat*, o qual passou a representar o compromisso e o amor pela pátria. Essa comemoração se realiza na praça *Sotomayor*, no monumento que contém seus restos mortais, construído em 1886.

Figura 19: Combate Naval de Iquique, 1879 - Obras Ilustradas Reprodução do quadro de Thomas Somerscales



Fonte: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-70953.html>

Figura 20: Morte de Prat em 1879- Obras Ilustradas Reprodução do quadro de Thomas Somerscales



Fonte: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-70952.html>

Fotografia 68: Monumento aos heróis de Iquique, Praça Sotomayor, Valparaíso, Chile.

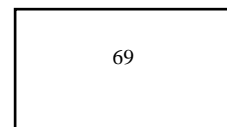
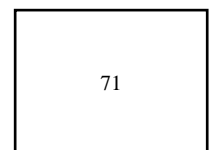
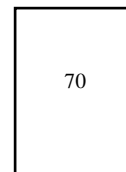


Fonte: Acervo de Paulo Mazuelos F. 2009 <http://www.panoramio.com/photo/22465988>

Dessa forma, mediante a exaltação ao acontecido em 21 de maio de 1879, o Chile utiliza o seu passado, sacralizando a memória do capitão *Arturo Prat Chacón*, com a intenção de utilizar sua figura para fins propagandísticos. Assim, as tragédias históricas têm maior influência simbólica do que os fatos gloriosos, pois impõem deveres, obrigações e exigências tanto às atuais gerações quanto às futuras (Defez apud Arévalo, 2010)¹⁷⁶.

IDO não se exclui da comemoração ao ato heroico do Capitão *Arturo Prat Chacón*. A data também é lembrada todos os anos. A Escola do povoado, *Emperatriz Sepúlveda Landeros*, organiza um desfile, no qual a banda dos alunos da escola abre o desfile. Desse desfile também participam as principais instituições do vilarejo — o *Jardim Infantil Pinocho*, a Associação Mineradora, as organizações de idosos do povoado, o Corpo de Bombeiros —, conforme se constata nas fotografias do acervo e no texto publicado pela Escola *Emperatriz Sepúlveda Landeros*, em 05 de junho de 2007, no blog incadeoro.blogspot.com.br.

¹⁷⁶ A forma escolhida para narrar o Combate Naval de Iquique, exaltando as desiguais condições do combate e a decisão de abordagem de Prat, a fiz de forma intencional, para mostrar a importância do evento na construção identitária chilena, corporificada em mim.



Fotografia 69: Desfile da banda escolar, IDO 2007. Fonte: Acervo Grupo de facebook *Inca de Oro Hoy y siempre*.

Fotografia 70: Desfile bombeiros, IDO sem data. Fonte: Acervo Grupo de facebook *Inca de Oro Hoy y siempre*.

Fotografia 71: Desfile banda escolar, IDO sem data. Fonte: Acervo Grupo de facebook *Inca de Oro Hoy y siempre*.

Figura 21: Comunicado da Escola Emperatriz Sepúlveda Landeros, sobre o 21 de maio de 2007

escuela emperatriz sepulveda - inca de oro

Comunicado al mundo las actividades y sucesos que ocurren en nuestra escuela y pueblo, los alumnos de la escuela Emperatriz Sepúlveda Landeros hemos creado este blog, esperamos actualizarlo todas las semanas, noticias hay todo el tiempo XD

24

martes, 5 de junio de 2007

Las fiestas del 21 de mayo en Inca de Oro

Este 21 de mayo celebramos un nuevo homenaje a las glorias navales. Desfilamos, bailamos y recitamos; estuvieron autoridades muy importantes, por ejemplo: El comandante de los bomberos , la paramédico Ester Berrios, el jefe del retén, el director DAEM de Diego de Almagro don Amin Dau y el delegado municipal de Inca de Oro, y muy especial fue la visita de un cabo 2° de la armada de Chile, en la representación de su institución.

El acto cívico se realizó de la siguiente manera.

Cantamos el himno nacional, luego Sihomara Bugueno leyó una reseña histórica. Después el cabo segundo de la armada leyó una alocución patriótica . Mas tarde Mitzy, alumna de cuarto año, recito una poesía.

Luego fue el turno de los los niños de 1° y 2° año quienes salieron en una marcha en homenaje a Arturo Prat . A continuación salieron los niños de 3° y 4° año que hicieron una coreografía de la canción "me gusta ser lobero". Para finalizar los alumnos de 5° a 8° año hicieron la coreografía de varias canciones de Pedro Messones. Después vino el desfile, desfilaron los bomberos, la escuela y la asociación minera, acompañados de la banda guerra de Inca de Oro. El público aplaudió por el gran espectáculo que hicieron los niños de la escuela Emperatriz Sepúlveda Landeros.

Terminado el desfile a los niños participantes nos dieron 3 bolsas de confites.

Por: Bárbara Pérez Chilla, Camila Flores Flores, Daniel Arancibia Pinto. Sexto año.

Publicadas por [Incanos](#) a las 15:22 2 comentarios:

Archivo del Blog

- ▼ 2007 (2)
 - ▼ junio (1)
 - Las fiestas del 21 de mayo en Inca de Oro
 - mayo (1)

Acerca de mí

[Incanos](#)

[Ver mi perfil completo](#)

Fonte: <http://incadeoro.blogspot.com.br/>

Durante o campo de 2016 tive a oportunidade de presenciar o desfile do 21 de maio. Os ensaios da banda escolar ocorriam bem antes do dia do desfile, portanto, muitas vezes, ao estar sentada nos bancos das ruas, ou visitando um dos meus interlocutores ou na casa do *Fidel*, ouvi os estudantes da *Emperatriz Sepúlveda Landeros* tocar seus instrumentos enquanto desfilavam pelas ruas do povoado.

Nas diferentes falas com meus interlocutores, evidenciei a importância desse tipo de evento para o povoado. De alguma forma, todos se envolvem no evento, quer seja porque algum sobrinho, neto, amigo da família tocará na banda, ou porque ajudam os pais dos alunos na preparação da vestimenta a ser usada nas danças que se realizam durante o ato. Dona *Daniela* ajudou a mãe do menino que representou o *capitão Arturo Prat Chacón*, a confeccionar o casaco que usaria, contando-me que há tempos costurava para essa mãe e sua família. Não somente por isso as pessoas do povoado julgam importante esse evento, mas também porque os incanos vibram com os desfiles. Através deles lembram-se das formas de sociabilidade do grupo que, por sua vez, faz vibrar a

memória coletiva, conforme diz Maurice Halbwachs (2011), e assim se produz a transmissão de valores tradicionais no grupo.

Soube, através de meus interlocutores, que antigamente as casas eram pintadas para a ocasião, embelezando-as para o ato, e a falta de recursos não era impedimento para que isso ocorresse. Muitas vezes, as casas eram pintadas com terra trazida dos morros, por isso em tempos anteriores, quase todas as vivendas em IDO tinham as mesmas cores. Atualmente, esse costume não é muito frequente e só vi duas casas que haviam sido pintadas em 2016. Também as donas de casas adornavam as casas por dentro, limpando, lavando tudo, expondo adornos especiais para o dia do desfile. Certa vez, Dona *Clora* me disse que não poderia me receber porque naquele dia devia lavar tudo para adornar sua casa para o 21 de maio. A principal característica que orgulha aos *incanos* é o engajamento de toda a comunidade no evento, não sendo um ato feito a portas fechadas da Escola como acontece, segundo eles, em outros lugares. Também destacam o fato de o ato ser comemorado no dia 21 de maio, mesmo que esse dia caia em final de semana.

Naquele sábado, 21 de maio de 2016, fui para a rua cedo, pois tinham me informado que o desfile começaria às 11h e eu não queria perdê-lo. Eu estava especialmente curiosa porque eu havia assistido todos os preparativos nos dias anteriores. Assim, ao chegar à rua presenciei os últimos ensaios da banda da Escola *Emperatriz Sepúlveda Landeros*. Muitas pessoas chegavam com os filhos e parentes e se postavam na praça de IDO para ter uma melhor visão do desfile. Surpreendi-me de ver as pessoas muito vestidas e arrumadas para a ocasião: vestidos, saias, sapatos de salto, tanto que cheguei a me sentir um pouco descuidada para o evento, pois minha vestimenta era típica de campo — calças folgadas, tênis e minha mochila. No entanto, depois reparei que só aqueles cujos familiares faziam parte do desfile estavam vestidos especialmente.

Observei que algumas das casas tinham colocado bandeiras chilenas e senti-me um pouco na comemoração das festas pátrias no mês de setembro¹⁷⁷. Na praça foi armado um cenário com a bandeira nacional, cadeiras para as autoridades, aparelhos de som, que tocavam músicas folclóricas chilenas, como a *cueca*, a dança nacional. Tanto os professores quanto o delegado municipal, Dom *Alejandro*, estavam muito bem vestidos.

¹⁷⁷ Semana de comemoração da independência chilena, onde as ruas ficam lotadas de bandeiras nacionais.

Para assistir ao desfile sentei-me do lado de fora da casa de Dona Anita porque havia uma sombra bem confortável que me protegia do sol forte nesse horário da manhã. Nisso, ela saiu da casa e nos cumprimentamos com muito carinho. Fazia tempo que não a encontrava e conversamos por algum tempo. Ela também queria assistir ao desfile porque adorava ver as crianças dançarem, e o filho dela colocou uma cadeira para ela se sentar. Deixei-a conversando com seus familiares, muitos dos quais tinham vindo das cidades próximas a IDO para assistir ao desfile.



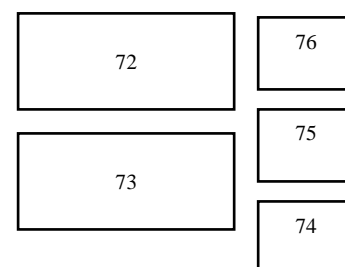
Fotografia 72: Anita e sua família assistindo o desfile na esquina de sua casa. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 73: Dom Germán, Dom Zacarías e Dom Juan Rojas, assistindo o desfile na praça. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 74: Banda Escolar se localizando no desfile, rua Francisco San Román, IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 75: Pessoas se posicionando para assistir o desfile, esquina da rua Francisco San Román e Avenida Manuel Antonio Matta. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 76: Dona Clara e Dom Hector assistindo o desfile da porta de sua casa. Fonte: Acervo da autora, 2016.



Distanciei-me deles para procurar um bom lugar para tirar as fotografias, procurando o melhor ângulo de luz, mesmo que o sol de IDO não o permita. Em seguida, o desfile começou.

A banda composta pelas crianças da escola marcaram o início da atividade. Caminharam da esquina da avenida *Manuel Antonio Matta* com a rua *Francisco San Roman* e pararam na frente da casa de Dona *Clora*, que apareceu na porta junto de seu esposo Dom *Héctor* para assistir ao desfile. Depois disso, veio o Corpo de Bombeiros que parou defronte ao cenário montado na praça, sob o sol.

O ato começou com as palavras das autoridades de a bem-vindos e a narração da história do Combate Naval de *Iquique* por parte de um professor da Escola. Porém, as pessoas não prestaram muita atenção, pois estavam mais preocupadas em se arrumarem bem, em observar as crianças, e principalmente conversar entre si, pois muitos *incanos* que moram fora vêm para o povoado nessas festividades.

Procurei aos meus interlocutores, e vi Dom *Zacarías*, Dom *Germán*, Dom *Juan Rojas*, mas fiquei surpresa de não ver Dom *Marcelo*, pois pensei que o Clube de Idosos Mineradores também desfilaria.

Depois da narração sobre o que se comemora no 21 de maio, os estudantes da escola encenaram o momento da abordagem de *Arturo Prat*. Ali estava o menino vestido com o casaco que sua mãe tinha levado para Dona *Daniela* costurar. Fiquei contente ao ver que havia ficado muito bonito.

Finalizada a encenação, os estudantes dos cursos primários da escola dançaram *cuecas*¹⁷⁸ e danças de salão. Após, os alunos maiores dançaram três cuecas. Terminadas as danças, o desfile foi retomado. Algumas mães atravessaram rapidamente a rua a fim de ajudar seus filhos a trocarem de roupas, da vestimenta das danças para a roupa da banda escolar.

O desfile recomeçou com a banda escolar que avançou até se localizar em frente do cenário, posição que ocupariam o desfile todo. Nesse momento iniciou oficialmente o desfile. Primeiro desfilou o Jardim *Infantil Pinocho*, e as crianças foram acompanhadas pelos pais, assim reconheci várias mulheres, entre as quais a cunhada de *Fidel*. Depois da passagem das crianças, chegou a vez dos mineradores. A Associação Mineradora desfilou encabeçada pelo seu presidente Dom *José Araya*, que usou capacete e um casaco de segurança de cor amarela para se diferenciar dos demais. Atrás

¹⁷⁸ Dança nacional do Chile.

dele vinha Dom *Zacarias*, carregando o estandarte da Instituição, e mais atrás o restante dos mineradores, ordenados em duas fileiras, todos com capacete e casaco de segurança vermelhos.



77



78

79

Fotografia 77: Banda Escolar desfilando, rua Francisco San Román, IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 78: Desfile encabeçado pelo Delegado da prefeitura e o Jardim Infantil Pinocho, rua San Román, IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 79: Desfile Associação Mineradora, rua Francisco San Román, IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.



Dom *Carlos Pintos*, e mais atrás ao meu interlocutor, Dom *Germán*. Ele caminhava mais devagar por causa de sua perna manca, de modo que o espaço entre ele e os mineradores que estavam na sua frente foi aumentando. Atrás de Dom *Germán* vinha o restante dos mineradores, e, por fim, as máquinas dos mineradores: caminhonetes e escavadoras.

Fotografia 80: Dom Carlos (no centro) no desfile.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 81: Dom Germán (no centro, capacete cinza) no desfile.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Finalmente, desfilaram os Bombeiros e seus caminhões, fazendo muito barulho com suas sirenas, e o desfile chegou ao fim com muitos aplausos dos assistentes. Entretanto, ouvi comentários que antigamente os desfiles eram maiores e que havia mais espectadores. *Fidel* me contou que quando ele desfilava eram muito mais longos e os estudantes da banda deviam ficar mais tempo sob o sol, o que se tornava muito pesado para as crianças.

Fiquei surpresa que comemoração do 21 de maio em IDO represente, no vilarejo, uma comemoração muito importante, uma expressão de chilenidade, quase tão importante quanto a da Independência. Muito diferente do que eu havia vivenciado em *Santiago*, onde esse dia é sinônimo de descanso, feriado, e as comemorações acontecem dentro das escolas, e eu nunca havia presenciado toda uma comunidade envolvida no evento.

Em uma análise mais aprofundada, podemos perceber nessa comemoração do 21 de maio o processo da construção da nação chilena. Benedict Anderson (2008) salienta que o nacionalismo é um fenômeno próprio da época moderna, e somente foi possível criá-lo depois do nascimento do Estado-nação. Assim, a nação corresponde a uma construção social relacionada a aspectos simbólicos e a estratégias para sua formação, por exemplo, o uso da língua, da palavra escrita, entre outros. Nessa construção social, o sentimento de pertença cumpre papel muito importante. Anderson (2008) define nação como uma comunidade imaginada, pois suas fronteiras são imaginadas, dado que um membro dessa nação não poderá conhecer todos os outros membros dela. Por ser uma comunidade imaginada, o sentimento cumpre papel relevante na imaginação do outro que partilha algo em comum, algo maior, o amor à nação da qual faz parte. O amor à nação permite que as pessoas se sintam unidas umas às outras mesmo que nunca venham a se conhecer. É esse sentimento que possibilita o sacrifício pela pátria.

No entendimento de Gupta (2007), o sentimento pela nação, pela pátria será mais apaixonado ainda, mais irracional do que afirma Anderson. A partir dessa falta de racionalidade será possível entender por que há pessoas que estão dispostas a dar a vida pela pátria — como o caso do capitão *Arturo Prat Chacón* — ou de cometer atos que podem ser considerados irracionais para outras sociedades — como o extermínio dos judeus por parte dos nazistas (Elias, 1989).

No contexto do nacionalismo, e da comunidade imaginada de Anderson, as comemorações cívicas nos Estados-nação modernos cumprem um papel fundamental para produzir unidade, sacralizando a imagem do Estado (Vianna e Parada, 2002).

Os desfiles cívicos, no Brasil, narrados por Vianna e Parada (2002), estão marcados por signos de unidade, e ao se realizarem de forma simultânea, em diferentes lugares, fortalecem a crença em uma nação com algo em comum. Nesses desfiles, no Brasil, é montado um cenário que inclui bandeiras, hinos, flores, dando uma dimensão ritual à cerimônia, sacralizando o Estado-nação. No Brasil, a decisão de realizar esse tipo de atos, eventos, ou desfiles nas escolas, não era algo autônomo delas, correspondia a demandas emanadas dos órgãos governamentais. Também as interpretações do desfile de 7 setembro, no Brasil, feitas por Roberto da Matta, ajudam a entender o acontecido no Chile no 21 de maio. Para esse autor, os desfiles patrióticos são rituais fundados na dramatização de valores globais da sociedade (1997, p. 47), dramatização que reforça as estruturas de poder. Quer dizer, mediante a dramatização de certos elementos, valores, ideologias, reforçam-se as relações de uma sociedade. Assim, por meio deles a sociedade manifesta os valores que deseja que sejam ternos ou perenes (p. 30).

Situação semelhante acontece no Chile, nas comemorações do 21 de maio. Elas também correspondem a um rito, acontecendo de forma simultânea, para a construção e fortalecimento da nação chilena, para a transmissão de valores sociais a serem reforçados. As pessoas que participam do rito, do desfile, em uma performance que dramatiza o amor pela nação — em IDO exemplificado no menino representando *Arturo Prat Chacón*, nas danças nacionais interpretadas pelos alunos da *Escola Emperatriz Sepúlveda Landeros* — vivenciam a nação chilena.

Assim, esse tipo de comemorações cívicas, tanto as analisadas por Vianna, Parada e Matta, quanto ao caso apresentado aqui da comemoração do 21 de maio no Chile, especificamente em IDO, produzem um envolvimento corporal, experimentado na participação no desfile, mesmo sendo um espectador. A exibição dos corpos, nesse tipo de espetáculo, corresponde a símbolos de nacionalidade (Vianna e Parada, 2002, p. 103).

Especificamente, o desfile de 21 de maio realizado em IDO permite aos *incanos* se sentirem parte de algo maior, da nação chilena, reforçando a chilenidade, mas também lhes outorga um espaço para vivenciar a “incanidade”, ou seja, fazer parte de um vilarejo com uma história e memória compartilhada. A identidade incana é performatizada pelos corpos desses mineradores, corpos masculinos, corpos jovens e corpos velhos. Corpos que evidenciam o valor do “trabalho” o esforço da atividade, por isso os corpos dos mineradores velhos são aceitos. No desfile de 21 de maio, no povoado, percebe-se a importância das instituições na construção dessa identidade

incana, sobretudo da Associação Mineradora, representada pelo desfile de alguns de seus membros. Isto porque se revela um ritual de tipo histórico, semelhante ao dia da pátria analisado por Matta (1997), e, nesse sentido, precisa da legitimação dos poderes políticos.

De forma semelhante, o ato heroico do capitão *Arturo Prat Chacón*, que se sacrificou pela pátria, os mineradores-*pirquineros* têm se sacrificado pela atividade mineradora no Chile. Tanto *Prat* quanto os *pirquineros* são heróis que oferecem suas vidas, seus corpos pelo bem maior que representa a nação chilena. O leitor lembrará que a pensão recebida pelos *pirquineros* corresponde a uma pensão especial outorgada pelo Estado do Chile às pessoas que realizaram atos especialmente meritórios em benefício do país, para além de seu dever pessoal.¹⁷⁹ Muitas vezes ouvi aos *pirquineros* dizerem que foi a pequena mineração que descobriu as grandes jazidas que posteriormente foram exploradas pela Grande Mineração. Essa mineração, de altíssimo nível, com alta tecnologia envolvida, outorga o sucesso minerador pelo qual o Chile é conhecido mundialmente.

6.2 Festa de São Lorenzo, patrono dos mineradores

Durante o campo da pesquisa doutoral me envolvi muito com os *incanos* que trabalham na Capela *San Lorenzo* em IDO. A Capela *San Lorenzo* pertence, administrativamente, à Paróquia *Espírito Santo* localizada em *Diego de Almagro*. Por causa disso, o sacerdote vem somente às sextas feiras para rezar a missa, pois tem de atender os paroquianos de *Diego de Almagro*, IDO e *El Salvador*.

Conheci as pessoas da Pastoral através de Dona Aurora, quando, nas primeiras conversações que mantivemos, ela me contou que era responsável por abrir e fechar o templo para as missas. Poucos são os *incanos* que se envolvem com as tarefas da igreja, e esse trabalho se centra nas figuras de Dona *Teresa*, Dona *Amelia* e Dona *Verónica*, mas quando elas passam por problemas de saúde ou têm de cuidar de algum familiar doente, a responsabilidade recai em Dona *Aurora*. Também Dom *Zacarías*, companheiro de Dona *Amelia*, ajuda muito e sempre está engajado com as atividades desenvolvidas pela Igreja Católica.

As minhas primeiras aproximações com as atividades da Igreja e com as pessoas da Pastoral foi assistindo à missa todas as sextas-feiras, às 19 horas. Com o decorrer do

¹⁷⁹ Ver capítulo 2.

campo, confirmei que os participantes eram sempre os mesmos: Dona *Verónica*, Dona *Teresa*, Dona *Amelia*, Dona *Aurora* e Dom *Zacarías*, e alguns outros assistentes esporádicos. Assim minha presença foi valorada, e cheguei a cumprir uma função no rito, ler um salmo ou fazer alguma outra leitura. Por não haver muitas pessoas para se oferecerem a ler, alguns brincavam comigo dizendo que, graças à minha presença no vilarejo, havia alguém para ler na missa.

Dos poucos assistentes à missa, chamou minha atenção, em especial, Dom *Zacarías*, porque era o único minerador participante. Por isso, sempre tentava conversar com ele. Muitas vezes ficamos conversando nas esquinas, nos bancos da *Avenida Manuel Antonio Matta*, e na igreja. Dessa forma soube que ele e seu irmão *Eduardo* ainda moram e trabalham no vilarejo. O restante da família, as irmãs, principalmente, migraram para a cidade de *Copiapó*.

Dom *Zacarías* narra seu processo de conversão, quando era criança sua mãe o entregou ao cuidado da Virgem da *Candelaria*,¹⁸⁰ pois sofria de tosse compulsiva. Assim, em fevereiro, nos dias da festividade da santa, visita-a em seu santuário na cidade de *Copiapó*. Ele considera um dever visitar a Virgem e engajar-se com a Igreja Católica no povoado, e por isso sempre está presente na missa.

Dom *Zacarías* se devota à igreja, além de ter sido entregue pela mãe ao cuidado da Virgem da *Candelaria*, recuperou-se de um grave acidente sofrido no vilarejo, há mais de 10 anos. Naquela ocasião, quando trabalhava na usina ENAMI, caiu-lhe ácido nos olhos, deixando-o cego. Por isso precisou ficar em *Copiapó*, na casa da irmã, pois em IDO não havia condições de tratar aquele acidente. Acompanhado pela sobrinha, ia todos os dias ao Hospital de *Copiapó* para receber o tratamento. E Dom *Zacarías* orava dia e noite para que Deus lhe devolvesse a visão. Nesse período ficou muito deprimido, sentia-se uma carga para sua família, ele que sempre tinha sido ativo. Depois de seis meses recuperou a visão, e acredita ter sido graças ao trabalho do médico, mas sobretudo pelo agir de Deus, pela sua grandeza e porque respondeu as suas súplicas. Em

¹⁸⁰ A festa da Virgem da Candelária, padroeira dos mineradores, é comemorada no dia 02 de fevereiro. No Chile, essa devoção remonta ao século XVIII, quando o tropeiro Mariano Caro Inca encontrou a imagem na cordilheira próxima à salina de Maricunga. O achado levou os peregrinos a visitarem o lugar e motivou a construção de um santuário, em 1800. A festa é celebrada até a atualidade, convocando devotos, e alguns deles dançam para a Virgem. Esses grupos de dança, chamados *bailes chinos*, preparam-se durante o ano para festejar a sua padroeira (<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-97385.html>).

consequência, sempre está perto da igreja, ajuda no que é necessário e também cuida das pessoas que possam estar atravessando momentos de dificuldade.

Durante o campo sempre vi Dom *Zacarias* envolvido, ajudando na preparação de alguma atividade na igreja, por exemplo, no Natal de 2014 ajudou a arrumar o templo e trouxe da cordilheira ramos para fazer um presépio. Também enviou cartas às diferentes empresas estabelecidas no vilarejo, com o fim de receber apoio para dar chocolate e algum lanche às crianças de IDO, na comemoração do Natal, entre outras coisas.

Segundo Dom *Zacarias*, antes as pessoas participavam mais das atividades da Igreja Católica em IDO, e que nos últimos anos a participação tinha baixado muito. Dessa forma, perderam-se muitos costumes, por exemplo, disse-me ele, antigamente se comemorava a Virgem da *Candelaria* também no povoado, e os bombeiros transportavam a imagem da Virgem pelas ruas do vilarejo. Atualmente, a festa que continua sendo celebrada, e que os paroquianos fazem questão de manter, é a de *San Lorenzo*, o patrono dos mineradores.

São Lorenzo foi um diácono encarregado de administrar os bens da Igreja e do cuidado dos mais pobres. Depois que o Imperador Valeriano ordenou a morte do Papa Sisto II, o prefeito de Roma ordenou a São Lorenzo que lhe entregasse todas as riquezas da Igreja. São Lorenzo pediu três dias para reuni-las, dias em que aproveitou para guardar ou repartir essas riquezas. Cumprido o prazo, São Lorenzo apresentou ao prefeito de Roma os pobres, os incapacitados, os cegos, as viúvas e os necessitados dizendo serem os verdadeiros tesouros da igreja. Ato pelo qual foi queimado vivo em uma grelha de ferro, no dia 10 de agosto de 258 d.C. (<http://www.iglesiasanlorenzo.cl>).

No Chile, o culto pelo santo começou com a chegada dos conquistadores espanhóis, os quais trouxeram uma imagem do santo ao atual *Norte Grande*, nomeando uma cidade como *San Lorenzo de Tarapacá* (Carrasco e Murillo, 2002). O território Norte chileno e a cidade de Tarapacá e suas proximidades sempre se caracterizaram pela atividade mineradora¹⁸¹. Dessa forma, o santo foi logo proclamado patrono dos mineradores. Assim, desde fins do século XIX¹⁸², organizaram-se grandes festas em sua homenagem, chegando a se constituir uma das mais importantes da região, paralisando

¹⁸¹ Ver Capítulo 2.

¹⁸² Período em que a região foi anexada ao Chile após Guerra do Pacífico (1879-1884).

quase toda a atividade econômica, inclusive das oficinas salitreiras. Em 10 de agosto a população se dirigia à festa de San Lorenzo.

No entanto, o culto iniciou para os mineradores, em 1938, quando na oficina salitreira de *Rosario de Huara*, aconteceu um grave acidente, no qual sete pessoas faleceram por causa de explosões e de um feroz incêndio. À época, as pessoas atribuíram o sinistro a um castigo do santo, pois a administração da oficina salitreira não tinha dado licença aos mineradores, nem ao grupo de dançarinos religiosos para participarem da grande Festa de *San Lorenzo de Tarapacá* (Carrasco e Murillo, 2002, <http://www.iglesiasanlorenzo.cl>).

Assim, todos os anos, na cidade de *San Lorenzo de Tarapacá*, entre os dias 6 e 11 de agosto, se realiza a festa dedicada ao santo, sendo esta a principal cidade do Norte do Chile onde se comemora *San Lorenzo*. A citação a seguir, extraída do portal web da Igreja de *San Lorenzo de Tarapacá*, narra a festa nessa cidade.

La tradicional fiesta Patronal de san Lorenzo que todos los años se celebra del 6 al 11 de agosto en el pueblo de Tarapacá, no ha perdido su estructura tradicional, la misa de saludos de los bailes religiosos, retreta popular, bendición de peregrinos, canto del alba, rompimiento del día, izamiento del pabellón nacional, El Cachimbo¹⁸³ Tarapaqueño en la plaza del pueblo, procesión por las calles del pueblo, Cacharpaya de los bailes, retreta en la plaza, y misa de despedida con las bandas de bronce, toda una tradición, fuegos de artificios, y los alimentos típicos de la zona como son los alfajores, pan amasado, empanadas, sopaipillas, charqui, picante de conejo, Chuño Puthi, y la Calapurca (Caldo de piedra), que lleva carne de cordero, conejo, gallina, vacuno, y llamo, todo cocinado junto, más cilantro, cebolla verde, caldo que se sirve en piedra volcánica; también está la bebida como la “Chicha de Maíz”, “Chicha de Pucura (frutos del Chañar) y de la semilla del moller, (<http://www.iglesiasanlorenzo.cl/index.php/historias/la-fiesta-de-san-lorenzo>).

¹⁸³ Dança folclórica própria da região.

Fotografia 82: Festa de São Lorenzo, San Lorenzo de Tarapacá.



Fonte: <https://mine-class.com/dia-del-minero-quien-fue-san-lorenzo-patrono-de-los-mineros/>

Essa festa combina ritos católicos com elementos indígenas, entre os quais: consumo de álcool, danças, bandas de música, costume de prender dinheiro com alfinetes sobre a roupa do Santo. Durante a festa os participantes oferecem *mandas*¹⁸⁴ ao santo em forma de agradecer favores realizados.

A Festa de San Lorenzo em IDO é uma das poucas que se realiza na terceira região de *Atacama*, e o povoado chegou a possuir uma imagem própria, pois antes deviam pedi-la emprestada. Tive a oportunidade de registrar a Festa de *San Lorenzo* em IDO, durante o campo de 2016. Durante minha estadia, de tanto ouvir meus interlocutores falarem sobre a festa, decidi voltar no mês de agosto, especialmente para poder observá-la.

No meu retorno ao povoado, dias antes da comemoração, dediquei-me a cooperar com os preparativos a cargo dos membros da Pastoral. Esses preparativos se referiam a: vestir o santo, limpar e arrumar o templo, limpar e arrumar o salão para receber os grupos de danças, solicitar às empresas e às instituições do povoado apoio econômico para a realização do lanche pós-procissão.

Quando cheguei em IDO, a roupa do santo já tinha sido trocada. Dessa vez, foi Dona *Teresa* quem doou as novas vestimentas. O santo usa roupas vermelhas e brancas e é acompanhado de uma lâmpada e um capacete de uma lâmpada de minerador e um capacete de cor amarela. Também junto à imagem aparecem algumas chamas feitas de papel, bandeiras e uma grelha de ferro, para lembrar que o santo morreu queimado.

¹⁸⁴ A *manda* é uma relação que considera um pedido concreto feito por uma pessoa em um momento de aflição. Esse pedido se realiza sob um acordo de devolver o favor, assim que receber o favor, deve pagá-lo. (Carrasco e Murillo, 2002, p. 99)

Além disso, São Lorenzo tinha sido movido de sua posição normal no templo, na parede central do templo, sobre um pedestal, atrás da mesa de celebração. E tinha sido colocado ao lado direito da mesa de celebração. Ajudei a Dom *Zacarías* a colocar vários balões vermelhos e brancos na imagem do santo.

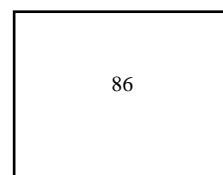
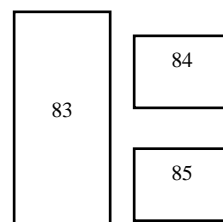
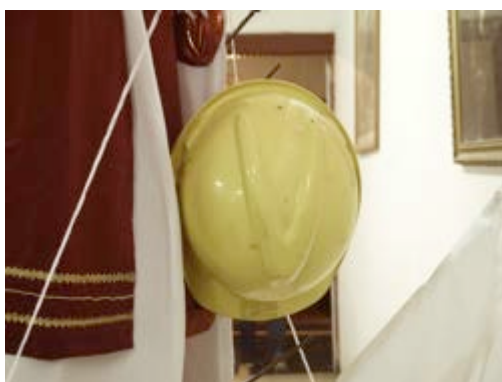
Também ajudei a varrer o templo, assim reparei que tinham pendurado um quadro com as fotos do *Proyecto Mejoramiento de la Capilla San Lorenzo*, outorgado por uma mineradora, em 2012. Graças a esse projeto a comunidade católica do povoado conseguiu arrumar a Igreja, pintá-la, entre outras coisas. Depois da varrição me dirigi ao salão situado nos fundos da igreja. Ali estavam Dona *Verónica*, Dona *Amelia*, Dona *Aurora*, Dom *Zacarías* e uma *incana* que já não mora no povoado, porém todos os anos vem para ajudar na festa. Eles estavam arrumando o salão para receber aos grupos que viriam dançar para o santo.

No domingo, dia 14 de agosto de 2016, foi comemorada a Festa de São Lorenzo em IDO. Pela manhã, os membros da Pastoral fizeram os últimos preparativos para as atividades da tarde.

Às 15h ouvi o som dos tambores que anunciavam a chegada dos *Bailes chinos*, e rapidamente me aproximei da igreja. Os grupos de dançarinos são chamados de *Bailes chinos* porque, na região, os mineradores fiéis à Virgem chamam-na pela forma carinhosa de *chinita*. A fé nela, que é muito profunda, permite-lhes ter uma relação direta com a Virgem, não precisando sempre da presença de um sacerdote que intermedeie o vínculo. A dança é feita diretamente para ela e os mineradores ou pessoas que fazem parte dessas confrarias se entendem diretamente com a Virgem (Godoy, 2003). Nesse dia, os *Bailes chinos* vieram de *Diego de Almagro* para dançar a São Lorenzo e tinham trocado de roupa e se arrumado para a cerimônia na Associação Mineradora.

Quando cheguei à igreja vi que a imagem do santo tinha sido trasladada do templo para a porta que dá para a rua *Isidro Dolarea*. Dessa forma, a imagem ficava de cara com os dançarinos e a sua banda que, primeiro de tudo, deviam cumprimentá-la. A saudação dos dançarinos consistia em dançar em frente ao santo e depois se aproximavam dele. Alguns dos dançarinos e músicos da banda tocavam o santo ou faziam o sinal da cruz com muito respeito. Apresentaram-se quatro *Bailes*, com suas respectivas bandas de música: o primeiro foi o *Baile religioso de la Virgen de los Dolores*; o segundo, *Caporales de la Virgen del Carmen*; o terceiro, *Comanches*

guardianes de la Virgen del Carmen; e, por último, La Diablada del Padre Hurtado - que, por questões de tempo, não conseguiu saudar o santo.



Fotografia 83: Imagem São Lorenzo posição normal, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2014.

Fotografia 84: Detalhe lâmpada mineradora na mão de São Lorenzo, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 85: Detalhe capacete minerador do lado de São Lorenzo, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 86: Imagem São Lorenzo posição na Festa, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.



Fotografia 87: São Lorenzo no templo, posição na Festa.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 88: Quadro com fotos do *Proyecto Mejoramiento de la Capilla San Lorenzo*.



Fonte: Acervo da autora, 2016.



Fotografia 89: Dom Zacarías, Dona Amelia e Dona Aurora arrumando o salão, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 90: Dom Zacarías e Dona Amelia, pendurando balões no salão. Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 91: Don Amelia arrumando o salão com ajuda de outros incanos, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 92: Dona Verónica cortando fitas para pendurar no salão. Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

89

90

91

92

Fotografia 93: Grupo de dançarinos descansado depois da procissão no salão. Capela IDO.



Fonte: Acervo da autora, 2016

Perto das 16 horas, quatro mineradores, entre os quais estavam Dom *Raúl* e Dom *Adán*, carregaram a imagem de São Lorenzo de volta ao templo, deixando-o novamente ao lado direito do altar. E a missa começou. Pelo fato de as pessoas da pastoral e o sacerdote já me conhecerem, pois havíamos compartilhado missas e atividades durante muito tempo, consegui me movimentar pelo templo para registrar a cerimônia. Acompanhei a missa completa e registrei os momentos mais significativos.

O templo estava lotado, no entanto, percebi pouquíssimos *incanos* presentes. A maior parte dos assistentes era dos *Bailes chinos* e seus familiares. Os *incanos* eram principalmente as pessoas da Pastoral: Dona *Verónica*, Dona *Amelia*, Dona *Aurora*, Dona *Odilia* e outros poucos *incanos* que já não moram no povoado, mas vêm especialmente para a festa. Além de Dom *Zacarias*, os demais mineradores presentes eram: Dom *Adán*, Dom *Carlos*, Dom *Lencho*, Dom *Eduardo*, que estavam próximos à porta de saída do templo. Somente Dom *Raúl* tinha decidido se sentar nos bancos como os outros assistentes. Também na igreja havia um coro vindo de *El Salvador* a convite do sacerdote.



94

95

96

Fotografia 94: Assistentes da Festa de São Lorenzo, Capela IDO.

Fotografia 95: Assistentes e Dom Raúl (centro), Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 96: Mineradores assistentes, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

No momento do ofertório, foram os mineradores que estavam próximos da porta (os únicos presentes) que levaram as oferendas ao sacerdote. E ofereceram a Deus, além do vinho e do pão, minérios. O sacerdote recebeu as oferendas e pediu pelos mineradores e por suas famílias, comparando suas vidas com a vida de São Lorenzo e com a vida dos primeiros cristãos, pois ambos entram nas profundezas da terra. Ao finalizar a missa, Dom *Raúl*, Dom *Adán*, Dom *Lencho* e outro minerador carregaram o santo até a rua, dando início à procissão pelo povoado. Durante o percurso foram substituídos por Dom *Eduardo*, Dom *Carlos* e outros dois mineradores, depois o primeiro grupo assumiu novamente a tarefa até entrarem no templo.

A procissão foi encabeçada por Dom *Zacarías*, que carregava uma cruz azul, como forma de mostrar aos dançarinos e aos demais paroquianos o caminho a seguir. Isso porque, atualmente, no povoado não há diácono para cumprir esse papel. A procissão passou pelas ruas *Isidro Dolarea*, *Maxwell*, *Avenida Diego de Almeyda*, *Francisco Tellez*, *Francisco San Román*, *Avenida Manuel Antonio Matta* e *Isidro Dolarea* para voltar à igreja.

Figura 22: Percorrido Procissão São Lorenzo em IDO.



Fonte: Elaboração Própria



97

98

100

99

Fotografia 97: Momento do Ofertório. Mineradores entregando as oferendas ao sacerdote, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

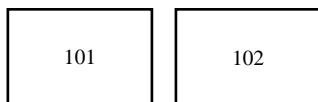
Fotografia 98: Momento do Ofertório. Mineradores entregando as oferendas ao sacerdote, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 99: Momento da Comunhão, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 100: Dona Verónica, Dona Odília, Dona Aurora, incana, Dona Amelia participando da missa. Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.



Fotografia 101: Traslado do Santo para a rua, Dom Raúl, Dom Adán, Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.



Fotografia 102: Passagem pelo portal da imagem de São Lorenzo, Capela IDO Capela IDO. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 103: Procissão. Sacerdote e Mineradores carregando o santo. Fonte: Acervo da autora, 2016.



105

106

104

Fotografia 104: Inicio Procissão. Dom Zacarías, levando a cruz, rua Diego de Almeyda. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 105: *Caporales de la Virgen del Carmen* na procissão, rua Diego de Almeyda. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 106: *Comanches guardianes de la Virgen del Carmen* na procissão. Rua Diego de Almeyda. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 107: Procissão, rua Francisco Tellez, IDO.



Fonte: Acervo da autora, 2016

Fotografia 108: Procissão. Substituição de mineradores para carregar o santo



Fonte: Acervo da autora, 2016

Fotografia 109: Sacerdote abençoando os *Bailes Chinos* e suas famílias.



Fonte: Acervo da autora, 2016

Fotografia 110: Regresso de São Lorenzo à Capela.



Fonte: Acervo da autora, 2016

Depois de São Lorenzo ser devolvido ao seu lugar, no lado direito do altar, o sacerdote abençoou os dançarinos, salientando que eles são gente mineradora e que a bênção do santo chega através deles a suas famílias. E que eles precisam das famílias porque elas são as que mais sofrem com os acidentes dos mineradores. Posteriormente, cada um dos *Bailes chinos* entrou no templo e dançou novamente para São Lorenzo, num ato de despedida. Após dançar, o grupo se dirigia ao salão, nos fundos da igreja, para receber um pequeno lanche preparado pela Pastoral.



111

112

113

114

Fotografia 111: Saudação *Baile religioso de la Virgen de los Dolores*.
Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 112: Saudação *Baile religioso de la Virgen de los Dolores*.
Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 113: Despedida *Baile religioso de la Virgen de los Dolores*.
Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 114: Despedida *Baile religioso de la Virgen de los Dolores*.
Fonte: Acervo da autora, 2016.



115

116

117

118

Fotografia 115: Saudação *Caporales de la Virgen del Carmen*. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 116: Saudação *Caporales de la Virgen del Carmen*. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 117: Despedida *Caporales de la Virgen del Carmen*. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 118: Despedida *Caporales de la Virgen del Carmen*. Fonte: Acervo da autora, 2016.



119

120

121

122

Fotografia 119: Saudação *Comanches guardianes de la Virgen del Carmen*. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 120: Saudação *Comanches guardianes de la Virgen del Carmen*. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 121: Despedida *Comanches guardianes de la Virgen del Carmen*. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 122: Despedida *Comanches guardianes de la Virgen del Carmen*. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Finalizada a festa de São Lorenzo refleti sobre a pouca participação dos incanos nela. Senti a falta das instituições — o Corpo de Bombeiros, a Associação Mineradora, a Escola *Emperatriz Sepúlveda Landeros*, etc. Também a presença das autoridades, como o delegado da prefeitura ou os policiais. Nas ruas identifiquei poucos incanos, e poucos interlocutores, entre os quais Dom *Roberto* e Dom *Marcelo* que também se mantiveram a distancia.



123

124

125

Fotografia 123: Dom Marcelo assistindo a Procissão. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 124: Dom Roberto assistindo a Procissão. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Fotografia 125: Assistentes da Procissão. Fonte: Acervo da autora, 2016.

O mundo das crenças e a pouca participação das pessoas do vilarejo na festa envolvem questões maiores que não fazem parte desta pesquisa. No entanto, é possível identificar algumas delas, entre as quais: presença de outras religiões no povoado, como a Evangélica, que não permite o culto às imagens; pouco engajamento da comunidade *incana* nas atividades da Igreja Católica, situação já observada nas missas. Nesse contexto, pode se entender a baixa participação, pois as pessoas geralmente assistem para acompanhar e ver seus familiares.¹⁸⁵ Na Festa de São Lorenzo as pessoas que dançam vêm de *Diego de Almagro* e não moram em IDO.

Por sua vez chama a atenção a pouca participação dos próprios mineradores na festa, mesmo sendo seu Santo Padroeiro. A participação se reduz à presença daqueles que carregaram o santo pelas ruas, principalmente os idosos mineradores: Dom *Raúl*, Dom *Adán*, Dom *Lencho*, Dom *Eduardo*, Dom *Carlos*. Evidentemente, as gerações mais jovens não se envolveram com a festa, e estas mesmas gerações poucas vezes se dedicam à *pirquinería*. Desse modo, a participação dos idosos *pirquineros* é valorizada porque possibilita a realização e dá sentido a festividade. Assim, os corpos masculinos idosos ainda veiculam os valores do trabalho *pirquiner*: esforço, coragem, virilidade. A imagem do velho minerador é carregada do valor da honra, do prestígio da prática produtiva que gerou a história do vilarejo, garantindo em seus ciclos de vida que seu protagonismo seja aceito e enobrecido.

Para Dom *Zacarías*, idoso devoto, os mineradores são um grupo muito resistente a esse tipo de festas, somente se lembram de Deus quando algum infortúnio acontece. Por isso destacou muito a participação desses poucos idosos, lembrando que em uma oportunidade foram as mulheres que tiveram de carregar o santo pelo povoado, pois não havia mineradores dispostos a fazê-lo. A resistência dos mineradores, como causa de seu escasso engajamento na Festa de São Lorenzo e na Igreja Católica entende-se a partir das características próprias que tem a atividade mineradora na região do *Norte Chico*, já descritas¹⁸⁶.

Essas características, esse ethos particular, permitem que os mineradores que exploram os veios da zona tenham um complexo de crenças separadas da concepção da hierarquia católica (Godoy, 2003, p. 92). Isto porque são um grupo caracterizado pelo amor à liberdade, visando encontrar uma forma própria de agir. Assim, não precisam

¹⁸⁵ Tal como aconteceu no desfile do Combate Naval de *Iquique* descrito anteriormente.

¹⁸⁶ Ver Capítulo 2 e 3.

nem esperam figuras que intermedeiem – um sacerdote, assistir a missa, cumprir com outros ritos na Igreja — sua relação com o sobrenatural. Quer dizer, a baixa presença de mineradores envolvidos com a Igreja Católica não significa que eles não acreditem em Deus ou em um ser ou seres sobrenaturais. Revela somente a forma diferente que têm de se relacionar com esses seres a partir de seu próprio sistema de crença. Assim, muitas vezes ouvi Dom *Marcelo* dizer que acreditava em Deus e lhe agradecia pela sua proteção nos tempos em que explorava as minas. Também na *esquina de los aburridos*/ esquina dos entediados escutei muitas vezes que o minerador não trabalha na semana santa nem no dia de São Lorenzo, inclusive existe a história de um minerador que trabalhou na semana santa e faleceu, por isso eles respeitam esses dias. De minha parte, nunca vi esses interlocutores nas missas as quais assisti.

Nesse contexto, a importância da festa de São Lorenzo etnografada não surge somente por representar um ritual de tipo cósmico ou mágico (Matta, 1997, p. 57), por meio do qual os participantes se colocam em contato com o mundo do sagrado, do sobrenatural. Mas também como ritual que dramatiza certos elementos, certos valores a serem transmitidos e reproduzidos.

Percebe-se, então, que a festividade de São Lorenzo, ao ter como protagonistas os idosos mineradores, manifesta a identidade da *pirquineria*. A *pirquineria* exige que o minerador entre nas profundezas da terra, com seu capacho nas costas. O minerador não é aquele que trabalha com boa tecnologia, não é aquele que trabalha assegurado com cordas ou outras formas de segurança. Os corpos dos idosos são chamados a refletir sobre uma atividade que exige essa coragem, esse esforço, esse risco e que, conseqüentemente, deixa marcas neles.

“O rito, como prática tradicional, traduz uma ideia. O que é transmitido não se limita aos caracteres mitológicos dessa prática, mas é metamorfoseado e bricolado com o que é empiricamente fundado e recuperado na memória coletiva” (Eckert, 1985, p. 177).

Outrossim, o contexto ritual da festa de São Lorenzo outorga um espaço no qual a identidade *pirquineria* pode ser vivenciada no coletivo (Eckert, 1985). Nele, o importante não é o *pirquinerio*, na condição de indivíduo, mas são os valores que partilha com outros que dá sentido ao ritual.

Finalmente, é necessário destacar que, por meio da dramatização dos valores transmitidos nas duas festas, tanto na comemoração do Combate Naval de Iquique quanto na Festa de São Lorenzo, os idosos mineradores de IDO estão durando. Não somente na qualidade de indivíduos, mas também em forma de coletividade.

CONCLUSÕES

Nesta Tese pretendeu-se compreender o processo de envelhecimento e a vivência da velhice no contexto da sociedade complexa contemporânea. Nesse intuito, optou-se por uma análise centrada na vida cotidiana de pessoas envelhecidas — idosos e idosas. Assim, a pesquisa se centrou na vivência de idosos e idosas moradores de uma pequena cidade, *Inca de Oro*, como forma de desvendar contextos diferentes que revelassem a heterogeneidade desses processos. A pesquisa mostra distinções que poderiam ser consideradas ultrapassadas, pois fariam parte de um mundo tradicional que já não existiria no contexto da sociedade contemporânea. Assim, como salienta José de Souza Martins (2008, p. 18), a modernidade incorpora o mundo tradicional que nada tem de moderno, incorporando suas relações sociais, suas relações de gênero e suas relações intergeracionais, contrário à visão que vê a modernidade como sinônimo do progresso e antônimo do tradicional.

Através da Etnografia realizada abordei as dimensões vinculadas ao processo de envelhecer. Assim, em relação à primeira reflexão considera-se que envelhecer e experienciar a velhice se referem a uma questão de tempo, tempo que transcorre ao longo da vida, tempo que deixa marcas ou que se reflete em nossos corpos. Sobre essa passagem do tempo, cada sociedade construiu dimensões sociais e culturais que a revestiram, criando diferentes modos de vivenciar o envelhecimento e a velhice.

Nesse contexto, e como mostra a pesquisa desenvolvida, a sociedade complexa contemporânea construiu, ao longo do processo civilizatório, uma forma negativa de pensar o envelhecimento e a velhice, privilegiando um olhar centrado na perda de capacidades produtivas dos indivíduos e dos corpos envelhecidos. Como foi mostrado nos transcursos desta Tese, o povoado se enquadra nas características das sociedades industriais, existindo uma forte regulação normativa dos discursos, das práticas e das normas pelas quais os indivíduos podem transitar. Especificamente sobre a velhice a industrialização impôs uma visão negativa, porque a velhice não seria propícia para a divisão e as mudanças no trabalho quanto a juventude.

A sociedade também criou a obrigação de envelhecer bem, quer dizer envelhecer sem mostrar os sinais dessa passagem do tempo. Assim as diferentes mudanças experimentadas pelo corpo ao longo da vida são observadas como deteriorações as quais devem ser prevenidas. A visão mencionada advém do pressuposto de que as deteriorações dos corpos envelhecidos são produto de decisões pessoais, sem que se

atente para o papel das estruturas sociais nos processos de envelhecimento, as quais, muitas vezes, podem ser adversas e não propiciar um bom envelhecimento. Esta pesquisa é um exemplo evidente de como uma pequena cidade organizada em torno de uma atividade específica, a *pirquinería*, não favorece a vivência da velhice dentro do enfoque de envelhecimento bem-sucedido.

Uma segunda reflexão da pesquisa é que envelhecemos pelo olhar dos outros. São as visões dos demais, construídas sobre o que expresse o corpo e dite a estrutura social dominante, que definirão quem está envelhecido ou vivenciando a velhice e quem não. Em relação ao corpo, este deve esconder qualquer vestígio que indique que está envelhecendo. Por esse motivo, o uso de objetos ou de algum tipo de apoio – bengala, carrinho, etc. - é avaliado como sinal de velhice, como marca de deterioração e, conseqüentemente, é rejeitado pelos idosos e pelas idosas do povoado. Em relação à estrutura social, tanto o envelhecimento quanto a velhice correspondem a construções sociais feitas sob o abrigo de determinada sociedade, e, portanto, não correspondem a noções absolutas. Muitas vezes, essas representações limitam os âmbitos de desenvolvimento dos idosos e idosas. No caso do vilarejo estudado, percebe-se a prevalência das normatividades de gênero e de idade no comportamento dos idosos e das idosas que moram nele. Durante o campo da pesquisa doutoral, defrontei-me com os estereótipos em relação à velhice presentes em alguns incanos. Muitas vezes, ao ouvir o que deviam fazer ou não os idosos, pareceu-me estar diante das pesquisas que se importam com as representações sociais da velhice e do envelhecimento, exemplificando o discurso dominante de olhar a velhice como uma etapa da vida caracterizada pela perda dos seus atributos positivos.

Uma terceira reflexão tem a ver com o papel do Estado e das políticas públicas no envelhecimento e na velhice. Conforme se demonstrou nesta Tese, as políticas públicas veiculadas pelo Estado chileno destinadas à população idosa versam sobre os princípios do respeito aos direitos do idoso, a rede de proteção social e a inclusão social. A concepção presente nos diferentes programas sociais para os idosos e as idosas tem, como escopo, a atividade, promovendo a independência. Porém, esse tipo de enfoque limita as vivências da velhice em relação a um envelhecimento bem-sucedido, o qual permita vivenciar a velhice de forma independente e autônoma. O experimentado pelas organizações de idosos do povoado denota como as políticas públicas não conseguem acompanhar a transição de um idoso independente e autônomo para um interdependente

e autônomo, não cobrindo suas necessidades que incluem: problemas de saúde, mobilidade reduzida, idosos cuidando de outros idosos, entre outros.

Aliás, graças à construção da categoria de idoso/ *adulto mayor* e da consequente visibilidade propiciada pelas políticas públicas na sociedade atual, os idosos surgem como sujeitos de direitos que podem mobilizar demandas e reivindicações. Possuir direitos pelo fato de ser idoso surge como uma estratégia importante de inclusão, como expus na pesquisa. Assim, os idosos e as idosas do povoado reconhecem a diferença entre a época atual, na qual vivenciam sua velhice e a época anterior, quando a observavam em outros. Nesse contexto, o trabalho das políticas públicas permite aos idosos se empoderarem em sua condição de idosos no vilarejo.

Nesta Tese evidencia-se que o Sistema de Previsão Social chileno não toma conta de sua população. O Chile não tem um sistema de previdência baseado em princípios de segurança social, nem um sistema misto que incorpore a repartição à população que não conseguiu contribuir para se aposentar. Em síntese, o sistema chileno de previdência social é uma mistura entre as AFP (poupança individual) e a assistência social por parte do Estado àquelas pessoas que conseguem demonstrar que pertencem aos 60% mais pobres da população. Assim, o sistema de previdência social chilena, mesmo sendo privado, cada vez mais depende de subsídios do Estado. A pesquisa mostra as dificuldades econômicas cotidianas dos idosos e das idosas que se mantêm, principalmente, com o apoio do Estado.

Ao chegar ao capítulo final desta Tese é preciso refletir em torno do que significa vivenciar a velhice e o envelhecimento em uma cidade pequena, como *Inca de Oro*. Conforme já mencionei, *Inca de Oro* está atravessada por valores provenientes das sociedades industriais e sociedades indígenas andinas, os quais enquadram a cotidianidade dos idosos e das idosas do povoado.

Envelhecer em *Inca de Oro* está marcado pelas experiências de sociabilidade que o vilarejo permite, quer dizer, dentro das fortes normatividades de gênero. Assim, tem muito a ver com as construções e as relações de gênero presentes. Os idosos vivenciaram sua cotidianidade em espaços e tempos socialmente aceitos para eles, sobretudo o relativo aos espaços e tempos públicos: a rua, participação em organizações, manter-se trabalhando. Aqueles doentes ou entregues à não atividade serão criticados por contrariarem os valores do povoado, emanados da atividade mineradora de extração de ouro, a *pirquinería*. No caso das idosas, a sua cotidianidade é vivenciada principalmente no mundo doméstico, e cumprindo papéis de gênero

tradicionais, como ser mãe, ser avó, dar conta dos afazeres domésticos. As que tentarem agenciar sua vida cotidiana não atendendo as normatividades de gênero e de idade imperantes no povoado, serão criticadas, inclusive, isoladas. Nessa constatação, tomei como principal enfoque teórico o discutido por Bourdieu em sua obra “A dominação masculina”.

No entanto, a pesquisa, por centrar-se na cotidianidade dos idosos e das idosas, também se espalha sobre os agenciamentos que eles acionam dentro dos limites sociais aceitos. Dessa forma, os papéis a serem cumpridos pelos interlocutores desta pesquisa coexistem juntamente com outras vivências. Isso se reflete nos diferentes espaços e tempos diferentes narrados nesta Tese.

Ademais, envelhecer em uma pequena cidade, como *Inca de Oro*, permite fazê-lo em confiança, fazendo parte de uma grande família, dividindo uma vida, com seus dramas, momentos de alegria e de pesar. Nesse contexto, envelhecer em *Inca de Oro* é compartilhar uma memória, uma memória coletiva que sempre pode ser ativada vigorando o sentimento de pertença, de intimidade, de família. Essa memória não pode ser separada dos idosos, faz parte de vivenciar a velhice no povoado. Na oficina de imagens realizada com os interlocutores, quando lhes solicitei escolherem fotografias que falassem de sua velhice no povoado, muitas das fotos selecionadas traziam lembranças de suas vidas no vilarejo, referindo-se àquele passado compartilhado. Assim, envelhecer está relacionado à memória dos trabalhadores, desses *pirquineros* que trabalharam nesse povoado. Junto deles o povoado também envelheceu, e também mostra a passagem do tempo: nas ruas, nas construções abandonadas ou deixadas ao agir do vento, “*nas minas, as quais estão velhinhas, ainda mais velhinhas que nós*”.

Vivenciar a velhice em *Inca de Oro*, em que pese as dificuldades, a pobreza, a doença, as tristezas, a distância dos centros de saúde, mesmo se sentindo abandonados pelo Estado e suas políticas públicas, é preferível, porque se vive tranquilo - sem delinquência - porque todos fazem parte da mesma família, todos se cuidam e se importam com o que acontece ao outro, assim os idosos e idosas têm completa certeza de que no dia em que a morte chegar serão acompanhados ao cemitério, não ficarão sozinhos nem abandonados.

A Etnografia, desenvolvida nesta tese, permite ver o modo com que na velhice nos posicionamos diante de outros tempos a serem experimentados. Tempos afastados do tempo social dominante, teleológico e unilinear que organiza os projetos individuais

em função do trabalho. A pesquisa mostra a velhice repleta de outros tempos, tempos fictícios e imaginados, tempos da autonomia em interdependência.

Do mesmo modo, a pesquisa realizada convida a pensar sobre a passagem do tempo no corpo a partir de um olhar que trate as mudanças experimentadas por ele como transições (Membrado, 2010) e não como degenerações. No fundo da concepção de degeneração ancora-se uma visão do corpo como algo absoluto, feito e acabado. Vê-lo através das transições permite pensá-lo em contínua construção na qual cabe o uso dos objetos – bengalas, carrinhos – como sendo parte desse corpo e não como sinal de deterioração. As contínuas transições de um corpo que envelhece, e o processo de construção desse corpo, processo no qual os objetos poderiam fazer parte dele, correspondem a um tópico que não foi possível abordar nesta pesquisa, pois seria preciso maior aprofundamento nas concepções de corpo, as quais não seriam fáceis de abordar com os interlocutores, dadas as normatividades de gênero e de idade do povoado e do lugar que ocupei na condição de pesquisadora. Essa abordagem poderia ser um tanto constrangedora para eles e também para mim. À luz da Etnografia feita, surgiu como uma importante instigação a ser aprofundada em futuras pesquisas.

Ao finalizar a presente Tese cabe refletir sobre o fazer antropológico. Quer dizer, a etnografia que realizei colocou em discussão uma série de questões e aprendizados a serem pensados em contextos de cidades pequenas. Dessa forma, estudar uma cidade pequena exige localizá-la dentro do contexto maior, como forma de evitar análises apressadas que a desvinculem de sua historicidade e das relações que mantém com o território ao qual pertence. Nesta Tese, constatei as conexões que *Inca de Oro* mantém, tanto as conexões com as outras partes da região de *Atacama* quanto da sociedade global. No contexto da sociedade complexa contemporânea é difícil pensar uma comunidade isolada, mesmo nos debruçando em um povoado considerado quase extinto, com marca dos sinais da passagem do tempo, marcas que evocam um passado mais que um presente ou um futuro. Aliás, o povoado, ao mesmo tempo em que é considerado um vestígio da atividade *pirquinera*, também se encontra em Facebook através dos grupos de antigos ou atuais moradores do povoado que procuram manter sua memória. Além disso, o povoado estudado se insere em uma tradição cultural do *Norte do Chile*, território que compartilha códigos comuns, e ethos particular. Sem uma contextualização adequada se torna difícil compreender as vivências no povoado, tanto as dos interlocutores quanto as minhas na qualidade de pesquisadora.

Estudar uma cidade pequena também exige tempo. O necessário para conseguir sair dos ritmos próprios, muitas vezes acelerados, para acompanhar os ritmos do vilarejo. Entrar nesses ritmos foi fundamental para entender a vida cotidiana dos meus interlocutores e evitar análises simples. É preciso dispor de tempo para conhecer as redes de interconhecimento profundas e escondidas sobre as quais se tecem os comportamentos e visões de mundo de seus habitantes.

Fazer antropologia em cidades pequenas também levanta importantes discussões éticas vinculadas aos relacionamentos com os diferentes interlocutores e a devolução da pesquisa para eles. Em um contexto de cidade pequena é difícil distinguir o ponto em que o conhecimento construído com os interlocutores pode ser revelado, pois, mesmo usando apelidos ou nomes fictícios não se assegura o anonimato deles, principalmente em uma pesquisa onde as imagens ocupam um lugar central, como esta. Em uma cidade pequena as redes de interconhecimento são muito mais profundas do que uma pessoa externa, quanto eu, na condição de pesquisadora, pode dimensionar. Fazer parte de uma grande família, como acontece em *Inca de Oro*, favorece o conhecimento das vivências dos outros, mais ainda dos interlocutores da pesquisa, os quais têm envelhecido juntos, acompanhando de perto seus dramas, tristezas e alegrias por muito mais tempo do que os meses em que habitei no povoado. Portanto, pensar a ética dessa forma pode ser quase uma ingenuidade. A proposta ética da Etnografia da Duração ajuda a pensar sobre o relacionamento com os interlocutores, e as devoluções a serem feitas, de modo que a pesquisa outorgou um lugar importante aos interlocutores como construtores do conhecimento juntamente com a pesquisadora. Com meus interlocutores não só discuti quesitos, ideais, aconselhando-me, provendo-me de literatura e bibliografia para suportar minhas análises. Também considerei a devolução ao campo da pesquisa, ajudando-os com temas ou trâmites com os quais estou mais familiarizada do que eles – acesso à internet, elaborar um curriculum - ou fazer averiguações que para mim era mais fácil dada minha instrução e rede de contatos. Por exemplo, em uma oportunidade procurei informação para uma interlocutora analfabeta que precisava saber o que aconteceria quando seu companheiro falecesse. Eles não eram casados legalmente e ela não sabia se seria considerada herdeira. Para isso procurei ajuda de uma colega assistente social, que me deu algumas orientações gerais e informou-me onde minha interlocutora poderia pedir informações mais exatas e aconselhar-se. Inclusive telefonei e marquei a reunião para que minha interlocutora fosse, pois ela sentia vergonha de telefonar. Dada minha experiência em Antropologia Aplicada, mencionada nesta Tese,

além de fazer parte do lugar que os interlocutores construíram para mim, considereirei esse tipo de devoluções um dever e uma forma válida de devolução da pesquisa, uma retribuição mínima.

Porém, foi o trabalho com as imagens, construído junto com os interlocutores, o que representou a principal forma de devolução desta pesquisa. Fazendo-os parte da criação imagética da Tese, tanto do acervo feito na etnografia quanto do acervo deles mesmos. Assim, pretendo criar um pequeno livro ou suporte imagético para levar as imagens tiradas em campo aos interlocutores no meu retorno ao Chile.

Fazer uma devolução da pesquisa integral não surge como opção recomendável com base ao já exposto das vivências em cidades pequenas. Reafirmo que uma devolução desse tipo precisaria de um processo longo de acompanhamento e de reflexão que impedisse constrangimentos. Como forma de exemplificar o assinalado me servirei de uma cena etnográfica acontecida durante o campo de 2016. Certa vez fui convidada a participar de uma oficina sobre previdência social realizada no povoado por funcionários do Ministério de Previdência Social, vindos de *Santiago*. Depois da oficina, e finalizando o trabalho, o profissional que coordenava a atividade perguntou às mulheres presentes na sala, se no vilarejo existia o denominado *acoso callejero*, quer dizer, o assédio que as mulheres podem sofrer na rua. Frente ao comentário, as mulheres reagiram com estranheza, respondendo apressadamente que não existia tal coisa no vilarejo. Aquela pergunta do funcionário foi intempestiva, não permitindo as mulheres refletirem sobre o que realmente está na base do *acoso callejero*, os valores predominantes de uma sociedade patriarcal e machista; uma sociedade marcadamente dominada pelo masculino como *Inca de Oro*. Essa experiência em campo não revela somente a importância de pensar em formas adequadas de procurar informação. Também, e sobretudo, revela que aquele comentário provocou constrangimento nas mulheres, lançando um comentário negativo sobre os valores dominantes do povoado no qual elas moram.

No que se refere à escrita desta Tese, considero importante ter narrado as histórias dos interlocutores desta pesquisa, não somente por um interesse acadêmico, mas também nasceu do intuito dos interlocutores, de sua motivação de durar, durar no tempo. Muitos deles se consideram os últimos *pirquineros*, e com eles a atividade morrerá. Por isso têm uma profunda preocupação de que essa forma de vida, com suas dificuldades e bondades, seja conhecida. Fazer parte desta pesquisa lhes permitiu dar a conhecer a *pirquinería*, e, dessa forma, durar, vibrar na memória narrada.

As histórias dos idosos e idosas de *Inca de Oro* expõem a heterogeneidade do processo de envelhecer em um lugar afastado do foco das políticas públicas. Mostram que envelhecemos como temos vivido, constatação que não depende somente das escolhas individuais, aliás, depende das possibilidades e oportunidades que as estruturas sociais ofereçam. Envelhecer em *Inca de Oro*, vinculado à atividade mineradora de extração de ouro, levou os idosos e as idosas a vivenciar uma velhice atravessada pela pobreza, pela doença, pelo sofrimento, em um contexto de atividade mineradora de grandes lucros e sucessos mundiais. A velhice vivenciada em *Inca de Oro* confronta os ideais de modernização, desenvolvimento e envelhecimento bem-sucedido apregoado pelo Estado.

Finalmente, acredito que seria necessário me referir ao envolvimento pessoal que significou o campo desta Tese. Os relacionamentos construídos com os interlocutores, sobretudo com as idosas, foi para além da dupla pesquisadora-interlocutores. Assim, o campo esteve cruzado de emoções, de carinho, de amizade. Muitas vezes comunguei do sofrimento, das tristezas dos interlocutores e eles comigo. Assim, os mesmos me deram os pêsames pelo falecimento do meu pai – acontecido durante o desenvolvimento da pesquisa. Porém, também dividimos momentos de alegria, em muitos dos quais rimos à toa.

REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABARCA, M. *Vejez: entre imagen y realidad: estudio etnográfico sobre la participación de los adultos mayores en organizaciones.* (Memoria para optar al título de Asistente Social) - Universidad Católica de Chile, Santiago, Chile, 1993.

ANDERSON, B. "Raízes culturais" e "As origens da consciência nacional". In: _____. *Comunidades imaginadas. Reflexões Sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo.* São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 35-83.

ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera, The New Mestiza.* San Francisco. 2012.

ARÉVALO, A. Héroes, tradiciones y poder. El caso de Chile en la Guerra del Pacífico. *Revista F@RO-Estudios Año 6-Numero 12- II semestre.* 2010

ARNOLD, M. Fundamentos de la observación de segundo orden. En Manuel Canales Cerón (coordinador- editor). *Metodologías de Investigación Social introducción a los oficios* (pp. 321-348). Chile: LOM ediciones. 2006.

ARNOLD, M.; THUMALA, D.; URQUIZA, A.; OJEDA, A. *Inclusión y Exclusión social del Adulto Mayor en Chile.* Opiniones, expectativas y evaluaciones de la población chilena sobre diferentes modalidades de inclusión y exclusión social de las personas adultas mayores. 2009. Disponible em: <http://www.esistemicosvejez.cl/upload/est_pdf/5.pdf>

ARREDONDO, R. *La trashumancia en la minería del Norte Chico.* Departamento de Cultura y Turismo, Ilustre Municipalidad de Diego de Almagro, 2014.

AYALA, E. *Mujer y minería. Situación de la Industria chilena.* Tesis para optar al grado de Magíster en Gestión de Personas y Dinámica Organizacional. Facultad de Ecnomía y Negocio. Universidad de Chile. 2012

BARBOSA, L. O antropólogo como consultor organizacional: das tribos exóticas as grandes empresas. Em *Igualdade e meritocracia.* Rio de Janeiro, Editora FVG p. 163-197. 1999.

BELAUSTEGUIGOITIA, M. *Borderlands/La Frontera: El feminismo chicano de Gloria Anzaldúa Desde las fronteras geoculturales, disciplinarias y pedagógicas.* Debate Feminista, vol. 40, 2009, pp. 149-169. Disponible em: <www.jstor.org/stable/42625120>.

BILLÉ, e MARTZ, D. *La tyrannie du "bien vieillir".* Paris: Le Bord de l'eau, 2010.

BIGOSSI, F. *As cidades da longevidade: estudo antropológico sobre as práticas de durar em Veranópolis- Rio Grande do Sul e Maués- Amazonas (Brasil)* Tese como requisito para obtenção do grau de Doutor em Antropologia. Ppgas. UFRGS. 2013

BOTELHO, F. *La fenomenología de Maurice Merleau-Ponty y la investigación en comunicación.* Signo y Pensamiento 52 · volumen XXVII · enero - junio 2008

BOZON, M. Vie quotidienne et rapports sociaux dans une petite ville de province. La mise en scène des différences. Presses universitaires de Lyon. 1984.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

BOURDIEU, P. La 'juventud' no es más que una palabra. En Sociología y cultura. Grijalbo, 2002, p. 163-173.

BRAVO, G. Condell en el Combate Naval de Iquique. El boletín de la provincia de Marga-Marga Año III N° 10. 2014.

BUJES, J. Los Collas de Atacama: Identidad y Etnogénesis. Tesis para Optar al Grado de Licenciada en Antropología. Tesis para Optar al Título de Antropóloga Social. Universidad Academia de Humanismo Cristiano. 2008.

BUTLER, J. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira. 2013

CABELLO, G. GONZÁLEZ, C e GARRIDO, F. Revisitando la secuencia cronológica cultural de la región de Atacama. En Identidades en dialogo: Articulando actores y construyendo realidades. Estudio Fortalecimiento de la Identidad regional de Atacama. Gráfica LOM. 2010, p. 31-49.

CAIUBI, S. A construção de imagens na pesquisa de campo em Antropologia. Revista Iluminuras. v. 13, n. 31 (2012). Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/36791>

CAIRE, V. *Gerontología Humana*. Chile: Universidad de la Frontera, 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In O trabalho do antropólogo. SP, Unesp, 2000 p. 17 a 36.

CARRASCAO, A. e MURILLO, I. El Sistema de Mandas en dos fiestas religiosas. Tesis para Optar al Grado de Licenciada en Antropología. Tesis para Optar al Título de Antropóloga Social. Universidad Academia de Humanismo Cristiano. 2002

CEGARRA, J. Fundamentos Teórico Epistemológicos de los Imaginarios Sociales. Cinta moebio 43: 1-13 (2012) Disponível em: www.moebio.uchile.cl/43/cegarra.html

CERQUERA, A.; ALVAREZ, J.; SAAVEDRA, A. Identificación de estereotipos y prejuicios hacia la vejez presente en una comunidad educativa de Floridablanca. *Psycologia avances de la disciplina*, v.4, n.1, p.73-87, Jan./Jun. 2010.

CERTEAU, Michel de. "Andares de la ciudad y Relatos de espacio", en_____ *La invención de lo cotidiano I*. México, ITESO. 2000.

CERTEAU, Michel de. "Etno-grafia. A oralidade ou o espaço do outro: Léry. In: _____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981 p. 211-242.

COCILOVO, J. A., VARELA, H. H., COSTA-JUNQUEIRA, M. A., & QUEVEDO, S. G. Los pescadores arcaicos de la desembocadura del río Loa (Norte de Chile). El sitio Caleta Huelén 42. *Chungara*, 37, 2005. Pp. 5-19.

COCHILCO. Comisión Chilena del Cobre. Disponível em <www.cochilco.cl>
CONSEJO NACIONAL DE LA CULTURA Y LAS ARTES (CNCA). Estudio del Pueblo Colla. 2012. Disponível em < www.cultura.gob.cl/estudios/observatorio-cultural >

CONSEJO NACIONAL DE LA CULTURA Y LAS ARTES (CNCA). COLLA. Serie Introducción Histórica y relatos de los pueblos originarios de Chile. 2014

CONTRERAS, E. Pueblos transfronterizos en la Puna de Atacama: Conectividad de redes en el País Más Allá de las Nubes. Memoria para optar al título profesional de Antropólogo Social. Universidad de Chile. 2005.

CSORDAS, T. “A corporeidade como um paradigma para a Antropologia”. Em: *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

CUDDY, A.; NORTON, M.; FISKE, S. This old stereotype: The pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. *Journal of Social Issues*, v.61, n.2, p.267-285, 2005.

COUTO, M. E se Obama fosse africano? Ensaios. Editora Schwarcz LTDA. 2011.

DARNTON, R. Histórias que os camponeses contam. In: _____. *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, p.21-50, 1986.

DEBERT, G. A reinvenção da velhice. Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

DEL VALLE, T. La organización del tiempo y del espacio: análisis feminista de la ciudad. *Zainak*, N. 19. 2000.

DIAS, M. Vivendo bem até mais que 100! Envelhecimento, saúde e políticas públicas para idosos. Tese como requisito para obtenção do grau de Doutor em Antropologia. Ppgas. UFRGS. 2014.

DINIZ, D. O que é deficiência. Editoria Brasiliense, 2007.

DONG, S. WEN, L. ZHANG, X. LASSOIE, J. SHAOLIANG, Y. XIAOYAN, L. JINPENG, L. e YUANYUAN, L. Vulnerability of Worldwide Pastoralism to Global Changes and Interdisciplinary Strategies for Sustainable Pastoralism. *Ecology and Society* 16(2) 2011. Disponível em <<http://www.ecologyandsociety.org/vol16/iss2/art10/>>

ECKERT, C E ROCHA, A. Etnografia, Saberes e práticas. In: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008 p. 9 a 24. Série Graduação.

ECKERT, C. E ROCHA, A. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. Revista de Ciências Sociais, Nº 34. 2011 107-126. Disponível em: periódicos.ufpb.br

ECKERT, C. E ROCHA, A. A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas. ABA Publicações. 2015

ECKERT, C. Os homens da mina: Um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de Carvão em Charqueadas/RS. Dissertação como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia. Ppgas. UFRGS. 1985

ECKERT, C. *Memória e Trabalho*: Etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França). Porto Alegre. Editora Appris, Brasil, 2012.

ELIAS, N. El proceso de la civilización. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas. Fondo de Cultura Económica. 1993

ELIAS, N. Sobre o tempo. Jorge Zahar Editor. 1998

ELIAS, N. Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. São Paulo: Zahar, 1997 (1989). “Civilização e violência. Sobre o monopólio estatal da violência física e sua transgressão” (159-266), O Colapso da civilização (269-355).

ESCOBAR, A. *El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: ¿globalización o postdesarrollo?* Edgardo L. Compilador. 2005.

ENAMI. Empresa Nacional de Minería. Disponível em <www.enami.cl>

ENCUESTA MORI. (2002): Los chilenos opinan: Responsabilidad Social de las Empresas.

ESCALANTE, J.; FERREIRO, J. *Inca de Oro*. Historias y vivencias de un Pueblo minero. Copiapó. LOM ediciones, 2001.

FABIAN, J. Time and the emerging other. In: _____. Time and the other: how anthropology makes its object. New York: Columbia University Press, 1983, p. 31-58. 1983

FASANO, P. De boca en boca. El chisme en la trama social de la pobreza. Buenos Aires: Antropofagia, 2006.

FASSIN, D. When bodies remember. University of California Press, Ltd. London, England, 2007.

FERRIGNO, J. Coeducação entre gerações. Brasil: Editoria Vozes Ltda. 2003

FIRST, R. O mineiro moçambicano. Universidade Eduardo Mondlane. Centro de estudos africanos. 1977.

FONSECA, C. *Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. 1998.

FRANCO-HERNÁNDEZ, J., MUÑOZ, L, ORTIZ, J. e GARCÍA, A. Uso de Sugamadex em Doença de Strumpell-Lorrain: Relato de Dois Casos. *Revista brasileira de Anestesiologia*. 2013.

GARCÉS, E. *Potrerillos, Paipote y El Salvador: ciudades del cobre en Atacama*. Chile: Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos Pontificia Universidad Católica de Chile, [Sem data de publicação].

GASCHO, T. *A pirita humana*. Os mineiros de Criciúma. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1982.

GASTROM, L.; VUJOSEVICH, J.; ODDONE J. La vejez como objeto de las representaciones sociales. In: *Jornadas Gino Germani*, IIFCS. Buenos Aires: Instituto de investigaciones Gino Germani, 2003. Disponível em: <www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/argentina/germani/gastron.rtf>

GeoVirtual2. 2013. Disponível em: <www.geovirtual2.cl>

GODOY, M. Fiesta, borrachera y violencia entre los mineros del Norte Chico (1840-1900). *Revista de Historia social y de las mentalidades* N° 7, primavera 2003, pp. 81-117.

GONZÁLEZ y GONZÁLEZ, E., e LINCOLN, Y. Decolonizing Qualitative Research: Non-traditional Reporting Forms in the Academy. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 7(4). 2006. Retrieved from <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/162>

GONZÁLEZ, C. CASTELLS, C e WESTFALL, C. Conservación Arqueológica del Itinerario Cultural del Qhapaq Ñan de El Salvador, Región de Atacama. *Conserva* N° 12. 2008.

GLUCKMAN, M. “Análisis de una situación social en Zululandia moderna”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropología de las sociedades contemporáneas*. San Pablo: Global, 1987. p. 227-344. 1958.

GELL, A. *A Antropologia do Tempo: construções culturais de mapas e imagens temporais*. Petropolis, RJ: Vozes. 2014.

GUILLEMARD, A. Une nouvelle gestion des âges en réponse au vieillissement de la population. Conférence de clôture prononcée a l'Université de Porto le 15 avril 2005 a l'occasion de la rencontre Internationale “Envelhecimento, família e políticas sociais. 2005

GUNDERMAN, H Pastoralismo andino y transformaciones sociales en el norte de Chile. *Estudios Atacameños* N° 16. 1998

GUPTA, A. "Imagining nations". In: NUGENT, David and VINCENT, Joan. A Companion to the Anthropology of Politics. Oxford, Blackwell, 2007, p. 267-281.

HALBWACHS, M. Memoria colectiva y memoria histórica. 2011.

HANNERZ, U. *Exploración de la ciudad*. Hacia una antropología urbana. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

INE. *Casen del adulto Mayor*, Santiago: Instituto Nacional de Estadística, 2009.

INE. CENSO: Instituto Nacional de Estadística, 2002.

IBÁÑEZ, G. Los Collas. Ediciones del Sol S.R.L Buenos Aires Argentina. 2008.

IKEYA, K e FRATKIN E The framework of interaction between pastoralists and their neighbors. *Senri Ethnological Studies* 69: 2005 pp. 1-14.

HUENCHUÁN, S.; GONZÁLEZ D.; PAREDES M.; GUZMÁN J. M. *Protección y participación en la vejez: escenarios futuros y políticas públicas para enfrentar el envejecimiento en Chile*. Colección Documentos de Proyecto N° 139 (LC/W.139). Santiago de Chile: CEPAL, 2007.

HUGHES, M. Re-estructuración capitalista: precariedad laboral y resistencia. La protesta de los mineros del cobre en Chile. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, año 19, n.39, jan/jun. 2013.

JORQUERA, P. Vejez y Envejecimiento: Imaginarios Sociales presentes en los textos escolares oficiales del Ministerio de Educación Chileno Revista MAD No 22, Mayo 2010. Disponible en <http://www.revistas.uchile.cl/index.php/RMAD/article/viewFile/13642/13920>.

KUPER, A. Histórias alternativas da Antropologia Social. PHW Etnográfica, Vol. IX (2) pp. 2005, p. 209-230

LAGOS, G.; PETERS, D. O setor mineiro na América do Sul. Working Paper n° 10, Julio de 2010.

LAGOS, E.; BLANCO, H.; TORRES, V.; BUSTOS, B. *Minería, Minerales y Desarrollo Sustentable en Chile*. [Sem data de publicação].

LAHIRE, B. O ator plural. In: LAHIRE, Bernard. *Homem plural. Os determinantes da ação*. Petrópolis, Vozes. 2002, p. 17 a 45.

Le BRETON, A. Antropología del cuerpo, Editora Nueva Visión, 2008.

LEFEBVRE, H. "Industrialização e urbanização. Noções preliminares" e "A especificidade da cidade". In: _____. *O direito a cidade*. São Paulo: Editora Centauro, 2001. p.17 -59.

LINS DE BARROS, M. *Autoridade e afeto: Avos, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.

LORCA, M. Minería y patrimonialización en el Norte chico de Chile. De *Re Metallica*, 25, 2015 pp. 75-84.

LORCA, M. El rol de la identidad en la elaboración de un proyecto de desarrollo consensuado para la región de Atacama. En *Identidades en dialogo: Articulando actores y construyendo realidades. Estudio Fortalecimiento de la Identidad regional de Atacama*. Gráfica LOM. 2010, p. 12-19.

LOYOLA, A. Pierre Bourdieu Entrevistado por Maria Andréa Loyola. Editora Eduerj. 2002.

LUHMANN, N. *La Sociedad de la sociedad*. Ciudad de México. HERDER ediciones, 2007

MAUSS, M. “As técnicas corporais”. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif. 2003.

MARTENS, A.; GOLDENBERG, J.; GREENBERG, J. A terror management perspective on Ageism. *Journal of Social Issues*, v.6, n.2, p.223-239, 2005.

MARTINS, J. *A sociabilidade do homem simples*. Editora Contexto. 2015.

MARTÍNEZ, M., TAPIA, R, IRIBARREN, J., MARABOLI, N. ALUMNOS Esc. EMPERATRIZ SEPÚLVEDA L. Em Inca de Oro ¿Potencial pueblo turístico? Gráfica LOM. 2015.

MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Editora ROCCO LTDA. 1997, pp. 47-82

MELLA, R.; ALVEAR, M.; CARRILLO, B.; CAIRE, V. Valoración de las funciones mentales y la comunicación en adultos mayores mapuches y no mapuches en áreas rurales del sur de Chile. *Revista Méd Chile*, v.131, p.1257-1265, 2003.

MEMORIA CHILENA. Disponível em <www.memoriachilena.cl>

MEYER, Patricio. Rol del cobre en el futuro de Chile. *Columna Opinión, Diario Financiero*, 14/05/2013. Disponível em:
<<https://www.df.cl/noticias/opinion/columnistas/rol-del-cobre-en-el-futuro-de-chile/2013-05-13/181651.html>> Acesso em: 13 de maio 2015

MINISTERIO DE MINERÍA CHILE. Disponível em < www.mineria.gob.cl>

MINISTERIO DE MINERÍA CHILE. Reglamento de seguridad minera. Decreto Supremo N° 132. 2004.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN CHILE. Disponível em www.mineduc.cl

- MOLINA, R. Cordillera de Atacama: Movilidad, frontera y artuclaciones collas-atacamenas. In: _____. *Fronteras en movimiento e imaginarios geográficos: La cordillera de Los Andes como espacialidad sociocultural*. Santiago de Chile. 2006.
- MOLINA, R. Presencia y asentamientos collas en el desierto de atacama. In: *Actas del II Encuentro de Historia Comunal "Reflexionando sobre el pasado de la Frontera Norte de Chile, la Provincia de Chañaral"*. Diego de Almagro, 2008.
- MOLINA, R. Collas y Atacameños en el Desierto y la Puna de Atacama y el Valle de Fiambalá: sus relaciones transfronterizas. Tesis para optar al grado de Doctor en Antropología. Universidad de Tarapacá e Universidad Católica del Norte. 2010
- MOLINA, R.: Los collas: Identidad y relaciones interculturales en Atacama. En. *Pueblos originarios y sociedad nacional en Chile: La interculturalidad en las prácticas sociales*. J. Durston (Coordinador General), Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD). 2013
- MOLINA, K. *La Transnacionalización Minera en Chile*. Fundación Emerge, 2014.
- MONCHIETTI, A.; SÁNCHEZ, M. Acerca de la génesis de la representación social de la vejez. *Revista Argentina de Sociología*, Año 6, n.10, 2008.
- MORI. Encuesta: Los chilenos opinan: Responsabilidad Social de las Empresas. 2002.
- NARRADORES URBANOS – RUTH CARDOSO. Direção: Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, Produção: Rafael Devos, Viviane Vedana, Analise Guterres, Rafael Lopo e Ana Luiza Carvalho da Rocha. BIEV. Banco de imagens e efeitos visuais. 2010
- NASH, J. Comemos a las minas y las minas nos comen a nosotros. Dependencia y explotación en las minas bolivianas de estaño. Editorial Antropofagia. 2008
- NUNES, R. A “Boca”, a “Esquina” e o “Recanto”: sociabilidade, cotidiano e memória entre aposentados habitués do Centro de Santa Maria, RS. Dissertação como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia. Ppgas. UFRGS. 2010
- ODDONE, J. La vejez en la educación básica argentina. In: SALVAREZZA, L. (Compilador). *La vejez una mirada gerontológica actual*. Argentina: Paidós, 1999. P.53-73.
- OKOYE, U. Knowledge of aging among secondary school students in south-eastern Nigeria. *Educational Gerontology*, v.30, n.6, p.481-489, 2004.
- ORTEGA, F. et all (orgs) Veena Das: Sujeitos del dolor, agentes de la dignidade. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2008.

ORTIZ, R. Um outro território. Ensaio sobre a mundialização. Ed. Olho d'água. São Paulo, Brasil. 1996.

OSORIO, P. La memoria como identidade. *Revista Vasca de Sociología y Ciencia Política INGURUAK*, n.39, p.27-46, 2004

OSORIO, P. “Envejecer en Chile: Una mirada femenina”, Montecino, Sonia (comp.) *Mujeres chilenas. Fragmentos de una historia*, Catalonia, Chile. 2008, pp. 611-620.

OSORIO, P. Exclusión Generacional: La Tercera edad. *Revista MAD*, n.14, Mayo 2006. Disponível em: <<http://www.revistamad.uchile.cl/14/osorio.pdf>> Acesso em: 28 mai. 2009.

OSORIO, P. SEGUEL, G. A e JORQUERA, P. Configuración de Redes Sociales en Personas Mayores Viudas en Chile. Dossiê “Gerações: juventude e velhice na sociedade moderna”, *Sociedade e Cultura*, 17 (1), 29-40. 2014

PAZZARELLI, F. Sin lo de adentro, el chivo no se forma. Notas sobre “interioridades” y “exterioridades” en los Andes jujeños. Trabajo presentado y leído en el Grupo de Trabajo nº 21 “Entre los Andes y Amazonía: transformaciones de sustancias materias y cuerpos” Reunión de Antropología del Mercosur, julio de 2013. Universidad Nacional de Córdoba.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, n. 42, 2014.

PITT- RIVERS, J. A doença da honra. A honra, imagen de si ou dom de si, um dial equivoco. L e M editores. 1992

PIZARRO, G. Elías Jacobs Jalaf. *El periodista minero de Inca de Oro y Copiapó*. Copiapó, 2009.

QUESADA, J. Suffering Child: An Embodiment of War and Its Aftermath in Post-Sandinista Nicaragua. *Medical Anthropology Quarterly*. 12(1):51-73,1998.

ROMERO, I. Pirquineros del Oro de la Sierra Jesús María: Una mirada etnográfica. Memoria para optar al título de Antropólogo Social. Universidad de Chile. 2011.

ROSA, Douglas Jacinto da e FREITAS, Ana Elisa de Castro. O Bem viver Kaingang e seus desafios. In: FREITAS, Ana Elisa de Castro (org.) *Intelectuais indígenas e a construção da universidade pluriétnica no Brasil*. Coleção Abrindo Trilhas. LACED. Rio de Janeiro: E-papers, 2015. Disponível no portal do LACED/Museu Nacional (<http://laced.etc.br/site/acervo/livros/intelectuais-indigenas-e-a-construcao-da-universidade-plurietnica-no-brasil>)

RODRÍGUEZ, D.; ARNOLD, M. *Sociedad y Teoría de Sistemas*. Santiago de Chile. Editorial Universitaria, 1991.

RODRIGUEZ, J.; MIRANDA, P. Identidad, transformación y retórica patrimonial en una ciudad minera del desierto de Atacama, Chile. Proyecto del Fondo Nacional

de Desarrollo Científico y Tecnológico (Fondecyt) 1060092: “María Elena, cambio y reestructuración cultural. Una cartografía antropológica de sus marcadores”. Atacama: FONDECYT, 2010

RODRÍGUEZ, A., SABORIO, M. y CANDIA, D. Elementos para una mejor medición de lo rural en América Latina. En Nueva agricultura, territorio y sociedad. Enfoques sudamericanos. Revista paraguaya de Sociología (pp. 25-56). Paraguay.2011

SAHLINS, M. “O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (parte I)” Mana 3(1): 1997, p. 47-73.

SAHLINS, M. “O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (parte II)” Mana 3(2): 1997, p. 103-150.

SALAZAR, D. “Arqueología de la Minería: Propuesta de un Marco Teórico”. Revista de Antropología N°17. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Chile. 2003-2004.

SALAZAR, D. e VILCHES, F. La arqueología de la minería en el centro-sur Andino: Balance y perspectivas. Estudios Atacameños N° 48. 2014. Disponible em: http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S071810432014000200003&script=sci_arttext

SEA. Servicio de Evaluación Ambiental. Disponible em <www.sea.gob.cl>

SENAMA. Servicio Nacional del Adulto Mayor. Disponible em: <www.senama.cl>

SERNAGEOMIN. Servicio Nacional de Geología y Minería. Disponible em <www.sernageomin.cl>

STEFANOVIC, A. e SAAVEDRA, M. Las mujeres en el sector minero de Chile. Propuestas para políticas públicas de igualdad. CEPAL. 2016

STEVENSON, A. Estudio de Posicionamiento del valor social del adulto mayor en los textos escolares de educación básica. Servicio Nacional del Adulto Mayor, 2006. Disponible em: <<http://www.Stevenson.cl/archivos/TEXTOSESCOLARES.pdf>>

TITELMAN, E. *Política Minera y Democracia: ¿CODELCO, Royalty o Subsidio a la Gran Minería Privada?* [Sem data de publicação].

TORREJÓN, M. *Imaginario social de la vejez y el envejecimiento*. Análisis de Contenido de Prensa Escrita: El Mercurio, Las Últimas Noticias y La Cuarta. 2007. Tese (Mestrado em Antropología y Desarrollo) - Universidad de Chile, Santiago, Chile, 2007.

TREVIÑO, S.; PELCASTRE, B.; MÁRQUEZ, M. Experiencias de envejecimiento en el México rural. *Salud Pública Mex*, v.48, p.30-38, 2006.

TREUTLER, P. Andanzas de un alemán en Chile 1851-1863. Editorial del Pacífico, S. A. Santiago de Chile. 1958

TRIGUERO, M.; NASCIMENTO, C.; VIZEU, B. Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v.12, n.002, 1999.

TRONCOSO, D. *Vejez y envejecimiento desde la perspectiva de género*. 2001. Tese (para optar al título de Socióloga) - Universidad de Chile, Santiago, Chile, 2001.

VALDÉS, del T. Procesos de la memoria: cronotopos genéricos. Universidad del País Vasco. 1999

VECCHIOLI, V. Expertise jurídica y capital militante: los abogados de derechos humanos en la Argentina. [Sem data de publicação].

VELHO, G. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: Velho, Gilberto. *Um antropólogo na cidade*. Rio de Janeiro, Zahar. P. 2013, p. 87 a 109.

VELHO, O. Trabalhos de campo, Antinomias e Estradas de Ferro. Aula Inaugural no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. 2006.

VEJAR, D. Precariedad laboral y neocolonialismo en Chile. Un acercamiento al estudio de la minería del cobre. In: _____. *Desafios aos Estudos Póscolônias*. As Epistemologia Sul-sul. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, 2014.

VIVALLOS, C. *Trabajo, Envejecimiento y Exclusión*. Trayectorias laborales de exmineros del carbón de Lota. 2007. Tese (Mestrado em Antropología y Desarrollo) - Universidad de Chile, Santiago, Chile, 2007.

VERA, L.; ROJAS, P.; MOYA, M.; GODOY, E.; SALINAS, M.; DUARTE, L.; CARTES, S. *Sexualidad para adultos mayores*. Documento de trabajo. Santiago: Universidad de Chile. 2004.

VIANNA, A. e PARADA, M. Infância e nação em desfile: o Desfile da Juventude e a Hora da Independência. In: SOUZA LIMA, Antônio Carlos de. *Gestar e gerir*. Estudos para uma antropologia da administração pública no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 202, p. 85-110.

VIDAL, D. América Latina y la Antropología de la ciudad. Entrevista con Michel Agier, en *Anuario Americanista Europeo*. N° 1. 2003

VIEZZER, M. “*Si me permiten hablar...*” Testimonio de Domitila una mujer de las minas de Bolivia: Siglo XXI Editores S.A, 1978.

VOGEL, N. *Observaciones del envejecimiento desde la ruralidad chilena: El caso de Malalcahuello, IX Región*. 2010. Tese (Mestrado em Antropología y Desarrollo) - Universidad de Chile, Santiago, Chile, 2010.

WARBURG, A. Histórias de fantasma para gente grande. Escritos esboços e conferencias. São Paulo Companhia das Letras 2015. Apresentação de Leopoldo Waizbort.

WENDRICH, W e Barnard, H The Archaeology of Mobility. Old world and New World Nomadism. Cotsen Institute of Archaeology University of California. Los Angeles. 2008, pp. 1- 21.

WIKISOURCE. *Discursos oficiales de Salvador Allende/Nacionalización del cobre en el día de la Dignidad Nacional*. 1971. [modificada em 01/05/2013]. Disponível em:

<https://es.wikisource.org/wiki/Discursos_oficiales_de_Salvador_Allende/1971/Nacionalizaci%C3%B3n_del_cobre_en_el_d%C3%ADa_de_la_Dignidad_Nacional>
Acesso em: 15 de maio de 2015.

ZAVALA, G.; JORQUERA, P. Vejez, políticas públicas y exclusión social: organizaciones funcionales del adulto mayor en contextos rurales en Chile. In: _____. *La organización de las organizaciones sociales: aplicaciones desde perspectivas sistémicas*. Santiago de Chile, Ril editores, 2014.